

CADEIRAS

PATRONOS

ACADÊMICOS EFETIVOS

João Gualberto de Oliveira	1	Gasparino José Romão
Plínio Salgado	2	Lineu Roque Aceiro
José Martins Fontes	3	Antonia Conceição Vaz Duarte
João Guimarães Rosa	4	(vaga)
Antonio Frederico de Castro Alves	5	Valdir Carleto
José Bento Monteiro Lobato	6	João Bosco da Silva
Luis Nicolau Fagundes Varela	7	Carlos Ferreira da Silva
Vicente Augusto de Carvalho	8	Aristides Castelo Hanssen
Amadeu Ataliba Amaral Arruda Leite	9	Alfredo Ibrahim Khouri
Ennio Chiesa	10	Clarimundo Oliveira Aguiar
Gustavo Corção Braga	11	(vaga)
Otávio Rodrigo Langgaard Filho	12	Jacques Miranda de Oliveira
Guilherme de Andrade e Almeida	13	Ari Baddini Tavares
Arlindo José da Veiga Cabral dos Santos	14	Claudemir Pedroso da Silva
Mario Raul de Moraes Andrade	15	(vaga)
Olavo Braz Martin dos Guimarães Bilac	16	Mara Sueli de Lara Martins Carletti Lavi
Cassiano Ricardo Leite	17	Wenceslau Nasari Campos
Cecília Meirelles	18	Antonio Darci Pannocchia
Paulo de Oliveira Leite Setubal	19	Bismael Batista de Moraes
Menotti Del Picchia	20	Cesar Magalhães Borges
Marcus Vinicius Cruz de Moraes	21	José Augusto Rodrigues Pinheiro
Pedro da Silva Nava	22	Armando Affilio Colacioppo Sobrinho
Cornélio Pires	23	Espedito Pinheiro de Souza
Ibraim de Almeida Nobre	24	(vaga)
João da Cruz e Souza	25	Isabel Borazanian Macedo de Oliveira
Hildebrando de Arruda Cotrim	26	Clovis Domingues
Pedro Dias Gonçalves	27	Silvio Ribeiro
Onofre Leite	28	Estanislau Henrique da Cunha
Silvio Ourique Fragoso	29	Ângela Maria Andreolli Gonçalves
Jonny Herminio de Melo Doin	30	Plínio Tomaz
José Edinaldo Freitas Couto	31	Newton de Carvalho Braga
Adolfo Vasconcelos Noronha	32	José Roberto Machado
Laerte Romualdo de Souza	33	Mario Yoshinaga
Geraldo Penteado de Queiroz	34	(vaga)
Néfi Tales	35	José João de Macedo
Antonio Filardi Luiz	36	(vaga)
Norlândio Meirelles de Almeida	37	Aura Gold
Milton Luiz Ziller	38	Gil Campos de Farias
Flávio Cleto Giovanni Trombetti	39	Sebastião Dácio de Moura Montans
João Ranali	40	André Figueiredo Rodrigues

Acadêmicos Correspondentes: Eugênio Shinji Asano, José Luiz Negreiros, Sérgio Eduardo Port e Vanda Fagundes Queiroz.

Acadêmicos Honorários: Edinho Silva, Edmilson Souza Santos, Elói Pietá, Gasparino José Romão Filho, Maria Alice Pereira Ramos, Oscar Gonçalves, Mauro dos Santos Oliveira, Rafael Rodrigues Filho, Teresinha Silva Maltez de Souza e Wilma de Melo Colacioppo.



NAVEGAR EDITORA

navegar@navegareditora.com.br

ISSN: 2237-4892

n.15 2013

Academia Guarulhense de Letras Revista Nº 15 Ano XV 2013

Academia Guarulhense de Letras



Revista Nº 15 Ano XV 2013

CADA CABEÇA, MUITAS SENTENÇAS

Os membros da Academia Guarulhense de Letras foram selecionados, em cada momento, durante o passar dos últimos 35 anos, sempre sob o critério de seu valor para a intelectualidade desta metrópole tão ciosa de seu sucesso e de seu passado. As personalidades e os estilos certamente variam, mas o interesse que cada um representa para a cultura guarulhense é inegável. Não deixa de ser uma coleção de notáveis que, como em toda coleção, guarda um traço comum e uma significativa diversidade. É esse o pensamento que cada edição anual da Revista da AGL manifesta em suas páginas, acolhendo textos os mais diversos, das mais diversas vocações e tendências.

Somos historiadores, jornalistas, juristas, poetas, ficcionistas, musicistas, cordelistas ou, simplesmente, apaixonados pelas letras.

Se diferença há entre os escritos, é reflexo exato das diferenças entre os autores. E isso é orgulho para a Academia, como prova de que a diversidade notável da sociedade humana se faz representar em seus quadros. Somos diferentes, mas temos interesses e objetivos comuns. E formamos, sem dúvida,



ACADEMIA GUARULHENSE DE LETRAS

Endereço para correspondência

Rua Alexandre de Oliveira Calmon, 98 - Centro

Guarulhos - SP - CEP: 07115-020

REVISTA DA ACADEMIA GUARULHENSE DE LETRAS

NÚMERO 15 ANO 2013

ISSN: 2237-4892

Revista da Academia Guarulhense de Letras	Guarulhos	p. 1-288	Dezembro de 2013
---	-----------	----------	------------------



REVISTA DA ACADEMIA GUARULHENSE DE LETRAS
ISSN: 2237-4892 n.15 2013



15ª Revista da Academia Guarulhense de Letras - Ano 2013

Copyright (c) Academia Guarulhense de Letras

Editor: Rubenal Hermano Santos

Todos os direitos desta edição reservados para a AGL
Edição a cargo da: COMERCIAL EDITORA HERMANO & BUGELLI LTDA
MF: Navegar Editora
Endereço: Rua Coronel Emidio Piedade, 659 - São Paulo - SP
CEP: 03018-010 - Fones: 11 2692-1832 e 3482-5055
Site: www.navegareditora.com.br
E-mail: navegar@navegareditora.com.br

FICHA TÉCNICA

Projeto Gráfico: Rubenal Hermano Santos
Preparação de originais: Os autores
Composição e diagramação: Equipe Navegar
Capa: Rubenal Hermano Santos
Leitura Crítica: Os autores
Revisão: Simone Carleto
Fotos e Ilustrações: Acervo da AGL

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Revista da Academia Guarulhense de Letras. - n. 15
(dez. 2013). - . - Guarulhos: Academia Guarulhense de Letras, 1978 -

Anual

ISSN: 2237-4892 n.15 2013

1. Contos brasileiros - coletâneas 1. poesias brasileiras -
coletâneas

CDD 869.9308
- 869.9108

Índice para catálogo sistemático

1. Contos: Coletânea: Século XXI : Literatura brasileira - 869.9308
1. Contos: Coletânea: Século XXI : Literatura brasileira - 69.9308
1. Contos: Coletânea: Século XXI : Literatura brasileira - 69.9308

Impresso no Brasil, 2013 - Printed in Brazil

EXPLICAÇÃO DA CAPA

O trabalho foi elaborado, em parte, pelo designer Fabio Vicente,
em 1999 e atualizado com a logomarca, recém-criada
da Academia Guarulhense de Letras.
Como registra o Acadêmico Bismael Batista de Moraes, as duas
retas se cruzando, uma vertical e outra horizontal, identificam
a localização do município de Guarulhos, na confluência de
duas estradas federais, a Rodovia Fernão Dias, com
destino a Minas Gerais e a Presidente Dutra,
com destino ao Rio de Janeiro,
por onde passa grande parte
da riqueza nacional.



ACEITA-SE PERMUTA

Exchange is accepted

Si pide permuta

On demande l'échange

Man bitter um austausch

Si prega l'intercambio

REVISTA DA ACADEMIA GUARULHENSE DE LETRAS

DIRETORIA (GESTÃO 2012-2014)

Presidente - Clovis Domingues

Vice-Presidente - Lineu Roque Aceiro

Secretário Geral - Mauro dos Santos Oliveira

1ª Secretária - Teresinha Silva Maltez de Souza

2ª Secretária - Antonia Conceição Vaz Duarte

Tesoureiro Geral - Silvio Ribeiro

1º Tesoureiro - André Figueiredo Rodrigues

2ª Tesoureira - Isabel Borazanian Macedo de Oliveira

Conselho Fiscal - Ary Baddini Tavares (Presidente), Bismael Batista de Moraes e Aristides Castelo Hanssen

Suplentes - Antonio Darci Pannocchia, Aura Gold e José João de Macedo

Departamento de Artes e Eventos - Armando Attilio Colacioppo Sobrinho, Bosco Maciel e Alfredo Ibrahim Khouri

Assessoria de Comunicação - Gil Campos de Farias, Valdir Carleto, José Augusto Rodrigues Pinheiro e Jacques Miranda de Oliveira

Orador Oficial - Lineu Roque Aceiro

Revista da AGL 2013

Comissão Editorial - André Figueiredo Rodrigues (Presidente), Gil Campos de Farias, Jacques Miranda de Oliveira, José Augusto Rodrigues Pinheiro, Mauro dos Santos Oliveira, Sergio Eduardo Port e Teresinha Silva Maltez de Souza

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
A. IBRAHIM KHOURI	11
ANDRÉ FIGUEIREDO RODRIGUES	25
ANTONIA CONCEIÇÃO VAZ DUARTE	33
ARISTIDES CASTELO HANSSEN	63
AURA GOLD	73
BISMAEL B. DE MORAES	81
CLARIMUNDO OLIVEIRA AGUIAR	91
CLAUDEMIR PEDROSO DA SILVA	99
CLOVIS DOMINGUES	117
ESTANISLAU HENRIQUE DA CUNHA	125
GASPARINO ROMÃO	129
GIL CAMPOS DE FARIAS	133
ISABEL BORAZANIAN MACEDO DE OLIVEIRA	153
JACQUES MIRANDA DE OLIVEIRA	165
JOÃO BOSCO DA SILVA	177
JOSÉ AUGUSTO RODRIGUES PINHEIRO.....	191
LINEU ROQUE ACEIRO	209
MARIO YOSHINAGA	215
PLINIO TOMAZ	229
SERGIO EDUARDO PORT	245
SILVIO RIBEIRO	253
VALDIR CARLETO	271

APRESENTAÇÃO

É chegado o momento de apresentar alguns excertos das obras dos acadêmicos guarulhenses, reunidos neste periódico, ora em sua décima quinta edição.

É uma obra plural – como será possível perceber - que vem muito a calhar com o trecho da música do compositor Milton Nascimento, que lembra ser possível tornar poesia o cotidiano, afinal “de tudo se faz canção”.

Por acaso, a referida música, denominada Clube da Esquina 2, alude, também, a este grupo de escritores que também são artistas, músicos, folcloristas, jornalistas, professores, dentre outros mistérios, que apresentam ao nobre leitor uma amostra seleta de seus trabalhos, alguns já aclamados por diversos públicos - trechos antigos ou contemporâneos - e isso pouco importa, pois, ainda parafraseando Nascimento, “os sonhos não envelhecem”.

E assim, faço um convite aos leitores para saborear a saga e lição de superação do doutor BISMAEL BATISTA DE MORAES, que descreve os momentos de sua brilhante carreira profissional, invejável e digna de registro como a de poucos neste país. Sugiro que acompanhe, igualmente, os versos do nacionalmente aclamado ALFREDO IBRAHIM KHOURI, cuja leveza e aflorar cada vez maior de seu estilo romântico é possível sentir em mais estes fragmentos.

Vislumbre os prestimosos estudos históricos do doutor ANDRÉ FIGUEIREDO RODRIGUES, que também traz um pouco de

seu nobre ofício de professor, com a exímia condução de seus orientandos. Não deixe de ler as reflexões, modernas, consistentes e preciosas, em verso e prosa, em mescla com deliciosas histórias pela acadêmica ANTÔNIA DA CONCEIÇÃO VAZ.

Encontre nos textos de ARY BADDINI TAVARES uma curiosa analogia entre cidades, pessoas, bairros e instituições que conhecemos, ricamente traçada em primoroso texto. Sinta, ainda, com AURA GOLD e seus contos preferidos que tanto nos encantam, com um destaque especial para "A Cigana". Tenha contato com os maravilhosos excertos do acadêmico JOÃO BOSCO DA SILVA, também conhecido como Bosco Maciel, a quem costumo inserir os adjetivos folclorista, artista e sobretudo ufanista. Ora, ora, versos com adorável sabor regional.

Nas linhas traçadas pelo exímio escritor e também orador LINEU ROQUE ACEIRO, o leitor encontrará uma maravilhosa menção ao lago dos Patos de nossa cidade e outros textos não menos imperdíveis e sobretudo lustrosos. Da pena do engenheiro MARIO YOSHINAGA brotam lições e alusões urbanísticas dignas desse grande escriba.

Ainda, na esteira das ciências exatas, o doutor PLINIO TOMAZ, festejado engenheiro e homem das águas do Brasil, apresenta-nos com toda a maestria de um apaixonado pelas artes, dentre diversos textos, um passeio lógico por Pitágoras, Aristóteles, Descartes e outros, dentre eles alguns nacionalistas, sem esquecer de passagens sobre a sua principal paixão: os recursos hídricos.

SILVIO RIBEIRO começa seu trabalho falando um pouco sobre a História da Literatura do Brasil, do idioma e das escolas, elencando famosos personagens a exemplo de Drummond, Guimarães Rosa e Lispector, encerrando com o poema "Lembranças de ti". Das lavras do correspondente e novel SERGIO EDUARDO PORT aflora um primoroso artigo científico sobre a linguagem jornalística, devidamente calcada em rica bibliografia; um imperdível convite à leitura.

O jornalista VALDIR CARLETO fala de música, das inspirações, mencionando Chico Buarque; fala também do prefácio realizado para o livro da artista Jandilisa Grassano, textos diversos e sua fantástica experiência da viagem para Cuba. Seu jeito cativante de escrever envolve rapidamente o leitor.

Ao maestro ARMANDO ATTILIO COLACIOPPO SOBRINHO atribui-se a orelha deste livro, na qual descreve a multidisciplinaridade dos membros da festejada AGL, que se confirma com os ensaios apresentados pelo acadêmico CLARIMUNDO OLIVEIRA AGUIAR, com a breve resenha da história do socialismo e um interessante ponto de vista, corroborado, também, por ESTANISLAU HENRIQUE DA CUNHA, que apresenta trabalhos voltados a sua área de atuação.

Pelo acadêmico ARISTIDES CASTELO HANSSEN brotam maravilhosos textos sob a forma de criativas crônicas, pequenas histórias e versos, com a primazia que lhe é peculiar. A primazia de um grande Mestre, admirado à unanimidade.

Deste subscritor, JACQUES MIRANDA DE OLIVEIRA, destaco algumas crônicas, reflexões e alguns convites, que foram postados também em sua página pessoal. Já, CLAUDEMIR PEDROSO DA SILVA, pastor evangélico, apresenta reflexões preciosas, dentre elas a do próprio sentido da vida e o propósito de Deus. Textos abrangentes e de profunda reflexão.

Em relação ao texto do atual presidente, CLOVIS DOMINGUES, suas linhas demonstram paz, serenidade, induzem à reflexão sobre escolhas da nossa vida. São preciosas e imperdíveis palavras de fé; em seu próprio dizer, "um convite à felicidade".

Do combativo jornalista GIL CAMPOS DE FARIAS, ele descreve seu encontro com o lendário Zé do Caixão, e outros textos mais, todos regados com habilidade e mesclados a deliciosos poemas. Por falar em poesia e poema, ISABEL BORAZANIAN

MACEDO DE OLIVEIRA e seus tradicionais versos, gravados de muita genialidade, rima e inevitável musicalidade, típica de seu principal míster. Por sua vez, JOSÉ AUGUSTO RODRIGUES PINHEIRO retrata seu cotidiano de labuta, instala crônicas, faz constatações, sempre usando e abusando de um esmerado domínio do vernáculo que lhe é peculiar, ademais de seu principal e reconhecido ofício, o uso de sua voz como locutor e mestre de cerimônias.

Apresentados todos, socorro-me, ao final, no afã de concretizar a missão de iniciar esta obra, à menção feita no início desta à mesma música, desejando a todos uma boa leitura e que no próximo ano estejamos firmes em uma nova produção.

Adiante, porque “a chama não tem pavio”.

Jacques Miranda de Oliveira

A. IBRAHIM KHOURI

Quantas coisas falamos calados, e, com o olhar cada vez mais intenso, mandando recados, vestígios, sinais, uma ousada revelação:

– Quero ficar ao seu lado, na claridade de uma luz tênue, escondida do nunca, jamais, vou deixar o passado pra trás e pecar, não ser mais ingênua.

– Venci seu espanto, seu receio, seu medo, sem a linguagem articulada, diante da sua beleza eu me tornei seu cativo e você se tornou minha presa...

ENCANTAMENTO

Seu nome - que simpatia -
 Louca intuição-louco anseio -
 Sem vê-la, já dividido ao meio
 dor, prazer, medo, ousadia -
 A vi, - colisão em cheio -
 Na tez da mulher sentida
 Surge um romance inteiro,
 Uma vontade nunca esquecida.
 Sem ilusão e sem quimera,
 Havia luz, fogo, havia chama,
 Tantos sinais de primavera
 No desejo de quem ama.
 Imaginei os frutos maduros
 No abraço, no olhar certo,
 nos olhos de quem vê primeiro
 Uma virgem de olhos puros

Surgem os tesouros escondidos
Enrijecidos sob a blusa
guardados em portos seguros
sob as vestes da minha musa.

Faltou você chegar lentamente, pra ocupar minha vida vazia,
mas em tudo ficou sua marca, na lembrança, como o perfume,
ficou a sua ternura, que eu transformei em poesia e aí, surge, aos
olhos do mundo, este meu espaço, um sítio que a aguardava. Nele
não se ouve mais o silêncio, pois o barulho do seu coração, mais
forte que o quebrar das ondas e o farfalhar do vento sacudindo as
folhas rasgadas do coqueiro, deu-me, de presente, você e a energia
deste seu corpo inteiro.

AUSÊNCIA

Faltou você
Com sua arte,
Com seu encanto,
Com sua graça.
Faltou você
Por toda parte,
Em cada móvel,
Em cada canto,
Nem a hora aqui passa
A espera de você.
Olho a cozinha...
A sala, a mesa,
O banheiro, o seu quarto...
Onde você é tão minha
E caçadora e presa,
Dando os gemidos do parto.
Falta você
Com sua graça,

Com seu encanto,
Com sua arte,
Falta você em todo canto,
Falta você em toda parte.

Nossos olhos numa só direção olham a parte querendo o todo.
E, presos à verdade da emoção, sem sequer uma pausa, o anseio,
o desejo, a imagem, a vontade impulsiona e age. Adivinha o que
veio após? Os sonhos tomaram conta de nós e o desejo de ser se
amplia, é o fim derivado do fim, você não é só poesia.

ESPERANÇA

Tal qual raiz o desejo se oculta na mente.
Uma vontade subterrânea se esconde sem profundidade.
Nos olhos raia o desejo, parecia uma extrema loucura,
Descobrimo o seu corpo com tamanha ousadia,
Cobrimo de beijos sua riqueza tão bela, escondidas,
Tão puras e as manchas das sombras como um raio de luz
Aumentava-me a fome, me encheu de ardor,
Atingiu o mais alto grau acima do bem e do mal
E se transformou em amor.

Há um movimento, uma cadência, um ritmo, uma harmonia,
mas a ninguém desafia essa nossa louca paixão e nessa cara de
mulher, de menina, que dá sinal de farol, que dá sinal de bandeira
pra orientar minha sina...

AMOR

É verão, de vez foi-se o inverno.
Transforma-se o imaginário em real,

O quimérico se faz eterno
 E sob as cenas apaixonantes,
 A assumida ventura amorosa,
 O trágico tornou-se banal.
 Vários raios no novo horizonte,
 - são ornatos de pétalas e rosas -
 Que dirigem as ousadas figuras
 Fundidas, simétricas, sedentas,
 Que misturam amor à ternura,
 Folhas, flores, estames ao sol,
 Cheias de tonalidade vivas
 Estavam mudas até então
 Tão úmidas com o orvalho do amor
 Atraem com o colorido da flor
 Brindam-se os cálices da paixão,
 Confundem-se androceu e gineceu
 E sem desabrochar tu banhastes
 Pétalas, botão... Quem se perdeu?
 - ninguém... tuas cores ligam-te à Átis,
 E o amor dela ficou sendo teu...

Estou só, mas não sozinho, há passos, há vozes no meu caminho. No meu silêncio há uma linguagem que fala de você e da saudade... Há um lugar no pensamento que visito sempre que posso, nele, vejo seus olhos de ontem, há estrelas de um amor antigo, que brilham num mundo de palavras e ideias. O sonho transformou-se em loucura, e os meus braços buscam abrigo que amenizou o castigo e a gente se procura.

O PENSAMENTO QUE VOA

Ouvi um pio – será ave da noite?
 Que canto sonoro! Que doce mistério!

Surge como um pio da vida,
 Que afasta a tristeza, que espanta o medo.

Levanto-me, vejo só lua e estrelas.
 Ao longe, a manhã escondida.
 Quem sabe, não foi o silêncio,
 Que causou o ruído e acordou o segredo?

Ou será esta brisa que vem lá da praia
 - como um canto sincero, um canto tão belo –
 Que começa a assustar.
 Este desejo tão louco, que aqui me atocaia,

De vê-la sem véu, descalça, sem saia,
 Que se espalha em meu corpo, como boa notícia
 Que o vento me traz à imaginação,
 Este pio é um canto? Ou este pio é canção?...

E agora, que a lembrança não é mais companhia? Que não atenua minha vida a só? Que, misteriosamente, o destino, este insano peregrino, adivinhando meu desejo, a fez entregar, com seus beijos, todos os seus sonhos proibidos...

É HORA DA COLHEITA

E agora que terminou a espera?
 Que seu corpo - O El Dourado -
 Se une ao meu abandonado,
 E não é sonho, nem quimera,
 Hoje a tenho cá ao lado,
 Pra viver nosso pecado,
 Já chegou a nova era.

Mas... E agora,
 Que não me canso de vê-la?
 Eu a sinto a todo instante,
 Foi seu olhar belo, brilhante,
 Que me fez enxergar o infinito
 E alcançar suas estrelas?

E depois de tanto tempo,
 De imposições e de medo,
 O desejo em meio à luta,
 Vivemos nosso louco segredo,
 Com gosto de doce e de fruta.
 E agora, amor! E agora, amor?

Mais uma vez passou o presságio, as nuvens escuras se foram,
 surge, novamente, o sol e a esperança e com a forte lembrança, fez
 o coração bater a todo custo, e, assim, ele o fez harmonicamente,
 como uma música, bate agora, com o encanto do intervalo. É o
 momento fascinante da fecundidade.

ENVELOPE

O que, afinal, escondia
 Por detrás da aparência
 Pra preservar-se polida?
 Se fez ausente, adormecida,
 Tão distante de você,
 Tão distante da poesia.
 E vira as costas pra vida,
 Que triste dúvida luzia
 Devastando como doença
 Surgindo, de repente, um dia
 Sem pôr à luz o que pensa.

E como é triste a indiferença!
 Por que o desejo oculto?
 Não soube sequer disfarçá-lo.
 E diante de tudo me calo,
 Prevendo o que no íntimo vai.
 A tristeza é que me invade
 Vou-me como o sol de fim de tarde
 Pensando não vê-la jamais.
 Um ato, entre nós, um abismo,
 Um desfecho triste na sala,
 Não quero pensar e mais cismo,
 Mas me vem com tanta insistência,
 Desejosa em meus pensamentos
 E o coração me fazendo exigências.
 E de lembranças fico cheio,
 Daquele prazer infinito,
 Chupar-lhe os bicos dos seios,
 Ouvir os gemidos, os gritos
 Quando a amar eu lha cubro,
 Como um cavalo no pasto
 Tentando dar-lhe uma cria.
 Aí, esqueci seu segredo
 Pois no outro dia bem cedo
 Com o olhar admirado
 Estava novamente ao seu lado.
 Fazendo o que? Se sabia!
 Tudo, sem nada de medo,
 Minha vida lhe pertencia,
 A tristeza ficou no passado
 E tudo virou em poesia.

Vão desfilando no palco da memória grandes perdas e vitórias,
pessoas que não dá pra esquecer. Nada joguei ao léu e os versos
a seguir, eu os dedico de coração ao querido netinho Raphael.

MEU BEM ALADO – MEU MAU PASSADO

Em razão do seu mau estado
Meu coração que fora tão bom
Vivia mal-humorado,
Desafinando até no seu tom.

Mas hoje tudo é passado
- já não tem mais mau desempenho -
Em razão de ter ao meu lado
Um amor, um belo engenho,

Faz-me sentir pleno, inteiro,
E o que eu queria afinal,
Era vê-lo deixar de ser mau
Para eu esquecer fevereiro...

PANO DE FUNDO

O mar, as ondas, a praia e a areia. Um coqueiro, uma tarde,
sob um céu azulado, um corpo de mulher, fazendo parte do todo.
É uma imagem em movimento, o vento esvoaçando os cabelos,
uma paz que se expressa em sua face, o desejo que traduz, nos
seus sedentos lábios. A paisagem é o corpo todo, não dá para vê-
la isolada. É um cenário único, romantizado e eu próximo, quase
ao seu lado, fotografei aquele instante, que esperava você. Olhei
suas pernas, a beleza do seu corpo, a delicadeza dos seus braços
ocupando aquele espaço – um sítio que a aguardava –. Fiquei
apreciando aquela sequência de cenas, as ondas quebrando-se

na praia, as gaivotas como parte do panorama, ora riscando o
firmamento, ora mergulhando em busca da presa e você, tal qual
sereia, vez ou outra, mexia seu corpo na areia, entregando-se
toda à natureza e despertando em mim, a emoção. Nada, aqui, é
cronometrado, não há o rigor da competição, mas só a condição
própria de ser e o desejo incontrolável de viver.

Ele perdeu a noção do tempo, nada mais o atormenta, envolto
em papelões e papéis, ele adormeceu em meio a cidade violenta.
Agora o sono é profundo, não está cansado, não se abate mais e a
gente vê se agigantar, dia a dia, as misérias sociais.

NO RODAPÉ DA CIDADE

Com base em fato ocorrido no centro de São Paulo, presenciado
pelo poeta.

Um homem deitado na calçada,
Em pleno centro da cidade:
Um bêbado! Um vagabundo! Um nada.
Ninguém se importa é bem verdade.
É um mendigo! Disse o comerciante -
E conclui - um anormal, um proscrito
E sem ouvir, caído, aquele errante,
Ignorando os xingos dos passantes,
A cidade acordada com seu agito,
E, em meio aos olhares de nojo e piedade,
Permanece adormecido o trapo humano.
- Seu guarda! Olha como está nossa cidade!
Porém, de pronto responde a autoridade:
- Perdão senhor, não é de minha alçada,
Se o meliante fez de quarto a calçada.
Mas de repente, ao seu lado, surge um cão,
Magro, que se encosta ao maltrapilho,

Trazendo na boca, um pedaço de pão
 Que, junto, se somou ao triste idílio,
 Já não estava mais só o resto de pessoa,
 Tentaram acordar aquele homem,
 Tudo em vão, ele não estava dormindo,
 Apenas havia morrido de fome.

A inspiração, esta atenta sentinela, vai entrando pela fresta da
 imaginação e desperta o poeta, que lê uma revista e descobre num
 texto, "Amanhã eu faço", uma razão pra torná-lo poesia.

AMANHÃ EU FAÇO

Poesia inspirada em matéria da Revista Weekend. Uma
 modesta homenagem ao incansável jornalista Valdir Carleto,
 criador da linda obra *Versos Roubados*, meu confrade, poeta,
 declamador e amigo.

O mal da tolerância indescritível,
 Oculta-se na trágica esperança vã,
 Que torna interminável o hoje
 E foge pra não encontrar amanhã
 É este momento que eu tanto evito,
 Que se perde na força do hoje,
 Só o vejo, eu só o avisto,
 Como algo que se perde ao longe

EU... EMOÇÃO... RAZÃO...

Homenagem ao nobre amigo e médico neurologista Dr. Jeová
 Barros da Silva

Estes dados inseguros do presente,
 Tornam vacilantes, os meus sentidos.
 Da repressão são frutos originários
 E eu os percebo quando, silenciosamente,
 Escrevo, tentando encontrar meu eu perdido,
 A um só tempo, mutável e permanente,
 Sou o prisioneiro na unidade dos contrários.

Ora, na louca euforia, sinto a vida,
 Ora na forte angústia, a luz da morte.
 Em curto tempo, as duas realidades:
 Quando uma me incorpora atrevida,
 - um farol, um porto, um novo norte -,
 A outra, em mim tão ofendida,
 submerge-se às fontes tão incertas,
 com a triste ilusão da liberdade.

Mas enche-me o vazio a descoberta,
 Pois entre sonhos, desejos e lamentos,
 A fantasia! Um nada! É o que temos.
 E meu corpo ora ágil, ora lento,
 Equilibra-se entre as forças dos extremos.

E o que sinto faz-me judiar de um amigo
 - o único presente que me deu a ditadura -
 Ele e outros suavizaram este castigo,
 Não foi só com comprimidos e remédios,
 - o atendimento preciso e com ternura -
 Fez-me ressuscitar, talvez, quiçá

E eu que sempre me portei como um ateu,
Deixando de acreditar que existe um Deus,
Aqui, sempre fui tratado por Jeová.

REGÊNCIA DE MINH'ALMA

Poema inspirado nos recitais, nos escritos e na obra do Maestro
Armando Atílio Colacioppo Sobrinho.

No meu peito há um lugar inacessível,
Que guarda tudo aquilo que sinto e penso,
É minh'alma o lugar, é um sítio imenso,
Onde vivem o possível e o impossível.

Nele há o esplendor e o desencanto,
A sombra do meu ser, o eco oposto,
O ontem e o hoje riscando o meu rosto,
Onde derramando algumas gotas eu me decanto.

Vivo aqui pensando no amanhã, com tal magia,
Porque ele virá na estada incerta e transitória
E eu sigo, transformando o que vivo em poesia,
Mestiçando a alegria e a tristeza c'a história.

E com o tempo, eu vou enchendo minhas horas,
Claro, sem saber nada sobre o depois,
pois o poeta faz o passado e o futuro ser agora –
Fascinante empresa que se dá a um pensando a dois.

Fujo da precariedade do destino humano,
Que valoriza o presente – o imediatismo –
Que vem sempre cheio de tristeza e desengano,
Como o perfume de uma flor presa ao abismo.

Aguço os sentidos pra sentir a harmonia
E num esforço sutil, percebo que meu eu
Se esquia do efêmero, do instante que podia
Fazer-me amargar em agonia,

Pois na plenitude de um momento passageiro,
Fantasiado de uma sublime ventura,
Como na alegria fugitiva ou na loucura,
Na embriaguez, tenta passar por verdadeiro.

Livra-me, o meu interior, da dor, quando ele soa,
Afasta-me do abismo, da flor, do precipício,
Pois são tão acessíveis a qualquer pessoa,
Fazendo-as se entregar não ao bem, mas sim ao vício.

E neste lugar inacessível, nos momentos tensos,
Quando a esperança é pouca ou quase nada,
Eu encontro um abrigo neste sítio imenso,
Onde a vida tem sentido, como um clarão na madrugada.

ANDRÉ FIGUEIREDO RODRIGUES

O artigo a seguir foi escrito em parceria com Roberta Albino Oliveira de Paula, ex-aluna do Curso de Letras das Faculdades Integradas de Ciências Humanas, Saúde e Educação de Guarulhos, e tem como base o seu Trabalho de Conclusão de Curso, defendido em 2012, cuja orientação esteve sob minha responsabilidade, no tempo em que fui professor daquela Instituição de Ensino.

A REPRESENTAÇÃO DE NICE NA POESIA DE CLÁUDIO MANUEL DA COSTA

André Figueiredo Rodrigues
Roberta Albino Oliveira de Paula

Cláudio Manuel da Costa: rápidas notas biográficas

Nascido em Minas Gerais, em 5 de junho de 1729, era filho do português João Gonçalves da Costa e da paulista Tereza Ribeiro de Alvarenga. Seu pai era ligado à mineração de ouro, amplamente difundida como prática econômica naquele momento.

Por volta dos 15 anos de idade, foi para o Rio de Janeiro para estudar com os jesuítas. Em 1749, embarcou para Portugal para cursar Direito, na Universidade de Coimbra. Apesar de seguir a área jurídica, sempre foi um homem dedicado às letras e à leitura.

Ao regressar ao Brasil, no ano de 1753, instalou-se em Vila Rica, atual Ouro Preto, dedicando-se à advocacia. Como advogado, também exerceu o cargo de Procurador da Coroa, Desembargador e Secretário de Governo, entre outros.

Nunca se casou oficialmente; sabe-se que vivia com a negra Francisca Arcângela de Sousa, mãe de seus cinco filhos. Sobre

ela, pouco ou praticamente nada se conhece. Também não se conhecem relatos, em sua biografia, sobre a convivência dentro de seu ambiente familiar. Alguns estudos apontam que, no ano de 1774, Cláudio Manuel da Costa terminou um de seus mais famosos poemas épicos – “Vila Rica” –, escrito em dez cantos, em versos decassílabos, que relatam os primeiros anos de Minas Gerais, ao descrever seus primeiros habitantes, flora, fauna, meio ambiente, conflitos territoriais e posse de terras e de poder nas primeiras décadas do século XVIII.

Escreveu seus poemas sob o pseudônimo árcade de Glauceste Satúrnio. Em seus sonetos, apresentou sua musa inspiradora, a amada Nice:

Ai Nice amada! se este meu tormento,
se estes meus sentidíssimos gemidos
lá no teu peito, lá nos teus ouvidos
achar pudessem brando acolhimento;
Como alegre em servir-te, como atento
Meus votos tributara agradecidos!
Por séculos de males bem sofridos
Trocara todo o meu contentamento

Mas se na incontrastável, pedra dura
De teu rigor não há correspondência,
Para os doces afetos de ternura. (COSTA, 1996)

Cláudio envolveu-se com a Inconfidência Mineira (1788-1789), que foi uma revolta “planejada pela oligarquia local e norteadada pelos interesses de militares, homens de negócio, fazendeiros, mineradores e intelectuais ilustrados, que buscavam reconquistar a prosperidade econômica diminuída pelos altos impostos cobrados pela Coroa portuguesa na região” (RODRIGUES, 2007, p. 70). Em decorrência de sua participação na conspiração, em junho de 1789 foi preso e acusado de traição ao rei. Naquele mesmo mês, no dia 24, foi encontrado morto na cela em que estava detido para averiguações.

NICE NA POESIA DE CLÁUDIO MANUEL DA COSTA

A mulher, na poesia de Cláudio, é representada por Nice, símbolo de amor, desejo e perfeição. Nos sonetos transmite ao leitor seus lamentos, sua entrega à amada, amarguras, emoções, desejos, lamentos e decepções:

Nice? Nice? Onde estás? Aonde espera
Achar-te uma alma, que por ti suspira,
Se quanto a vista se dilata, e gira,
Tanto mais de encontrar te desespera!
Ah se ao menos teu nome ouvir pudera
Entre esta aura suave, que respira!
Nice, cuido, que diz; mas é mentira.
Nice, cuidei que ouvia; e tal não era.
Grutas, troncos, penhascos da espessura
Se o meu bem, se a minha alma em vós se esconde,
Mostrai, mostrai-me a sua formosura.
Nem ao menos o eco me responde!

Ah como é certa a minha desventura!
Nice? Nice? Onde estás? Aonde? Aonde? (COSTA, 1996)

Através da análise de alguns de seus sonetos é possível observar literária, física e psicologicamente a história de amor entre ambos. Em vários trechos, o poeta se entrega ao sentimento do amor, tornando-se vítima de sua amada ou desse mesmo amor. Seus dilaceramentos amorosos situam-se exatamente nessa questão: sua entrega ao amor e a não realização do desejo de ser retribuído. Ao se direcionar à amada Nice, Cláudio escreveu no soneto XLIV:

Há quem confie, Amor, na segurança
De um falsíssimo bem, com que dourando
O veneno mortal, vás enganando
Os tristes corações numa esperança!

Há quem ponha inda cego a confiança
Em teu fingido obséquio, que tomando
Lições de desengano, não vá dando
Pelo mundo certeza da mudança!

Há quem creia, que pode haver firmeza
Em peito feminil, quem advertido
Os cultos não profane da beleza!

Há inda, e há de haver, eu não duvido,
Enquanto não mudar a Natureza
Em Nice a formosura, o amor em Fido. (COSTA, 1996)

A infidelidade também é destacada pelo poeta, como uma consequência do destino que ele teria imposto a si mesmo. A sua fragilidade interna é procurada poeticamente, como, por exemplo, ao retratar imagens da dureza dos penhascos e das rochas das serras mineiras, que encontramos nas estrofes do soneto XLVII. Nos versos deste soneto, Cláudio mostra que seu amor, cada vez mais, torna-se intenso; infelizmente, seus apelos não comovem Nice:

Que inflexível se mostra, que constante
Se vê este penhasco! Já ferido
Do proceloso vento, e já batido
Do mar, que nele quebra a cada instante!

Não vi; nem hei de ver mais semelhante
Retrato dessa ingrata, a que o gemido
Jamais pode fazer, que enternecido
Seu peito atenda às queixas de um amante.

Tal és, ingrata Nice: a rebeldia,
Que vês nesse penhasco, essa dureza
Há de ceder aos golpes algum dia:

Mas que diversa é tua natureza!
Dos contínuos excessos da porfia,
Recobras novo estímulo à fereza. (COSTA, 1996)

O poeta nos situa no tempo através do passado e do presente. O futuro é praticamente ignorado. Ele recorda momentos de amor, lembrados com muita dor. Nos versos do soneto L, identificamos essas memórias de Cláudio:

Memórias do presente, e do passado
Fazem guerra cruel dentro em meu peito;
E bem que ao sofrimento ando já feito,
Mais que nunca desperta hoje o cuidado.

Que diferente, que diverso estado
É este, em que somente o triste efeito
Da pena, a que meu mal me tem sujeito,
Me acompanha entre aflito, e magoado!

Tristes lembranças! e que em vão componho
A memória da vossa sombra escura!
Que néscio em vós a ponderar me ponho!

Ide-vos; que em tão mísera loucura
Todo o passado bem tenho por sonho;
Só é certa a presente desventura. (COSTA, 1996)

Nestes versos, Cláudio Manuel da Costa traz aspectos barrocos e líricos, nos quais recorda com dor o seu sentimento, mesmo que o recupere por meio de lembranças. Assim, o que era felicidade e prazer torna-se, no presente, recordação do que se passou, mesmo que seus fatos sejam rememorados com sofrimento.

O poeta relata todas as mulheres em uma só, para sua projeção de amor, denominando sua amada como uma tirana. Assim consta em seu IX soneto:

Pouco importa, formosa Daliana,
 Que fugindo de ouvir-me, o fuso tomes;
 Se quanto mais me afliges, e consomes,
 Tanto te adoro mais, bela serrana.
 Ou já fujas do abrigo da cabana,
 Ou sobre os altos montes mais te assomes,
 Faremos imortais os nossos nomes,
 Eu por ser firme, tu por ser tirana.

Um obséquio, que foi de amor rendido,
 Bem pode ser, pastora, desprezado;
 Mas nunca se verá desvanecido:
 Sim, que para lisonja do cuidado,
 Testemunhas serão de meu gemido
 Este monte, este vale, aquele Prado. (COSTA, 1996)

Cláudio projeta sua imagem na mulher, insistindo que seu amor é inseguro, enganoso e inconstante. No soneto LXXIX, traduz esse amor como a água que se esvai pelos dedos, em claro sentimento de medo:

Entre este álamo, o Lise, e essa corrente,
 Que agora estão meus olhos contemplando,
 Parece, que hoje o céu me vem pintando
 A mágoa triste, que meu peito sente.

Firmeza a nenhum deles se consente
 Ao doce respirar do vento brando;
 O tronco a cada instante meneando,
 A fonte nunca firme, ou permanente.

Na líquida porção, na vegetante
 Cópia daquelas ramas se figura
 Outro rosto, outra imagem semelhante:

Quem não sabe, que a tua formosura
 Sempre móvel está, sempre inconstante,
 Nunca fixa se viu, nunca segura? (COSTA, 1996)

A tristeza do poeta mantém relação com a natureza e as suas condições de amor eram sempre trazidas em sofrimento pela sua amada e ao fato de nunca tê-la possuído. No soneto LXXX, lê-se:

Quando cheios de gosto, e de alegria
 Estes campos diviso florescentes,
 Então me vêm as lágrimas ardentes
 Com mais ânsia, mais dor, mais agonia.

Aquele mesmo objeto, que desvia
 Do humano peito as mágoas inclementes,
 Esse mesmo em imagens diferentes
 Toda a minha tristeza desafia.

Se das flores a bela contextura
 Esmalta o campo na melhor fragrância,
 Para dar uma idéia da ventura;

Como, ó Céus, para os ver terei constância,
 Se cada flor me lembra a formosura
 Da bela causadora de minha ânsia? (COSTA, 1996)

Em seus sonetos, Cláudio procurou resgatar sua visão de vida e de mundo repletos de paradoxos. Através da personagem Nice, revelou seus mais íntimos sentimentos em relação à mulher e os seus mais puros desejos de perfeição do amor.

BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, Melânia Silva de. A trajetória poética de Cláudio Manuel da Costa. In: COSTA, Cláudio Manuel da; GONZAGA, Tomás Antônio; PEIXOTO, Alvarenga. *A poesia dos inconfidentes*. Organização de Domício Proença Filho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996, p. 27-39.

COSTA, Cláudio Manuel da. Obras. In: COSTA, Cláudio Manuel da; GONZAGA, Tomás Antônio; PEIXOTO, Alvarenga. *A poesia dos inconfidentes*. Organização de Domício Proença Filho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996, p. 41-305.

RIBEIRO, João. Cláudio Manuel da Costa. In: COSTA, Cláudio Manuel da; GONZAGA, Tomás Antônio; PEIXOTO, Alvarenga. *A poesia dos inconfidentes*. Organização de Domício Proença Filho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996, p. 5-26.

RODRIGUES, André Figueiredo. Batinas incendiárias: a participação de membros do clero na Conjuração Mineira. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 8, p. 70-74, fev./mar. 2006. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos-revista/batinas-incendiarias>>. Acesso em: 10 ago. 2012.

SOUZA, Laura de Mello e. *Cláudio Manuel da Costa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

André Figueiredo Rodrigues é Doutor em História pela Universidade de São Paulo. Acadêmico Efetivo da Academia Guarulhense de Letras (AGL) e Membro Titular da Comissão de História do Instituto Panamericano de Geografia e História (IPGH). Professor do Departamento de História da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp), câmpus de Assis. Website: www.histoecultura.com.br.

ANTONIA CONCEIÇÃO VAZ DUARTE

A criança aprende a ler com o adulto. Leia para uma criança aprender a gostar de ler.

REBECA, A PRINCESA QUE TAMBÉM É BRUXA

Rebeca é a primeira e única filha dos reis das Bromélias do Pinho Bravo. Os pais da nossa heroína são modernos e amorosos e ficaram muito felizes por serem pais de uma inteligente, forte e linda menina.

A beleza delicada de Rebeca era de outra natureza, não podia ser apenas vista, mas principalmente sentida. Esse fato, uma menina como primogênita, provavelmente não seria bem recebido por um tradicional japonês, chinês, indiano, islâmico ou por algumas famílias da nossa cultura e de muitas outras culturas machistas. Sorte de Rebeca ser Bromeliana!

Rebeca, a princesa moleca e sapeca, também é uma esperta bruxinha. Passaria despercebida no reino, se não fosse esse detalhe de realeza, herdado dos seus ancestrais: Princesa das Bromélias do Pinho Bravo.

Um fofoqueiro de plantão solicitou ao dedicado porta-voz do palácio, mediante um valioso suborno, que contasse o estranho comportamento da menina: que ora era doce princesa, ora sinistra bruxinha. Esse vazamento de informações poderia colocar em risco a próspera economia do reino: oscilações na bolsa de valores, ameaça à política externa, ameaça às instituições do Estado e a pior ameaça certamente seria dirigida à pobre Rebeca. Teria a linda princesa um leve transtorno de humor ou uma psicose? Desafetos de plantão maldosamente falavam:

- Ela é bipolar mesmo, já li sobre essa oscilação de humor, no twitter da professora de biologia. Repetidas vezes, as vozes insanas, sem reflexão, juntavam-se formando um coro ensurdecedor.

A voz do preconceito, sem direito a defesa ou tratamento é difícil de calar e suportar, porque humilha, destrói o outro, devido à soberba do agressor. Diagnóstico fechado: sem qualquer competência médica, o rótulo ficou pronto. Essa notícia bombástica correu a internet e, em pouco tempo, já havia feito a volta ao mundo em 8 segundos. Espalhou-se mais rápido do que gripe suína. Sabe como é notícia ruim: fofoca autorizada. Se houver boas fontes, é furo garantido ou boatos esclarecidos. O perigo é que, ao ouvir várias vezes uma mentira, acabamos acreditando que ela seja verdade.

O preconceito entrou na propriedade real, na cabeça das pessoas ingênuas ou maldosas, no coração duro da maioria dos orgulhosos moradores do Reino das Bromélias do Pinho Bravo, para desespero das pessoas sensatas. O preconceito se instalou e se alastrou mais do que piolho em cabeça suja, muito além de todas as muralhas e fortalezas da propriedade do Reino das Bromélias do Pinho Bravo.

Atormentados ficariam o rei e a rainha, diante desta situação inusitada, dramática e ameaçadora, sem varão para herdar o reino das Bromélias do Pinho Bravo, caso os reis não fossem tão sábios e perspicazes.

Os amorosos pais de Rebeca já preparavam a princesa com aulas de inglês, piano, balé, natação, etiqueta, equitação, economia, sociologia, política, teologia, matemática, física, química, biologia, geografia, informática, história e quanta história geral, história do Reino das Bromélias do Pinho Bravo e dos reinos vizinhos e distantes. Não é fácil aguentar agenda de aspirante a rainha, pobre Rebeca! Ainda bem que ela gosta de ter atividades criativas, é isso que torna a vida interessante. A graciosa princesa tinha algo a seu favor, gostava muito de ler!

Rebeca sabia que ler é:

- viajar no tempo;
- viajar no espaço;
- viajar no pensamento;
- viajar no silêncio;
- simplesmente viajar: ir para lá e para cá, sem sair do lugar, só na fantasia.

Assim Rebeca lia, lia tudo que via!

Eita princesa cabeça! Ler é colher o instante, fatos e sonhos, tornando mais rico o seu momento, momento só seu, só de Rebeca!

Na escola bromeliana, o grupo de teatro de Rebeca tinha como tarefa a dramatização de um texto da escritora Cecília Meireles: Ou isto ou aquilo. Um grande medo da princesinha era falar em público; esquecer as falas, rirem dela, ouvir críticas, errar as marcações. Era preciso coragem e muito ensaio para enfrentar tantos medos.

A estreia da peça seria na festa do Dia da Pátria: aniversário da fundação do Reino das Bromélias do Pinho Bravo. Nesse dia, o povo manifestava seu amor ao reino, à sua comunidade, à sua língua, às suas tradições. No início de cada celebração canta-se La Bromeillesa. Esse é o hino nacional do coração de todos os bromelianos.

É muito bom pertencer a uma família, a uma comunidade, a uma pátria. Pertencer à comunidade bromeliana, então, é o máximo! É um reino lindo e rico. A geografia interfere até na autoestima das pessoas. A sensação de não pertencer a lugar algum, nem ao time de futebol de botão da escola, dá a impressão de estar à margem, sem referências, ser marginal. Importante é saber de onde se é, conhecer o seu reino, saber de si mesmo.

Ah! O teatro, os atores, o público: que espetáculo! O cenário preparado, a maquiagem dos personagens perfeita, o figurino impecável, o texto afiado e a normal ansiedade da estreia. A cortina sobe. Tem início a apresentação de Rebeca e seu grupo: sorte para eles!

Ou isto ou aquilo
Ou se tem chuva e não se tem sol
ou se tem sol e não se tem chuva!

Ou se calça a luva e não se põe o anel,
ou se põe o anel e não se calça a luva!

Quem sobe nos ares não fica no chão,
quem fica no chão não sobe nos ares.

É uma grande pena que não se possa
estar ao mesmo tempo em dois lugares!

Ou guardo o dinheiro e não compro o doce,
ou compro o doce e gasto o dinheiro.

Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo...
e vivo escolhendo o dia inteiro!

Não sei se brinco, não sei se estudo,
se saio correndo ou fico tranqüilo.

Mas não consegui entender ainda
qual é melhor: se é isto ou aquilo

Fala final de Rebeca:

Somos fruto das escolhas que fazemos ao longo da vida; elas

definem nossa existência, nosso bem-estar, nosso mal-estar.

A peça apresentada pela alteza mirim e seu grupo foi um sucesso de público e bilheteria. Toda a renda foi doada ao Reino das Crianças dos Vulcões Extintos, para ajudar a extinguir a miséria, fundar escolas profissionalizantes, aumentar as chances de os jovens arrumarem emprego.

A não visita de Helena...

A princesa tinha poucos amigos que frequentavam seu palácio e brincavam nos seus aposentos. Ela era seletiva! Escolhia bem suas companhias.

Adorava quando a prima Helena vinha passar a tarde com ela. As duas tinham a mesma idade e uma grande afeição. Todos conheciam os ruídos dessa intimidade. Quando estavam juntas, Rebeca e Helena falavam alto, riam, corriam pelo reino, sem terem que planejar qualquer coisa.

As brincadeiras brotavam espontaneamente, como se fosse natural brincar assim. Elas ficavam absortas, o tempo parava de passar, e elas nem percebiam quem ou o que estava ao redor. Não era uma amizade sazonal, daquelas de férias, de verão ou de inverno. Era amizade para valer. Dedicção recíproca de ano inteiro. Estar juntas era uma grande alegria de viver!

Porém, sábado último, Helena não apareceu, nem avisou que não viria. Compromisso assumido é coisa séria para Rebeca, passível de sofrimento e indignação quando não cumprido.

Rebeca preparou seu coração, seus brinquedos, sua tarde, à espera de Helena, mas ela não veio. Ficou horas na janela da varanda, contando os pingos de chuva que escoavam pela vidraça; e nada de Helena.

— A amizade é o vínculo mais importante entre duas pessoas.

Sua prima não podia ter feito isso com você. Deve ter acontecido algo muito sério! – disse a mãe de Rebeca, preocupada.

Finalmente, o celular tocou. Era um torpedo de Helena. Depois de ler a mensagem, a menina ficou mais calma, mas não menos triste.

Aprender a enfrentar frustrações: é assim que se cresce; crescer dói! “Nada como um dia após o outro”, disse um conselheiro do reino, que observava a desolação da princesa.

A visita real da melhor amiga de Rebeca: Amanda

A princesinha Amanda era filha do Reino dos Buritis. Esse reino tinha uma rica agricultura, com grãos de excelente qualidade.

O fértil Reino dos Buritis garantia o suprimento do Reino das Bromélias do Pinho Bravo. Assegurava que os celeiros e palheiros estivessem sempre cheios, fartos de comida para pessoas e animais o ano inteiro.

O rico soberano do Reino das Bromélias do Pinho Bravo, além da madeira, tinha muito boi, vaca e leite para vender. Seus extensos domínios eram ricos em pastagens e florestas.

Grande monarca do Reino dos Buritis e homem sério, o pai de Amanda não dava moleza para a miséria; só a fartura tinha prioridade em seu reino.

Os dois reinos trocavam mercadorias entre si, eram bons parceiros comerciais: o pai de Rebeca e o pai de Amanda eram reis unidos. Quando reinos ricos se juntam em comércio, quase sempre se tem bons resultados.

O melhor dessa visita foi o presente que Rebeca ganhou da amiguinha Amanda: um lindo pônei cor de mel.

O pônei cor de mel é o fruto mais recente da pesquisa genética da faculdade veterinária do reino. Lindo, muito lindo e forte!

– Montar um pônei não é perigoso? – perguntou a princesa Rebeca, ansiosa.

– Claro! – disse prontamente a rainha-mãe. — É por isso que você precisa de muitas aulas de equitação. Se conhecermos bem o animal e o esporte, controlaremos melhor o risco.

– Viver é correr riscos; quem economiza riscos, economiza vida – completou a rainha.

– Rebeca, tranquilize-se, você e seu pônei ainda farão lindos passeios juntos!

Nesse momento, aproximou-se o rei-pai todo curioso, para conhecer o novo morador do Reino das Bromélias do Pinho Bravo.

– Que belo cavallinho! Cuide bem dele, minha filha. Precisamos respeitar os animais, tratá-los com carinho, sem humanizá-los.

– Já tivemos aula no zoológico do reino. A médica de animais, a veterinária, falou sobre animais selvagens, domésticos e de pecuária. Ela explicou que os animais são muito úteis.

– Utilíssimos, Rebeca – completou o pai. – Dão-nos lã, couro, carne; servem de cobaias de laboratório, companhia, amizade e muito mais!

– É papi, já entendi tudo. Precisamos tratar com carinho os animais, depois servir de cobaia de laboratório, tosquiar, esfolar, matar e depois comer os bichinhos, certo?

– Rebeca continuou com ar de cinismo e seu pai tentou remendar a inconveniente situação.

– Convivo com essas incoerências, minha princesa. Uma vida sempre vive às custas de outra. Gostaria de ser vegetariano, mas não resisto ao cheirinho de churrasco.

– Ah, que fome! Melhor chamar Amanda para comer um delicioso hambúrguer – exclamou Rebeca.

Rainha tem que ter coroa...

Rebeca não queria ser rainha só para usar uma coroa na cabeça. Ela queria ter uma coroa para ter poder, e poder para ajudar o povo do seu reino a viver feliz, porque gente feliz não perturba a si nem aos outros. Queria um reino próspero, pois sabia que não é fácil ser mulher num reino pobre.

Quanto melhor as mulheres são tratadas, melhor são tratadas as crianças; quem ganha é toda a sociedade.

A paz seria decretada no Reino das Bromélias do Pinho Bravo. Uma utopia que valeria a pena lutar por ela. Afinal, são as utopias que movem nossas ações transformadoras.

O tempo passava, e a princesa que também era bruxa crescia como uma criança da sua idade: com direitos e deveres, dores e prazeres, tristezas e euforias.

Rebeca sabia que crescer poderia ser muito bom e não dava para ficar eternamente na infância, pois nada é eterno!

Mulher, para vencer, não pode ser igual ao homem; precisa parecer e ser melhor de inteligência e de caráter do que o homem, para ter o respeito dos súditos do Reino das Bromélias do Pinho Bravo.

A magia e a bruxaria de Rebeca apareciam quando ela tinha medo, como no dia de seu sétimo aniversário. A princesa bruxa reagiu nesse episódio com precisão e agressividade para se defender.

Seu primeiro dente de leite já havia caído, mas a sua astúcia e esperteza davam demonstrações claras de pleno crescimento.

Para sua festa, vinham convidados reais muito queridos, mas outros, nem tanto, como a família dos Larápios do Reino dos Cactos. Rebeca já havia tido experiências bem desastrosas com essa gente, e não queria repetição. Precisava agir rapidamente, antes que eles se avizinhassem do Reino das Bromélias do Pinho Bravo.

Usando bruxamente a força do seu pensamento, levantou a única e majestosa ponte de acesso ao seu reino, sobre o rio dos crocodilos, impedindo a chegada dos Larápios do Reino dos Cactos. Esse episódio livrou a princesa dos indesejáveis visitantes. A princesa Rebeca pôde tranquilamente festejar seus gloriosos sete anos de vida.

O melhor presente que ela ganhou nesse aniversário foi muitas crianças amigas, vindas de vários lugares perto e distante, mas que ela guardava uma a uma há tempos nas suas lembranças. Agora, era cair na brincadeira, que mal havia começado.

Rebeca ganhou uma bicicleta pink da amiga Elvy, do Reino da Suécia: o reino dos pavorosos Vikings, muito longe do Reino das Bromélias do Pinho Bravo. Reinos muito diferentes: um reino de frio intenso, outro reino bem tropical, bem quente.

A menina ganhou vários presentes de aniversário e ficou muito contente com eles, principalmente com um violino feito pelos alunos de uma organização não governamental, uma ONG.

O objetivo dessa ONG era ensinar arte às crianças carentes.

— Ninguém é tão rico que não possa receber, nem tão pobre que não possa dar! — desabafou a rainha, enquanto ajudava Rebeca a organizar seus presentes. E continuou:

— Saiba, Rebeca, que os ciganos têm o hábito musical na sua cultura. Eles pensam que, sendo a música uma linguagem universal, pode ser executada no mundo todo, possibilitando a cada criança ou jovem o seu ganha-pão, salvando-os da miséria e da mendicância.

— Mãe, a senhora acha que quem sabe tocar um instrumento musical agrada tanto aos anjos, que não precisa pagar pedágio para entrar no céu?

A mãe de Rebeca sorriu enternecida.

Outro presente especial que Rebeca ganhou e não deixaria ser

levado para o bazar beneficente da igreja do reino, era um aquário com peixinhos coloridos, lindos!

Um belo dia, quando voltou da escola, não encontrou seu peixe Arco-íris, e alguns peixes menores também tinham desaparecido.

A rainha-mãe, que não era bióloga nem nada, tentou consolar a menina, dizendo que o animal, quanto mais colorido, mais é visto e comido.

A discrição e o disfarce são bons truques de sobrevivência. Acho que o Arco-íris faltou nessa aula de humildade e camuflagem. Era lindo demais!

– Deve haver uma explicação melhor para essa questão, filha. Pesquisarei no Google, para melhor ajudá-la.

– Meu peixinho pagou caro por isso... – chorou Rebeca.

– Mas o zelador Soneca deverá explicar o sumiço do Arco-íris, soluçou a princesinha.

Alheio ao sofrimento de Rebeca, quem parecia muito satisfeito era Áminis, um velho gato preto do reino. Aqueles olhos verdes conheciam todos os telhados do palácio.

Áminis agora tirava uma soneca, esparramado numa cadeira de vime, na varanda. Era puro êxtase!

Experiência dura e inesquecível, essa era a primeira vez que a princesa, que também era bruxa, se deparava com a morte, e teve de lidar com a falta daquilo que a morte lhe tirou.

Não teve bruxaria que trouxesse o seu peixe Arco-íris de volta à vida, só de volta à saudade. Morreu, está morto!

– A vida é assim – explicou a rainha, que procurava estar sempre por perto, sabendo da momentânea fragilidade da sua menina. O mais triste da morte é o que ela nos tira. Se a vida nos dá muito, ela também tem muito que nos tirar.

Houve um lindo funeral para o peixe Arco-íris, com tudo o que tinha direito: suas músicas prediletas, flores da época, depoimentos, acompanhamento dos melhores amigos e Rebeca à frente da coordenação do enterro, para que tudo fosse impecável, como merecia o seu querido amigo peixe Arco-íris.

Afinal, era a última homenagem prestada àquele que a encantava com suas cores, com cumprimentos de rabo quando Rebeca chegava, e com tantas acrobacias para recepções carinhosas.

Os rituais, as cerimônias, servem para elaborarmos as perdas, suportarmos as separações, que certamente serão inúmeras nas nossas vidas.

Todos nós queremos ser respeitados, amar muito e ter muitos amigos, e nunca perder algo e alguém. Será possível?

Cada aniversário era a celebração do nascimento de Rebeca!

A festa era também a comemoração da saúde e da inteligência da princesa, confirmando a herança e a continuidade do Reino das Bromélias do Pinho Bravo.

Tem gente que não merece morar em palácio...

A princesa que também era bruxa não gostava de brincadeira de gente folgada, gente atrevida, gente desconfiada, gente invasiva ou gente ostensivamente ousada. Era o caso de um tiozinho, Sir Metter, da corte do Reino das Bromélias do Pinho Bravo. Esse tiozinho vivia beijando e dando fungadas no tornozelo de Rebeca.

Um belo dia, desses que a gente não está para aguentar muito nhém-nhém-nhém, chegou bem manhoso o tal do tiozinho Sir Metter, querendo repetir os mesmos assédios de sempre; e se deu mal.

Rebeca usava suas botas gaúchas bordadas com esporas de aço, e deu para valer no nariz do atrevido, bem na hora em que

começou o seu ritual das fungações. Sangrou muito o nariz do infeliz tiozinho, para nunca mais se fazer de besta.

A menina do Reino das Bromélias do Pinho Bravo, do alto dos seus sete anos, aprendia, dia a dia, a enfrentar situações com decisão e presteza.

Rebeca aprendeu com a rainha-mãe que a superstição não é o caminho, que há muito sofrimento quando você acredita em coisas que você não entende.

Muitas mães são sábias. A rainha-mãe era uma delas. Na hora de dormir, cantava músicas de ninar tradicionais do reino, lia histórias e, às vezes, as duas ficavam divagando, falando sobre tudo o que as encanava: as leis da natureza, os buracos negros e o Big Bang, a criação do mundo.

Quanto mais a gente sabe, melhor enfrentamos nossos medos, dizia a mãe e rainha; beijavam-se, e logo Rebeca adormecia, para sonhar e elaborar seus medos.

A história da baratinha é antiga, mas o jeito de contar é bem diferente...

A história da Dona Baratinha era a história que Rebeca mais gostava de ouvir. Escutava o CD por várias vezes, e não se cansava de ouvi-lo.

A Baratinha ficava na janela, observando um a um os bichos candidatos a noivo passarem. Ela sempre cantava o mesmo verso e fazia a mesma pergunta, com esse refrão:

– Quem quer casar com a senhora baratinha que tem fita na cabeça e dinheiro na caixinha?

Passou o Cabrito, e a Dona Baratinha perguntou:

– Seu Cabrito, como é que você faz?

– Mééé... Mééé... Mééé...

– Que barulho estridente! Como vou dormir com um Mééé desafinado desse! Eu não vou aguentar isso! Xô, xô, xô, Cabrito!

Passou o Boi, forte, ativo, abastado de si mesmo, e Dona Baratinha indagou:

– Seu boi, como é que você faz?

– Muuu... Muuu... Muuu....

– Que estrondo feio! Que gordo! Não quero um marido desse para mim! Suma daqui, vá para um spa, Seu Boi!

Passou o cachorro, e Dona Baratinha arguiu:

– Seu cão, como é que você faz?

– Au... Au... Au...

– Que medo! Você deve ser muito agressivo! Se eu me casar com você, poderei ser mais uma vítima de violência doméstica! Saia daqui, já!

Passou o Gato, e a Dona Baratinha interrogou:

– Seu Gato, como é que você faz?

– Miau... Miau... Miau...

– Que dengoso! Não gostei nenhum pouco da sua frescura! Quero um marido bem diferente.

Passou um raro e bonito Mico-leão-dourado, e Dona Baratinha perguntou:

– Seu Mico-leão-dourado, como é que você faz?

– Hih, Hah Heh!

– Desse sagui eu não vou dar conta! Olha como ele pula, grita e se agita ao mesmo tempo. Um hiperativo! Fora Mico, você nem me viu direito, nem prestou atenção em mim. Quero me sentir bela, com o olhar do meu amado. Vá procurar sua macaca, retire-se daqui!

Finalmente, depois de passarem todos os bichos da floresta pela janela da Senhora Baratinha, apresentou-se tímido e já sem esperanças, o frágil Ratinho. A persistente Baratinha voltou a perguntar:

– Seu Ratinho, como é que você faz?

– Hi... Hi... Hi...

– Que coisinha linda! Este sim vai dar um bom marido! Não me dá medo, não me irrita, é meigo, do meu jeito!

O dia do casório foi marcado. Seria comemorado com uma gostosa feijoada, bem ao gosto do noivo!

O Ratinho teve direito a despedida de solteiro, com todos os seus amigos numa superbalada.

A Baratinha teve seu chá de cozinha, com as primas e amigas, tudo como uma noiva exigente quer.

Foram convidados para o casamento todos os animais da floresta.

Os bichos chegaram contentes para a cerimônia, pois já haviam se recuperado da rejeição e dos possíveis ressentimentos nutridos pela despachada Baratinha.

O cheiro da feijoada atraiu o guloso noivo Ratinho, que foi rodeando, rodeando a grande e quente panela de barro, lambendo, lambendo o caldo escaldante, que escorria sob a tampa e pluft!

Lá foi o noivo guloso, de fraque e tudo, para dentro da panela, morrendo no dia do casamento.

A Baratinha triste encolheu-se no seu lindo vestido de noiva, com uma tristeza de fazer dó, comovendo até os bichos mais insensíveis.

Porém, ela era perseverante e não desistiu de encontrar um novo marido.

Enfeitou-se toda e foi para a janela cantarolar novamente:

– Quem quer casar com a senhora Baratinha, que tem fita no cabelo e dinheiro na caixinha?

A rainha-mãe sempre comentava com Rebeca as histórias infantis.

Às vezes, Rebeca questionava se isso era verdade ou historinha. A mãe esclarecia que a linha divisória entre imaginação e realidade é um fio, se é que esse fio existe.

“Quando a ficção parece realidade, dá uma bela história!”, ponderava a mãe-rainha. Certa noite, a história da Baratinha gerou muita polêmica.

A mãe da princesa levantou a seguinte questão:

– Rebeca, você acha que a Baratinha queria mesmo se casar? Se realmente ela desejasse se casar, teria escolhido um “Baratinho”, ter Baratinhas e Baratinhos e serem felizes para sempre. O que acha?

A princesa Rebeca ficou refletindo, refletindo e docemente adormeceu.

Porém, a questão levantada pela mãe-rainha não adormeceu, acordaria mais tarde numa calorosa discussão, na sala de aula:

– Será que a Baratinha queria se casar?

Discussão-cabeça na sala de aula...

Uma coincidência difícil de explicar, na aula de leitura, a professora escolheu como tema os relacionamentos.

Ela perguntou para a classe:

– Meninas, com quem vocês querem se casar? Os meninos, nesse momento, alheios à aula, não demonstraram muito interesse pelo assunto e poucos palpitararam.

Marina, num impulso, respondeu:

– Quero me casar com um rico e lindo príncipe, que me ame muito.

Luciana falou alto para ser ouvida:

– Quero me casar com um grande artista de sucesso, para que eu tenha uma vida glamorosa.

Olívia suspirou profundamente e se colocou:

– Quero me casar com um rei estrangeiro, que me leve para um lugar ainda mais lindo do que este.

Ana Clara contrariou a opinião da maioria e disse:

– Não quero me casar, quero estudar e viajar muito.

A princesa Rebeca permanecia em silêncio e reflexão.

A professora, atenta, sempre favorecia a participação de todos os alunos, percebeu a quietude de Rebeca e interrompeu a sua divagação:

– Rebeca, com quem mesmo você quer se casar?

A menina já havia tido tempo de analisar a situação e disse com firmeza convincente:

– Depois que eu me formar, quero me casar com um homem de classe média.

A professora, admirada com a resposta inusitada, retrucou:

– Você sabe o que é um homem de classe média?

– Sei, disse Rebeca. – É um homem que não é nem muito pobre, nem muito rico.

Rebeca lembrou-se das falas da mãe, que dizia repetidas vezes, referindo-se aos futuros relacionamentos de Rebeca:

– Filha, você pode até se casar com um príncipe modesto, que não seja um herdeiro tão rico igual a você. Porém, há que ser

um príncipe de bom caráter e que goste de aprender. Trabalhar e estudar, aqui no Reino das Bromélias do Pinho Bravo, são grandes valores; significam a mesma coisa. É a mesma coisa!

A opinião de Rebeca fez a diferença e apimentou a discussão na aula de leitura.

Passear de bicicleta com o pai é o máximo!

O rei-pai sabia que o melhor que poderia dar à Rebeca era o seu tempo. Ele reservava uma hora por semana, na sua agenda real, para passear de bicicleta com sua filha.

Habitualmente, o passeio era feito pela estrada que ladeava o rio próximo ao castelo. O lindo rio caminhava por planícies e planaltos, passando por florestas de araucárias, manacás, pinhos bravos e coloridas bromélias.

Onde o rio dava um salto, marcava a primeira parada do trajeto. A queda d'água vencia o desnível do terreno, formando uma majestosa cachoeira.

Nesse último passeio, o rei olhou para a catarata e disse à Rebeca:

– Veja filha, devemos ser como um rio. Após vencer um obstáculo, o rio fica mais forte, segue em frente e explode magnífico, numa bela cachoeira.

Bicicleta pink, cestinha de renda sueca, lá ia ela, segura, ao lado do pai atento, a lhe ensinar o caminho certo e não se perder em algum atalho perigoso. Certamente é para isso que servem os pais: para nos guiar pelo caminho certo.

Durante o passeio, Rebeca e o pai pegaram montes de pinhão, encheram a cestinha da bicicleta.

A princesa ficou muito contente, na próxima sessão da tarde do

palácio, em vez de pipoca, comerá com as amigas pinhão cozido. Será bem diferente!

Pai e filha, enquanto pedalavam, riam de tudo e de nada, falavam de tudo e de nada, num estar junto que era só deles. Com seu pai, Rebeca aprendia a sentir prazer nas experiências da vida.

Voltando às coisas palacianas...

Em toda família, mesmo real, há aquela pessoa inconveniente que adora irritar criancinha. Um daqueles “conselheiros” chatos, o tal Sabidor, tinha mania de falar uma coisa e pensar outra, um incoerente, um falso!

Sabidor estava nesse cargo porque o rei-pai devia favores de trono passado ao genitor falido dele: troca de favores.

Engolir sapos não era o forte de Rebeca, porém a rainha-mãe cuidava para que a menina fosse polida e controlasse suas emoções, que inúmeras vezes chegavam à beira de um ataque de nervos. Também, com esse Sabidor por perto, qual princesa não perderia a compostura?

Situação análoga ocorreu na escola. Sim, Rebeca frequentava uma boa escola pública do reino, mesmo porque, lá no Reino das Bromélias do Pinho Bravo, todas as escolas públicas eram de excelente qualidade; tanto para nobres como para plebeus, não havia segregação alguma.

O Reino das Bromélias do Pinho Bravo era uma verdadeira democracia, todos tinham oportunidades iguais; um sonho!

Rebeca e a confusão na escola

Rebeca crescia saudável, forte, bela e delicada, como toda criança deveria crescer. Não gazeteava a aula, era comportada,

até que teve uma advertência, e seus pais foram chamados a comparecer à diretoria da escola.

O rei e a rainha sentiam-se responsáveis pelo comportamento inadequado da menina, porém voltaram mais tranquilos da reunião.

Rebeca prontamente justificou a situação constrangedora e argumentou:

- Bati mesmo nesses meninos! Também, ninguém merece o que eles me fizeram. Sabe, professora, eles levantaram minha saínda, fiquei brava, muito brava! Dava até para ver minhas calcinhas! Isso é muito errado, não acha, professora?

A professora precisou esclarecer o conflito e mostrar a diferença entre agressividade e violência.

Aprendendo com a mãe...

Rebeca aprendeu com a rainha-mãe que a superstição não é o caminho, que há muito sofrimento quando você acredita em coisas que você não entende.

Muitas mães são sábias. A rainha mãe era uma delas. Na hora de dormir cantava músicas de ninar tradicionais do reino. Lia histórias e às vezes ficavam divagando, falando sobre tudo que as encantavam: as leis da natureza, os buracos negros e o Big Bang, a criação do mundo.

Quanto mais a gente sabe, melhor enfrentamos os nossos medos e a própria vida, dizia a mãe. Abraçavam-se afetuosamente, beijavam-se e logo Rebeca adormecia, para sonhar e elaborar seus medos.

Certo dia, Rebeca inverteu a posição do carinho que recebia toda noite antes de dormir. Em vez de deitar-se no regaço de sua mãe, foi sua mãe que se deitou no seu colo.

Acariciando delicadamente a cabeça da mãe-rainha, Rebeca descobriu alguns fios de cabelo branco e gritou com espanto:

- Mãe, você está ficando velha?

- Filha, qual o problema, já tenho mais de 40 anos. É natural que esses sinais da idade comecem a aparecer.

Chorando, inconsolada, Rebeca acrescentou:

- Você vai ficar velha e as pessoas velhas morrem.

- Minha princesinha, todo ser vivo nasce, cresce, se reproduz e morre. Nós somos seres vivos, estamos sempre em transformação.

- Ah! A tia Raquel, do Reino das Águas Claras, não é ser vivo. Ela não tem filhos e não se reproduziu!

A rainha sorriu e abraçou Rebeca com toda sua sagacidade.

- Princesinha da mamãe, sua tia Raquel é tradutora do reino. Ela precisa saber vários idiomas, estuda muito.

Raquel investiu na sua carreira profissional, não ter filhos foi uma opção dela. Ela não se reproduziu, mas produziu muitas obras que facilitam a vida de várias pessoas e instituições.

- Hoje é possível à mulher ter objetivos além do casamento e da maternagem. É um tempo mais livre para a expressão do feminino.

Reino rico e povo pobre...

Nas férias do verão passado, Rebeca foi visitar seus avós no Reino dos Vulcões Extintos.

Ela já havia se esquecido da beleza daquele reino: terras férteis de basalto, extensas e produtivas, tiveram superssafra de grãos naquele ano, uma beleza!

Com tanta fartura, muito consumo, ainda assim a esperta

Rebeca percebeu mendigos a esmolar pelas ruas e nada entendeu. Essa situação era absurda, não combinava com a riqueza do Reino dos Vulcões Extintos, cujo rei-avô não acabava com a miséria.

Naquele reino, os vulcões já haviam sido extintos há milhares e milhares de anos. Quanto tempo ainda levaria para se extinguir a miséria?

Rebeca, a princesa que também era bruxa, ainda teria muito que aprender sobre egoísmo humano.

Tudo o que é bom, dura pouco, fim de férias e Rebeca retornou à sua vida real: ao Reino das Bromélias do Pinho Bravo.

Distante de casa, a princesa pôde perceber melhor sua realidade; notou que havia muito que fazer para que o seu reino se tornasse um bom lugar para meninos e meninas crescerem, sentindo alegria de viver.

O que tem a cara de Rebeca?

Uma canção...

Uma poesia...

Uma utopia...

Uma pintura...

Uma história...

Uma lição...

Uma flor...

Uma dança...

Uma oração...

Uma boneca...

A CORUJA COMPLEXADA

Corujak, a coruja-bruxa do reino das fadas, era toda atrapalhada e atípica: era albina, alva, desbotada, diferente de todas as lindas corujas da família.

Era uma corujinha no mínimo estranha e sentia-se desconfortável na sua plumagem alva, sem cor.

Sua linhagem corulínea era da estirpe mais nobre do reino do bruxismo mágico, porém era uma ave singular.

O encantamento da família das corujas, principalmente Corujak, fazia inveja a qualquer fada "Patricinha". Era muito exótica e nem por isso sentia-se segura.

À noite, suas manobras, feitiçarias, efeitos mágicos bruxescos espaciais, tinham as garantias do Imetro. Cem por cento de aproveitamento, um sucesso global!

Os poderes de Corujak eram infalíveis ao luar, porém durante o dia, quando o sol estava a pino... Aí era um desastre!

Quando o rei Sol era o grandioso farol do céu, Corujak não caçava nem inseto. Rezava para Santa Luzia para que a sua amiga Lua chegasse logo para forrar seu estômago vazio.

Claro que Corujak era devota de Santa Luzia; tinha dois grandes motivos para isso, afinal a santa é protetora da visão.

Os olhos são os órgãos de defesa e caça imprescindíveis para todas as corujas. Questão de vida e morte.

No reino havia animais de várias crenças e credos, mas todos eram respeitados na sua fé, até os agnósticos e ateus.

Os trabalhos noturnos de bruxaria despertavam a curiosidade e a cobiça de toda a concorrência. Eram deslumbrantes, eficazes e fantásticos.

Diurnamente era um vexame! Um fracasso! Não dava nada

certo ao sol. A coruja pálida, albina, era quase cega exposta à luz.

Corujak amava a lua; o sol nem tanto.

Várias companheiras perdiam a vida nos dias claros e iluminados. Voavam em direção à morte, espatifando-se nos vidros dos carros em movimento. Aos seus olhos grandes e arregalados nenhum inseto, nenhum mamífero pequeno escapava. Era uma presa certa, refeição garantida ao luar.

Modernamente os membros das famílias reais também dão duro: trabalham e estudam. Não dá para ficar vivendo só de realza. Corujak caçava sua própria comida.

Corujak precisava ficar esperta para não virar alimento de seus predadores.

Certa vez, num final de tarde, a corujinha albina, repousava no galho seco de uma árvore morta, quando um gavião ligeiro, alçou Corujak céu acima.

Não deu nem tempo de entender a situação fatídica e a corujinha despencou sobre a linda plantação de girassóis. Todas as flores voltadas para o sol. A lavoura de grãos parecia um tapete verde-amarelo estampado.

Corujak teve sorte dessa vez, pois a ave de rapina era um gavião adolescente e desajeitado, tentava sua primeira caçada solo.

Mal teve tempo de sentir o chão e Corujak voou rápido, fugindo de uma cobra voadora oportunista, que estava à espreita.

Na floresta, quem não caça é caçado. Uma vida vive sempre a expensas de outra vida.

Acentuou-se o complexo de inferioridade na corujinha albina, que não foi eficiente na fuga nem na bruxaria e quase virou petisco de gavião.

No colo materno real, Corujak desabafou melancolicamente:

– Mãe, estou com muito medo de voltar sozinha à floresta, não consigo me defender, quase fui devorada!

O pai corujão surgiu de repente. Aquele que quase não comparecia, fez o interdito:

– Pare de manha, pentelha, e vai achar o que fazer, deixe sua mãe em paz.

A mãe coruja continuava animando a filha:

– Querida, você é linda, mas as suas penas claras não ajudam na camuflagem. Por isso, deve ficar mais atenta. Aceitar e aprender a lidar com as suas diferenças e fortalecer os seus pontos fortes. Tenho certeza de que irá superar todas as suas dificuldades.

– Crescer dói! – continuou a sábia mãe –, porém pode ser muito bom e prazeroso. Não acho que ser albina seja um defeito. Se assim fosse, posso dizer que são os defeitos que nos identificam. Nossa felicidade depende muito de quem escolhemos para voar ao nosso lado, escolha bem seus amigos.

A corujinha albina soluçou e adormeceu no conforto do regaço maternal, aquecido por penas rajadas, típicas das corujas. Corujak, ainda jovem, tinha muito o que aprender na vida.

De certo, seus pais a amavam. Porém, o mais importante é que Corujak se sentisse amada por eles.

Recuperada do incidente, a coruja albina voltou a caçar. Seus poderes mágicos vinham de seu olhar quente e fulminante que era fortalecido à medida que sua confiança aumentava.

De quando em vez, a corujinha calculava mal seus poderes e se atrapalhava muito. Seus grandes olhos produziam um feixe de luz em forma de cone.

Às vezes, a energia era tão forte, que a comida passava do ponto; então comia carvãozinho de rato. Coisa de aprendiz de feiticeira, nada que uma recuperação e um bom reforço não corrigissem.

Um dia, no baile de debutante de sua prima, a coruja albina chamou a atenção do príncipe das corujas negras. Espécie rara e ameaçada de extinção.

O príncipe cor de ébano notou Corujak e se encantou por ela. Logo formaram um lindo casal em preto e branco. Exótico, como nunca o reino das corujas mágicas tivera visto.

Dançaram juntos de asinhas coladas a noite inteira, parecia um treino para o voo nupcial.

A corujinha sentiu-se amada como nunca, um amor diferente, que até incomodava de tão forte.

A sua cor, que parecia defeito, identificava-a como a mais bela jovem da festa. Seu pai ausente, porque era um workaholic e só pensava em trabalho, finalmente aproximou-se e manifestou seu afeto e aprovação:

– Filha, que você, a coruja-bruxa do reino das fadas, e o príncipe do reino das corujas negras sejam eternamente felizes, enquanto durar o amor e o respeito entre o casal.

E foi assim que aconteceu...

LUCA, O MENINO ENVIESADO

Luca tem 7 anos, está em fase de grandes mudanças; trocando os dentes, mudando de escola para outro bairro, alargando seu mundo.

Também está trocando de material escolar, de professora e de uniforme, aprendendo a ler, contar, conhecendo novos amigos e mudando principalmente ideias, ampliando seu conhecimento, que provavelmente seguirá construído por toda a vida, até que...

Aprendem-se diariamente coisas novas que não dá para devolver à ignorância.

A professora Beatriz explicou que o conhecimento não tem retorno, pulamos de grau em grau, numa subida incessante, que nos faz crescer sem limites.

Neste novo ano, o transporte escolar do lindo menino também será outro, será um coletivo, uma van. Compartilhará o veículo e o tempo com seus colegas, mais ainda: a atenção do Sr Jaime, o condutor da van.

O caminho do menino enviesado será longo, movimentado, cheio de curvas, pontes e túneis com desafios instigantes. Luca deverá ser bem orientado, para não seguir atalhos duvidosos.

Tão pouco tempo e muita mudança na vida do pequeno estudante.

Luca tem uma bela cabeleira clara e um par de olhos castanhos. Seu olhar muito vivo, espreita o mundo e as pessoas com curiosidade sagaz.

Ele tem um irmão mais novo, o Enzo, que é parecido com sua mãe. Tem olhos azuis e cabelos loiros. Como todos dizem, Enzo é a cara da mãe, lindo! Pela semelhança, ele acredita que sua mãe prefere o irmão caçula. Luca vive refletindo, ruminando pensamentos secretos, que às vezes lhe escapam.

— Certeza que ela gosta mais dele. Olha só, são quase iguais! Será que um dia minha mãe sonhou comigo? Ela nunca me contou seus sonhos.

— Mãe, porque você fez isso comigo?

— Luca, meu filho, você é lindo e inteligente. Mais importante do que a cor dos olhos é o que eles nos comunicam e como é esse olhar.

São Paulo é uma cidade muito grande, foi povoada por gente vinda de diferentes partes do mundo. Os imigrantes trouxeram seus genes, sua língua, suas crenças, suas tradições, modos de vestir, comer, suas esperanças e sua forma particular de estar e pensar o mundo.

Essas pessoas que buscavam um lugar melhor para viver, traziam na bagagem, também, os seus nomes de família, seus passaportes com foto e dados pessoais. O passaporte é o documento mais importante para sair e entrar num país quando se viaja.

Os avós de Jovana vieram da longínqua Itália para o Brasil, logo depois da Segunda Guerra Mundial. Tempos difíceis!

Por capricho da natureza, Enzo se parece realmente com Jovana, uma linda e jovem mãe, que tem uma preocupação enorme em acertar na educação dos dois filhos. Mas deu para perceber que ela está com problemas.

Jovana precisará aprender a lidar com o ciúme dos filhos, com as qualidades e dificuldades de cada um e ajudá-los a desenvolver seus talentos. Isso não será nada fácil. Porém, a cuidadosa mãe já procurou ajuda profissional de uma terapeuta. É uma pena que nem todos possam usufruir as coisas boas da vida.

Luca havia completado três anos quando Enzo nasceu.

Ficou muito curioso com as boas notícias sobre o intruso, vindas do hospital, mas não disse uma palavra, estava mudo.

Queria entender a nova situação, o estranhamento era de fazer calar.

Ele ficou na casa da avó, enquanto sua mãe foi “ganhar nenê”. Era o que lhe diziam agora, para justificar a ausência da mãe.

Por que ela quis outro menino — pensaria Luca —, e eu?

Dias depois, Luca percebeu que Enzo, o novo hóspede, veio mesmo para ficar. Ficar também com uma boa parte de tudo o que sempre fora dele: a mãe, o pai, as avós, as tias, a sua babá, e até o seu pediatra! A atenção e o tempo de todos agora era compartilhado com um aparente e inofensivo bebê.

— Luca, você ganhou um irmãozinho!” Essa era a frase irônica mais ouvida naquela casa, desde que Enzo chegou enrolado, como um pacotinho, da maternidade.

– Um presente de Deus! – diziam os mais comovidos, olhando o anjinho.

Todos consideravam um grande acontecimento na família Dacol, a chegada do novo herdeiro.

E que herdeiro! A partilha já começava a se fazer, percebia o lesado Luca.

Esse primogênito reinou tranquilo, durante três maravilhosos anos. Agora seriam dois eleitos dos amores dos pais. Não só dos afetos, mas também dos desafetos: da casa, do carro, do último pedaço da pizza, do bolo e de tudo o que de mais gostoso houvesse disponível para a divisão igualitária. Instalara-se a social-democracia no lar dos Dacol. Claro que os conceitos religiosos, políticos e ecologicamente corretos viriam logo depois. Tais ideias e ideais penetram de viés na educação de Luca e Enzo, pulverizando-os de todas as boas sementes filosóficas.

Certo dia, Luca chegou murcho da escola, com o olhar mais atravessado do que nunca e chorando, um pranto chorado de muita dor e desabafou para a mãe:

– Foi durante uma atividade artística, que estava ficando divertida, que senti um grande vexame. Pintamos o cabide do material escolar, depois escrevemos o nosso nome. Aí foi mal, alguns davam uma risadinha maldosa e fiquei vermelho de raiva. O nome de quase todos os meus colegas da escola termina com a letra “o”: Marcelo, Pedro, Fábio, Arnaldo, João. Só o meu nome termina com a letra “a”, como o nome das meninas. Achei superestranho e fiquei com vergonha de parecer menininha. Dona Vilma, a professora, deu uma bronca na turma. Alguns ficaram vermelhos de vergonha, outros nem tanto.

– É preciso ter ética para corar! – gritou a professora.

– Depois a professora foi legal, explicou, explicou o porquê da gente falar desse jeito e continuou:

– Nós somos falantes da língua portuguesa porque moramos no Brasil, um país colonizado pelo povo português. Na língua portuguesa usamos o artigo “o” para indicar o gênero masculino e o artigo “a” para o gênero feminino. Em outras línguas isso pode ser diferente, ter outras maneiras para designar o gênero. O povo lusitano é voltado para o mar, eles eram grandes navegadores. Os países de língua portuguesa são banhados pelo mar. Por isso “da língua portuguesa vê-se o mar”¹. Todo país falante da língua portuguesa está em frente ao mar. Isso é curioso e lindo, não acha, Luca? A língua é um conjunto dos elementos que constituem a linguagem falada ou escrita peculiar a uma coletividade. Luca é nome de origem italiana, e fique sabendo, garoto, que acho seu nome muito bonito e bem masculino.

Parece que essa explicação não foi suficiente, o guri saiu de cara fechada. Ele ainda precisava recolher muitos esclarecimentos; menino esperto como Luca, não se convence com pouco.

Queria a verdade tirada de viés; falou com a vovó, como se nada tivesse acontecido, contando a história por um outro começo.

Luca, como toda criança, é naturalmente curioso, e curioso deve continuar pela vida inteira se nenhum adulto privá-lo dessa tendência inata.

Jovana era questionada o tempo todo, como se a jovem mãe fosse um banco de dados, atualizado diariamente pelo Google.

– Mãe, por que você quis outro menino? Não estava satisfeita só comigo?

– Ainda bem que é um menino, pelo menos ele vai jogar bola e brincar com você.

¹ Escritor português, Virgílio Ferreira escreveu: “Da minha língua vê-se o mar (...)” Por isso a voz do mar/ Foi a nossa inquietação.

– Não reclama, não, Luca, seu irmão vai crescer e certamente será seu melhor amigo. Vai demorar só um pouquinho, criança cresce rápido. Logo, logo, vocês estarão no clube e no campo, torcendo pelo mesmo time. Além do mais, Luca, precisarei muito da sua ajuda para cuidar bem do Enzo, assim ele crescerá sadio, forte e inteligente como você.

Luca não ficou muito encantado com a ideia e coçou a cabeça num gesto de dúvida.

– Ele vai ficar todo dia aqui em casa?

– Claro, é aqui que ele vai morar, conosco!

– Isso não vai dar certo... – respirou Luca, num desabafo disfarçado.

– Esta casa é pequena demais para nós dois; até o Linguíça pegou seu osso e mudou-se para casa da outra avó. Sabia que a coisa ia complicar...

– Compreenda, Luca, para mim a situação também não é nada fácil, pulo miudinho para dar conta das tarefas de mulher, de mãe, e da casa. Preciso ser muito inventiva para dar conta dos problemas do cotidiano, me aparece cada uma! “O sapo não pula por boniteza, ele pula por precisão!”²

– Dane-se, eu não pedi para nascer!

² Guimarães Rosa, nosso grande escritor e médico escreveu: “O sapo não pula por boniteza, ele pula por precisão”.

ARISTIDES CASTELO HANSSEN

A VELHINHA, O VELHINHO E O PRESUNTO

Esta é uma história que minha mãe contava:

Era um casal de velhinhos, muito velhinhos e muito pobrezinhos que morava numa casinha velha, em uma estrada de terra onde não passava carro e raramente passava uma pessoa. Certa tarde, quando o marido tinha ido à vila para ver se encontrava um trabalho, para ganhar um dinheiro, a velhinha estava sentada em um banco, junto à porta, pensando na vida. Nisso, ela viu um velhinho, mais velhinho ainda, que vinha pela estrada. Tinha a roupa cheia de rasgos, e vinha manquitolando, quase se arrastando. Dava para ver que estava muito cansado, e talvez estivesse machucado ou doente. Parou em frente da velhinha e falou: “Minha senhora, eu estou muito cansado. Posso sentar um bocadinho junto da senhora?”

– Claro, meu senhor – respondeu a velhinha. – Pode sentar, fique à vontade.

Ele sentou-se, e, por alguns minutos, os dois ficaram calados. De repente, o esfarrapado falou:

– Minha senhora, eu estou com sede. A senhora pode me arrumar um pouquinho de água?

Do lado da casa tinha um poço. A velhinha tirou um balde de água, colocou em uma caneca feita de lata de azeite e deu pro velho. Eram pobres, mas água não faltava. Quem não sabe o que é água de poço, que não vem da torneira, mas do fundo do chão, não sabe o que é água boa. O esfarrapado entornou tudo na boca, molhou a barba e a roupa, satisfeito como se tivesse saboreando a melhor das bebidas. Dava gosto ver a cara do coitado, de tão feliz!

Depois de meia hora, o mendigo voltou a falar: 6 Minha senhora, eu estou com fome, faz três dias que não como. A senhora tem alguma coisa que eu possa mastigar?

Na casa só tinha dois pãezinhos velhos, que ela estava guardando para quando o marido chegasse. Mas viu que o mendigo estava precisando mais, e deu um para ele. O coitado devorou, como se estivesse provando a melhor comida do mundo.

Depois de comer o mendigo se levantou para ir embora. Estava bem disposto e feliz, nem parecia aquele pobre emolambado que tinha chegado. Despediu-se e falou: 6 Vou contar um segredo para a senhora. Eu sou Jesus Cristo. Estou andando por aqui para ver se as pessoas aprenderam a minha lição. Estava muito triste, porque ninguém aprendeu, mas a senhora me deixou feliz. Agora eu sei que existe gente boa no mundo.

A velhinha nem conseguiu falar nada, e Jesus continuou:

Por isso vou conceder uma graça para a senhora. Os três primeiros pedidos da senhora serão atendidos.

Já era noite, e a velhinha tinha de preparar a janta. O pãozinho que tinha sobrado era pouco, talvez o marido chegasse com muita fome. Só tinha um pouquinho de fubá e um pouquinho de sal. Ela começou a preparar um angu bem ralo. Ela já tinha esquecido de tudo que se passou. Enquanto mexia o angu ia pensando:

– Ah, se tivesse um presunto!

Quando olhou para a mesa, lá estava um grande e apetitoso presunto.

Nisso, o velho vinha chegando, muito irritado por não ter conseguido nada. Resmungava, xingava, pisava duro, como se quisesse castigar o chão por sua falta de sorte. Olhou para a mesa e viu o presuntão. – Uai, veia, onde você arrumou isso?

Pacientemente, ela foi contando o que aconteceu. Quanto mais falava, mais o velho xingava. – Mas você dá atenção pra um

vagabundo que passa? Mas você ainda foi puxar água? Só tinha dois pãezinhos e você deu um?

Quando ela termimou, o velho estourou:

– Oh, veia burra! Podia pedir um carro, um palacete na cidade, muito dinheiro. Foi pedir uma porcaria de um presunto!

Começou a dar voltas pela cozinha, batendo na parede, jogando a louça, berrando. A velha, coitadinha, só chorava. Tinha até perdido o apetite. De repente, sem querer, pensou: – Seria bom que o presunto grudasse no nariz dele.

Não deu outra. O presunto ficou grudado no nariz do velho. Se vocês vissem, não conseguiriam segurar a risada. A velha puxava com força, o velho segurava nos móveis, caía com eles, mas o presunto não saía. Tentou cortar com a faca de cozinha, machucou o nariz do velho, e o presunto continuava grudado. Prensou o nariz dele na porta e puxou pra fora, quase arrancou o nariz, e nada. As coisas só voltaram ao normal quando ela pensou: – Seria bom que esse presunto desaparecesse.

Acabou a história. O casal continuou pobre e com fome, por causa da rabugice do velho.

Essa história deve ser de domínio público, ou muito antiga. Será que serve para o projeto? Eu tenho outras, que às vezes conto e as crianças gostam.

O problema não é para enviar. É para abrir novo arquivo em Word Pad. Do jeito que as coisas estão, ele só aceita arquivo chamado “Text”, uma coisa que ele inventou. Será que Jesus, se aparecer e ganhar um pãozinho, resolve?

O CONDUTOR

Pablo Baejo, cidadão de Diosnoslibre, uma republiqueta qualquer, certa noite, quando não conseguia dormir, pela

comilância ou comilança e beberância ou beberança da véspera, viu surgir na penumbra do quarto um vulto que falou: “Em vez de te emborrachar-se como um porco, devias conduzir esse pobre povo rumo ao futuro que ele merece. Do contrário, do que adianta leres tanto?”.

De fato ele devorava quantos livros lhe caíam nas mãos. Crente que a aparição fosse um anjo do Senhor, obedeceu. Percorreu o país em todos os quadrantes, falando ao povo de tudo que havia aprendido nos livros. Mas ninguém o seguia. Não tinha o condão de condutor de massas.

Foi preso, julgado como agitador e condenado à morte. Na tentativa de se tornar um país do Primeiro Mundo, Diosnoslibre havia extinguido a pena por fuzilamento, força e garrote vil, e importado uma cadeira elétrica dos EUA. Pablo Badejo foi levado a ela. Acionada a chave, todos viram, com assombro, que o condenado continuava vivo e são. Diante do fracasso, desistiram do primeiro mundismo e voltaram à força. O pobre condutor de massas morreu de forma primitiva. Por que ele não recebeu a descarga elétrica? Por que era um mau condutor.

HOMERO CONDORERO

Homero Condorero teve meningite aos três anos, sarampo mal-curado aos três e meio, catapora e caxumba nos meses que se seguiram. Seu pai, Paco Comdorero, era anarquista, e não se limitava a não acreditar em Deus. Tinha raiva dele. Se Deus aparecesse qualquer dia nas bodegas em que ele passava o tempo consertando o mundo e tomando vinho barato, certamente o valente anarquista lhe passaria o facão. Mas dona Mercedes, a esposa, fez, escondida, um responso para a Virgem dos Penedos, padroeira da República de Diosnoslibre, e o menino sarou e cresceu um bonito moleque.

Esta história se passa em Paso de las Caramba, cidade da citada

e incrível República de Diosnoslibre. E o menino mirradinho, criado a pão velho e vinho barato, teve papel importante na História do seu país.

Sarou da meningite, do sarampo mal-curado, da catapora e da caxumba, de um coice de cavalo aos cinco anos e do atropelamento de um caminhão, que sofreu aos doze anos. Mas não se livrou de uma doença pior: aos 18 anos virou poeta. Primeiro por amor, depois por desamor, um pouco por herança do anarquismo do seu pai, um pouco por uma crise religiosa que durou menos que o sarampo, a catapora e a caxumba. Mais tarde, por não ter outra coisa a que se dedicar, e por que a mãe religiosa, o pai ateu, os vizinhos desocupados e o padre da cidade gostaram das diversas fases da sua poesia. Apenas as meninas, infelizmente, não se entusiasmaram por sua fase romântica. Não se casou.

Aos 20 anos, despediu-se dos pais e passou a percorrer o país, que não é muito grande. Esteve em Caravaca, capital do país, onde declamava poemas em praças, bodegas, escolas e porta das poucas fábricas existentes. Começou a cantar a beleza da mulher diosnoslibrense, a beleza das montanhas do país, coisas assim. As pessoas atiravam moedas em seu chapéu, e ele ia vivendo sem luxo, mas sem problemas. Um dia, com saudade do pai, lembrou-se de seus discursos à porta das bodegas, e fez um poema inspirado neles. A republiqueta passava por um momento de crise, como sempre, e ele foi aplaudido efusivamente por uma multidão de desempregados. Não lhe atiraram moedas por que não tinham, mas o levaram a um grupo de estudantes que, entre uma Coca-cola e uma mastigada em folha de coca, se diziam revolucionários. E, mesmo sem ter concluído o curso básico, passou a frequentar as poucas faculdades do país, que fabricavam anualmente centenas de bacharéis. Passou a ser citado em jornalecos críticos, e logo tornou-se um líder popular. Ganhou dinheiro.

Diosnoslibre havia passado por uma curta monarquia, por várias ditaduras de esquerda ou de direita, ou das duas coisas

ao mesmo tempo, e preparava-se para as primeiras eleições democráticas da sua História. Partidos políticos brotavam em lanchonetes, campi universitários e saunas. Os estudantes amigos de Homero também fundaram o seu, e tinham que lançar uma candidatura à Presidência da República. A escolha caiu em Homero Condorero, naquelas alturas cognominado de “poeta dos humilhados”. Ele aceitou, não custava continuar andando de praça em praça, não mais recitando poesias, mas pedindo votos. Havia quem financiasse, dinheiro agora sobrava. Foi uma farra!

Eram festas, churrasco, cerveja, coquetéis e cantoria. Ah, se seo Paco Condorero estivesse vivo!

Concorreram dezenove candidatos. Dois ou três eram políticos, já haviam participado de outras eleições, ocupado cargos públicos, e, pela voz do povo, se fartado de roubar. Se voz do povo é voz de Deus...

Feita a eleição, apurados os votos, 47% dos votos eram nulos, e, dos votos válidos, uma pequena maioria era a favor de Homero Condorero.

Seus eleitores fizeram a festança, regada a cerveja e uísque, quebra-quebra, rojões e tiros de garrucha, alguns em cima de adeptos de outros candidatos. De madrugada, cheios de fervor cívico e álcool, notaram que o presidente eleito havia desaparecido. Não apareceu mais, no dia da diplomação e da posse. Atravessou a cordilheira, foi parar no Pacífico, embarcou como clandestino em um navio, e foi desembarcar no porto de Santos, no longínquo Brasil. Dizem que virou camêlo.

O MACACO QUE PERDEU O RABO

O macaco andava pelo mato, macaqueando, como sempre, mexendo com um passarinho que voava baixo ou com um tatu que botava a cabeça pra fora do buraco. De repente...

- Ai, meu raaaaabooooo!

Ele tinha prendido a cauda numa armadilha que os caçadores tinham armado para apanhar bichos distraídos, que depois iriam para uma jaula ou para o bucho do caçador, conforme fosse a espécie da caça. O pobre macaco tentou desarmar a armadilha com as mãos, mas não conseguiu. Tentou sair pela força, puxou, puxou, até que escapou. Mas seu belo rabo ficou preso. E agora? Além da dor, vocês devem imaginar a falta que o rabo faz para o macaco. Ele é uma quinta mão, serve para agarrar tudo, principalmente os galhos das árvores quando ele quer se balançar. Os macacos, coitados, não tem parquinho para se divertir, como as crianças. Além disso, no reino macacal é uma vergonha não ter rabo.

Mas macaco é macaco, não é bicho-preguiça, pra ficar jururu nos troncos de árvore. Depois de passar umas folhas medicinais no toco de rabo, quando a dor passou ele já estava esperto, e começou a pensar:

O bicho homem não tem rabo
mas é um bicho inteligente,
nem por isso fica “brabo”
nem com a cabeça quente.

Depois de muito matutar, em verso, como fazem os bichos das boas historinhas, ele começou a agir, como fazem as pessoas sabidas. Roubou num quintal uma calça, em outro uma cueca, camisa, paletó, sapatos, meias, gravata e chapéu, e ficou parecendo um importante cidadão. E lá se foi para a cidade mais próxima.

Chegando à cidade, foi procurar emprego. Procurou nas fábricas, lojas, bancos, escritórios, mas não conseguiu, não sabia ler. Mas dona Margarida precisava de alguém para tomar conta da casa quando saía, e ele, mentiroso, disse que sabia fazer tudo. Ficou com o emprego.

No dia seguinte dona Margarida explicou tudo direitinho:

- Você coloca água na panela de pressão, acende o fogo no

fogão, coloca a panela em cima do fogo, coloca aquela carne na panela, fecha a panela, e vai engraxar os sapatos do meu marido. Depois de meia hora vê se a carne está mole, e quando estiver pode apagar o fogo e descansar.

O macaco estava pensando no rabo, nas brincadeiras, no mato e nos bichos, e não prestou atenção. Quando dona Margarida voltou, ele falou, sem graça:

- Patroa, a carne já está engraxada. Mas os sapatos do seu marido estão no fogo há mais de quatro horas, e não amolecem.

POETA PARDALEIRO

Sou poeta pardaleiro,
viramundo, virabosta,
viro cantor pra quem gosta
do meu piar corriqueiro.

Passarinho, passarei,
sem dor por não ser condor,
por cima de qualquer dor,
do jeito que só eu sei.

Quem dá aquilo que tem,
coisa muita ou coisa pouca
mesmo que não encha a boca,
não deve nada a ninguém.

O condor voa mais alto,
ele já mora nos picos,
Eu, com pulinhos nanicos
chego tarde mas não falto.

Quem gostar do meu gorjeio
não deixe de me chamar,
onde houver como piar
eu estou sempre no meio.

Quanto custa o meu piado?
É barato, um cafezinho,
em troca um outro versinho,
ou aplauso acalorado.

Gorjear é meu assunto,
não faço nenhum favor,
mas quem preferir condor,
vai ter que procurar muito.

AURA GOLD

MEUS CONTOS PREFERIDOS

Gosto muito de fazer contos porque o uso de palavras suficientes para contar uma pequena história, um fato acontecido ou mesmo fictício não cansa o leitor. A reprodução de ideias muito elaboradas, de descrição de paisagens, enredos misteriosos, podem prender a atenção por um determinado tempo, mas nos dias atuais, em que todos se ocupam com diversas atividades e a mídia e meios alternativos de conhecimento fornecem vasto material, condensado em uma síntese que não demora mais do que alguns minutos para acessar, tornam os livros de muitas páginas obsoletos e de difícil aquisição por causa do custo desses. Assim, resolvi me dedicar um pouco mais aos contos, que resumem uma longa história, de modo interessante. Selecionei alguns que fazem parte da segunda parte de minha obra "Sementes de Amor". Um olhar mais acurado do leitor o fará observar que existe entre um conto e outro uma sequência. Na verdade, a intenção é mostrar as subseqüentes "vidas" ou reencarnações da mesma personagem que aparece em cada conto com um nome símbolo diferente do outro. Espero que leiam e que gostem.

O COMEÇO

Numa época remota, quando os seres que neste Planeta viviam ainda eram puros de corpo e alma, podiam então voitar suavemente por toda a esfera terrestre, de acordo com sua vontade. Diana começou sua jornada como sacerdotisa, vinda de seu planeta de origem Orion. Vivia em plena harmonia com a

natureza e seus elementos e tinha a missão de orientar os rituais sagrados de uma Comunidade Atlante. Porte esguio, rosto afilado ornado por imensos olhos de cor violeta e longos cabelos de um dourado brilhante que desciam ondulados e leves até as pernas bem torneadas. A boca rosada mantinha um constante sorriso de alegria e amor que distribuía entre as pessoas com quem convivia. Era amada e respeitada por sua índole dócil e por seus conselhos, que doava a todos na intenção de servir ao Criador. Estava sempre vestida com longas batas diáfanas nas cores dos sete raios.

As pessoas eram boas e alegres e todas participavam regularmente dos rituais de Adoração ao Pai com a melhor boa vontade, pois sabiam que isso lhes angariava as graças do Alto para o seu dia a dia nesse novo Planeta. Todos eram, de alguma forma, exilados de seus planetas de origem. Alguns por não terem correspondido à Essência de vida ali reinante, outros em missão de ajuda e apoio aos que tiveram que viver na Atlântida, conhecida como um continente invadido pelas águas. Diana trazia consigo os Conhecimentos milenares adquiridos em seu planeta, sobre medicina natural, prolongamento da vida e da juventude, já que ainda não proliferavam as doenças hoje disseminadas pela desqualificação de Consciência Humana. A Sabedoria e o Poder Divino faziam parte de sua personalidade e nada se fazia sem uma prévia consulta à Sacerdotisa Diana. Assim é que se desenvolveu também uma grande responsabilidade pelas vidas das pessoas e Diana procurava cumprir naturalmente sua tarefa.

Aquela era apenas uma parte do grande Continente Atlante e assim começaram a chegar de outras partes, outras cidades, pessoas à procura de cura, de harmonização e com elas chegaram também alguns Seres Interplanetários recentemente exilados de outras esferas Galácticas, cujas intenções eram maléficas para o povo. Os Portais do Planeta Terra ainda estavam abertos para todos e foi aproveitando-se desse fato que eles aqui aportaram para realizar experiências genéticas, pois em seus Planetas eles eram experientes cientistas, já possuíam o dom do discernimento e queriam aplicar

seus conhecimentos científicos em Seres Humanos.

Inadvertidamente, Diana, embora soubesse tudo a respeito deles, nada fez para evitar sua atuação na esperança de que trouxessem algum benefício a mais para o povo. Foi o seu maior erro. Simultaneamente, as forças da natureza comandadas pelos Irmãos da Vida Maior resolveram dar um fim a essas atrocidades, provocando a grande catástrofe que foi o Dilúvio.

Nada sobrou da incipiente Humanidade. O erro foi extirpado da Terra pelas águas.

Muitos retornaram ao seu Planeta, pois já haviam cumprido sua missão. Diana teve um breve intervalo de tempo em Alpha Centaurus para reconstruir suas Energias, mas por livre opção voltou à Terra em reparação por sua negligência ainda pueril. Pediu ao Conselho dos Senhores para voltar como uma CIGANA.

A CIGANA

Num acampamento cigano, Arnah expandia sua força e beleza ajudando com seu trabalho na sobrevivência de todo o grupo. Lia a sorte das pessoas, dançava e era muito festiva e alegre. O que realmente atrapalhava toda essa manifestação de vitalidade da cigana era seu marido. Eram ambos jovens, em torno de 20 a 25 anos, belos morenos de olhos verdes, dentes perolados e corpos esbeltos e saudáveis. Tinham todos os requisitos para serem felizes juntos, mas Khevir era impetuoso e, na força do sentimento pelo qual se deixava dominar, acabava maltratando a companheira. Depois pedia perdão e, como eram apaixonados, tudo se ajeitava.

O tempo passava célere, a vida no acampamento não era nada fácil, estavam sempre sujeitos às condições climáticas e muitas vezes tiveram que se mudar por causa das tempestades, do frio e neve que os castigava. O povo cigano oriental, no entanto, era bastante abnegado e não reclamava dos sacrifícios. Quando tinham bens, moedas, comida farta, dançavam, bebiam e riam, auxiliando-se mutuamente.

Arnah era muito amada por todos, mas sempre encontrava fora do clã um homem que lhe oferecia algo em troca de favores, mal sabendo que o código moral entre os ciganos é extremamente rigoroso. Seu jeito nômade, sua cabeleira negra e os lindos olhos tornavam-na fascinante e misteriosa aos olhos dos homens que queriam a todo custo conquistá-la. A época era a Idade Média, quando a força física e o poder eram o passaporte para as conquistas. Arnah sempre conseguia escapar ilesa das perseguições, mas precisava de dinheiro para sobreviver. Khevir, numa de suas crises de ciúmes, machucou-a muito e ela, não tolerando mais a situação, tendo por natureza um espírito libertário, resolveu fugir do acampamento sem deixar pistas. O cigano quase enlouqueceu. Procurou-a por toda a parte, região campestre, cidades próximas ao acampamento, tudo sem sucesso. Começou então a beber demais, a brigar sem motivo com as pessoas. Era bélico por natureza e, assim, numa dessas brigas homéricas, foi esfaqueado no peito até que, esvaindo-se em sangue, nos últimos estertores de sua existência, chamou por aquela que sempre foi o amor de sua vida: Arnah...

Onde estaria naquele momento a cigana?

Quando cansada de tanto cerceamento à sua liberdade fugiu do acampamento, Arnah foi parar num lugar bem afastado, o que hoje poderíamos chamar de outro reino. Avistou de longe a torre de um castelo encravado na imensa colina verdejante, rodeado pela canalização do rio que rasgava a pradaria. Aquela era uma proteção bem conhecida e utilizada pelos proprietários que se asseguravam contra ataques de malfeitores e inimigos.

Estava extenuada, rota, faminta, pois a provisão que levava consigo havia se esgotado. Defronte ao canal, desmaiou exaurida em sua resistência e foi então recolhida por serviçais do castelo que lhe deram guarida. Voltou a si refeita. Era uma mulher jovem e forte e logo fez amizade com os criados que a acolheram. Alimentou-se, contou sem muitos detalhes sua jornada, e foi admitida como

mais uma criada da casa. Sabia fazer de tudo um pouco, mas sua especialidade eram os doces. Ela aprendera essa arte com sua tribo oriental e costumava vender os doces em praças públicas. Não conhecia ainda os donos do castelo, nobres senhores feudais. A cozinheira Laudhi, intercedeu em seu favor e ela foi contratada para trabalhar. Arnah gostava muito de cantar enquanto fazia os doces. Era a primeira vez que podia manifestar a sua vontade sem críticas e retaliações. Tinha uma bela voz. O canto cigano voluptuoso e dolente ecoava assim pelas dependências do castelo, enchendo de ondas de energia aquele lugar obscuro pela vastidão.

Num dia, quando estava no jardim colhendo rosas para fazer um arranjo que seria colocado na mesa central de refeições, cantando e movimentando delicadamente as mãos num ensaio da dança cigana, apareceu um homem alto, cabelos longos e dourados, olhos de um azul-turquesa profundo e boa compleição atlética, fazendo lembrar os gladiadores. Olharam-se nos olhos azuis e verdes e sentiram que eram um. Ele sorriu deixando antever dentes alvos e regulares e ela correspondeu de imediato. Perguntou-lhe quem era ela e Arnah contou tudo, como se a ele tivesse o dever de nada ocultar. Raman ouvira a história sem interrompê-la e contou em seguida a sua própria, sem reservas. Era o senhor do castelo, havia chegado naquele instante de mais uma batalha e... Que surpresa! Era casado com Lyan, a senhora do castelo. Não tinham filhos, apesar de sete anos de união.

Entretidos em sua conversa, não ouviram o leve farfalhar da folhagem indicando a presença de Lyan. Era uma jovem muito bela, loura, olhos azuis, faces rosadas e um sorriso de criança. Chegou e abraçou com grande amor a Raman, que correspondeu já apresentando Arnah. Lyan sorriu e disse: "Ah, então é você a nova doceira da casa? Saiba, querido, que ela é uma perita, você vai adorar as guloseimas que ela faz." A cigana sorriu discretamente, agradeceu e pediu licença para entrar, já que havia muito trabalho a fazer. Ao afastar-se, voltou o olhar para trás e mais uma vez encontrou o azul do olhar que se fundiu ao verde do seu.

O que poderia ser o reencontro de almas gêmeas com uma responsabilidade de não ultrapassar os limites e assim vencer esta etapa, espiritualizando-se e evoluindo, tornou-se instantaneamente uma torrente irrefreável de paixão. O amor queria, exigia a concretização material das almas que já eram uma só e foi inevitável. Amavam-se no campo, nas alas do castelo, na floresta, em qualquer lugar onde surgisse uma oportunidade de estarem juntos. Nesses momentos só existiam os dois. Esqueciam-se de Lyan e do resto do mundo...

Raman saíra para as lutas e Arnah, nesse meio tempo, aproximara-se muito de Lyan. Na verdade, tornaram-se inseparáveis amigas. Arnah percebeu o grande amor que ela sentia pelo esposo e a tristeza por não poder dar-lhe um herdeiro. Compreendia a situação, mas não queria abrir mão da parcela de felicidade que conseguira em sua vida, e quando Raman voltava, mesmo tendo prometido a si mesma afastar-se desse sentimento que consumia seu ser, não cumpria a promessa e tudo recomeçava com maior intensidade. Um dia, Raman não mais voltou e todos ficaram sabendo que ele fora ferido de morte nos campos de batalha. Lyan quase enlouqueceu de dor e Arnah, com o coração em frangalhos, pode assim mesmo perceber que sua capacidade de superação do sofrimento foi grande. Dedicou-se integralmente ao socorro desse coraçãozinho frágil e sensível da amiga, compartilhando com ela a imensa dor. Seria também uma forma de resgatar seu pecado. Eram confidentes, irmãs e começaram um grande trabalho de amparo aos serviçais e pessoas do campo que vinham em busca de alimento, pois os tempos eram difíceis. As crianças, filhas dos criados, eram sua grande alegria, sua família. Trabalharam muito, leram muito, ensinaram muito, viveram muito, mas Arnah procurou sempre preservar sua querida amiga do segredo que mantinha bem guardado em seu coração que era o "amor proibido" que vivera com Raman. Um dia Lyan chamou a amiga ao seu leito e, apoiando a cabeça no ombro de Arnah, soltou seu último suspiro, mansamente, evocando o nome do seu eterno amado Raman.

Mais uma vez sozinha, Arnah, já bem velhinha, continuava sendo respeitada pelos criados, pois era considerada a segunda senhora e benfeitora de todos.

Estando sentada em sua cadeira de balanço, numa bela e ensolarada tarde de outono, quando as folhas amareladas das árvores caíam mansamente anunciando o próximo inverno, Arnah olhou à sua frente e viu chegar Raman com uma rosa vermelha nas mãos. Oferecendo-a disse: "Vem, meu grande amor, há muito que a espero". Arnah sorriu, fechou os cansados olhos verdes embaciados pelo tempo e foi com Raman. Será que algum dia, em algum tempo futuro, Arnah voltaria a reencarnar com sua alma gêmea Raman?

BUSCA INTERIOR

Procurei-O nas águas do mar,
Procurei-O nas florestas, nos rios,
cachoeiras, nos campos verdejantes,
nas montanhas, nas flores, nos animais,
Procurei-O nos livros, nas religiões,
nas festas, nos enterros, nas palavras,
no olhar, no respirar.
Procurei-O na ciência, na Cosmose,
nos astros, nas estrelas, no sol.
Procurei-O nas pessoas, nos amigos,
nos parentes, nos estranhos, no som
Procurei-O, Procurei-O, Procurei-O
Por um tempo desisti, sofri.
A chama que ainda ardia em mim
Continuava a clamar pela Essência, pelo Todo.
De repente, a LUZ no fim do túnel, do abismo
Lá estava, resplandecente, glorioso
Estendendo-me a destra sorridente
Achei-O, enfim, pois estava em MIM.

BISMAEL B. DE MORAES**DO MEU TÍTULO DE MESTRADO NA USP****INTRODUÇÃO**

Para quem, como eu, nascera no interior de Pernambuco, nos canaviais de Catende e chegara a São Paulo, em 1950, antes de completar 15 anos, aquela manhã do dia 18 de dezembro de 1984, seria, como foi, o grande divisor de águas de uma vida 'nordestino-severina': a defesa de um título de pós-graduação em Direito na USP, na Sala da Congregação, no 1º andar da Faculdade do Largo de São Francisco, no centro da Capital Bandeirante. Depois de concluir o Curso de Bacharelado, em 1975, e aprovado no Concurso Público de 1976, para a Carreira de Delegado de Polícia, cumpro breve estágio como autoridade policial em alguns Municípios do Interior do Estado de São Paulo, bem como em plantões de Distritos Policiais da Capital, aqui, por cerca de sete anos.

Na Capital, inscrevi-me no Curso de Pós-Graduação 'Stricto Sensu', no Departamento de Direito Processual. Após submissão ao exame de proficiência, em inglês, traduzindo um texto de Direito Constitucional para o português, fui aprovado e iniciei o Mestrado, em 8/3/1978. Foi-me solicitado um *Plano de Trabalho* para pesquisa, e eu ousei fazer incursão no Processo Penal, para buscar cientificamente e escrever sobre um tema que, embora básico na sistemática processual penal brasileira, era, até certo ponto, desprezado por alguns juristas, quando não objeto de preconceito e chacota: "*O Inquérito Policial e seu Relatório em Polícia Judiciária*". Cumpridos os créditos das várias disciplinas, fui aprovado no Exame de Qualificação, em 30/6/1980, passando

a correr o prazo para a entrega do trabalho. E, em 11/10/1984, apresentei, para análise da Banca Examinadora e para os arquivos da Faculdade de Direito, 10 exemplares encadernados da minha dissertação, com o título acima, composta por 480 páginas datilografadas! (Nem precisava de tantas páginas, nem da pesquisa feita em mais de 100 obras, pois bastariam de 100 a 120 páginas sobre o tema proposto no Plano de Trabalho).

A Banca Examinadora foi composta por três Professores-Doutores: Rogério Lauria Tucci, livre-docente da Faculdade (e que viria a ser Professor Titular de Processo Penal, naquele Templo do Direito), como Presidente da Banca, e os membros Professora Henny Goulart, Doutora em Direito Penal, e Professor Sergio Marcos de Moraes Pitombo, Doutor em Processo Penal (e que seria, pouco tempo depois, Desembargador do TJSP). Na pequena sala de arguição, naquela manhã, eu fiquei sentado logo à frente dos membros da Banca, enquanto, nas cadeiras logo atrás de mim, ficaram algumas pessoas a quem eu não conhecia, mas, também, o Delegado Murillo de Macedo Pereira, “Dr. Murillão”, grande pesquisador sobre a rota das drogas no mundo e estudioso da História da Polícia, e, na última fileira, aos fundos, acompanhado de sua esposa Da. Cida, em idade avançada e mesmo adoentado, lá estava o Dr. Coriolano Nogueira Cobra (que hoje dá nome à Academia de Polícia, na Cidade Universitária), que já exercera, por duas vezes, o cargo de Delegado-Geral de Polícia de São Paulo, além de ser autor do livro clássico “Investigação Policial” (Edição Saraiva, SP). Aliás, o Dr. Cobra, denominado pela Revista ‘O Cruzeiro’, nos anos 1960, como “o Delegado de Ferro”, antes do início da minha arguição pelos Professores, dizendo-se feliz por ver um Delegado de Polícia defendendo um Título de Direito, pediu escusa, em razão de seu estado, caso saísse sem aguardar o final. Foi muito honrosa para mim, à época um Delegado de 4ª Classe, aquela assistência qualificada. E, ao término, lá ainda estavam o “Delegado de Ferro” e sua esposa!

Primeiramente, foi-me franqueada pela Banca uma exposição

do trabalho, pelo tempo de 30 a 40 minutos, para, em seguida, também por igual prazo, eu ser arguido pelos Professores sobre a *Dissertação* escrita. Ao término, foi solicitado que todos esviassem a sala, para que os Professores confabulassem sobre a nota. Em seguida, fui chamado à frente dos mestres, quando recebi o grau 90 (noventa) sobre *esse primeiro trabalho, em nível de pós-graduação na universidade brasileira, defendido sobre a Polícia!* Presentes estiveram, também, o Major PM Nelson Freire Terra, que, no futuro, como Coronel, seria Comandante da Academia de Polícia Militar do Barro Branco, e, ainda, o Prof. Dr. Cândido Rangel Dinamarco, livre-docente da Faculdade e Desembargador do TJSP, que me deu um cartão e aconselhou-me procurar, em seu nome, o Dr. Álvaro Malheiros, então Diretor da Editora Revista dos Tribunais, onde meu trabalho de Mestrado foi publicado como “*Direito e Polícia – Uma Introdução à Polícia Judiciária*”, em 1986 (já esgotado).

Do Plano de Trabalho

“O que nos encorajou a pensar neste trabalho, em nível de Pós-Graduação, na área de Direito Processual Penal, foi a estranheza que sentimos com o destaque costumeiramente dado, com espantosa frequência, apenas aos fatos policiais e seus desdobramentos, não se cuidando, com a mesma intensidade, de estudar e conhecer a *Polícia*. Intriga-nos que, de certo modo, não somente o cidadão comum, mas as próprias autoridades públicas, e mesmo alguns juristas, talvez até por eventuais lapsos das universidades, tenham uma visão desfocada da organização policial.

Ao lado de uma espécie de preconceito social e político, há, no que tange a tal instituição, também – o que aberrava ao Direito – certo preconceito jurídico, em relação aos seus atos, como se pudesse existir sociedade sem Polícia. Havendo essa ideia preconcebida, de sedimentação negativa, torna-se pouco atraente

às cabeças pensantes, com alguma exceção, fazer uma análise desapassionada, mas real, da importância histórica e sociológica deste serviço público imprescindível a qualquer forma de Estado em nosso Planeta.

Por essa razão, a Polícia tem sido tratada, amiúde, mais pelo seu lado patológico e panfletário, pouco lisonjeiro, do que pelo seu lado técnico e científico, dentro de suas reais finalidades. Tem até servido de trampolim para alguns, por inversões políticas, sendo usada, também, tanto pela situação como pela oposição, dependendo do lado que mais convenha a uma ou a outra. E o prejuízo será da sociedade.

Até que ponto todo esse preconceito sócio-político-jurídico em relação à Polícia, sedimentado aos poucos, quase que imperceptivelmente, atingindo inclusive a escola, não contribui para a formação deficiente de alguns dos seus integrantes (que são a média do todo social) e, em decorrência, para distorções no serviço policial e na segurança pública? Por que, nas escolas jurídicas brasileiras, ainda não foi criada, como ramo peculiar de estudo inserido na formação dos bacharéis, a cadeira de Direito Policial, quando de outras matérias menos abrangentes das necessidades sociais já o foram?

A Polícia Judiciária, que mais de perto diz respeito ao nosso trabalho, encontra-se em nosso ordenamento jurídico como instituição híbrida, dependente do Poder Executivo, mas destinada a auxiliar o Poder Judiciário, para a realização da justiça criminal. E, nesse particular, estão sob sua responsabilidade e competência a investigação das infrações penais, a descoberta dos seus autores e a colheita de provas, elementos estes que, contidos no Inquérito Policial, são indispensáveis para a denúncia do Ministério Público, ou a queixa do ofendido ou seu representante, e, conseqüentemente, para a sentença do Juiz de Direito, no processo penal.

Inicialmente, como introdução ao tema, procuramos tratar a

Polícia de forma genérica, conceituando-a. Logo após, a veremos em um resumo histórico desde a antiguidade. Em seguida, palmilharemos os seus limites na lei, quando estudando o Poder de Polícia. Depois, mostraremos, sinteticamente, a sua divisão nos dois grandes ramos – Polícia Administrativa (ou Preventiva) e Polícia Judiciária (ou de Investigação), inclusive, fazendo alguma incursão nos sistemas jurídicos de outros países. A seguir, daremos uma visão do que significa a autoridade policial. Em tudo, sempre que necessário, repassando os atos de competência da Polícia Judiciária, desde as Ordenações Portuguesas, passando pela legislação do Império, até os nossos dias, com o Código de Processo Penal e leis posteriores.

Em continuação, entraremos, especificamente, no estudo do Inquérito Policial – embrião do processo penal brasileiro –, analisando a sua origem, sua criação entre nós, bem como a sua importância e o seu valor para a justiça criminal, mostrando as peças que o compõem e os atos jurídicos que em seu bojo podem ser praticados. E, depois de falarmos sobre os atos formais do Inquérito, traremos observações referentes ao auto de prisão em flagrante, peça das mais sérias a cargo da Polícia Judiciária.

Por fim, falaremos do *Relatório* da autoridade policial, documento que sintetiza a apuração de uma infração penal dentro do Inquérito, procurando conceituá-lo e mostrar o seu conteúdo, tentando, ao mesmo tempo, dar contornos à sua natureza jurídica. Esta peça, de magna importância para o Inquérito Policial, de vez que o encerra, tem sido relegada a desprestígio inconcebível, embora sendo ato exigido pelo Código de Processo Penal. A sua elaboração cuidadosa e imparcial, trazendo à luz os elementos de que necessita o Estado para a realização da justiça criminal, somente dignifica a autoridade que o redigiu, engrandecendo, juridicamente, o procedimento policial, na esfera de sua competência.

Logo a seguir, reservamos um capítulo para o estudo, de forma

sinéctica, dos atos especificamente processuais praticados pela Polícia Judiciária. E, prosseguindo, ousamos uma pergunta: seriam ou não aplicáveis à Polícia Judiciária os Princípios Fundamentais do Processo Penal? E, para que vejamos o desfoque pelo qual são vistas as atividades policiais (por influência de vícios de toda a ordem), tocaremos no assunto em capítulo destinado à imagem da Polícia.

Finalmente, para conclusão do estudo, faremos uma síntese da importância da Polícia Judiciária, da imprescindibilidade do Inquérito Policial no processo penal brasileiro e da necessidade, urgente, da criação da Cadeira de Direito Policial nas escolas jurídicas do Brasil.

Em todo o trabalho, também, procuraremos trazer à tona, até com críticas contundentes, se e quando necessárias, possíveis falhas das atividades de Polícia Judiciária entre nós, tudo para a correção e melhoria, com a colaboração de todos."

ABOUT THE WRITTEN POLICE INQUIRY AND ITS REPORT

INTRODUCTION

What encouraged us to think of such a work, on a Post-Graduation level, in the field of Penal Process Law, was the strangeness we felt with the projection given, with astonishing frequency, only to the police facts themselves and their unfolding, not caring, with the same intensity, to study and know the Police as a whole. What makes us to wander, in a certain way, is the fact that not only the ordinary citizen, but also the public authorities themselves, and even some jurists, maybe due to eventual failures or faults of the Brazilian universities, have a blurred view of the Police organization.

Besides a certain kind of social and political prejudice, in

relation to such an institution, there is also – which is an evident absurdity according to the law – a certain juridical prejudice, in regard to its acts, as though a society without Police could exist. With such a preconceived idea, based on negative sedimentation, it becomes less attractive to the "thinking heads", with some exceptions, to make an unbiased, but real, analysis of the historical and sociological meaning of this public service, essential to any kind of State on our Planet.

Thus, Police have been treated, very often, more for their pathological and grotesque side, which is less pleasing, than for their technical and scientific side, according to their real purposes. Such an organization has even been used as a stairway or lever by some individuals, through political distortions, being used, either by the dominant political power or by the opposition, depending on the side they feel more convenient. And, in such a way, doing all that in detriment of the people.

To what point all that social, political and juridical prejudice, towards the Police, laid in, little by little, almost imperceptibly, reaching even the school, contributed to the defective upbringing of some of their members (who are the average of a social body as a whole) and, therefore, to distortions in the police services and in the public safety? Why was not a Cathedra of Police Law created in the Brazilian universities, yet, as a proper branch of study to be inserted for the degree of bachelors in juridical sciences, when we know that other subjects less comprising of the social needs have already been?

THE JUDICIAL POLICE

The Judicial Police, to which this work has been elaborated, stands in our judicial ordinance as a hybrid institution, depending on the Executive Power for existing, but assigned to help the Judiciary Power, for the criminal law enforcement. And, in this

particular matter, under its responsibility and competence are the criminal investigation, the detection of violators, and the search of evidence, subjects that, inserted in the *Written Police Inquiry*, are necessary for the *Public Attorney's* accusation or for the *suit of the plaintiff* or his (her) representative, and, consequently, for the *sentence* of the *Judge*, in the penal process.

Starting, as an introduction to the matter, we try to treat the police institution in its generic form, since way back. Following, we will see its borders in the law, when studying the Police Power. Afterwards, we will show, in short, its division in two big branches – *Administrative (or Preventive) Police* and *Judicial (or Investigative) Police*, as well as plunging in the judicial systems of other countries. Continuing, we will give a quick glance of the meaning of the police authority. In all, whenever necessary, reviewing the acts within the competency of the Judicial Police, since the Portuguese Ordinances, going through the Empire Legislations up to the present days, with the Penal Process Code and later laws.

In sequence, we will go, specifically, into the study of the *Written Police Inquiry* – embryo of the Brazilian Penal Process -, analysing its origin, its birth among us, as well as its importance and value for the Criminal Justice, showing the pieces that form it and the judicial acts that can be developed in it. And after talking about the formal acts of the *Written Police Inquiry*, we will make some observations referring to the act of arrest, that is, as legal procedure, one of the most important pieces assigned to the Judicial Police.

Finally, we will write about the *Police Authority's Report*, document that sums up the investigation of a penal violation within the *Written Police Inquiry*, trying to give its concept, and show its contents, and, at the same time, outline its judicial nature. Such a piece (Report), of utmost importance for the *Written Police Inquiry*, has been disregarded to an inconceivable discredit, although being

an act required by the Penal Process Code. Its careful and impartial elaboration, bringing to light the elements of evidence, will only dignify the authority who wrote it, exalting juridical the police proceedings, in the field of its competence.

Shortly after, we reserved a chapter for the study, in a synthetic form, about specifically acts of penal process developed by the Judicial Police. And going on, we dare to make a question: Would the Fundamental Principles of the Penal Process be or not applicable to the Judicial Police? And, for us to see how distorted police activities are seen (by all sorts of influences and vices), we will touch the subject in a chapter just reserved to the Police image.

Ending, for the conclusion of the study, we will make a synthesis of the importance of the *Judicial Police*, of the essentiality of the *Written Police Inquiry* in the Brazilian Penal Process Law, and of the urgent necessity of creating a Cathedra of Police Law in the school of Juridical Sciences in Brazil.

All over the work, we will also try to bring afloat, even with bruising criticism, when and if necessary, possible mistakes and/or vices of the Judicial Police activities among us, all for correction and improvement, with the collaboration of everybody."

Em tempo:

Esse trabalho de pesquisa, com 480 páginas datilografadas à época, para o Título de Mestrado na USP, possibilitou-me a edição de dois livros: *Polícia, governo e sociedade* (Editora Sonda, SP, 1985), sobre a imagem desconhecida da organização policial, e *Direito e Polícia – uma introdução à Polícia Judiciária* (Edição Revista dos Tribunais, SP, 1986).

Bismael B. Moraes é advogado, Mestre em Direito Processual pela USP, Delegado de Classe Especial, aposentado, professor universitário, foi Presidente da Associação dos Delegados de Polícia do Estado de S. Paulo, é escritor filiado à UBE, até agora com 19 livros publicados, e compositor popular, com registro na OMB; é, também, membro da UDEsp – União dos Delegados Espíritas, bem como da Academia de Ciências, Letras e Artes dos Delegados de Polícia e da Academia Guarulhense de Letras. E-mail: bismoraes@uol.com.br

CLARIMUNDO OLIVEIRA AGUIAR

BREVE RESENHA DA HISTÓRIA DO SOCIALISMO

A ideia do socialismo remonta à era de ouro da cultura grega.

Há mais de 2.500 anos, os filósofos gregos já discutiam a desigualdade social da sociedade grega, dividida em castas sociais e escravocratas, a preocupação deles era quanto à injustiça dos governos déspotas. O excesso de poder que emana dos governos sempre gera injustiças, medo e perseguições, o domínio sempre corrompe os governantes, conforme afirmação de Maquiavel.

A democracia sempre foi a mais incompreendida das organizações humanas, pois cada um enxerga a própria democracia de acordo com os seus interesses. Numa verdadeira democracia é importante observarem-se os interesses coletivos, pois a liberdade de um não pode, de forma alguma, usurpar a liberdade do outro.

A chamada igualdade social já teve várias conotações, entretanto, sempre de acordo com a ordem social da época, isto quer dizer, que a igualdade só acontece em determinados grupos e não para todos, o que também não seria possível já que cada grupo apresenta-se homogêneo e a sociedade é heterogênea.

O que poder tornar a sociedade menos heterogênea?

A Justiça! Sem dúvida alguma, somente ela pode tornar a sociedade mais homogênea. Um dos grandes baluartes da democracia é a Justiça, quando não corrupta, julgando os fatos sem antepor classe social ou poder. A Justiça é a única forma de igualar as classes sociais e promover a democracia (princípio da Igualdade).

É hipócrita e falso! Quando os governos déspotas declaram-se democráticos, afirmando que fazem socialismo, quando na verdade negam ao povo o mais importante do socialismo, que é a igualdade social.

Onde começa a igualdade social?

Na distribuição dos direitos dos cidadãos. Legando a todos as mesmas condições, não importando a sua condição social, Escolas e Hospitais não podem e não devem ter serviços diferenciados dos serviços pagos, pois assim negam o direito da igualdade. O luxo e a opulência é para quem quer ou pode pagar, porém, a mesma qualidade do serviço prestado deverá ser igual.

Como terminar com os preconceitos?

Se todos os homens são iguais, o preconceito é algo estúpido e deve ser amplamente condenado, os preconceitos são os principais fatores da desigualdade entre as pessoas de uma sociedade.

Como se geram: Quando uma sociedade começa a distinguir as diferenças sociais ou mesmo humanas, separando-as ou dando para aquela ou para outras melhores condições ou mesmo leis que a venham favorecer, estamos gerando um forte injustiça social e provocando distinção entre este ou aquele, todos devem ter as mesmas oportunidades e em condições iguais, pobres e ricos, de qualquer condição social, credo e etnia devem ter as mesmas chances, se não o fizerem: deve ser por vontade própria não por falta de oportunidade (princípio da Fraternidade).

Como organizar socialmente qualquer povo?

Se os dois princípios básicos, Igualdade e Fraternidade, estão sendo amplamente cumpridos, já podemos considerar uma sociedade justa e equilibrada, todavia nos falta ainda um princípio fundamental, o qual por si só, representa o esteio e o anseio de todos os homens, a condição de ser ele mesmo o realizador dos seus próprios sonhos, ou seja, nortear a sua vida como bem entender, só que o ato de ser livre leva a obrigações inerentes do direito de

ser livre. Contudo a liberdade não consiste no direito de poder-se fazer o que nos vem à telha, mas sim respeitar também o direito dos outros, ou seja: a minha liberdade confronta com a liberdade do meu vizinho. Mas resta-me a liberdade de ser e pensar e manifestar os meus pensamentos e ensejos.

O grande triunvirato da democracia está formado:

Liberdade, Igualdade e Fraternidade

Como instituir os princípios básicos da justiça, da moral e da ética, que formarão a liberdade, igualdade e Fraternidade?

Basicamente, toda e qualquer pessoa, sabe, mesmo sem ter muito conhecimento, que a resposta a todas essas perguntas está nos bancos escolares, porque então aceitamos as escolas que os governos nos impingem? Todos os países que empresaram o desenvolvimento começaram antes de tudo com a formação dos seus jovens.

O jovem que hoje começa o seu caminho de aprendizado levará no mínimo vinte anos para começar a empregar o que aprendeu; isto quer dizer: enquanto não começarmos o processo da educação da nossa juventude, a cada dia que perdemos, corresponde acrescentar mais vinte anos ao nosso atraso.

É prática normal, por parte dos partidos socialistas, a destruição da cultura, da história e da unidade patriótica, com a implantação do anarquismo. A destruição da cultura e dos princípios de qualquer povo é o caminho aberto para pensamentos alienígenas, que formarão um intelecto defeituoso, permitindo mais tarde a dominação da juventude por culturas retrógradas. Ao fim de algum tempo, a juventude criada sem princípios e sem orgulho patriota é presa fácil das filosofias utópicas.

A primeira manifestação social ocorreu na Grécia Antiga, durante o chamado século de ouro. O pensamento grego da

antiguidade estabeleceu as nossas normas de conduta, de ética, disciplina, isto durante uma época em que a força da justiça era o que determinava a relação entre os povos.

Como os gregos atingiram a tão perfeito equilíbrio, numa época em que a força predominava?

Com as escolas, as academias, o livre pensamento, pois só medram escolas e pensadores, quando há liberdade de pensamento. Athenas torna-se a mais importante cidade-estado grega, durante o período de Péricles (460 a 430 AC), mesmo assim, a ignorância sempre procurou tolher a liberdade de pensamento. Sócrates foi condenado à morte por falar a verdade!

Até nos nossos dias, houve partidos que conseguiram o poder através do voto, de forma democrática, e usam da democracia para impedirem as manifestações contrárias, ou seja, calam a oposição, manietando-lhes todas as manifestações contrárias: Cuba, Venezuela, Bolívia, Argentina, e algumas tentativas frustradas aqui no Brasil, (a bilha tanto vai à fonte que um dia quebra) que qualquer dia destes a censura voltará a ser implantada.

Em “Fédon”, Platão faz uma apologia sobre a liberdade e sobre o direito de expor os seus argumentos (*Fédon é um dos diálogos escritos por Platão*)

Três amigos reúnem-se para estabelecer um diálogo sobre a liberdade de expressão.

– Fedón, encontravas-te ao lado de Sócrates, na prisão, quando ele tomou cicuta, ou ouviste somente a descrição? – pergunta Equécrates

– Eu estava lá. – respondeu

– Que palavras pronunciou Sócrates antes de morrer? “Eu teria grande prazer em ouvir...”

E o diálogo continua numa riqueza de expressões, demonstrando a valor da liberdade, dado por um homem que morria por não

transigir do seu direito de falar.

Os déspotas não gostaram daquilo que Sócrates ensinava, pois punha a nu os desmandos, os roubos e desvios.

“Súmula da acusação de Sócrates – Sócrates é acusado de não aceitar os Deuses que são reconhecidos pelo Estado e introduzir novos cultos, como de corromper a juventude”

Pois é, ensinar os jovens a entenderem, a tornarem-se ética e moralmente justos era crime! Os déspotas não gostam de várias opiniões, mas tão somente da própria opinião. A oposição, que é um pensamento contrário, deve ser sumariamente restringida.

No seu Diálogo “A República”, Platão recria um estado modelo, no qual as leis são fundamentais para a sua formação e estabilidade e justiça firme e justa. Um estado em que cada indivíduo exerça a seu mister com dignidade de modo a não prejudicar o seu vizinho, os políticos são honestos e disciplinados, pois a indisciplina é prejudicial ao desenvolvimento do Estado (já que o Estado é composto de todos os cidadãos), também não é permitido a nenhum indivíduo usufruir do trabalho alheio.

A República de Platão é sem dúvida a primeira manifestação conhecida, que fala sobre o socialismo. Todavia uma tão organizada sociedade acaba por desmoronar em virtude de nossas próprias falhas.

Cerca de dois mil anos depois, um novo manifesto é apresentado por Thomas Morus, vítima da intolerância religiosa e da brutalidade de um governo, o grande filósofo foi preso, espoliado e decapitado. Sua obra prima tinha por finalidade questionar os sistemas de governo existentes em toda a Europa.

Sua imaginação cria uma ilha perdida no meio do Oceano Atlântico, onde não existe fome e tampouco riqueza, ou seja, todos são iguais, tanto no modo de ser como na própria vestimenta, a riqueza produzida por todos, sem qualquer exceção, vai fortalecer o Estado, devemos lembrar que o Estado não é o governo, o estado

antiguidade estabeleceu as nossas normas de conduta, de ética, disciplina, isto durante uma época em que a força da justiça era o que determinava a relação entre os povos.

Como os gregos atingiram a tão perfeito equilíbrio, numa época em que a força predominava?

Com as escolas, as academias, o livre pensamento, pois só medram escolas e pensadores, quando há liberdade de pensamento. Atenas torna-se a mais importante cidade-estado grega, durante o período de Péricles (460 a 430 AC), mesmo assim, a ignorância sempre procurou tolher a liberdade de pensamento. Sócrates foi condenado à morte por falar a verdade!

Até nos nossos dias, houve partidos que conseguiram o poder através do voto, de forma democrática, e usam da democracia para impedirem as manifestações contrárias, ou seja, calam a oposição, manietando-lhes todas as manifestações contrárias: Cuba, Venezuela, Bolívia, Argentina, e algumas tentativas frustradas aqui no Brasil, (a bilha tanto vai à fonte que um dia quebra) que qualquer dia destes a censura voltará a ser implantada.

Em “Fédon”, Platão faz uma apologia sobre a liberdade e sobre o direito de expor os seus argumentos (*Fédon é um dos diálogos escritos por Platão*)

Três amigos reúnem-se para estabelecer um diálogo sobre a liberdade de expressão.

– Fedón, encontravas-te ao lado de Sócrates, na prisão, quando ele tomou cicuta, ou ouviste somente a descrição? – pergunta Equécrates

– Eu estava lá. – respondeu

– Que palavras pronunciou Sócrates antes de morrer? “Eu teria grande prazer em ouvir...”

E o diálogo continua numa riqueza de expressões, demonstrando a valor da liberdade, dado por um homem que morria por não

transigir do seu direito de falar.

Os déspotas não gostaram daquilo que Sócrates ensinava, pois punha a nu os desmandos, os roubos e desvios.

“Súmula da acusação de Sócrates – Sócrates é acusado de não aceitar os Deuses que são reconhecidos pelo Estado e introduzir novos cultos, como de corromper a juventude”

Pois é, ensinar os jovens a entenderem, a tornarem-se ética e moralmente justos era crime! Os déspotas não gostam de várias opiniões, mas tão somente da própria opinião. A oposição, que é um pensamento contrário, deve ser sumariamente restringida.

No seu Diálogo “A República”, Platão recria um estado modelo, no qual as leis são fundamentais para a sua formação e estabilidade e justiça firme e justa. Um estado em que cada indivíduo exerça a seu mister com dignidade de modo a não prejudicar o seu vizinho, os políticos são honestos e disciplinados, pois a indisciplina é prejudicial ao desenvolvimento do Estado (já que o Estado é composto de todos os cidadãos), também não é permitido a nenhum indivíduo usufruir do trabalho alheio.

A República de Platão é sem dúvida a primeira manifestação conhecida, que fala sobre o socialismo. Todavia uma tão organizada sociedade acaba por desmoronar em virtude de nossas próprias falhas.

Cerca de dois mil anos depois, um novo manifesto é apresentado por Thomas Morus, vítima da intolerância religiosa e da brutalidade de um governo, o grande filósofo foi preso, espoliado e decapitado. Sua obra prima tinha por finalidade questionar os sistemas de governo existentes em toda a Europa.

Sua imaginação cria uma ilha perdida no meio do Oceano Atlântico, onde não existe fome e tampouco riqueza, ou seja, todos são iguais, tanto no modo de ser como na própria vestimenta, a riqueza produzida por todos, sem qualquer exceção, vai fortalecer o Estado, devemos lembrar que o Estado não é o governo, o estado

é toda a população, o governo é homologado para governar em nome do Estado. Não existe dinheiro e o ouro é o metal de menor importância, somente guardado para corromper os inimigos que por ventura venham a ameaçar a integridade de Utopia.

Essa maravilhosa ilha é o sonho de um humanista numa época de governos cruéis e déspotas, o mercantilismo está em seu início e as nações mais poderosas partem para a exploração pura e simples das suas colônias, o valor da vida humana nunca esteve tão baixo, ou seja, não valia nada, pois a mais cruel situação de escravidão da Idade Média vai acontecer na época do mercantilismo. As nações começam a formação da nacionalidade, originada pelo poder absoluto dos reis, os reis detêm o poder da vida e da morte sobre todos os seus súditos, inclusive de todos os seus bens.

Reparem bem, as ideias socialistas sempre acontecem quando a injustiça é maior e o desnível social mais acentuado. A ilha da Utopia é um governo justo, entretanto a sua população não tem alma, já que o sonho é negado a todos, ninguém pode ser individualizado, o que empreende e o preguiçoso ambos têm valores iguais, então porque progredir já que o meu esforço não será reconhecido e o vagabundo não será penalizado?

Seguindo o nosso passeio histórico, entre o século XVII e XVIII, um outro grande pensador surgiu, analisando as relações entre os homens e os governos constituídos. Thomas Hobbes faz uma profunda observação sobre a sociedade da sua época em sua obra prima *Leviatã*.

Thomas Hobbes, analisando a sociedade da Inglaterra do sec. XVII chega a uma terrível conclusão: o homem é egoísta por natureza “*homo lupus homo*” “*homini perdere hominem ibet*” “*homini plurinaexhomine sunt mala*” (*o homem o lobo do homem - o homem tem prazer em desgraçar outro homem - a maioria dos males do homem vem de algum homem*).

O egoísmo natural dos homens, produto do próprio instinto

de sobrevivência, gera uma sociedade doente, já que o instinto suplanta a razão, gerando um monstro denominado *Leviatã*.

O sec. XVII é o auge do mercantilismo, as Grandes Navegações haviam transformado o pequeno mundo mediterrâneo, novas terras, novos costumes, novas riquezas, surge o entendimento de nacionalidade com o surgimento de nações, que antes eram simples principados e reinos e agora grandes Impérios, governados pelo poder absoluto dos imperadores e reis.

Essa panela de intolerância e poder gera um grupo de filósofos que começam a questionar a interligação entre o poder central e o religioso, são os Iluministas, os iluminados pela razão.

Montesquieu escreve “*O Espírito das Leis*”, no qual contesta o totalitarismo do poder real, afirmando que as leis emanam do uso e costume do povo e não arbitrariedade dos reis, que deverão ministrar a justiça de acordo com códigos.

Já Rousseau, escreveu várias obras sobre a desigualdade social, tinha com princípio de que a sociedade é cruel e desumana, que corrompe o homem que nasce bom, mas a sociedade o contagia (Teoria do *Bon Sauvage*) no seu “*Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*”

Já no Contrato Social determina as normas que devem ser regidas na relação entre os homens.

Voltaire (François Marie Arouet) teve de fugir para a Inglaterra por causa das críticas ácidas que fazia contra o poder real, no exílio escreveu as *Cartas da Inglaterra*, nas quais comparava o estilo de vida entre as duas nações. Entre as suas inúmeras obras: *Elogio Histórico da Razão*; *Menon* e a *Sabedoria Humana*; *Dicionário Filosófico*.

Estes filósofos, entre outros da sua época, criaram um movimento que anos mais tarde irá modificar o mundo do Mercantilismo, por cheque a monarquia absolutista, a poderosa Igreja Católica e gerar uma revolução que iniciou a queda do

sistema medieval em quase todo o mundo. Varias organizações de protesto surgiram nessa mesma época, entre elas a Maçonaria.

Os novos ideais surgidos durante o Iluminismo, as sociedades secretas, a formação de novos governos (Déspotas Esclarecidos) foram o fomento para a Grande Revolução Francesa. O terrível poder real ministrado pelos Delfins (assim eram denominados os reis da dinastia dos Capetos), a corrupção gerada por esse poder sem contestação, a fome e a miséria gerada por essa corrupção, a impunidade dos grandes, com os quais a justiça fazia conluíus, a violência com que os esbirros da monarquia faziam calar os protestos, acabaram gerando a maior revolta popular de que o mundo teve conhecimento.

No dia 14 de julho de 1789 o povo vai às ruas de Paris pedindo mais pão e mais justiça, há uma forte e sangrenta repressão, à qual o povo enfrenta de peito livre, vence o exército real e, na posse das armas conseguidas, parte para a Bastilha, a grande prisão política do governo de Luís XVI.

A revolução gera o Terror e o terror gera Napoleão e Napoleão inicia uma nova ordem social no mundo europeu.

CLAUDEMIR PEDROSO DA SILVA

O SENTIDO DA VIDA

Qual é o sentido da vida? Como posso encontrar propósito, realização e satisfação na vida? Há tantas pessoas que jamais pararam para pensar no sentido da vida. Anos mais tarde elas olham para trás e se perguntam por que seus relacionamentos não deram certo e por que se sentem tão vazias, mesmo tendo alcançado algum objetivo anteriormente estabelecido. Muitas pessoas gastam boa parte da vida buscando algo que dê significado e sentido.

Certo jornalista britânico escreveu: “Falando francamente, será que, antes de morrer, eu tenho tempo de descobrir por que nasci? Por que eu preciso saber o porquê do meu nascimento? Porque, é claro, não consigo acreditar que foi por acidente; e, se não foi, deve haver um significado.”

Em nossa sociedade humanística, as pessoas vão atrás de muitos propósitos, pensando que neles encontrarão sentido. Entre eles estão: sucesso nos negócios, prosperidade, bons relacionamentos, sexo, entretenimento, fazer o bem aos outros, etc. As pessoas já viram que, mesmo quando atingiram seus propósitos de prosperidade, relacionamentos e prazer, havia ainda uma grande lacuna interior – um sentimento de vazio que nada parecia preencher.

A busca pelo sentido da vida é algo sadio, normal e relevante. Os mais renomados psicólogos do século XX reconheceram isso. Freud disse: “As pessoas têm fome de amor.” Jung afirmou: “As pessoas têm fome de segurança.” Adler disse: “As pessoas têm fome de significância.” Entretanto, o Senhor Jesus Cristo disse: “Eu sou o pão da vida; o que vem a mim jamais terá fome; e o que crê em mim jamais terá sede.” (João 6:35).

Salomão, o autor do livro de Eclesiastes, expressa este sentimento quando diz: “Vaidade de vaidades, diz o Pregador; vaidade de vaidades, tudo é vaidade.” (Ec 1:1). Salomão tinha prosperidade além da medida, sabedoria maior que de qualquer homem de seu tempo ou do nosso, centenas de mulheres, palácios e jardins que eram a inveja de outros reinos, a melhor comida e o melhor vinho e toda a forma possível de diversão. E ele disse, em dado momento, que qualquer coisa que seu coração quisesse, ele buscava.

E mesmo assim ele resumiu a “vida debaixo do sol” como sendo sem significado! Por que existe tal vazio? Porque Deus nos criou para algo além do que nós podemos experimentar aqui e agora. Disse Salomão a respeito de Deus: “Ele também pôs a eternidade no coração dos homens...” (Ec 3:11).

Então, qual o sentido da vida?

O que é a vida?

Se nós somos o resultado do acaso cósmico (Evolução), então nós somos simplesmente formas de vida biológicas que conseguiram alcançar a consciência própria. Nós nos desesperamos com o fato de não haver um propósito maior na vida, além de sobreviver e levar a espécie adiante, até que o próximo acidente cósmico eleve a nossa forma de vida a um grau mais alto.

Mas nós NÃO somos o resultado de um acidente cósmico. A verdadeira ciência evidencia o fato de que a macroevolução (a transformação de uma espécie em outra) é uma farsa. A evolução é falsamente chamada “ciência”, quando, na verdade, não é repetível nem observável e deve ser aceita pela fé tanto quanto a criação.

Aprendendo mais sobre a microbiologia, nós descobrimos que a formação até mesmo das moléculas de proteínas mais simples necessárias para a vida é completamente improvável, mesmo se

fossem dados trilhões de anos para que a combinação correta dos aminoácidos pudesse ocorrer. Nem os registros fósseis dão suporte à teoria da evolução.

Nas palavras dos próprios evolucionistas, deveria haver múltiplas formas de vida transitórias que simplesmente não foram encontradas. O que os registros fósseis corroboram é o que o capítulo um de Gênesis na Bíblia declara: um vasto número de espécies surgiu no mesmo tempo e essas espécies são em sua maioria aquelas que ainda existem.

Mudanças observadas em pássaros ou borboletas no século passado e citadas como apoio à evolução envolvem mudanças dentro de uma espécie (microevolução), algo que nem Bíblia nem os criacionistas argumentam contra. Também, ao aprendermos mais sobre a simples célula, nós vemos aquilo que Gênesis capítulo um sempre declarou: “que a vida é o resultado de um Projetista e Criador com incríveis conhecimentos”. Por não sermos um acidente cósmico e sim criados por Deus, se há um propósito na vida, Deus nos disse qual é esse propósito.

Rick Warren em seu livro “Uma igreja com Propósitos” escreve que: “O modo mais fácil de descobrir o propósito de uma invenção é perguntar ao inventor.” Duas opções são propostas para se descobrir o sentido da vida. A primeira é a especulação, que, evidentemente, é a opção escolhida pela maioria das pessoas.

Especular é simplesmente investigar por meio do raciocínio abstrato, é fazer conjectura, suposição não baseada em fatos concretos. A especulação procura entender por meio da razão, sem tomar medidas práticas.

Mas a melhor alternativa para o significado da vida é a *revelação*. Deus revela o verdadeiro sentido da vida. Temos que perguntar ao criador por que Ele nos fez. Ele não faz nada sem propósito. A Bíblia é uma espécie de “Manual do Proprietário”, explicando-nos a origem e o propósito da vida.

O lugar mais seguro para encontrarmos a resposta sobre o sentido da vida está no livro do Autor da vida.

A origem da vida é Deus

A Bíblia afirma que o mundo, por sua própria sabedoria, jamais conheceu a Deus (cf. I Co 1:21). Isso quer dizer que ninguém jamais chega ao conhecimento de Deus usando seus próprios meios ou pela razão pura. Rick Warren diz que: "Deus não é apenas o ponto de partida de nossa vida; Ele é a fonte da vida."

Aos religiosos de Atenas, o apóstolo Paulo asseverou que é o próprio Deus "quem a todos dá vida, respiração e tudo mais." (cf. Atos 17:25).

O primeiro versículo da Bíblia diz: "No princípio, criou Deus os céus e a terra." (Gn 1:1). Isso nos ensina que é sempre Ele quem inicia o diálogo. Em Gênesis, o primeiro livro da Bíblia, vemos que Deus criou a humanidade à Sua imagem (Gênesis 1:26). Isto significa que nós somos mais parecidos com Deus do que com qualquer outra coisa (qualquer outra forma de vida).

Nós também vemos que antes da humanidade cair em pecado e a maldição vir por sobre a Terra, as seguintes afirmações eram verdadeiras:

- 1) Deus fez o homem uma criatura social (Gn 2:18-25);
- 2) Deus deu trabalho ao homem (Gn 2:15);
- 3) Deus tinha comunhão com o homem (Gn 3:8);
- 4) Deus deu ao homem domínio sobre a terra (Gn 1:26).

Qual o significado disto? Eu creio que Deus tinha como intenção, com cada uma destas coisas, acrescentar realização a nossa vida, porém tudo isto (especialmente a comunhão do homem com Deus) foi adversamente afetado pela queda do homem em

pecado e consequente maldição sobre a terra (cf. Gn 3).

Vemos que, mesmo após a queda do ser humano, foi Deus quem tomou a iniciativa de ir atrás do homem. Ele enviou seu filho ao mundo não porque o mundo estivesse clamando por isso, mas: "Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna". (Jo 3:16).

No final do apocalipse, o Senhor Jesus Cristo se apresenta desta forma: "Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim, o Primeiro e o Último." (Ap 22:13). Ele começou tudo, portanto, Ele vai terminar tudo. Exatamente como Ele mesmo planejou (cf. Isaías 46:9 e 10).

Neste tempo, Ele irá restaurar a comunhão total com a humanidade redimida. Alguns da humanidade terão sido julgados indignos e jogados ao Lago de Fogo (cf. Ap 20:11-15). E a maldição do pecado será eliminada; não haverá mais pecado, tristeza, doença, morte, dor, etc. (Ap 21:4). E aqueles que creem herdarão todas as coisas; Deus habitará com eles, e eles serão Seus filhos (Ap 21:7).

Quando as mulheres foram ao túmulo procurar Jesus, os anjos perguntaram-lhes: "Por que buscais entre os mortos ao que vive?" (Lc 24:5). Elas estavam procurando o homem certo no lugar errado.

Assim também, quando as pessoas procuram na sabedoria popular, nos livros de autoajuda e nas tradições humanas a resposta para o sentido da vida, jamais acharão "a" resposta. Sem Deus, a vida não faz sentido.

O propósito da vida é a glória de Deus

Agora que já sabemos quem nos criou, precisamos saber para que Ele nos criou. Ao profeta Isaías, o Senhor Criador afirma: "A todos os que são chamados pelo meu nome, e os que criei para minha glória, e que formei, e fiz".

O apóstolo Paulo, ao referir-se à pessoa de Jesus Cristo, afirmou que: “pois, nele, foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dele e para ele.” (cf. Cl 1:16). E aos romanos prevalece o mesmo ensino: “Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente. Amém!” (Rm 11:36).

Imagine que você vai promover um evento, e seu propósito principal é exaltar a si mesmo. O que você faria? É simples, a questão é fazer com que você seja o centro das atenções, e no final seja aplaudido por todos.

Da mesma forma, Deus, ao planejar toda a criação, quer que o foco não seja o ser criado, mas Ele. Isso mesmo. Pelo fato de ser Deus, Ele é perfeito e tem o poder de criar tudo para a Sua glória. Veja o que nos diz Isaías: “Porque assim diz o Alto, o Sublime, que habita a eternidade, o qual tem o nome de Santo: Habito no alto e santo lugar, mas habito também com o contrito e abatido de espírito, para vivificar o espírito dos abatidos e vivificar o coração dos contritos.” (Is 57:15).

O propósito da vida não é a chamada ‘realização pessoal’ ou a sua felicidade, é muito maior. Quando Deus nos criou, primeiramente Ele não pensou em nós, mas pensou Ele mesmo, na Trindade Santa (cf. Gn 1:26).

Isso nos revela um grande segredo espiritual, que, se guardarmos esta chave conosco, irá abrir muitas portas preciosas durante a nossa existência.

O propósito da vida é a paz com Deus

Com a entrada do pecado no mundo, que trouxe a separação entre o homem e Deus: “Mas as vossas iniquidades fazem separação entre vós e o vosso Deus; e os vossos pecados encobrem

o seu rosto de vós, para que vos não ouça.” (Is 59:2); a maior necessidade do homem passou a ser a paz com seu Criador.

Quando Paulo declara que: “...Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens as suas transgressões, e nos confiou a palavra da reconciliação. (II Co 5:19); está nos ensinando que a reconciliação, isto é, ‘voltar a ter a amizade perdida’, era o propósito principal de Deus, por meio de Cristo.

O real sentido, tanto agora como na eternidade, é encontrado ao se restaurar o relacionamento com Deus, relacionamento que foi perdido quando Adão e Eva caíram em pecado. Hoje, este relacionamento com Deus somente é possível através de Seu Filho, Jesus Cristo (cf. At 4:12; Jo 1:12; 14:6). A vida eterna é recebida quando alguém se arrepende de seu pecado (ao não querer mais continuar nele, mas que Cristo o mude e faça dele uma nova pessoa) e começa a confiar em Jesus Cristo como Salvador.

As promessas da Palavra de Deus são para seus filhos, e estes vivem em paz com o Pai: “Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo; por intermédio de quem obtivemos igualmente acesso, pela fé, a esta graça na qual estamos firmes; e gloriamo-nos na esperança da glória de Deus”. (Rm 5:1, 2).

Porém, o real sentido da vida não é encontrado meramente em descobrir Jesus como Salvador (apesar do quão maravilhoso é). Ao invés disso, o real sentido da vida é encontrado ao se começar a seguir a Cristo como Seu discípulo, aprendendo Dele, passando tempo com Ele na Sua Palavra, a Bíblia, tendo comunhão com Ele em oração e caminhando com Ele em obediência aos Seus mandamentos. Jesus fez as seguintes declarações:

“Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as

vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve” (Mt 11:28-30).

“O ladrão vem somente para roubar, matar e destruir; eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância.” (Jo 10:10).

“Então disse Jesus aos seus discípulos: Se alguém quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz, e siga-me; Porque aquele que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á, e quem perder a sua vida por amor de mim, achá-la-á.” (Mt 16:24-25).

Aqui também vale a famosa frase de Agostinho: “Tú nos criastes para Ti, e o nosso coração vive inquieto, enquanto, não repousar em Ti”. (Livro de confissões, p. 23).

A Bíblia afirma que nem um ser humano por si mesmo tem paz. Ela é algo que sempre vem de Deus. Isaías declara: “Tu, Senhor, conservarás em perfeita paz aquele cujo propósito é firme; porque ele confia em ti.” (Is 26:3). Percebe-se que, a paz está relacionada à confiança em Deus.

O apóstolo Paulo escrevendo a igreja de Éfeso diz que Cristo é a nossa paz, Ele fez a paz e Ele evangelizou a Paz (cf. Ef 1:14, 15 e 17). E, em João 14:27, Jesus disse: “Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como a dá o mundo. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize”.

O que todos estes versículos acima estão dizendo é que nós temos uma escolha. Nós podemos continuar buscando guiar nossas próprias vidas, com o resultado de vivermos uma vida vazia, ou podemos escolher seguir a Deus buscando Sua vontade para as nossas vidas com todo o nosso coração, o que certamente resultará em uma vida vivida por completo, tendo os desejos do nosso coração atendidos e encontrando contentamento e satisfação.

Isto é assim porque o nosso Criador nos ama e deseja o melhor para nós, não necessariamente a vida mais fácil, mas a com mais satisfação. Enquanto não tiver paz com Deus, o homem não terá paz consigo e com o próximo, e, por isso, não encontrará o sentido da vida.

Por que Deus criou o homem?

A Escritura nos oferece um duplo relato da criação do homem, um em Gênesis 1:26, 27, e outro em 2:7, 21-23. A primeira narrativa contém o relato da criação de todas as coisas na ordem em que ocorreu, enquanto que a segunda agrupa as coisas em sua relação com o homem, sem nada implicar com respeito à ordem cronológica do aparecimento do homem na obra criadora de Deus, e indica claramente que tudo que o precedeu serviu para preparar uma adequada habitação para o homem como o rei da criação. Ela nos mostra como o homem foi colocado na criação, rodeado pelo mundo vegetal e animal, e como ele iniciou a sua história.

O primeiro homem Adão, que no Hebraico *Ádam* significa avermelhado, ou aquele que foi feito de *adamah* (terra) e que tem a pele da cor de *edom* (Vermelho), por causa do *dam* (Sangue).

Não podemos entender que o homem seja apenas uma criação de Deus, o homem é mais que uma criatura, pois existe entre o homem e Deus uma relação mais profunda, mais significativa, o homem foi criado para viver numa situação familiar com Deus, numa íntima comunhão.

Há certas particularidades nas quais a criação do homem sobressai, em distinção de outros seres vivos:

A criação do homem foi precedida por um conselho divino

Antes de registrar a criação do homem, o escritor inspirado nos leva de volta, por assim dizer, ao conselho de Deus, pondo-nos em conhecimento do decreto divino com as palavras: “Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança”(Gn 1:26).

Geralmente, a igreja tem interpretado o plural com base na existência trinitária de Deus. Entretanto, alguns eruditos o

consideram como plural de majestade; outros, como plural de comunicação, no qual Deus inclui os anjos juntamente com Ele; e ainda outros, como plural de autoexortação. Destas três sugestões, a primeira é muito improvável, visto que o plural de majestade originou-se em data muito posterior; a segunda é impossível, porque implicaria que os anjos foram cocriadores com Deus, e que o homem foi criado à imagem dos anjos também, o que é uma ideia antibíblica; e a terceira é uma pressuposição inteiramente gratuita, à qual não se pode atribuir nenhuma razão. Por que uma autoexortação como essa haveria de ser plural, senão porque há uma pluralidade em Deus?

Quando Deus criou o homem, de acordo com Genesis 1:26-27, aconteceu uma reunião celeste, um conselho no céu, para determinar a criação do ser humano, talvez para cuidar de detalhes da criação, como seria o homem física e espiritualmente, a bíblia descreve a palavra Façamos, o que comprova a realização deste conselho celeste, e podemos chegar a algumas conclusões do que esta reunião definiu:

- a) A criação do ser humano
- b) A estrutura física do homem
- c) A estrutura espiritual do homem
- d) Os objetivos de Deus para com o homem

A CRIAÇÃO DO HOMEM FOI UM ATO IMEDIATO DE DEUS

Algumas das expressões utilizadas na narrativa anterior à da criação do homem, indicam criação mediata, nalgum sentido da palavra. Notem-se as seguintes expressões: “E disse: Produza a terra relva, ervas que dêem semente, e árvores frutíferas que dêem fruto segundo a sua espécie”; “Povoem-se as águas de enxames de seres viventes”; “Produza a terra seres viventes, conforme a sua espécie”, e comparem-se com a simples declaração: “Criou Deus, pois o homem” (Gn 1:3, 7, 14).

Em Gênesis 2:7, faz-se clara distinção entre a origem do corpo e a da alma. O corpo foi formado do pó da terra; na sua produção Deus fez uso de material preexistente. Na criação da alma, porém, não houve modelagem de materiais preexistentes, mas a produção de uma nova substância.

A alma do homem foi uma nova produção de Deus, no sentido estrito da palavra, Deus “lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente”. Com estas simples palavras afirma-se a dupla natureza do homem, e o que elas nos ensinam é corroborado por outras passagens das Escrituras (cf. Ec 12:7; Mt 10:28; Lc 8:55; II Co 5:1-8; Fp 1:22-24; Hb 12:9).

Os dois elementos são o corpo e o sopro ou espírito de vida nele soprado por Deus, e com a combinação dos dois o homem se tornou “alma vivente”, o que neste contexto significa simplesmente “ser vivo”.

O HOMEM FOI CRIADO CONFORME UM TIPO DIVINO

No que diz respeito aos peixes, às aves e aos animais, lemos que Deus os criou *segundo a sua espécie*, numa forma típica da deles próprios. O homem, porém, não foi criado assim, e muito menos segundo o tipo de uma criatura inferior.

Quanto a ele, disse Deus: “Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança”. Deus fez o homem superior a tudo o que existia até então, e os deu ao homem, e disse dominai sobre os peixes do mar, sobre todas as aves do céu, e sobre todos os animais que se arrastam sobre a terra (cf. Gn 1:28).

O homem, desde a sua criação, já era superior a tudo na terra, entre o homem e as demais criaturas existiam uma grande diferença, o homem possuía um nível muito elevado intelectual, moral e religioso (cf. Gn 1:31; 2:19-20; Sl 8: 4-8), é descrito como alguém que está no ápice de todas as ordens criadas.

Foi coroado como rei da criação inferior e recebeu domínio sobre todas as criaturas inferiores. Como tal, foi seu dever e privilégio tornar toda natureza e todos os seres criados, que foram colocados sob seu governo, subservientes à sua vontade a o seu propósito, para que ele e todos os seus gloriosos domínios magnificassem o onipotente Criador e Senhor do universo (cf. Gn 1:28; Sl 8:4-9).

Podemos ver, no entanto, oito considerações clássicas sobre o significado da expressão “*imagem e semelhança*”:

1) O homem se assemelha a Deus no fato de possuir uma natureza racional. A inteligência e a razão do homem são expressões da inteligência e razão de Deus.

2) O homem se assemelha a Deus no fato de possuir uma natureza moral. Sabe o que é certo e errado. Ele é o único, de toda a criação, que se pergunta: “devo?”. A lei moral, os ideais e a ética estão baseados na natureza moral de Deus.

3) O homem se assemelha a Deus no fato de possuir uma natureza emocional. É capaz de sentimentos, inclusive de sentimentos santos. Isso deriva da mesma qualidade encontrada em Deus.

4) O homem se assemelha a Deus no fato de possuir vontade. Ele quer, toma decisões, racionaliza seus instintos. Pode subordinar seus instintos a princípios, o que não acontece com um animal. Daí nasce a vontade domada ou direcionada.

5) O homem se assemelha a Deus na sua capacidade de ser livre. Liberdade significa determinação própria. O homem não é um ente cujas ações estão pré-determinadas em código genético, como o dos animais. Ele não está debaixo de compulsão e pode decidir sua vida.

6) O homem se assemelha a Deus na sua liberdade original do pecado e sua inclinação à santidade. O primeiro Adão foi feito sem pecado. O segundo Adão é a expressão exata de Deus.

7) O homem se assemelha a Deus na capacidade de exercer domínio sobre ordens inferiores. O progresso humano nada mais é que esta capacidade exercida e ampliada, de domínio sobre as ordens inferiores, inclusive domínio sobre a natureza.

8) O homem se assemelha a Deus na imortalidade. Ele não é eterno, porque teve início, mas é imortal, no sentido de que sua alma vive para sempre.

A pessoa de Adão

Quem foi Adão? Quando e como foi criado? Estas são algumas das perguntas que são levantadas em relação à origem do homem. Para estas perguntas não temos respostas finais, mas podemos fazer considerações.

Adão deve ser visto como uma pessoa real, que viveu na histórica ou apenas uma figura simbólica? A pergunta pode ser difícil, pela dificuldade que temos de determinar o gênero da literatura nestes primeiros capítulos de Gênesis. Para Emil Brunner, os capítulos 2 e 3 de Gênesis devem ser estendidos como uma parábola, como a do filho pródigo, uma ilustração que acontece com cada pessoa. Neste caso, Gênesis 2 e 3 não é história, é uma espécie de biografia de cada pessoa.

Entretanto a interpretação de Emil Brunner não parece se harmonizar com o uso que Paulo faz de Adão em Romanos 5: 12s e I Coríntios 15: 21 – 22. Nestas passagens, o apóstolo contrasta Adão com Jesus Cristo, referindo-se a Adão como “um só homem” pelo qual o pecado e a morte entraram no mundo, e a Jesus Cristo como “um só” pelo qual veio a graça e a vida eterna. Assim, Adão é tratado como sendo uma pessoa tão real quanto foi Jesus Cristo. Não teria muito sentido se Jesus fosse visto como o “segundo Adão” se o primeiro não fosse pessoa histórica.

Portanto, embora o nome Adão, que significa *homem*, possa ter um significado simbólico, o mais provável é que Adão existiu como pessoa histórica.

O tempo da criação

Qual é a idade do homem? A ciência se debate com esta questão. Os geólogos e antropólogos acharam os ossos do homem de Neandertal de 100 mil anos atrás, e falam do *Homo sapiens* que teria dado origem ao homem moderno há cerca de 30 mil anos. Outros ossos são muito mais antigos como os do *Homo faber* e do *Homo erectus* (estes de 250 mil anos). Mas Gênesis 4 descreve uma civilização de cerca de 10 mil anos atrás. Quando Adão foi criado? E em qual sentido Adão foi o primeiro homem?

Uma possibilidade é que a descrição de Gênesis 4 tenha omitido algumas gerações, e assim aquela civilização é mais antiga do que a soma daqueles anos. Muito tempo pode ter se passado, com muitas gerações, Adão e Caim. O mesmo pode ter acontecido com Adão no Jardim do Éden, talvez o tempo de Adão possa ser estendido até 30 mil anos atrás, e Caim e Abel dentro de 10 mil anos. Mas isto se for necessário interpretar o relato bíblico à luz de qualquer verdade cientificamente provada quando à idade mais antiga do homem sobre a terra.

Outra posição defendida por Derek Kidner é que Adão poder ter sido criado a cerca de 10 mil anos atrás, e representa um tipo de homem diferente daquele mais primitivo conhecido pela ciência. Os ossos que os antropólogos acharam teriam pertencido a criaturas que não eram homens com as características como nós conhecemos e como a Bíblia nos apresenta.

Os antropólogos definem o homem em termos de habilidade de fazer instrumentos (*Homo faber*) ou alguma outra marca na sua civilização. A Bíblia define o homem em termos de criatura

diferente, feita à imagem e semelhança de Deus, pelo recebimento do “sopro divino” (Gn 2:7). Este tipo de homem feito à imagem e semelhança de Deus, segundo esta teoria, teria começado com Adão, e os vestígios descobertos pela ciência não pertencem a esta categoria de homem.

A narrativa Bíblica não impossibilita que o homem tivesse uma origem num tempo mais remoto do que aquele de sua cronologia histórica. Também é certo que o personagem Adão representa o tronco de onde o tipo de humanidade que conhecemos procede.

A criação da mulher

Deus criou homem e mulher. Qual é o propósito divino para nossa sexualidade? Certamente reprodução é uma finalidade (Gn 1:28). Mas há outros propósitos também, como o companheirismo, a ajuda mútua, o relacionamento. O tipo de relacionamento do casal reflete um pouco do relacionamento de Deus com os homens. A figura do matrimônio é usada na Bíblia para ilustrar o relacionamento de Deus com o Seu povo e de Cristo com a Sua Igreja (Ef 5: 24 a 33).

O homem e a mulher são iguais em valor e posição diante de Deus. Eva é para Adão, “o osso dos meus ossos e carne da minha carne” (Gn 2: 23). É uma “auxiliadora idônea” (Gn 2: 28), que quer dizer “igual e adequada”.

Essa igualdade fica mais clara no Novo Testamento, com o ministério de Jesus, e na declaração de Gálatas 3:28, em que se afirma que “... não há homem nem mulher, porque todos vós sois um em Cristo Jesus”. E também na declaração do apóstolo Pedro, em que afirma que as mulheres são “herdeiras convosco da graça da vida” (I Pe 3: 7).

As diferenças entre homens e mulheres são complementares. Para alguns, as únicas diferenças complementares são de ordem

biológica, para o propósito da reprodução (Gn 1: 27 – 28). As diferenças emocionais e mentais ou de papéis diferentes são produtos da nossa cultura, não da criação. Mas outros entendem que as diferenças não são apenas biológicas, mas também diferenças criadas por Deus na natureza do homem e da mulher, para refletir a Sua glória e criar esta interdependência entre o homem e a mulher. Creio que esta posição está mais de acordo com o ensino da Escritura e com a experiência prática.

Precisamos das capacidades diferentes dos homens e das mulheres, os pontos de vista diferentes, porque as diferenças são complementares. O homem e a mulher são iguais em sua natureza essencial, criados ambos à imagem e semelhança de Deus, mas não são idênticos. Eles se complementam na vida para o propósito de Deus. (Cf. I Co 11: 3; 14:34; I Tm 2: 11 a 15; Ef 5: 22 a 33; I Pe 3: 1 a 7).

Implicações teológicas, filosóficas e sociológicas da criação do homem

Alguns aspectos teológicos já foram mostrados, mas creio ser necessário observar alguns pontos a mais para esgotarmos nosso assunto. Vejamos alguns deles, portanto, notando que eles trazem consigo aspectos filosóficos e sociológicos também.

O homem não é independente

Ele é criatura, posto na terra com um propósito. Não surge aleatoriamente e não é o centro do universo. Numa época antropocêntrica, isto se torna necessário de afirmar. O homem não tem valor infinito, pois houve um tempo em que ele não existia. Somente Deus, o Criador, é de valor infinito. O homem depende dele e do seu espaço físico para viver.

O valor especial do homem

A Bioética Cristã, novo ramo da Ética, deve trabalhar a partir daqui: a singularidade e a excelência do homem. Ele vale mais que animais e outros seres, mais que árvores e bichos. É a coroa da criação. Em termos de nossa cultura contemporânea, seria bom lembrar que ele não pode vir a reboque de sistemas, de ideologias e de conceitos, mesmo que religiosos. Nem escravizados por eles.

Lembremos-nos das palavras de Jesus ao homem da mão atrofiada: “Vem para o meio” (Mc 3:3). Sem apelar para a antropolatria do existencialismo, o evangelho põe o homem no centro. Todo regime e toda ideologia que oprimem o homem estão errados. Precisamos ter até mesmo cautela com ensinos religiosos que oprimem e esmagam o ser humano.

A igualdade entre homem e mulher

Evidentemente não se trata de igualdade anatômica, fisiológica ou mesmo emocional. Felizmente! Trata-se de igualdade de direitos, de responsabilidades e de possibilidades. São parceiros, administradores. Ela é a ajudadora, em nível com ele e não em nível sob ele. A opressão feminina não tem base bíblica e deveria ser combatida pelos amantes da teologia sadia.

Infelizmente, muitas vezes a Bíblia foi usada como instrumento de dominação de uma raça sobre outra e também de um sexo sobre o outro. Homem e mulher não apenas são interdependentes, mas tem valor igual.

A necessidade de uma ecologia sadia

O homem veio da matéria da natureza. Nasceu dela e depende dela para viver. O fim dela será o seu fim. Deve-se ter cuidado com

a ecolatria, que é um eco do neo-paganismo que o movimento da “nova era” infiltra em nossa sociedade.

O homem, a natureza e o Criador não são a mesma coisa. Mas deve-se lembrar que o homem é guardião e não destruidor da natureza. O guardião zela e não destrói. Uma teologia bíblica produzirá uma visão ecológica equilibrada.

A luta pela justiça social

De acordo com o monogenismo, somos todos irmãos porque todos viemos da mesma origem. Toda a raça humana remonta a um pai comum, Adão. Neste sentido, todos os homens são irmãos porque todos têm um mesmo pai, na origem remota. Enquanto houver um só homem explorado ou injustiçado, por qualquer motivo, aí estará um parente nosso sofrendo.

Lutar por justiça social não é ser um agitador político, mas simplesmente reconhecer que somos todos irmãos. Cada homem é uma parte do outro. As distinções raciais não são apenas pecado. São estupidez. São uma arrogante manifestação de ignorância. Ninguém deve ser oprimido ou depreciado por causa de sua raça. Nem deve se exaltar sobre outro por causa de sua raça.

Na proclamação do evangelho, as pessoas são chamadas a se enquadrarem no projeto original de Deus, ou seja, toda a humanidade vivendo com ele. Porque fomos criados por Deus, para Sua glória e para vivermos com Ele.

(Do livro *Teologia no dia a dia*. - Resumo do capítulo 1 – ‘O sentido da Vida’. Editora DCL, 2012)

CLOVIS DOMINGUES

REFLETINDO CAMINHOS

São muitos os caminhos, muitas direções e, por vezes, até pensamos que estamos perdidos no envolvimento com tantos compromissos, procuras, encontros e desencontros. Por um bom número de vezes nem entendemos como chegamos a algum lugar. Entretanto, independente da instrução que temos, das culturas que trazemos, quer queiramos ou não, o viver é mesmo um mistério e estamos distantes de compreendê-lo.

Somos caminheiros, viandantes e nem, ao menos, sabemos os caminhos em que devemos caminhar, qual a direção melhor que nos levará à desejada felicidade. Mas temos de caminhar e assim vamos em frente.

Você, meu amigo leitor, minha amiga leitora, não vive assim? Então, parabéns e continue cada vez mais feliz.

Porém, dificilmente encontraremos alguém que nos fale não ter dúvidas, que sabe exatamente o que faz e o que fazer. Essa procura, parece-me, é a busca contínua de cada um de nós e, também, penso ser indispensável para que tenhamos motivação suficiente na continuidade dos nossos sonhos, da nossa vida. Nossos caminhos, nem sabemos se são, realmente, nossos.

Diante do mistério, por vezes, podemos nos sentir insuficientes e até paramos ou voltamos, desistindo de enfrentar desafios. Será que essa atitude é a certa, será mesmo que devemos recuar diante das dificuldades?

Em meus livros, registro assertivas, frutos de experiências concretas nesta travessia. Uma que gosto muito é a analogia que faço dos desafios em nosso cotidiano com as lombadas das ruas e

estradas. Estou certo que o sofrimento, as decepções, os desamores, fracassos e outros tantos desafios à nossa frente não estão como coadjuvantes de nossa história, mas é ela própria e importantes são esses momentos para o nosso caminhar. “Assim como as lombadas não nos pedem para parar, nem para colocar a marcha ré, mas sim para diminuir a velocidade, prestar mais atenção e seguir em frente, acontece o mesmo com as dificuldades que encontramos em nossos caminhos”.

Parar, desistir, voltar atrás, são situações que devem ser muito bem pensadas. Parar uma relação e iniciar outra, ter uma profissão e desistir, com pretextos de procurar situações melhores, muitas vezes, nos farão entrar em rota de colisão com valores indispensáveis e acabarmos “semeando” e colhendo aquilo que não nos realize, e aí não poderemos nem olhar atrás sem sofrermos ainda mais.

O sofrimento não é exclusividade de ninguém, bem o contrário, é fruto da nossa fragilidade e ninguém está isento do sofrer. Se pararmos a cada decepção, fracasso, contrariedade, poderemos correr o risco de ficarmos paralisados, pois essas situações estarão em todas as idades e nos mais diferentes momentos, como a nos avisar dos perigos à frente, ou ainda da atenção que devemos cultivar.

Quem de nós não tem saudade, quem ainda não chorou?
 Quem não tem felicidade, quem que não se alegrou?”
 Todos nós somos iguais, temos viver parecidos.
 Alguns choram demais, mesmo não tendo sofrido.
 Pouco, ou muito, o sofrimento, revela as nossas fraquezas.
 E até um grande lamento, consegue mostrar riquezas.
 (Livro: *Acordar e ser feliz*)

Entretanto, somos levados a valorizar em demasia o sofrimento e, por vezes, nem reparamos o quanto temos de agradecer a Deus e às pessoas que partilham conosco momentos preciosos e fazem nosso viver ser mais feliz.

O desejo de ser feliz é próprio do ser humano, faz parte de todos os nossos projetos, seja objetiva ou subjetivamente. Nada errado em viver buscando a felicidade, tudo certo na direção de ser mais feliz. Apenas devemos nos questionar o que é ser feliz e quais as dimensões que devemos viver e respeitar.

Certamente, buscar a felicidade infelicitando outros não deve ser o melhor. Buscar ser feliz não se importando com aqueles que estão fazendo parte da nossa vida, também acredito que assim não será possível chegar a lugar nenhum. Não querer partilhar os dons com os menos favorecidos, parece-me um grande engano. Viver a omissão como pai, mãe, filho, irmão, irmã, esposo, esposa, certamente não nos fará felizes, pois teremos a nossa história a nos acusar e assim nada nos compensará.

Então, como fazer para ser feliz?

O que nos propiciará viver a felicidade?

Alguém já disse que “*felicidade não existe, o que existe são momentos felizes*”. Se concordarmos com essa afirmação, talvez consigamos alcançar a felicidade mais facilmente. Vejamos algumas ponderações.

Se a felicidade são momentos felizes, que tal viver a cada momento com propósitos bons, com amizades verdadeiras, com amores verdadeiros, enfim, com sinceridade de propósitos? Se nos educarmos para a vida no respeito mútuo, na conquista dos valores essenciais, na partilha dos dons, não apenas em alguns momentos, mas em todos os momentos, conseguiremos experimentar a felicidade seguidamente. Se fizermos algo que nos faz feliz sem infelicitizar a outros, por que não continuar na mesma direção? ...Mas isso é muito difícil.

Sim, quando percebemos uma sociedade dominada pelo lucro excessivo, pelo desamor, onde se digladiam violentos e violentados, quando temos dificuldades até para andar na rua, ou ficar em casa, reconhecemos que é muito difícil viver uma atitude de confiança e construção mútua. Mas não é porque concordamos que devemos desistir...

Meu amigo leitor, minha amiga leitora, lembremos-nos da analogia feita com as lombadas. Assim são as dificuldades em nossa vida. Saibamos reconhecer nossas fragilidades, mas também consideremos os dons que temos e façamos uso deles para um viver melhor para nós e para todos.

A missão de cada um é fazer a parte que lhe compete e, se assim acontecer, teremos uma sociedade mais justa e fraterna, um mundo melhor, pois quando queremos que o mundo melhore, devemos começar por nós mesmos e ele já estará melhorando.

Você quer ser feliz? Pronto, já somos dois. Mas poderemos ser dezenas, centenas e milhares. O segredo é começar e não desistir. Conquistemos a cada momento a vivência de valores essenciais que nos possibilite um viver mais feliz. Avante.

A fé: dom e conquista

São muitos os valores que devemos refletir e vivenciar, porém, não temos espaço suficiente para tanto. Mas, parece-me ser um bom começo refletirmos ao menos a “fé”, pois entendemo-la ser imprescindível para a pessoa humana nas suas dimensões do ser único, social e transcendental.

“A fé é a certeza daquilo que ainda se espera e a demonstração de realidades que ainda não se veem.”(Hb.11,1)

Na reflexão de valores não podemos abstrair a “fé” que é um dom de Deus e, ao mesmo tempo, uma conquista necessária para todos. Aos olhos daqueles que têm fé, não há nada que não

se possa consertar, pois, por mais que fazemos, cremos, existe alguém mais poderoso e que tem um projeto melhor para todos seus filhos e filhas.

As leis do universo aos poucos vão sendo descobertas e, talvez um dia, os mistérios do nosso tempo não sejam mais insondáveis. A inteligência e a vontade do ser humano trabalham para tentar compreender os desígnios de Deus, ou a evolução natural de tudo. A busca é necessária, não para desmentir credos ou filosofias, reis ou súditos, mas, sim, para que nos coloquemos diante de explicações que nos ajudem a manter a vida por mais tempo e avançar para espaços e realidades maiores que nos satisfaçam mais.

Ao lado da ciência que busca incansavelmente explicações que a satisfaça, o crente aceita o mistério e vive na presença do Criador, prestando-lhe louvor e adoração, numa eterna ação de graças, por tudo que existe; tudo dedicado Àquele que entende como princípio e fim de todas as coisas. E essa atitude lhe fortalece na esperança, no amor, na partilha dos dons, na convivência pacífica e construtora de realidades melhores. A fé que é um dom de Deus, mas também conquista do crente, lhe sustenta e lhe compensa. É algo menos visível e mais perceptível.

A fé não prega o individualismo, contrariamente, respeita a individualidade e quer para todos as bênçãos necessárias para uma vida feliz. A fé em Deus não tem o direito de exclusividade e deve levar o crente por caminhos do serviço aos irmãos, num viver fraterno e solidário.

Quando sabemos de “pessoas de fé” que vivem os contravalores estando em uma igreja, ou fora dela, certamente, nos perguntamos qual é a fé que vivem e como podem acontecer esses fatos. Aí paramos um pouco para pensar: “o consumismo entrou nas famílias, entrou nos templos, entrou na vida de cada um”. A tolerância está quase ausente do nosso mundo. Os bons costumes estão encobertos pelas “justificativas” mais injustas e a teologia da prosperidade a qualquer preço é pregada nos mais deferentes

lugares. Resumindo: as tentações também estão globalizadas e empurram a todos para o abismo infindável das “conveniências” e “vantagens”, não importando as consequências funestas de muitas atitudes irresponsáveis que minam o humano ser e semeiam a infelicidade. As divisões são bem presentes e os motivos, quase sempre, não se justificam, mas recebem toda embalagem necessária para uma boa venda e compra. É o marketing dominador impondo costumes e mostrando as “vantagens” de vícios e as “desvantagens” de um viver na simplicidade, na fidelidade a Deus e aos irmãos.

A fé tem um papel preponderante para uma sociedade mais feliz. Mas temos que nos questionar: “qual é a fé que nos encanta, o que significa para nós a fé, o que esperamos dela e para onde queremos que nos leve.”

Se perguntarmos às pessoas sobre a fé, certamente muitos irão responder que têm, porém se perguntarmos que tipo de fé, talvez as respostas venham recheadas de complementos como barganha e não como agradecimento. É a teologia da retribuição (mercado) que até merece “pregação” de muitos “doutores” das religiões. A fé que busca conveniências e que é socorro só nos momentos-limite, não é essa a fé a que me refiro. A fé não é objeto de barganha, ela é, como lemos no início do capítulo onze aos Hebreus, “a certeza das coisas que esperamos e a demonstração das realidades que ainda não vemos”. Quem tem fé sabe que nunca está sozinho e que algo mais nos compensa porque, acima da nossa natureza humana, está o sopro da vida, a natureza divina da qual somos partes importantes no projeto maior do Criador.

Se vivemos uma sociedade violenta, se as divisões no seio da família se multiplicam, a corrupção persiste descaradamente; se somos irresponsáveis com as crianças, os idosos, jovens, os doentes, os mais frágeis, e tantas outras situações precárias que sabemos existir, podemos pesquisar que existem motivos dos mais variados, porém posso afirmar que a falta de fé e fé verdadeira, se não é o motivo, certamente, é um dos motivos principais. É fácil

chegar a esta conclusão, basta pensar um pouco e veremos que uma pessoa de fé não concorda com nada que possa infelicitar o próximo; alguém que viva uma fé compromisso, percebe em todos a obra criadora do Senhor da vida e assim, como Ele, quer o bem de todos.

A fé não significa apenas crer, mas sim comprometer-se. Se tiver fé, as obras, naturalmente, serão presentes, pois a fé sem obras é morta. A fé é algo que nos compromete com a realidade que vivemos, não pode ser apenas um remédio exclusivo que resolva os nossos males. A fé não é exclusivista.

Ter fé é sentir-se parte com todos de um projeto maior que está muito além da nossa compreensão, pois se a entendemos, ou vemos, já não é necessário esse dom.

A fé é sentida, perceptível, sendo invisível aos nossos olhos carnis. Os olhos da fé transcendem e justificam o nosso viver. É um dom de Deus e uma conquista nossa.

Quando vivemos como gente de fé, a vida se torna uma partilha e sofremos por todos, não só por nós; alegramos-nos com todos e não sozinhos.

Muitos deram e dão testemunho de fé e isso acontece quando somos vítimas das nossas fragilidades, e é aí que nos tornamos mais fortes, a fé nos sustenta e nos compensa.

Pensar que a fé é algo que limita ou infelicita é um grande engano e até uma armadilha perigosa. Bem ao contrário, a pessoa que vive a fé consegue superar-se e construir realidades acima das suas previsões, ela não trabalha sozinha.

Alguém que afirma ter fé e não consegue viver a fraternidade, possivelmente vive um engano, porque esse dom reforça os laços do amor e do respeito com todos.

Quem tem fé não tem solidão e sempre crê na força do amor, da esperança e do autor de tudo.

Não podemos imaginar que a fé seja um remédio para todos os nossos males, porém, devemos perceber que ela é uma excelente ferramenta para todos os momentos. Sem ela o nosso caminho vai se fechando e, com ela, vai se abrindo rumo ao infinito, pois se vivemos com fé, entendemos que Nosso Deus não nos criou para algum tempo, ou até muito tempo; alguns anos, ou até muitos anos. Criou-nos, certamente, para participar da sua vida e nos prepara algo que *“olho jamais viu e mente alguma imaginou”*.

Nesta singela reflexão não temos a pretensão de atingir grandes resultados, mas temos a certeza que é um bom começo para crescermos na direção de dias melhores, na conquista do anseio e do direito de cada um: *“um viver melhor, uma vida feliz”*.

“Faça a experiência e confirme, na prática, estas assertivas um tanto ausentes em nossos dias, pois só a experiência nos faz conhecer, aceitar e agir na direção do crer de verdade.”

Gente de fé é gente de esperança e alegria.

ESTANISLAU HENRIQUE DA CUNHA

AMINOÁCIDO TREONINA

Aminoácido é, como bem sabemos, uma molécula que apresenta como via de regra caráter anfótero. É formado por um carbono central (carbono alfa) ao qual estão ligados: o grupo carboxílico, o grupo amina, o hidrogênio alfa e um radical o qual determina o tipo específico de aminoácido. Existem na natureza cerca de 35 aminoácidos, sendo os mais comuns apenas 20. Os aminoácidos são obtidos a partir da hidrólise da proteína ingerida na alimentação. Carne, leite e derivados, ovos e feijão são algumas das fontes nutricionais de proteínas. É no estômago e intestino delgado que ocorre a digestão desses alimentos. De início a pepsina do suco gástrico transforma as proteínas em moléculas menores chamadas peptonas. Estas moléculas no intestino sofrem a ação da tripsina do suco pancreático, formando os peptídeos, que em seguida, por ação da erepsina do suco entérico, formam-se os aminoácidos os quais não possuem nenhum comprometimento na formação de qualquer proteína, pelo menos por enquanto.

O passo seguinte é a absorção desses aminoácidos, e já no interior das células podem então ter dois caminhos diferentes: ou entram na formação de novas proteínas, obedecendo assim a novos padrões genéticos específicos ou são transformados através de reações químicas em novos subprodutos ou até mesmo em novos aminoácidos. Cada um desses vinte aminoácidos mais comuns possui uma via metabólica diferente. Vejamos, por exemplo, o metabolismo do aminoácido treonina.

A produção desse aminoácido depende de um composto que é também derivado do catabolismo da glicose.

Ao final da segunda fase da respiração celular (fase aeróbica) forma-se o ácido oxalacético, um composto "chave" que, dentre outras funções, determina a velocidade com que se processa a produção de energia na cadeia respiratória da mitocôndria. Este apresenta algumas vias metabólicas interessantes. Uma delas é aquela pela qual, sofrendo um processo de transaminação, em que, reagindo com o ácido glutâmico, transforma-se no ácido aspártico, com a formação do ácido alfa cetoglutarico. Durante esse processo, o grupo amina do ácido glutâmico é transferido para o ácido oxalacético, que se transforma no ácido aspártico. Esse último possui algumas vias metabólicas diversificadas: uma delas é a via pela qual, sofrendo um processo de descarboxilação, transforma-se no aminoácido alanina (outro aminoácido); a segunda é a via pela qual, reagindo com a citrulina, dá origem à formação da arginina já totalmente imersa no ciclo da ureia; a terceira é a via pela qual recebe um fosfato de um ATP, o qual se transforma em ADP, formando o aspartil fosfato, que se transforma no ácido semialdeído aspártico. Esse último apresenta duas vias metabólicas diferentes. A primeira é a via pela qual este reage com o ácido pirúvico, numa reação em que ocorre uma desidratação, formando o ácido pipercolínico, que entra na via de produção do aminoácido lisina. A lisina é um aminoácido básico, juntamente com a arginina, sendo que ambos entram no processo de formação das histonas. A segunda, entretanto, é a via onde há a formação da homosserina, que, por sua vez, apresenta duas vias metabólicas independentes: a primeira é a que a homosserina entra na rota de produção do aminoácido metionina, que é um aminoácido sulfatado. Durante a formação do aminoácido metionina, ocorre a participação da cobalamina como doador do grupo metil.; e de forma indireta ocorre a participação do ácido tetraidrofólico monitorando a ação da cobalamina. A outra é a via pela qual a homosserina recebe um fosfato de um ATP, o qual se transforma em ADP, formando então o ácido homosserinofosfórico, que, reagindo com a água, libera o fosfato na forma de fosfato inorgânico, resultando então na formação do aminoácido treonina.

O aminoácido treonina apresenta um processo catabólico bastante interessante. Apresenta três vias metabólicas diferentes: a primeira é a via pela qual sofre uma cisão, formando dois compostos: o aminoácido glicina (que dentre outras vias, entra no processo de biossíntese das porfirinas, reagindo com o succinil coenzima A) e o acealdeído, que reage com a coenzima A, formando a molécula de acetil coenzima A. A segunda via metabólica da treonina é a via pela qual, sofrendo uma descarboxilação, transforma-se na propanolamina, que, em seguida, recebe um átomo de cobalto, transformando-se em cobalamina, composto esse que atua no metabolismo intermediário, agindo como carregador de radicais químicos. A terceira via metabólica ocorre quando a treonina sofre uma desaminação, transformando-se no ácido alfa cetobutírico, que também é produzido durante a biossíntese do aminoácido cisteína. Em seguida, esse ácido se transforma no ácido alfa ceto alfa hidroxí butírico e, em seguida, transforma-se no ácido alfa beta dihidroxí beta metil valérico, que ransforma-se no ácido alfa ceto beta metil valérico, o qual, reagindo com o ácido glutâmico, numa reação de seis etapas, duas por taltomeria e a participação da coenzima B6, formam-se dois novos compostos: o ácido alfa cetoglutarico (componente do ciclo de Krebs) e o aminoácido isoleucina.

O aminoácido treonina é, como vimos, muito importante para o nosso organismo e, sendo um aminoácido essencial, não pode ser produzido pelo nosso organismo. Nesse caso, sua obtenção é feita através de uma alimentação saudável.

GASPARINO ROMÃO

TAMBÉM...

Um punhado de estrelas
colhidas na imensidão dos Céus
da noite e postas no teu regaço...
Flores multicoloridas, balouçadas
entre as folhas e os espinhos
vergastadas sem pesar pelo açoite
do inclemente vendaval no espaço.

.....

Também, das minhas cruas dores
Eu arranquei os lamentos e os gemidos
que, abandonados, eu não t'os levei
e os resguardei, em silêncio, doloridos...
Por que fazer partícipe em meus sofreres
quem apenas quis olhar os vãos prazeres
do mundo no entreabrir do amanhecer?

MADRUGADAS

A noite que entra em crise
e o dia que pouco a pouco
aproximando vem...
Restos da noite, atrás ficando
Que, da manhã, o orvalho
na relva, qual gotas de vida
beijando vai...

É a madrugada
dos cantos dos pássaros
em alvorada,
que logo, ao fugir do sol
saúdam a ante-manhã
nas suas revoadas
pelo espaço além...

NOS OLHOS DA VIDRAÇA

Nos olhos da vidraça vejo
a chuva intermitente
caindo lá fora...
Quais lágrimas escorrendo
as gotas descem
molhando o vidro plano
e se detêm nos cantos da janela.

Nos olhos da saudade, um após outro,
vejo os dias desfiando
o seu rosário de lágrimas
que a tempestade da vida
fez tombar, como as gotas
d'água descendo na janela
dos meus olhos...
São pérolas que, da velhice
enfeitam o rosto
que, dos anos, a trajetória
entristeceu...

MADRUGADAS... ANTEMANHÃS...

Esquecidas saudades que foram largadas
na alma que nada mais espera
na alma desiludida e já descrente...
que tanto sonhou no esplendor da vida.
Efêmeros amores que a esperança
deixou descasos, não correspondidos
nas lembranças loucas que macularam
a alma e a face no revirar da vida...
Lágrimas pensas sem cair dos olhos,
pérolas, nas tremulantes pálpebras,
a bambolear chorosas e inquietas.

As minhas velhas lembranças dispersas,
penas ao vento a tremular sem rumo...

O PENHOR DE UMA VELHICE

Hoje, depois, passados cinquenta anos
que você, moço ainda à flor da idade
carregava na mente os teus enganos
símbolo de ilusão da nossa mocidade.

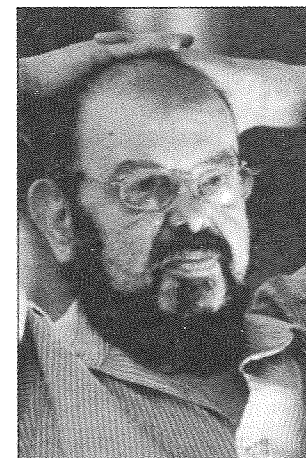
Quando tudo era sol nos nossos grandes planos
e uma grande esperança sem qualquer maldade,
era o facho de luz do nosso mundo insano
espalhando o calor, sem ter qualquer vaidade.

Mas, o tempo passou, que tudo passa
deixou em nosso rosto tal uma fumaça
que pairando no ar, volátil lá se finda.

Pois bem, hoje eu te abraço e muito comovido
eu deixo neste agora o amor, irmão querido
que é o presente maior que eu posso dar-te ainda.

GIL CAMPOS DE FARIAS

MEU ENCONTRO COM ZÉ DO CAIXÃO



© Ivaniildo Porto

Apesar do friozinho típico de final de primavera, São Paulo estava pegando fogo naquela tarde de terça-feira, 18 de junho. Um dia antes, milhares de jovens pararam a capital, no primeiro grande ato pela redução das tarifas do transporte público. Foi neste clima de apreensão, com as ruas centrais reforçadas de policiais, que encontrei o cineasta José Mojica Marins, então com 77 anos. Pela

manhã, o encontro havia sido confirmado por telefone. O objetivo era falar sobre os 50 anos do seu personagem mais famoso, o Zé do Caixão. A matéria seria publicada, dias depois, na Revista Free São Paulo.

Armado com gravador, bloco de anotações e caneta, seguiu para o local marcado acompanhado do repórter-fotográfico Ivanildo Porto e de “seo” Antonio, nosso fiel motorista. Não foi difícil encontrá-lo. Mojica parecia uma estátua na porta de um boteco, em Santa Cecília, na região central. Olhava fixamente para o horizonte. “Hoje estou de coração doído”, lamentou. Minutos antes de o encontro, um terrível acidente doméstico o deixou sem ânimo.

Logo após o almoço, ao tentar lavar um copo, Mojica quebrou a única unha que há 15 anos ele deixava crescer – a do polegar esquerdo. “Doeu muito no coração. Pensei: que merda, logo hoje que vou dar entrevista quebro a unha!”, lamentou. Depois, olhando profundamente para os meus olhos, determinou: “você vai me pagar uma caipiroska”. E pediu ao atendente do boteco a bebida acompanhada de uma porção de salame.

A tristeza do cineasta tinha razão de ser. Afinal de contas, as unhas o tornaram famoso desde quando encarnou pela primeira vez o personagem Zé do Caixão. Enormes, elas foram cortadas pela primeira vez, depois de 35 anos, no programa Viva a Noite!, apresentado por Gugu Liberato. Era 1982. Enquanto Mojica chorava copiosamente diante de uma manicure, Zé Ramalho cantava ao seu lado “Vida de Gado”.

Naquela época, decidiu cortá-las por se sentir prisioneiro. As unhas, de tão grande, já estavam ficando enroladas. Para atender ao telefone era um sufoco, para dirigir outro problema e para namorar, um dilema. Contou que em uma das suas transas, quase que retalhou a companheira. “A mulherada reclamava muito”, afirmou logo na primeira bicada.

Depois de filmar 33 longas e mais de 100 curtas, ele se mostrou desanimado com o cinema nacional. “O cinema hoje é muito individual. Um escorregão numa casca de banana dá uma grande história. Nisso libera-se muita grana para os filhos de políticos, os patricinhos da vida, que gastam parte dos recursos em bacanais e drogas. Enquanto que muitos grupos [de cineastas] espalhados pelo Brasil ficam sem espaço. A politicagem é mesmo uma merda. É o fim da picada!”, desabafou.

Lembrou do tempo quando São Paulo tinha, segundo seus cálculos, mais de 500 cinemas. “Só na avenida São João eram uns 40. Era uma época muito gostosa”, enfatizou. Garantiu que chegou a colocar 50 mil pessoas em um cinema. “Hoje, só encontramos salas de exibição em shoppings. E o preço do ingresso está muito caro para o povão. Isso significa o fim do cinema nacional”, bradou com ar de pessimismo.

Questionado se o sobrenome “Mojica” não seria suficientemente forte para atrair recursos para seus filmes, ele ficou em silêncio por alguns segundos antes de responder: “seria, mas se o Brasil não fosse um país de Terceiro Mundo. Com tudo que eu fiz nesta vida, de cinema, televisão, história em quadrinhos, livros, e tantas outras manifestações artísticas, era para existir um pouco mais de reconhecimento. Não tem ninguém em que eu possa me apoiar. Antes eu tinha Glauber Rocha, Jairo Ferreira, Sganzerla. Depois da morte deles, não ficou quase ninguém”.

Com a saudade dos tempos áureos e da juventude visivelmente minando dos seus poros, Mojica está tentando reunir as fitas de seus filmes que “desapareceram” no dia a dia. Sonha em lançar uma série de seis DVDs intitulada “O Maldito”, sobre sua vida, e uma biografia para contar tudo o que tem direito. “Não tenho medo de revelar nada, pois boiola eu não sou”.

Casado há 10 anos com uma mulher 47 anos mais jovem, sua sétima esposa, o velho Mojica garante que nunca tomou Viagra na vida, e cada beldade que passava diante da mesa do boteco,

armada na calçada exclusivamente para a entrevista, era devorada pelos olhos do cineasta. Claro, dependendo dos seus dotes físicos.

O assunto discutiu com entusiasmo foi Zé do Caixão. Ele contou que, há 50 anos, numa determinada madrugada, foi arrastado e jogado numa sepultura. Caiu no inferno. Quando acordou a imagem do personagem não lhe saiu da mente. Naquele ano, gravou “À Meia-Noite Levarei sua Alma” (1963), um clássico do terror brasileiro. Em 1966, outro grande sucesso baseado no sonho de três anos atrás: “Esta Noite Encarnarei no teu Cadáver”. O filme é gravado em preto em branco até o momento em que ele cai no inferno, quando passa a ser em cores. “O inferno é colorido”, afirmou sorrindo.

No dia a dia, Mojica nada tem a ver com Zé do Caixão, pelo menos foi o que ele garantiu. “Zé do Caixão é aquele homem que sempre procura pela mulher superior”, explicou. Afirmou ter dúvidas que a mulher superior exista. “Se existir, será algo como Anita Garibaldi (revolucionária italiana nascida em 1821)”, observou.

Assim como o seu personagem, o cineasta afirmou que não tem medo da morte. Mas se preocupa com a forma como vai morrer. “Você não vai querer ter uma morte sofrível. Mas eu tenho muita curiosidade de saber o que vem depois dela. Teria vontade de ir agora se tivesse garantida uma passagem de volta”.

Mesmo dizendo que nada tem com Deus e nem com o diabo, Mojica afirmou ser católico. Mas deixou de frequentar a igreja há décadas depois de um padre o ter repreendido diante de outros fiéis ao chegar atrasado à missa de Sexta-feira Santa na paróquia que frequentava. “Mande o padre para a puta que pariu e deixei de ir às missas. Hoje só vou à igreja em missas de sétimo dia, batizados e casamentos”.

Chegou o momento de pedir a segunda caipiroska. Agora, acompanhada de linguiça e pão francês fatiado. Ele se divertiu ao

lembrar do filme 24 Horas de Sexo Explícito, que dirigiu em 1985. “Começaram a dizer que eu não sabia fazer filme de sexo, e levei o nome de boiola. Como não sou boiola, filmei ‘24 horas’, onde um pastor alemão transa com uma mulher. O filme ficou um ano em cartaz e, por conta do desempenho do animal, o dono acabou o matando por achar que o cão aprendeu o que mostrou em cena com a esposa”.

Mas, o que aquele homem, filho de um toureiro e de uma dançarina de tango, ambos espanhóis, teria visto de mais estranho nos seus 77 anos de vida? Não pensou duas vezes para responder: um morto se levantar. A história se passou na Vila Anástico. Mojica tinha apenas 10 anos de idade quando o batateiro do bairro teve morte natural. Durante o velório, os filhos gritavam “papai, volta”, a viúva abraçava o corpo e, aos prantos, implorava: “não vá embora, meu amor”.

“Não deu outra: o cara se levantou. E quando se levantou, todo mundo correu. Que merda foi essa? Todo mundo rezando para ele voltar e, quando voltou, ninguém mais quis o homem. Que porra é isso?”, lembrou Mojica. O padre e o delegado foram chamados. Tiraram o sujeito do bairro. “O pobre coitado acabou morrendo na loucura”, lamentou.

A tarde começa a dar lugar à noite, e o bate-papo está perto do fim. Antes de responder à pergunta “quem é Mojica?”, ele grita em direção ao balcão do boteco: “outra caipiroska e uma porção de mortadela”. Respira fundo e diz: “queira ou não, sou um ícone da cultura popular. Não tem outro. Venho procurando um sucessor, mas não o encontrei. As pessoas que aparecem vêm com aparência, mas sem nada na mente”.

Um abraço selou a despedida com este grande cineasta, cuja obra é respeitada muito mais fora do Brasil do que dentro de sua própria casa. Ele se postou de pé, diante do boteco, como se fosse uma estátua, olhando fixamente para o horizonte, já coberto pelo véu negro da noite.

A BANCA DE ZÉ CORDEIRO

Os frequentadores de bancas de jornais e revistas sabem que estes espaços, encontrados nas principais esquinas dos bairros e nas portas das mais movimentadas padarias são verdadeiros termômetros políticos. Mas há uma banca, na avenida Coronel Sezefredo Fagundes, no Parque Casa de Pedra, zona norte de São Paulo, que é mais que isso. A banca de Zé Cordeiro é ímpar.

Pernambucano que há 40 anos deixou Panelas de Miranda, município que ficou nacionalmente conhecido com o Festival Nacional de Jericos – animais que na época corriam risco de extinção por causa da matança desordenada para a exportação de charqueado (o evento foi uma forma de chamar a atenção do país para este crime) –, Zé Cordeiro é um tipo de psicólogo misturado com político e conselheiro. E o “homi” tem vários discípulos.

Nordestino não só de berço, mas de alma e coração, ele fica encarnado e até briga solta gozações ou tenta discriminar seus conterrâneos. Gosta de falar das virtudes, da humildade e da luta do povo sofrido do sertão, que deixa a roça pensando em ganhar dinheiro nas cidades grandes, e por aqui comem o pão que o diabo amassou.

Politicamente, Zé é uma pessoa justa. Pela sua banca já passou Marta Suplicy, o atual ministro da Justiça José Eduardo Cardozo e outros políticos. Menos um: Paulo Maluf. Vixe Nossa Senhora! Não dá para falar desse perto dele. Tem uma aversão a Maluf que é de virar o bucho. Pois bem, Zé Cordeiro gosta de políticos honestos, mas esses são de contar nos dedos... de uma só mão.

Dias atrás, um senhor chegou à banca para comentar sobre uma pobre idosa que morreu e a família sequer sabia onde estava o corpo. Outro chegou reclamando dos juros altos que uma loja de magazine queria empurrar-lhe goela a baixo. Outros clientes que vão buscar jornais acabam lhe relatando as agruras da vida, dos problemas matrimoniais e até sexuais. Zé Cordeiro é todo ouvido, entre uma carga e outra de aparelhos de celular.

Um dos frequentadores é o camarada Dutra, a cara de Miguel Arraes. Este sempre lhe traz boas novas de Pernambuco. Tem também o cabeleireiro Genilson, que costuma chegar à banca perguntando por Maluf. Sem falar em Evaldo, ou Cabral como é mais conhecido, um advogado boa praça, pouca telha, que passa horas contando piadas em meio às inúmeras publicações do local.

Zé Cordeiro é, sem sombras de dúvidas, um referencial naquele ponto da zona norte e sua banca, um verdadeiro consultório de psicologia ou palanque político. À escolha do freguês.

ÁLVARO, NOSSA VERDADEIRA CULTURA

Criei coragem e reservei um fim de semana para reorganizar meus papéis (são milhares guardados em pastas plásticas já surradas) e, principalmente, minha humilde biblioteca. Cada obra que folheava, voltava ao passado. Relembrava momentos marcantes de minha vida e como me encontrava quando, pela primeira vez, meus olhos estrábicos e recheados de ceratocone devoraram aquelas palavras, hoje amareladas pelo tempo.

Minhas mãos pousaram demoradamente no livro “Brechet, uma introdução ao teatro dialético” (de Fernando Peixoto, Editora Paz e Terra, 1981). Acaricieei sua capa e, como numa máquina do tempo, revivi o momento que mais senti liberdade em minha vida: quando pisei, pela primeira vez, no palco do Teatro Municipal Severino Cabral, em Campina Grande.

Eu era o Cacau, um dos três protagonistas da peça infantil O País Que Era Azul, montada pelo grupo de teatro Renascer. Fazia parte do elenco, além do Cacau, os personagens de Alessandro César, Edileuza Santos, Gildásio Pinheiro, Guilherme Cordeiro, Paulo Dantas, Rosângela Moura, Ângela Barbosa, Sid Orleans, João Netho e Rita Moraes. O ano era 1989. O Brasil era recém-saído de uma sanguinária ditadura promovida pelos “muy amigos” de roupas verde-oliva.

A história girava em torno de dois meninos e uma menina, com idades entre 9 e 12 anos, que viviam em um mundo imaginário procurando questionar as formas autoritárias de um rei que, temendo perder o seu trono, proíbe as crianças de seu país a estudarem. Um bruxo, usando poderes mágicos, transforma o país que era azul em vermelho, e seca o rio para obrigar o rei a mudar seu pensamento. Em síntese, o trabalho, altamente politizado, discutia no teatro os sérios problemas do ensino no Brasil, que ainda hoje – infelizmente – não tiveram significativos avanços quando analisamos a taxa de analfabetos espalhados em suas várias regiões, principalmente a Nordeste.

Voltando à realidade, folheei “Brecht”. Escondidos em suas páginas encontrei o registro deste meu momento de maior liberdade (uma foto no camarim do Municipal) e o panfleto da tentativa política de salvar, naquele momento, a cultura campinense por meio da Câmara de Vereadores feita pelo teatrólogo, escritor, jornalista, dramaturgo, autor e, um dos nossos maiores patrimônios culturais, Álvaro Fernandes.

O conheci na faculdade de jornalismo, na Universidade Estadual da Paraíba, e recebi o convite (para seu inferno astral) para integrar o elenco do grupo Renascer, que iria encenar a peça de sua autoria e sob sua direção. Nunca tinha recebido tão verdadeira aula de política, de horror à ditadura, de esperanças no novo Brasil que, pouco a pouco, surgia no horizonte.

Álvaro queria mais que levar aos palcos o grito de liberdade e de justiça social, de igualdade e de um futuro promissor para o nosso povo bem longe do militarismo. Ele queria acender a chama da cultura, em especial das artes cênicas de Campina Grande. Queria dar gás ao Teatro Municipal, nem que para isso estourassem úlceras e mais úlceras no seu estômago.

Ele escolheu o caminho da política, pensando que por meio do Legislativo ajudaria aos sofridos artistas a saírem das coxias para representar seus papeis com reconhecimento e valorização

profissional. Se candidatou pelo PV, em 1992, “no peito e na raça”, como dizia seu slogan. O número era 43.610. O material de campanha era humilde e refletia a eterna personalidade de Álvaro. Ele era o coordenador e o cabo eleitoral.

Foi eleito? Não. E enfatizo: “graças a Deus!”. Não conseguiria enxergar Álvaro no meio das cobras políticas, que picam umas às outras até a morte e, com raras exceções, escondem o dinheiro que seria para nossa cultura, saúde e educação, nas meias, na cueca, no paletó. Fora da política, ele consegue ser o soro antiofídico, mostrando como se faz teatro com seriedade e transparência, sem precisar usurpar dinheiro público.

Álvaro Fernandes é o nosso maior patrimônio cultural, um artista que merece todo o reconhecimento de cada um de nós. Ele é uma das pouquíssimas pessoas que conheço por este mundo afora, que sempre lutou com unhas e dentes, no peito e na raça, sozinho, para que possamos sempre viver em um país eternamente azul.

DAIME E O CÉU DE CAMPINA

O que sentia e via, cada vez que bebia o Daime, era algo indescritível. Durante meses, participei de uma comunidade do Santo Daime na cidade de Lagoa Seca, a cerca de sete quilômetros de Campina Grande. A comunidade – “Céu de Campina” – era frequentada por grandes amigos, pessoas de vários níveis sociais, mas todas envolvidas com os ensinamentos do Cristo, com as bênçãos de Nossa Senhora e obedecendo as regras deixadas pelo Mestre Irineu e o Padrinho Sebastião.

Lá, todos trabalhavam; alguns na roça, outros nos afazeres de casa. Sempre tinha o que fazer durante o dia, antes do ritual, que geralmente começava ao cair da noite, mas ninguém reclamava. Não sai da mente a lembrança de um amigo jornalista, sem camisa, numa tarde chuvosa, cheio de terra, enxada nas mãos, rindo e

cantando enquanto preparava o solo. Depois, todos iam se preparar para participar do bailado e, durante ele, beber o Daime.

Ceguei à comunidade, na verdade ao Centro Eclético da Fluente Luz Universal Alex Polari, pelas mãos de um outro amigo jornalista; este, o padrinho e um tipo de coordenador do local. O cheiro de mata virgem era forte, o verde predominante. Todos se cumprimentavam com fraternos abraços e beijos no rosto. Tudo vibrava positivamente, cheio de irmandade.

Fui levado ao templo. Mulheres de um lado, homens do outro; mulheres casadas de um lado, homens casados no sentido contrário; as solteiras e os solteiros tinham seus lugares. O padrinho iniciava as orações – Pai Nosso, várias “Aves Marias”, Salve Rainha – e os cânticos, e todos bailando, no ritmo e numa coreografia únicas, se movimentavam simetricamente.

Chegou a minha vez de experimentar a bebida, também conhecida por ayahuasca, que nasce da cocção de duas plantas, o cipó Jagube (*banisteriopsis caapi*) e a folha Rainha (*psicotrya viridis*), ambas nativas da floresta tropical. Durante o bailado entrei na fila e recebi um pequeno copo de vidro com a bebida escura. Todos os ossos da minha face doeram com a retração rápida dos músculos diante do amargo do líquido.

Minutos depois, estava me contorcendo no solo fora do templo. A roupa encharcada de suor, enquanto tinha forte diarreia, ânsia de vômito e babava, tudo ao mesmo instante sob os olhares cuidadosos de dois amigos fardados da comunidade. Meu corpo estava limpo interiormente. Quando os sintomas cessaram fui colocado no banheiro, onde tomei um banho frio e retornei ao bailado. Lá, pela segunda vez, ingeri o sagrado Daime.

Enquanto bailava, me senti sair do envoltório carnal que me acompanha há pelo menos mais de duas décadas. Continuava suando. Olhei para o corpo e o vi se desintegrando em pedaços podres de carne. Observava minhas mãos e elas estavam

esverdeadas, inchadas, como que em estado de putrefação. Assustei-me e gritei pelo padrinho. Ele me fez sentar em um banco de madeira. Eu contava-lhe passo a passo daquele transe. Ouvia que aquela cena se tratava de como me encontrava naquele instante.

Passei a sentir cheiro forte de bálsamo no ambiente, semelhante àquela pomada comumente utilizada em contusões e pancadas. Só eu sentia o cheiro, que ficava cada vez mais forte. “É Nossa Senhora chegando para salvar aquele homem que estava em decomposição”, ouvia uma voz. Em seguida, ouvi fogos, muitos fogos de artifício estourando, simbolizando o nascimento de um novo homem. Aquele foi um dos momentos mais sagrados da minha vida. Tomei Daime outras vezes e, em cada uma delas, uma nova experiência de espiritualidade.

Em um café da manhã que participei com o filósofo e escritor Frei Betto, comentamos sobre o Daime e ele foi enfático: “É a única religião de raiz brasileira”. Resolvi revelar meu contato com o Daime depois de ter lido, esta semana, que a ayahuasca deverá ser o próximo bem imaterial a ser tombado pelo Ministério da Cultura, categoria que hoje inclui o samba de roda do Recôncavo Baiano, o ofício das baianas do acarajé e o tambor de crioula do Maranhão. Isso acontecendo, os rituais relacionados ao consumo do chá passarão a receber apoio do governo para a sua preservação. Assim seja!

OITO DIAS

Oito dias...
me separam da dor,
dissipam – da solidão – o horror.
Transformam, moldam, lapidam,
sugam do homem sua sinergia.

Oito dias...
afastam a velhice,
atraem a meninice.
Transformam minutos de espera
em horas de ansiedade
- o coração sente saudade de verdade.

Oito dias...
curam a esquizofrenia
e me jogam, pasmo, no mundo de Sofia.
Me deleito na filosofia!
O tempo é curto, mas é o suficiente
para encharcar minhas vestes
de distância e, quiçá, de esperança.

Momento que trazem prazer,
beleza que nunca quero esquecer.
Os olhos caminham com os ponteiros
aguardando o escurecer.
Só assim, ressuscito ao ter notícias de você.
É assim, há oito dias.

ACORDAR SEM VOCÊ

A saudade é algo que machuca,
que envolve a alma,
que a faz gritar.
Deliro sozinho e vejo que, de uma hora para outra,
me transformei em um menino.
Chamo pelo teu nome
mas não escuto resposta.
Você está longe
e eu continuo sozinho

tirando da minha rosa espinho por espinho.
Imagino-te sorrindo.
E me imagino agarrado às suas emoções.
Teus cabelos pretos cobrindo meu peito,
minha mão segurando a tua mão
e eu, sem pressa de soltá-la,
querendo, na verdade, te prender
para sempre
dentro do meu coração.

DAS TERRAS DO AMADO

Fui dormir agoniado
com um pensar no pensamento.
Não tirava da cabeça
aquela deusa que veio com o vento.
De sorriso angelical,
de olhar tão acanhado,
aquela flor veio há três meses
lá das terras do Amado.

(Será que ele a conheceu
e ficou tão vislumbrado
que a partir de Bela
criou a Gabriela?)

Continuei a pensar
naquela criatura linda
com um jeitinho de menina
e o brilho da turmalina.
É uma beleza arredia
de causar arritmia.

Comecei a me lembrar
 dos minutos que passamos.
 Lembrei do seu sotaque -
 uma bela cantoria sob o luar do sertão.
 Lembrei do seu sorriso,
 mais gostoso que um prato de arrubação.
 Lembrei do seu cheiro
 igual à açucena.
 Lembrei do seu cabelo,
 igual ao daquelas atrizes que a gente vê no cinema.

Queria ficar mais tempo
 com aquela fada da emoção.
 Me ofereci sem maldade
 a deixá-la até o portão.
 Mas, seu moço, preste atenção:
 não é que a danadinha
 é mais teimosa que um
 empacado alazão?
 Não deixou de jeito algum
 eu levá-la no portão.
 Quis saber se Freud explica
 tamanha amarração.
 Mesmo assim fiquei feliz
 pois tive bem perto de mim
 uma espécie rara de jasmim.

NOSSO (DES)EQUILÍBRIO DISTANTE

I Venti Del Cuore me levam
 para o teu mar, onde navego à deriva.
 Minha nau é a minha vida.
 Te procuro no horizonte.

(Contigo me sinto um verdadeiro homem!)
 O coração já não bate... simplesmente balança
 pendularmente Come Fa Un'onda.
 Sinto pulsar nas minhas veias
 La Forza Della Vita
 desde o dia que te conheci e,
 dentro de mim, te senti.
 Sem você aqui perto, La Solitudine me devora.
 Tua ausência é o Piú O Meno para me deixar
 confuso, sem noção da hora.
 Teu oceano é profundo como a bondade
 da Dolcíssima Maria.
 Tua beleza é exuberante,
 mas, é o teu amor que eu tanto queria.
 Tudo Passerà?
 Isso não importa. La Vita È Adesso.
 Importa nós Due,
 tão-somente isso
 para atingirmos o Paraíso.
 Daria minha vida por notícias suas...
 quem sabe uma Lettera.
 Scrivimi algo, qualquer coisa, um "oi",
 para eu ter certeza
 que nosso amor não se foi...
 Quero saber de você ou o meu dia será
 um eterno anoitecer.
 Vou enlouquecer
 se não te ter...
 vou adoecer...
 posso até morrer...
 e levarei comigo
 para o além-túmulo,
 um sentimento proibido,
 todas a minhas dores

e nunca esquecerei
do nosso Strani Amori.

TELAS INACABADAS

A Iesus

Imaginar a tua dor me apavora.
A vida enchendo um balde,
os olhos semi-cerrados,
a boca surda,
os tímpanos mudos.
A bomba, próxima ao polegar esquerdo,
que nunca explodiu.
O algoz,
saboreando a nicotina,
te sorriu.
Era o tão procurado amor
que se fez horror.
As tintas já sem vida, sem cor,
coaguladas, empoeiradas.
Os pincéis ressecados
sobre a mesa jogados.
São telas inacabadas
refletindo a loucura,
o manicômio,
os prazeres,
a cultura,
a porta,
a natureza morta.
É o corpo caído
recolhido e frio.
É a lâmina gelada,

manchada... ensangüentada.
É o sangue minado,
contaminado,
coagulado.
O que era esplendor, cores,
amor, vida sem pudor...
simplesmente acabou.

Na via Dutra

A 10 por hora
Entrei na Dutra
Olhei para o céu
E imaginei o teu mel.

O carro acelerava
Meu coração disparava
Eu te olhava
E minha pele suave.

A 20 por hora
Não via a hora
De te abraçar
De te agarrar.

Na pista escura
Reluzia a bela lua
E o retrovisor
Refletia o meu pudor.

A 30 por hora
Senti o sabor
Do beijo molhado
Que me deixou arrepiado.

Sentia no rosto
A brisa da noite
Teu cheiro, teu corpo
Teu quente calor.

A 40 por hora
Não via mais nada
Só sentia a estrada
Sob meus pés passar.

O rádio ligado
E eu ao teu lado
Me via parado
E prosseguia calado.

A 50 por hora
Olhava pra ti
Desejava sentir
Nosso tesão fluir.

Não via mais a Dutra
Estava enlouquecido
Tinha até esquecido
Do tempo... do perigo.

A 60 por hora
O volante vibrava
enquanto o rádio tocava
uma tola música... não me importava.

Me importava contigo
Ao meu lado sorrindo
Me importava comigo
Querendo teu castigo.

70 por hora
Calado gritava
Meu peito gelava
Meu coração te amava.

Perdi o controle
Do branco automóvel
Estava ignóbil
Ficava imóvel.

A 80 por hora
Minh'alma vibrava
Sentia tua boca
Na minha colada.

Tua boca invadia
Meu profundo segredo
Me via em degredo
Sentia teus dedos.

A Dutra sumiu
Meu coração explodiu
Nada mais vi
(Putá que pariu!)

No sentido Rio
Na Dutra vivi
Na Dutra eu vi
Meu gozo infundo

ISABEL BORAZANIAN MACEDO DE OLIVEIRA

SABERES

A vida é efêmera
constantes são os valores
traduzidos em expressões
que fulguram desde a origem do homem
Signos, sinais, significantes, significados
foram criados...
e interagindo na área do conhecimento
foram compondo várias linguagens
estabelecendo a comunicação
As estratégias foram se moldando
de acordo com a real necessidade
Os fatos colaboraram e corroboraram
estreitando laços, fazendo combinações
Tudo interligado
Uma teia perfeita
que abrange todos os sentidos
estabelecendo a conexão
- arte e alfabetização -
são duas linhas tênues e primordiais
na história das civilizações
pois deixam registrados no tempo
os sentimentos, os pensamentos e as ações

DISSABORES

Ah! Existem tantos dissabores
que infiltrados viram dores
na frágil corrente do dia

Onde um meio sorriso brota
na boca quase fechada e torta
tentando diluir a dor
estampando falsa alegria

Ah! Existem tantas dores
que infiltradas viram dissabores
na frágil corrente do dia

Onde uma lágrima desce morta
um nó na garganta enrosca
diante de tanto desamor
reflexo da hipocrisia

Ah! Existe tanta indignação
diante de tantos dissabores
que não cabe na razão

REFLEXOS

Vidas perdidas
Causam perdas de vidas
Sem noção, sem piedade
Falta de amor
excesso de crueldades
Falta de alicerces
excesso de inverdades

Falta de respeito
excesso de vaidades
Falta de compromisso
excesso de impunidades
Embutidos neste meio
estamos presos sem prisão
reflexo do descaso
que fez morada na nação

FOME

A fome tem cheiro
A fome tem cor
A fome tem forma
A fome é dor

ESPERA

Todo tempo tem o seu tempo
de espera e confirmação
O tempo corre livre
Nós criamos a prisão

A espera é sempre longa
na ânsia da confirmação
A confirmação nem sempre é a espera
da espera que anseia o coração

SOMOS

Somos essências
 Não somos cadeiras
 Não somos mesas
 Não somos portas
 Não somos coisas
 Somos seres
 Somos essências
 Somos respostas

FAZ TEMPO

Faz tempo que o tempo me espera...
 Jogos os sonhos para o espaço
 Eles se espalham procurando a lucidez
 na liberdade aparente
 Minha mente viaja soberba
 No imaginário latente
 Passeiam minhas emoções...
 Pelas portas escancaradas do meu cérebro
 rebato a incerteza
 A solidez planeja
 e encontro a certeza
 que a vida é muito mais do que a lógica pode perceber

O QUADRO PENDURADO NA PAREDE

Duas forças, dois lados
 não formam o esquadro
 do quadro pendurado na parede

A sede do afago
 está além do quadrado
 do quadro pendurado na parede

Passamos no tempo
 o tempo virou passado
 no quadro pendurado na parede

Viramos o tempo
 somos donos de esquadro
 do quadro pendurado na parede

Um mundo redondo
 um registro quadrado
 no quadro pendurado na parede

Emoções infinitas... momentos tão largos...
 ficaram abraçados
 no quadro pendurado na parede

LIMIAR

Meus sonhos querem brincar
 Não vou impor
 nem cercear emoções
 No limiar
 entre a loucura e a razão
 meus sonhos passam a brincar
 Minha alma se libera
 mergulha na imaginação
 Nasce neste momento a poesia
 como forma de expressão

POSICIONAMENTO

Meus sentidos choram;
 choram pela miséria que se alastra no país.
 A violência corre solta pelas ruas.
 Nau de caos e desespero:
 onde o tempero vem revelado
 em descaso e estupidez.
 Rolam vidas na esfera terrestre.
 Nau de caos e desespero!
 Brasil...
 À mercê do desamparo
 onde a economia desestruturou,
 corrói e lança à ruptura,
 ideias, ideais e emoções.
 Solta, a corrupção permeia
 e cada vez mais estamos
 enroscados na teia.
 Nau de caos e desespero!
 Brasil!
 Chibatadas invisíveis cortam
 as raízes dos nossos sonhos.
 Sinto-me fraca e impotente.
 Mas a esperança ainda persiste,
 me impulsiona e se faz presente.
 Pois não somos coisas...
 Somos gente.

FORÇA MÁGICA

Saborear os momentos
 onde o mundo sentimento
 alicerça minha vida

e me enleia o pensar...
 A força mágica do existir
 acaricia meu interior
 me encontro pensando e vivendo você
 Saborear a importância
 do seu existir que me habita
 e sei que em algum lugar
 o mar se agita, o sol fortifica
 O amor verdade, a terra
 o verde, a água, o ar...
 Saborear momentos
 onde o mundo sentimento
 alicerça minha vida
 e me enleia o pensar...
 Momentos... sentimentos...
 invadem meu ser inteiro
 parece que vou transbordar
 Você, seu ser inteiro
 e a força mágica do sentir
 que juntos chegaram
 para em meu peito morar

OS DOIS LADOS

As nuvens se agitam
 As almas se abrigam
 Na beleza natural
 Que está no mar
 Que está na terra
 Que está no céu

As imagens crescem
 Diante dos sentidos
 Onde a alma carregada de sensibilidade
 Absorve a riqueza natural e se identifica

A criação maior parece morar neste reino
 Os coqueiros acenam, penteados pelo vento
 Todos no mesmo sentido
 E...

São fortes e frágeis
 São lindos!... São lindos!...
 Mas...

Lá vai a esperança
 Saltar nessa dança
 Que é o nosso Brasil

Brasil de anseios, misérias e utopias
 Lá se vão nossos sonhos
 Na rabeira da democracia
 Transição doente, perseguições,
 Proibições, injustiças, incoerências,
 Indiferenças e mortes mil

Cadê a democracia?
 Cadê o Brasil?
 Cadê os nossos sonhos?
 Pátria mãe gentil
 Cadê a dignidade?
 Cadê o Brasil?
 Perdida na história, buscando o seu rumo
 Lá vai a nossa luta
 De frases no muro, prisões,
 Injustiças, traições, folhetos impressos
 No verso e no inverso

Presos no querer
 Libertos na ilusão
 Lá vai a esperança
 Perdida na dança
 Emendas – Projetos – Constituição
 Cadê a verdade?
 Cansou de lutar?
 Perdeu os sentidos?
 Virou utopia?
 Corroeu-se no tempo?
 Não quer mais voltar?!

Cadê o respeito
 Pela vida, pelo sentir, pela emoção?
 Está trancado em gavetas?
 Ignorado pela justiça?
 Sufocado pela corrupção?

Cadê a democracia?
 Cadê o Brasil?
 Cadê os nossos sonhos?
 Pátria mãe gentil
 Cadê a dignidade?
 Cadê a justiça?
 Cadê o Brasil?!

QUERÊNCIA

Quero a luz branqueando minh'alma
 avivando minha calma
 acariciando meu querer
 Quero que a paz tão desejada
 se traduza em meus caminhos

e por onde passar
 possa lançar carinhos
 e sensações de bem-querer
 Meu querer se estremece
 Cresce, cresce...
 Tem uma sede que parece
 Que nunca terá fim
 Meu estar é muito mais
 muito mais do que estar
 Ele vaga, rodopia, gira
 faz euforia e esbarra no amar

ARTE: UMA VERDADE RELATIVA

A arte é a expressão dos sentimentos, captados pelos sentidos; reflete a essência do ser humano e traduz emoções, reflexões e impressões.

Em princípio, a arte não é obrigada a ser aprovada e entendida, e uma de suas funções é se permitir passar por portas fechadas. O artista é um ser social, tem responsabilidades sociais e precisa estar consciente delas.

“Ninguém trabalha no vazio.”

No entanto, o artista é livre para experimentar diversas linguagens, e essas experiências normalmente são vistas e sentidas por seres individualmente diferenciados, e o resultado dessas experiências está sujeito a identificações e não-identificações. O artista deve ser livre para julgar o resultado de suas experiências, pois o verdadeiro artista é sensível e intuitivo. A sensibilidade e a intuição traduzem-se em “lucidez”. A lucidez faz com que o artista procure aperfeiçoar o que não foi coerente com o que ele tentou traduzir.

E o que não pode se permitir na arte são os critérios preconceituosos de apreciação artística, impostos por uma minoria,

ditando o que o artista deve ou não fazer, e dentro de padrões preestabelecidos subjugar trabalhos por não se identificar ou por não fazerem jus ao que ela julga ser bom.

Acredito que a arte é um direito. Apoiar e respeitar é um dever. Não interferir é obrigação.

O céu é para todos. Perceber que o céu é para todos é começar a ser humilde, e ser humilde *não* é sinônimo de ignorância ou servidão. Ser humilde é perceber que: “Ninguém é dono da verdade!”; e que a verdade é relativa e não absoluta, que a vida é contínua lapidação e que a Arte é uma verdade relativa.

JACQUES MIRANDA DE OLIVEIRA

NÃO SABIA QUE ERA TÃO BOM

Zapeando os canais na TV aberta, me deparei com uma entrevista e não lembro bem em que emissora, mas era um programa típico de literatura, em que o escritor falava um pouco de sua vida. Num determinado momento, o entrevistado soltou uma frase que me chamou muito a atenção, ao ponto de ficar martelando em minha cabeça por vários dias. Diria que martela até agora e pretendo me livrar ao escrever este texto.

Ele disse que, quando dava aula, “sentia-se sugado pela obrigação e não conseguia escrever nada” e arrematou: “Era problema com nota, com falta, com aluno...”. Será que eu também sou assim? Juro que não.

A cada virada de semestre, exercito minha capacidade de despedir-me daquelas turmas, com as quais criamos uma grande sinergia em aula; afinal, só é possível conduzir uma troca positiva de conhecimento se houver um bom ambiente e isso, como muita gente sabe, não acontece no primeiro instante. Mas faço sempre uma alusão a um trem que tem que ir para outra estação, isto é, os alunos precisam encontrar-se com outros professores, outras experiências e seguir seus destinos. Nós, professores, ficamos na estação a esperar pelo próximo trem e seus passageiros que descem, e com isso orientamos naquela parada.

Tem gente, no final do curso, que nos cumprimenta entusiasmamente em público, que faz discurso, que monta filme, dá presente. Alguns deixam bilhetes; outros apenas viram as costas; dão um tchau, e também tem gente que sai calada. Respeito a todos!

Mas, uma coisa que me chamou muito a atenção foi a atitude de um aluno nestes últimos dias. Ele era um aluno comum, nada demais. Participativo, pontual, cordial, educado, um bom menino

e, seguramente, um bom profissional no futuro, assim considerando que deva ser um bom filho, até porque, não existe uma forma de desmontar o ser humano e dizer que ele é de uma maneira em casa e, na vida escolar, de outra.

Aproximava-se do final da aula e os alunos começaram a se despedir uns dos outros e em seguida passar por mim trocando abraços, apertos de mão e frases ao acaso. Ele, pude perceber, ficou na sua cadeira. É daqueles alunos que não sentam nem na frente, nem nos fundos, mas bem no meio da sala, à vista do professor. Ele esperou todos os alunos saírem e tranquilamente se dirigiu a mim, que estava sentado com algum afazer. Não lembro bem o que me mantinha compenetrado, mas ele me disse: – Professor, eu queria muito agradecer ao senhor. Eu respondi: – Obrigado, imagina, nem precisa, nós vamos nos encontrar por aí. E ele não se conteve e disse: – Meu caro professor, eu aprendi muito neste semestre com o senhor. E não foi só em relação à sua matéria, mas principalmente em relação à vida e ao comportamento em sala de aula. Até aí, tudo bem. Em seguida, ele deu um passo para trás, esticou o braço direito buscando me cumprimentar e eu imediatamente retribuí o gesto. Em seguida, ele colocou-se em posição “de sentido”, com pernas fechadas e braços ao lado do corpo e curvou o corpo em forma de reverência, seguida de um muito efusivo “muito obrigado”, um gesto de cabeça e um largo e sincero sorriso.

Fiquei atônito.

Tem coisas em nossa vida que podemos pedir e receber. Há outras, entretanto, que podemos até pedir, mas nunca receberemos. Por último, haverá coisas boas em nossas vidas que ganharemos sem pedir.

Ganhei.

HONRANDO O PRIMEIRO PASSO

Tem aquele provérbio chinês que diz que uma longa caminhada começa sempre com o primeiro passo. Esta, aliás, é a primeira

frase que coloco na lousa quando inicio um módulo de aulas – é um padrão. Aprendi isso com um professor chamado Alcides; não inventei, não criei.

Muitas coisas que faço vêm de um aprendizado que, por conta da minha educação, coisa que aprendi com minha família, hoje eu utilizo e me fazem bem.

Uma coisa é dizer que aprendemos bons modos, educação fina ou até mesmo hábitos saudáveis com a família. A outra coisa é dizer que aprendemos o óbvio: andar, escrever, por exemplo. É, mas é sobre isso que vou dizer e há um bom motivo para isso.

Domingo, dia 13 de maio, comemorou-se o Dia das Mães, oportunidade em que muitas pessoas se encontram com suas mães, entregam um presente, fazem uma declaração de amor, tiram fotos, almoçam juntos e, depois disso, tocam suas vidas.

Outros filhos, entretanto, não seguem esse ritual, seja porque não falam com suas mães por ter discutido, moram distante delas ou, em última hipótese, não mais as têm no plano material – apenas na memória.

Com nossas mães aprendemos várias coisas, desde o estímulo da variação de temperatura corporal até a saborear a primeira refeição. Com as nossas mães aprendemos a andar e é sobre isso que tenho a dizer.

Andar é uma necessidade do ser humano, pois somos seres caminhantes. Nos primórdios, o homem das cavernas tinha que correr atrás do seu alimento para poder sobreviver e olha que a coisa, não era fácil como hoje que tem supermercado e geladeira para conservar.

O ato de caminhar é algo natural e o de correr tornou-se um esporte, que acumula adeptos a cada dia. Por outro lado, correr torna-se uma paixão esportiva e ninguém o obriga a fazê-lo. Nem o médico, nem a sua mãe o obriga a correr: as pessoas correm porque gostam.

Nesse último Dia das Mães, eu participei de minha primeira corrida de rua. Uma corrida oficial cuja arrecadação é destinada ao Graacc, que é um grupo de apoio ao adolescente e à criança com câncer. A prova era de 10km e eu a concluí com o mesmo ímpeto com que me preparei para ela – senti-me como num baile de gala, como um debutante.

Eu corri e corro por alguns motivos; posso elencar vários mas, particularmente esta prova, corri para homenagear alguém que esteve comigo por 47 anos e que há dois não participa mais deste mundo material. Ela que me ensinou a dar o primeiro passo e que, mesmo não ligada a esse tal “provérbio chinês”, sempre me ensinou que não existem limites para o alcance dos meus objetivos.

Mãe, obrigado. Continuarei honrando o primeiro passo, o primeiro gesto, o primeiro exemplo, seja correndo, andando ou simplesmente vivendo como uma pessoa de bem.

Feliz.

VIVENDO COM MEUS MONSTROS

Depois de escolher minuciosamente o que iria colocar no prato, me encaminhei para a balança para aferir o peso do meu almoço, solicitar a bebida que iria acompanhar e enfim, pagar a conta.

No instante em que peço o meu chá, se aproxima um garoto dos seus 16 anos, chinelo de dedo, bermuda vermelha, camiseta regata e desfere a frase “senhor, me paga um almoço? Reação automática foi dizer “não”, acompanhando um olhar de repreensão, talvez pelo incômodo, ou susto, não sei bem dizer.

Não deu tempo nem para refletir: o caixa do restaurante já se encarregou de dizer para ele se mandar, se não iria chamar o segurança. Sem ação, eu olhei de volta para o menino e pude ler em seus olhos algo que me dizia que aquilo era fome. Num outro relance vi uma certa ira e num terceiro momento uma serenidade.

Aconteceu tão rápido que ele se distanciou de mim cerca de dez metros e uma senhora, que estava sentada muito próximo de mim e acompanhada de sua filha, fez um sinal para o caixa encaminhar a ordem dela, autorizando que o menino fizesse o seu prato às suas custas. “Eu pago”, disse ela com um certo ar de superioridade.

Sabe-se lá o porque, mãe e filha olharam para mim com ar de reprovação, como se eu fosse o culpado pela imaginada fome do menino, ou que minha negativa me habilitaria a carregar um crachá eterno de avarento, insensível, ingrato, inútil ou qualquer coisa que o valha, me causando um constrangimento – coisa minha.

Não aprendi a lidar com isso.

Sou um autodidata. Fuço em tudo para aprender; não tenho limites. De profissão já passei de borracheiro a bancário e de programador de computador a escritor. Faço trabalho voluntário há mais de dez anos e já me meti até a ser pedreiro, quando vi que não teria dinheiro para construir parte da minha casa na periferia, há mais de 15 anos. Perto dos meus 12 anos de idade, comia arroz com uma fatia de mortadela no almoço e um pedaço de pão que sobrava da bengala que era comprada pela manhã. Só. Não tinha mais jeito, sem o meu pai em casa e minha mãe que era uma vendedora de loja de bairro.

Algumas pessoas dizem que na cidade grande ninguém passa fome, pois sempre vai ter alguém para ajudar ou algo para comer, nem que se pegue nas árvores ou revire o lixo. Sou capaz de afirmar. Vivi.

A verdade é que – como raramente acontece – reafirmo não saber lidar com isso. Tenho minhas convicções, meus dogmas, meus pavores e, também, minha sensibilidade.

Eu não sei se alimentar alguém significa dar-lhe a dignidade de um ser humano que precisa comer ou solidificar em sua mente a condição de que se pode pedir, que alguém irá lhe dar. Traduzindo para a linguagem dos especialistas, a tal da política assistencialista.

E se alguém não der? Se ele quiser bem mais do que alguém já deu e ele não se conformar? O que ele fará? Será que, se eu o alimentar, estarei ensinando-o a levar esperança para outras pessoas iguais ou, quem sabe, estarei ajudando-o a apertar um eventual gatilho? Quem se arrisca a dizer?

Não conte comigo, porque eu sinceramente não sei.

E assim, continuo ignorante sob os olhares dos outros e cultivando meus próprios monstros.

Aqueles que moram dentro de mim e cujas reações só eles sabem.

MULHERES (IN) PERFEITAS E CERTAS

Uma saia justa de tecido elástico. Não é necessário que a cor seja clara ou escura, nem que seja estampada ou lisa, mas que seja curta. Curta o suficiente para modelar qualquer que seja o tamanho da anca e demais curvas ou acidentes (sujeito a uma dupla interpretação).

As pernas, também, não precisam ser grossas e bem torneadas seguindo estereótipos, mas precisa que apareçam o máximo possível. O sapato? Ah, o sapato precisa sim ser de salto. Alto. E dos bem altos! Com isso, o andar fica mais cadenciado e – não poderia deixar de abusar do neologismo – meio pedestalesco.

A blusa? Digamos, um tomaraquecaia com enchimento ou aquele “ombro só” estruturado para enaltecer ou realçar a fartura de seios, que nem sempre é a realidade.

Os cabelos quaselouros e compridos, normalmente com luzes, mas pode ser escuro também, e por que não? Escova progressiva que, registre-se, paga-se em 3 ou 4 vezes na boa e velha Neide, a cabeleireira. Um bom lápis no olho; um blush bem passado (mas um pouco escuro demais pro gosto da maioria), um batom meio descomportado, sobrando (propositalmente) nos lábios e, pronto. Está ali a gata... gatinha... periguete... enfim.

A tal é jovenzinha, ou jovem, até no máximo seus 23 anos. Pouca idade, porque sabe-se que acima disso (um pouco pra cima e pra baixo, é claro) é que começam a apontar determinados traços de juízo, o que não lhe permite toda essa ousadia com maquiagem, roupas muito justas e curtas, supersaltos. Pelo menos é o que reza a lenda.

Esta montagem arquitetônica, este monumento, certamente chama a atenção. Chama a atenção do jovenzinho e do jovenzão, do homem e do ancião, cada um dentro do seu espectro, de sua visão. Uns pelo apelo da libido (sexo mesmo!), outros pelo design (coisa de “que bela paisagem”, e por que não?), e outros até pelo choque cultural (ah, no meu tempo não tinha disso) ou até pela curiosidade de projetar a imagem de suas filhas, netas ou até mesmo, por fim, de uma juventude “de bandeja”, abaixando até o chão, ao som de músicas que antigamente se dizia ter duplo sentido, mas que na verdade tem um único sentido.

Ao raciocinar por este lado, esta iguaria (que também rima com baixaria) se acha de montão por aí e, convenhamos, tá todo mundo certo: este é o nosso mundo, como diz Alberto Caeiro, um dos diversos pseudônimos do poeta Fernando Pessoa, “este mundo está para observarmos e estarmos de acordo”.

Quem se veste está certo, quem olha também está certo, quem critica idem. Mas, nesta mesma sociedade existem pessoas que não dizem nada, nem criticam e nem expressam sua opinião positiva ou negativamente, ou seja, sobre o certo ou errado e que, de maneira especial, são pessoas que têm muito valor.

Eu falo da mulher de meia idade. Aquelas que não se enquadram na descrição acima. Quem são elas?

É bem fácil, inclusive, descrever: não precisa de saia justa, de salto alto, do megabatom, do supersutiã, nem de um lápis todo especial. Ela precisa do olhar, do caminhar, do falar e do pensar que se resume em “atitude”, algo que não cabe muito em descrição – há que se sentir.

E toda essa atitude, de ação ou omissão, faz-nos crer que, desta vida, há uma certeza: a de que já perdemos mesmo a juventude e essa não volta mais e, por que então se lamentar. Bom é pensar pra frente, que o melhor sempre estará por vir e, quanto mais o tempo passa, mais bela fica a alma feminina. Mais ela se despe de valores supérfluos – saíinha, blusinha, saltinho – e veste valores especiais. Mais valoriza o olhar, o dizer, o ouvir, o sorrir.

Quanto mais o tempo passa, mais bela fica a alma feminina. E quem enxerga a alma? Aí é que está a questão...

A alma não precisa de capa, está ali, ao vivo.

Eu enxergo. E você?

LÁ VEM O TAL DO JUSTIFICATISMO

Já ouviu a frase que diz que “quem quer fazer faz; quem não quer arruma uma desculpa”?

Volta e meia me lembro de passagens na minha vida em que essa frase cai certinho. Tem gente que acha mais fácil arrumar uma desculpa do que fazer o que lhe foi pedido.

É aquilo que eu chamo de justificatismo, um neologismo, isto é, uma palavra que inventei. Nem tem no dicionário (pode ser que um dia terá!).

Mas fiquei imaginando “qual seria a desculpa do dia”?

Tudo começou com o dia em que perguntei para uma pessoa porque ela não vai procurar emprego e ela respondeu: o dia em que for no dentista porque, sabe como é, o tratamento é no horário do emprego. Aí ela foi ao dentista, resolveu o que tinha que resolver e aí disse que “esta semana não, porque não estou muito bem para ficar procurando emprego”. Coisa de TPM, justificável...

Na semana seguinte ela foi em dois lugares e disse que iria “esperar chamar”. Na outra semana não iria porque não tem dinheiro para condução, coisa que foi resolvida rapidamente. Na

outra disse que iria procurar cursos de graça porque as pessoas estão pedindo o tal do curso de “Excel”. Na seguinte, disse que vai se matricular num concurso e precisa economizar dinheiro para pagar a inscrição. Na outra, disse que estava estudando pra o concurso e precisava juntar dinheiro para comprar a apostila e não valia a pena arrumar um emprego agora por causa do concurso. Passou dois meses, e ela não passou no concurso, mas disse que “essa época é ruim para procurar emprego”.

Em janeiro disse que era “carnaval” e ninguém está contratando. Depois do carnaval, é muito calor e não é bom procurar serviço, porque o calor prejudica demais andar na rua: “pensa que é fácil?”.

E os alunos, então? Uma aluna disse que não teve tempo de fazer o TCC no semestre porque estava desempregada e fazendo bico, portanto ela “não tinha muito horário”; “era o que aparecia”. Faltava na escola de vez em quando, mas conseguia entregar os trabalhos e tinha nota boa.

E as tradicionais perguntas: Porque você não foi à aula passada? Não acordei bem; estava com cólica; bateu uma gripe; no meio da noite me deu uma dor de barriga e vou ver se melhoro. Se não melhorar, vou ao médico (essa é quase-perfeita);

E as desculpas para chegar atrasado: não achei a chave de casa. O carro/ônibus/trem/lotação quebrou. E por aí vai.

E para aqueles que dizem não ter tempo para ler. No Facebook ele lê qualquer coisa. Quando pergunta porque ele não leu o livro, ele disse que não teve tempo, mas vai em balada, futebol com amigos, Facebook, MSN, conversa com amigos, vai no boteco, assiste o BBB, Caso de família, a novela, o Jornal Nacional, o Datena... mas não lê um livrinho sequer!

O único lado bom das desculpas é que elas nos ajudam a escrever umas crônicas de vez em quando, se não, esta aqui que você está lendo seria bem curtinha quer ver:

- Leu?
- Claro!

DEIXE EU SER SEU COLEGA?

Em pé numa pequena fila de uma agência dos correios, eu estava lá, aguardando para ser atendido, e aflito para que chegasse rapidamente aquele momento de me desvencilhar daquelas cartas.

Num determinado instante, entram pela porta de vidro duas pessoas: uma senhora jovem e seu filho, ambos de mãos dadas. A dupla encaminha-se para o final da fila como manda a praxe. Eu já era o próximo a ser chamado. Eis que a senhora que havia chegado pergunta para o guarda dos correios, que estava de pé próximo da porta:

— Posso ir para o começo da fila?

O homem olhou para ela de cima abaixo e para o filho e respondeu:

— A senhora é quem sabe...

Imediatamente a esta resposta, ele foi se encaminhando para o começo da fila sob o protesto ruidoso de seu filho, que gritou “Ah mãe, não precisa. Que saco!”. Ela, puxou o menino pelo braço, lançou um olhar firme para ele e disse-lhe “cala a boca, moleque!”.

Sob o olhar atônito de todos, o menino manteve-se de cabeça baixa e ela, com um semblante de soberba e flagrante razão, fitava a todos como se estivesse ali a contemplar um momento de glória pessoal.

Naquele momento desviei minhas atenções a tudo aquilo que pensava e passei a raciocinar um pouco a respeito do episódio que presenciara. Enquanto isso, a mulher, de mãos dadas com o seu filho, caminhara em direção ao caixa, atendendo ao chamado do funcionário. O menino carregava um semblante de quem

era portador da Síndrome de Down. Era, portanto, deficiente na acepção da legislação vigente. Para mim, entretanto, ele era uma pessoa normal, pois tinha preservado todos os seus traços que lhe mantém dentro do espectro social. Sem defeitos, balbucios, comportamentos estranhos. Nada.

Não pretendo aqui teorizar a respeito do privilégio ou não daqueles que têm deficiência física, mental, pessoas com crianças de colo ou idosos que têm a preferência no engodo burocrático das intermináveis filas, que, como membros da sociedade, temos que aprender a frequentar. Cabe-me, entretanto – e para isso fico bem à vontade – discutir o que chamamos de livre arbítrio, ou, em outras palavras, a capacidade que as pessoas têm de escolher o que é melhor para si, inclusive, o rótulo de “deficiente”.

Nos próximos dias, estreia um filme que está muito bem visto pela crítica e considerado pela Revista Superinteressante como um dos 13 filmes imperdíveis de 2013. Trata-se de “Colegas”, cujo enredo principal é o anseio de liberdade que ataca furiosamente três portadores de Síndrome de Down que, a bordo de um carro velho, dão uma de parodiar o filme *Telma e Louise*.

Ora, ora, independente de nossa condição, como somos aprisionados por nossos falsos estigmas? Temos portado invisíveis e insuportáveis amarras, mesmo sendo “não deficientes” (infelizmente, não consegui escrever “normais”). Quem de nós já não foi alvo de um preconceito de outras pessoas, por não considerarem que somos capazes de fazer algo nessa vida? A reprimenda, às vezes, está só no olhar. Muita gente olha para nós já dizendo que somos incapazes.

Menino? Você, que estava nos correios no dia 25, no final da tarde. Continue assim, se rebelando contra o que a sociedade diz que você é. Continue usando de sua capacidade de decidir o que quer. Continue levando em frente seus anseios de liberdade, mesmo que a sociedade diga que você não pode. Sim, estas pessoas que lhe rodeiam na escola, na fila do banco; no correio. Mesmo

que sua família diga que você não pode. Mesmo que ela diga (ou demonstre) que você é o que você não é, existe e sempre existirá algo maior do que isso.

A VIDA VIVIDA DE UM ESCRITOR

Em 2013 completam 5 anos do lançamento do meu primeiro livro, como pude resgatar nos arquivos de construção da obra (que quase perdi por falta de backup estes dias!). Em março de 2009 eu estava com a obra pronta e negociando com editoras.

Na época, quando o lancei, tinha milhares de dúvidas, dentre elas se alguém o compraria, se seria útil, se eu poderia considerar esta obra como uma aposentadoria (que viagem!), etc. e pelo menos uma certeza: a de que eu nunca iria parar de escrever e que essa seria realmente a minha principal vocação.

Chegaram os cinco anos de publicação e o que tenho a dizer?

Em relação à minha certeza, o prognóstico deu certo. De lá pra cá já foram diversas obras próprias (*Os 12; 7 passos; Ela só queria; Ossos e os contos para não*) e várias com terceiros. Em relação às dúvidas, principalmente se alguém compraria, é óbvio que existe uma vendagem do livro e que ele é muito útil, mas, ontem, me veio uma informação de maneira muito contundente, pois os meus livros estão sendo comercializados como e-book pela Amazon, a maior comerciante do mundo, embora haja vendagem física pelas tradicionais Saraiva, Nobel...

E a minha surpresa foi ver que *Os 12 mandamentos da administração do tempo*, aquele livro lançado há 5 anos, no dia de ontem, estava em 25º lugar entre os mais vendidos da categoria (que tem cerca de 800 títulos) e o 487º entre os mais de 200 mil títulos da Amazon.

Puxa! Tem gente lendo mesmo!!!

JOÃO BOSCO DA SILVA

BATALHÃO DE LEITE

O primeiro que caiu
Era um forte capitão
Enfrentou várias batalhas
Escapou de mosquetão
Mas no batalhão de leite
Não querendo ser enfeite
Entregou-se, deu aceite
Para a substituição

Morão, morão
Pegue seu dente pôde
E dê cá meu são

O segundo que caiu
Comandava o pelotão
Era da linha de frente
Daquela composição
Começou a balançar
Solta aqui e solta lá
E não deu pra segurar
Até que caiu no chão

Morão, morão
Pegue seu dente pôde
E dê cá meu são

O terceiro que caiu
 Branco como requeijão
 Já vinha sendo empurrado
 Por um outro gigantão
 E a boquinha de cancela
 Com o sorriso banguela
 Foi ganhando em paralela
 Uma nova dentição

Morão, morão
 Pegue seu dente pôde
 E dê cá meu são

Não sobrou dente de leite
 Nem dentinho nem dentão
 Era só cair um deles
 Vinha outro na posição
 Lá no fundo ou lá na frente
 Bem graúdo e resistente
 reforçado, permanente
 Com raiz e bem grandão

Morão, morão
 Pegue seu dente pôde
 E dê cá meu são

Assim faz a natureza
 na primeira dentição
 Todo dente que cair
 Logo tem reposição
 São caninos, são molares
 Incisivos cavalares
 Ocupando seus lugares
 Enfim novo batalhão

Morão, morão
 Pegue seu dente pôde
 E dê cá meu são

MÃE DA LUA

O teu rosto refletiu
 no espelho do luar
 e teu príncipe quando viu
 Foi pra nunca mais voltar

Canta triste passarinho
 Canta triste mãe da lua
 Que o teu amor se foi

Foi foi foi,
 Foi foi foi

Viraste num passarinho
 Que canta triste de dor
 E segues no teu caminho
 Em busca de teu amor

Canta triste passarinho
 Canta triste mãe da lua
 Que o teu amor se foi

Foi foi foi,
 Foi foi foi

E a feiúra que era tua
 Passou para o urutau
 Sofredora mãe da lua
 Virou toco, virou pau

Canta triste passarinho
Canta triste mãe da lua
Que o teu amor se foi

Foi foi foi
Foi foi foi

A SINA DO BEIJA-FLOR

O beija-flor
fez um ninho
num raminho de juá

colibri
passarinho
brinquedinho
de avuá

as almas
são borboletas
dançando
de flor em flor

procurando
o rapidinho
passarinho
multicor

pois elas
vão para céu
nas asas
do beija-flor

O beija-flor
miudinho
carocinho de cajá

colibri
bigodinho
canarinho
sabiá

as almas
são borboletas
dançando
de flor em flor

procurando
o rapidinho
passarinho
furta-cor

pois borboletas
são divas
cativas
de beija-flor

O CANTO DO FERREIRO

Pra mim

Pra mim

Pra mim

Martelo
sejais
brasa em voz,
por nós

Ferreiro
terás
paz enfim,
ah sim

Solfejo sagrado
De trino gritado
Sineiro encantado
Alado clarim

Solfejo sagrado
de trino gritado
Sineiro encantado
Sê canto pra mim

Pra mim

Pra mim

Pra mim

PINDORAMA

Parajás,
Negai licença aos fazendeiros
Mantei crescendo jacarandás
Torrai o ouro dos garimpeiros
Fartai de suco taperebás

Travai as armas dos pistoleiros
Honrai os povos tupinambás

Chandoré,
Cobri de terra escavadeiras
Enchei nascentes e igarapés
Enferrujai empilhadeiras
trazei aos rios tucunarés
cegai machados das madeiras
tenhais em ti Pankararés

Guaraci,
Desmantelai poluidoras
Grassai a mata de guaxinins
Arregaçai desmatadoras
Enchei as tribos de curumins
Desmerecei mineradoras
Trazei à luz Tupinikins

Jamecó,
Turvai o sangue das cruas guerras
Com ferroadas de sanharós
Mandai de volta às outras terras
Quem não nadou no Tapajós
quebrai os dentes das motosserras
desocultai Kaparipós

Ñande Ru,
Tirai as terras dos invasores
E devolvei aos Matipus
Queimai os barcos e seus motores
Soltai o canto dos Guaicurus
Pesai nos ombros dos matadores
Verdadeirai Pankararus

Pindorama,
 Bem antes das grandes navegações
 Bem antes dos tiros de teus fuzis
 Das tramas, das lutas, das invasões
 Viviam índios neste país
 formando um povo de mil nações
 Falando a língua dos Guaranis

SENHOR REI DRAGÃO DO MAR

Rema rema jangadeiro
 Rema rema sem parar
 Nessa nau catarineta
 Tu leva Dragão do mar

Luiz Gama vai na proa
 Cantando pra Iemanjá
 o canto tem acalanto
 Como diz no Ceará

Rema rema jangadeiro
 Rema rema sem parar
 Nessa nau catarineta
 Tu leva Dragão do mar

Vai também nessa jangada
 Negros de Taperoá
 Tres filhos de Moçambique
 Zumbi, Tutu, Mussabá

Rema rema jangadeiro
 Rema rema sem parar
 Nessa nau catarineta
 Tu leva Dragão do mar

Uns navios não chegarão
 outros não irão zarpar
 tem veleiro tubarão
 jogando rede no mar

Rema rema jangadeiro
 Rema rema sem parar
 Nessa nau catarineta
 Tu leva Dragão do mar

Canta Chico da Matilde
 Canta rei dragão do mar
 Que é tempo de abolição
 Que é tempo de festejar

Rema rema jangadeiro
 Rema rema sem parar
 Nessa nau catarineta
 Tu leva Dragão do mar

CINTOS DE UTILIDADES

Pestana poste pastilha
 Graúna graça groselha
 Cruzeta cravo cravelha
 Netuno nata novilha
 Maneta mote matilha
 caretas canos caninos
 Demandas dobras destinos
 Verbetes metrificados
 Que quando não convocados
 Cochilam dependurados
 Nos cintos de utilidades
 Dos poetas nordestinos

Duda Dina Daniela
 Flora Flavia Fabiana
 Laura Lêda Luciana
 Marisa Marta Marcela
 rita rosa rafaela
 muitos nomes femininos
 alguns curtos pequeninos
 outros longos complicados
 que quando não precisados
 cochilam dependurados
 nos cintos de utilidades
 dos poetas nordestinos

traças tribos teoremas
 picos potes paralelos
 caquis cocos cogumelos
 fuligem fatos fonemas
 petardos pedras poemas
 em versos alexandrinos
 centrados belos granfinos
 termos ricos rebuscados
 quando não solicitados
 cochilam dependurados
 nos cintos de utilidades
 dos poetas nordestinos

mosaico maçonaria
 rotas rudes rituais
 sonoros silvos sinais
 Cabala cartomancia
 falácias filosofia
 papas pobres paladinos
 babas bodes beduinos
 verbos nomes variados

Que quando não convocados
 Cochilam dependurados
 Nos cintos de utilidades
 Dos poetas nordestinos

caipora cão curupira
 guapo guaco guaraná
 focus fátuo folhará
 mata moita macambira
 caixeiro cobra caipira
 sumidos seguem Silvinos
 vivos vagam Virgulinos
 citações frases ditados
 que quando não são chamados
 Cochilam dependurados
 Nos cintos de utilidades
 Dos poetas nordestinos

Verbetes metrificadas
 muitos nomes femininos
 centrados belos granfinos
 verbos nomes variados
 citações frases ditados
 termos puros genuínos
 vibrantes doces ferinos
 prontinhos organizados
 que quando não são lembrados
 Cochilam dependurados
 Nos cintos de utilidades
 Dos poetas nordestinos

O SENHOR VAI CHEGAR LÁ

se quer saber das estrelas
mil segredos desvendar
roer as vigas da terra
tirar o vento do ar

do uivo do lobisomem
numa noite de luar
das sereias, dos fantasmas
dos quitutes de Sinhá

do ouro de Salomão
dos filhos de Jeová
da vida de Lampião
do canto de Iemanjá

das lutas pentecostais
da batalha em Trafalgar
das portas do Vaticano
da velha Madagascar

dê um mote a um cantador
seja no tema que for
e eu garanto pro senhor
que o senhor vai chegar lá

do olho do furacão
das luas de Avatar
das narinas do dragão
do sonho de Calabar

das chuvas torrenciais
do eclipse lunar

de terremotos, trovões
de cataclismas no mar

das serras da Paraíba
das praias do Ceará
dos lençóis do Maranhão
das águas de Cuiabá

de Calvino, de Lutero
de Guevara e Bolívar
de Sandino, de Fidel
de Lamarca e Parasar

dê um mote a um cantador
seja no tema que for
e eu garanto pro senhor
que o senhor vai chegar lá

Da vaidosa cigarra
Que não para de cantar
Da abelha, da formiga
Que vivem pra trabalhar

Da praga de gafanhoto
Do morcego, do radar
Das labaredas de fogo
Das pernas do embuá

Do colorido pavão
Do fedorento gambá
Da pressa da tartaruga
Que anda bem devagar

das moças do cais do porto
da mulher de João Goulart
do porque que Jânio Quadros
teve que renunciar

dê um mote a um cantador
seja no tema que for
e eu garanto pro senhor
que o senhor vai chegar lá

das rodas enferrujadas
do fusca de Itamar
da mulher de Menelau
do cinzeiro de Godard

das sete chagas de Cristo
da poluição do ar
do cavalo de São Jorge
em galope à beira-mar

das engrenagens, dos sinos
das moendas, do tear
das asas de Peter Pan
do pequeno polegar

do choro de Madalena
do cheiro de jatobá
da sina dos penitentes
das cantigas de ninar

dê um mote a um cantador
seja no tema que for
e eu garanto pro senhor
que o senhor vai chegar lá

JOSÉ AUGUSTO RODRIGUES PINHEIRO

DEUS AJUDA A QUEM CEDO MADRUGA

Uma das características da minha amada mamãe é gostar de dormir. Ela garante que nunca sentiu alegria alguma em acordar cedo. Eu, por outro lado, sempre gostei de despertar com o céu ainda escuro. Assim, o dia fica mais longo e infinitamente mais produtivo.

Porém, desde o dia 28 de janeiro, com o advento do Jornal Nova Manhã, eu deixei de levantar-me cedo e passei a literalmente madrugar. O que me deixa mais tranquilo é saber que não estou sozinho; Odair Zanella e Luis Gustavo também precisam saltar de suas respectivas camas antes de qualquer galo saudável cantar.

Ontem, quinta-feira, a situação ficou ainda mais delicada. Após deitar-me por volta das 23 horas da véspera, e levantar-me às 3, eu tive imensa dificuldade para manter-me de pé. Houve uma espécie de vertigem que me preocupou sobremaneira. Orei bastante, e segui firme – iniciando o meu dia.

Claro, está sendo estabelecida uma nova rotina. O corpo, creio, está se acostumando aos novos horários de despertar, de dormir, de almoçar entre tantas outras atividades que alguém normal, como eu, desenvolve todo santo dia. Eu não sou diferente de ninguém – a despeito do que pensa minha mãe.

O resultado disso foi que eu percebi, durante o dia, estar com a paciência na reserva. Aliás, cabe a definição para paciência: é a sagrada união entre a sabedoria e o amor incondicional. Gostei disso, e desejo empregar essa virtude em todas as minhas iniciativas. Mas ontem estava difícil.

Foi quando, por volta das 10 horas da manhã, eu abri o livro *Vem Ser*, de William Sanches, e encontrei a frase “É preciso mudar”. Sim, eu precisava mudar a minha vibração interior. Já não era mais possível administrar aquele crescente desânimo, sem ter motivos para preocupar-me com o futuro imediato.

E assim, após algumas inspirações profundas, eu comecei a agradecer pelas inúmeras bênçãos que tenho recebido no meu cotidiano. A família, o trabalho, os amigos, as missões voluntárias e profissionais, as flores que recebi de presente no dia do meu aniversário – ainda exalando delicioso perfume na cozinha lá de casa.

O dia melhorou! As atitudes das pessoas, que antes pareciam tão negativas, voltaram a ser agradáveis e compensadoras. Voltei a acreditar na alegria de viver uma existência plena – repleta de incontáveis motivos para sorrir. Hoje eu estou com o ânimo renovado, como desejo estar sempre.

A vida acontece primeiramente na minha mente e no meu coração. Se eu estou mal, o mundo reage mal; se estou bem, não há nada que possa desfazer este estado de espírito. Eu mudo, o mundo muda – para melhor, de preferência.

TEMPO BOM, TODOS OS DIAS

Manoel Bolonha, titular do Clube Amigos da Boa Nova, todos os dias termina o seu programa dizendo “Céu azul anil, lindo!”. Independente de como esteja o tempo lá fora, o sr. Bolonha apresenta o seu estado de espírito em relação à vida.

Realmente não importa se chove ou se faz sol, se o frio nos faz arrepiar, ou se o intenso calor nos faz derreter como um sorvete – a grande verdade é que a qualidade do tempo meteorológico não tem relação alguma como nós nos sentimos no momento.

É muito triste observar pessoas que sempre reclamam do tempo. Elas parecem estar insatisfeitas consigo mesmas e descontam na chuva ou no calor as suas mazelas interiores. Também é comum essas pessoas responderem ao ‘Como vai você?’ com uma expressão como esta: “Tirando o tempo, tudo bem...”.

Quando ouço essa frase, honestamente, eu penso que se o único problema é a chuva ou o sol escaldante, então tudo está em ordem. Vamos refletir. Caso alguém esteja sentindo uma intensa dor de cabeça, o céu azul e a temperatura agradável não farão a cefaleia desaparecer por ordem mental.

Por outro lado, um estudante que tirou nota dez em uma prova difícil irá sorrir de orelha a orelha, mesmo com a tempestade que se precipita lá fora. Aliás, ele é capaz de sair dançando na chuva – feliz e realizado com a sua conquista escolar.

Quando eu era garoto, há algumas décadas, as estações do ano eram muito bem definidas. No verão, fazia calor durante o dia e chovia no final da tarde. No inverno, era comum o novo amanhecer com neblina – o que indicava que o sol viria dali a algumas horas. Calor no verão; no inverno, frio. E a vida era mais previsível.

Hoje, não. Faz calor de rachar no inverno. Todos ficam preocupados com o próximo verão. Mas o que se observa a partir de dezembro é uma sucessão interminável de dias cinzentos, com temperaturas amenas; por vezes, baixas. Hoje, até mesmo os meteorologistas sofrem para elaborar uma previsão do tempo pelo menos razoável. Constantemente, as quatro estações se manifestam no mesmo dia.

Daí a tentação contumaz de as pessoas reclamarem do tempo. O maior inconveniente é que as críticas e os queixumes criam um ambiente nebuloso em torno de quem emite os pensamentos ou palavras, e o resultado é que uma negatividade atraia outra. E assim, o sol interior se esconde e a mente fica propícia a receber raios e tempestades.

Mas, existe uma fórmula infalível para evitar isso.

Sim, existe um segredo para a eterna felicidade – sem que a pessoa se importe com o tempo. É o ato de agradecer por todas as coisas do Universo. Ser grato pela chuva, cultivar gratidão pelo calor de rachar o solo; abastecer-se do nobre sentimento de gratidão em todos os momentos cotidianos.

E, desta forma, mesmo que esteja chovendo forte, com direito a queda de granizo sobre a sua cabeça, agradeça, pois a bonança está a caminho.

Seja qual for a tempestade que você esteja enfrentando na sua vida, diga a Deus: “Muito obrigado, Pai”. E seja feliz!

O VALOR DA AMIZADE SINCERA

O nosso aniversário é o dia de nós colhermos aquilo que foi semeado nos 364 dias anteriores. Foi isso que eu aprendi ao observar, desde a infância, os mais velhos recebendo parabéns por sua data natalícia.

Aqueles que eram simpáticos e solidários recebiam beijos e abraços efusivos, enquanto as pessoas mais fechadas tinham direito a apertos de mãos protocolares. A diferença era patente. E eu entendia que o ideal era ser um bom menino.

Com o passar dos anos, comecei a empreender uma caderneta de poupança diferente. Em vez de depositar dinheiro, eu iniciei um processo de acumular boas ações. Sempre com a melhor intenção possível.

O resultado foi surpreendente. A partir do momento em que deixei de pensar primeiro em mim, e passei a priorizar as outras pessoas, o número de sorrisos recebidos aumentou, as palavras de incentivo abundaram, a felicidade se fez presente.

Cultivar amizades sinceras é um dos melhores investimentos que existem. A solidariedade, em momentos difíceis dos meus amigos, significa praticar a empatia – aquela nobre propriedade de se colocar no lugar do outro.

Todos nós precisamos uns dos outros; ninguém escapa dessa constatação. Há momentos em que nós estamos ajudando; há momentos em que a mão amiga tem valor decisivo para a continuidade na missão terrena.

Foge ao nosso controle saber o instante em que nós precisaremos contar com os outros. Ao contrário do que se imagina, sempre haverá alguém disposto a nos enviar os recursos – materiais ou espirituais – de que nós necessitamos.

Mas a humildade cabe como uma luva na arte das relações humanas. E o resultado final é um pleno congraçamento entre os seres de bem. Aliás, quando praticamos as melhores ações, tudo conspira a nosso favor.

Em um passado muito recente, eu precisei do apoio de inúmeras pessoas em uma iniciativa profissional. Sem entender direito o que estava ocorrendo, todas as energias positivas foram se agregando para que o sucesso se fizesse real.

E foi assim que eu compreendi, de forma indelével, o quão importante é tratar bem as pessoas a minha volta, sem, contudo, esperar retorno algum por isso. Pelas regras da atração energética, a colheita será farta.

Aproveito para agradecer, de coração puro, àqueles amigos e ouvintes que me dedicaram o carinho de sua amizade sincera, desejando felicidades a este seu irmão de jornada – eterno aprendiz na escola da vida.

O QUE MOTIVA VOCÊ A SEGUIR EM FRENTE?

No domingo, dia 3, eu assisti a mais uma palestra sobre motivação. Deve ter sido a de número 200 em toda a minha cinquentenária existência terrena. O homem que a ministrou, professor Herman Renato, é estudante Rosacruz há muitos anos.

Ele procurou demonstrar com base em textos e vídeos, quais são as chaves secretas da Motivação. Quais os mistérios que existem por trás dessa força intangível que move a humanidade para a frente e para o alto? Motivação deriva do latim 'movere'; mover, em bom português.

Tudo depende de um motivo – uma razão, necessidade ou desejo – que dê origem a uma ação, com objetivo bem definido. Essa movimentação parte de um conflito existente e resulta em uma tensão aliviada, disse o palestrante.

Contudo, mais importante é como direcionamos essa energia – se para o bem, colheremos frutos doces e saudáveis; se para o outro lado, bem, este será o caminho para dissabores e tristezas, infalivelmente.

Da minha parte, o que me motiva todas as manhãs a levantar cedo é saber que o meu trabalho fará diferença positiva na vida das pessoas. O que me impulsiona para a frente é entender que, em essência, todos nós somos um só ser. E o meu estado de espírito influencia aqueles que estão no meu entorno.

Quais os aspectos em mim que eu desejo mudar ou manter? Essa pergunta foi feita pelo professor Herman, e constitui-se em convite à reflexão diária. Se eu conseguir apartar o que há de orgulho e de ego em meu interior, tanto melhor, já que a humildade é virtude das mais enriquecedoras. E somente assim a evolução estará presente.

As chaves que abrem um mundo de intensa motivação, eu aprendi na palestra: amar o que nós fazemos; confiar em nosso

potencial; valorizar quem está ao nosso lado; e ter coragem de mudar sempre que necessário – nós devemos renascer a cada novo dia.

Assim, eu chego a uma importante conclusão. A de que o dia mais importante da minha foi, é e sempre será HOJE. Enquanto nós tivermos o privilégio de vivermos aqui, toda a energia deverá ser colocada no tempo presente. Vigiai e orai, disse Jesus. Nós devemos vigiar os nossos pensamentos, palavras e ações – sempre com o intuito de buscarmos a evolução.

E orar, sempre que possível, pedindo Luz a fim de saber para onde direcionar as nossas melhores energias.

A MELHOR IDADE COMEÇA HOJE

Chegaram os livros didáticos do meu filho Matheus. Ele está no quarto ano do Ensino Fundamental, e daqui a pouco entrará em sala de aula. Na sexta-feira à noite, eu observei alguns textos contidos nos diversos volumes. O livro de história mencionava que uma menina de nome Laura estava ouvindo a sua bisavó contar-lhe histórias de um tempo bom. Bisavó...

Eu estranhei, já que de todos os meus avós eu conheci somente a mãe de minha mãe, vó Brasília, que me contou quase todo conteúdo de sua rica memória – de forma simples, claro, para que eu a entendesse. Ela faleceu há 39 anos, quando eu tinha 11. Isso, portanto, ocorreu há duas gerações, período suficiente para a ocorrência de profundas transformações.

Os tempos realmente mudaram... O que era incomum, como ter bisavós, tornou-se fato corriqueiro. Isso é resultado da ampliação da expectativa de vida – expressão já atualizada para esperança de vida. Está observando? Outra mudança... É surpreendente que, mesmo com a vida mais saudável de outrora, havia menor intervalo entre o nascimento e o final da experiência terrena.

No passado, o ar era mais puro – só os cientistas conheciam um tal de ‘monóxido de carbono’; os alimentos eram colhidos na horta, na roça ou no pé – tudo fresquinho, sem agrotóxicos. Mas o Pai insistia em chamar de volta os seus filhos que chegassem à faixa dos 60 anos. Li em estudos demográficos realizados no século XX que, à época de Jesus, a esperança de vida era de... 33 anos. Ou seja, o Mestre permaneceu entre nós o tempo que deveria ficar. A lição, porém, não sabemos de cor.

No dia 1º de fevereiro, eu fui atuar como mestre de cerimônias da formatura da Universidade Aberta da Terceira Idade – Uati. Os jovens graduandos tinham, em média, 62 anos, e estavam muito felizes. Todos muito sábios desfrutavam da glória de vencer importante obstáculo em um período da vida em que a maioria deseja o completo ócio. Ou em bom italiano, para homenagem a minha nona, o que se deseja é o “dolce far niente”. Mas não esses jovens...

A oradora da turma, Ivone Aparecida, disse considerar-se uma ‘sexalescente’. Eu explico, ela desfruta da paradoxal condição de ter um corpo físico com mais de sessenta anos, uma sexagenária, mas animada por um espírito de adolescente. Ou seja, com energia e entusiasmo plenos; desejando viver intensamente – e aprender eternamente. O formando Airton José fez o juramento da turma. O objetivo de todos os Airtons e Ivones é continuar a serem úteis – de preferência, ao maior número possível de pessoas.

O mesmo pensamento tem a nossa ouvinte Dirce Matias, da vila Fátima. Ela escreveu-me uma bela carta no início de janeiro, afirmando que a programação da Rádio Boa Nova a estimulou a fazer cursos de diversas áreas. Dona Dirce tem hoje ânimo e alegria renovados, e não perde o quadro do professor Russo com as dicas de Língua Portuguesa. A sua meta diária, segundo consta na carta, é aprender o máximo que puder.

Em algum dia do futuro, o Pai nos receberá de volta em nossa morada espiritual. Isso é inexorável. Até lá, cabe-nos refletir a

respeito da real essência da Criação. Fazer os outros felizes, antes de nós pensarmos em nossa própria felicidade: eis aí a conclusão do curso fundamental da nossa efêmera existência neste planeta. Cabe-nos praticar ao máximo essa lição de amor. Comece agora, e o mundo será melhor – só por isso.

Viva o altruísmo da melhor idade!

REFLEXÕES SOBRE AS MUDANÇAS

Na vida, certeza – certeza mesmo –, só existem duas: 1ª – as coisas vão mudar; e a 2ª é que todos os seres vivos do reino hominal pagam impostos. Esclarecendo, se você está me ouvindo neste momento, você é um contribuinte em níveis municipal, estadual e federal.

O mais difícil de administrar é quando ocorre de as duas certezas se tornarem uma só. Uma mudança nos valores tributários, por exemplo. Em alguns municípios paulistas – Guarulhos entre eles –, o IPTU virou o ano como assunto de primeira grandeza.

Por um incrível alinhamento planetário, em alguns casos, o valor do imposto predial ficou acima da estratosfera. Essa conjunção dos astros recebeu os nomes científicos de ‘alteração da planta genérica’ e ‘valor venal maior’. A conta ficou astronômica.

E isso ocorre justamente na virada do ano, quando o calendário e as esperanças se renovam. Quando os planos para os próximos 365 dias são mentalmente delineados, ninguém pensou na vida real – essa em que as coisas mudam e os seres vivos pagam impostos.

Agora que passou o primeiro mês de 2013, todos nós já passamos pelo choque de realidade: IPVA, IPTU, IR, ISS, ICMS – muda o ano, mas permanece como prato principal a sopa de letrinhas – um tanto quanto salgada, como de costume.

Ninguém gosta de pagar impostos – esta é outra certeza.

Mas bem sabemos que o Poder Público precisa de recursos para gerenciar um país. Muitos são os profissionais necessários para manter em ordem a nossa cidade; serviços de saúde, segurança e educação – constitucionalmente garantidos.

Como sempre, o equilíbrio é melhor caminho para sanear as emoções e clarear as ideias. A exemplo de uma balança – cujos pratos recebem os respeitáveis nomes de ‘amor’ e ‘sabedoria’ – manter os dois no mesmo nível – esse é o nosso objetivo.

Há o momento de agir e o de aceitar; de manifestar a opinião e o momento de ouvir justificativas; há que se questionar, mas existe também a hora de entender o outro. O discernimento e o bom senso devem prevalecer em todo este rico processo.

Assim, a carga fica mais leve; e a vida, mais livre.

O VALOR DO TRABALHO EM EQUIPE

Beto Guedes, cantor e compositor mineiro, foi muito feliz quando compôs o verso “Um mais um é sempre mais que dois” contido na música O Sal da Terra. De fato, a soma de esforços de duas ou mais pessoas supera a simples composição aritmética. O crescimento é exponencial.

Ninguém faz rigorosamente nada sozinho. Quando nos levantamos pela manhã, muitos foram os profissionais que trabalharam para o nosso bem-estar durante a noite – dos médicos que deram plantão de madrugada até chegarmos ao padeiro que produziu o pãozinho francês nosso cada dia.

Alguém que acredite ser o senhor de sua vida consegue, no máximo, iludir-se nesse particular. Todos nós precisamos uns dos outros. Esse é o conceito das relações humanas, verdadeiro laboratório do aprendizado mútuo. Autodidatas buscam nos livros o conhecimento necessário para as suas reflexões. Mas houve

quem precisasse escrever o livro, revisá-lo, produzi-lo, editá-lo.

Uma família harmoniosa, na qual o amor é a base do relacionamento de seus membros, é composta por pessoas diferentes, com ideias também diferentes, mas com o mesmo ideal. O objetivo precípua da família é a felicidade de todos os entes que lhe são caros.

Quando eu estava na quinta série, na Escola Estadual professor Homero Rubens de Sá, em vila Galvão, Guarulhos, a responsável pela cadeira de Artes, professora Cleide, solicitou à classe um trabalho de pesquisa em grupo. “Mas pode ser individual se alguém quiser”, disse ela. Da minha parte, eu pesquisei em livros dos meus irmãos mais velhos e, em questão de minutos, tinha todas as respostas.

No dia de entregar a obra, todo orgulhoso, eu fui à sala de aula. Colegas de classe me pediram que incluísse o nome deles. Eu não entendi bem a proposta, e mantive somente o meu nome no trabalho. Foi o suficiente para que aqueles meninos me esperassem na saída da escola. Naquele dia, eu corri muito e cheguei em casa em tempo recorde. Foi o preço de querer fazer tudo sozinho.

A produção deste radiojornal é outro bom exemplo. Para ser levado ao ar, com a qualidade que você merece, são necessários os esforços de inúmeras pessoas – profissionais que unem a sua capacidade e as suas mãos às minhas para que nós possamos estar aqui, desejando-lhe ‘Bom dia!’

Na vida, vence aquele que abdica do pronome eu e emprega, com toda a alegria, a primeira pessoa do plural: ‘nós’.

NESSA VIAGEM, TODOS PERDEM

Um dos melhores investimentos que existem, na minha opinião, é o turismo – nacional ou internacional, não importa.

Quem viaja aprende infinitamente mais do que aquele que conhece um local distante por meio de fotos e textos. Viajar é sair da rotina; é viver um período em outro mundo.

Essa viagem enriquece...

Existe, porém, um outro sentido para a palavra viagem. Trata-se de uma forma de dizer que a pessoa está fazendo uso de um entorpecente, uma droga – lícita ou ilícita – e fugindo da realidade que o aflige. Neste tipo de viagem, todos perdem.

Quem toma uma dose excessiva de álcool, fuma um baseado ou faz uso de drogas pesadas, perdeu o controle sobre a sua vontade e, em geral, não sabe mais distinguir o certo do errado. Essa viagem leva a um universo que se assemelha a uma prisão. Por vezes, é o atestado de óbito antecipado.

Quando eu contava apenas 11 anos, um amigo de escola salvou a minha vida. Ele me emprestou um livro intitulado “O Estudante”, de Adelaide Carraro, que descreve a história de um jovem que conhece o mundo das drogas para diminuir a sua timidez no relacionamento com as meninas. O protagonista morre no final.

Essa obra, diz o prefácio, funciona como um verdadeiro escudo, impedindo que os jovens queiram ingressar nesse terrível redemoinho, cujo único propósito é sugar o que existe de melhor nas pessoas. A cada segundo de vício, morrem energias que fazem da vida a maior de todas as dádivas de Deus.

Nessa viagem ao fundo do poço moral, muitos se quedam inertes, sem forças para sequer olhar para cima e enxergar alguma luz. A esperança extingue-se rapidamente; a morte física é uma questão de tempo. Pouco tempo.

Famílias perdem seus filhos amados; governos desperdiçam recursos humanos e financeiros; traficantes ganham dinheiro, mas perdem a paz de espírito, a dignidade e o respeito próprio.

Essa luta é de todos aqueles que desejam a evolução da

humanidade. É o embate entre o bem e o mal. A Luz vencerá as trevas – isso é certo. Mas em quanto tempo? E a que custo? Quantas vidas humanas ainda vão se perder nessa viagem sem volta?

UMA MISSÃO DE AMOR

Ontem, 28 de janeiro, as Casas André Luiz completaram 64 anos de fundação. Localizada em Guarulhos, São Paulo, a instituição cuida de mais de 600 crianças, e ainda presta cerca de 800 atendimentos ambulatoriais todos os dias. Por qualquer ângulo que se observe, as Casas cumprem um importante papel na nossa sociedade.

Grande parte dos assistidos convive com os funcionários da Rádio Boa Nova, o que se torna um dos grandes privilégios de quem presta serviços aqui. Eu diria que já faz parte do pacote de benefícios da empresa o contato diário com seres tão doces, sensíveis e especiais.

Dentre as principais características de nossas crianças estão: o sorriso constante, o brilho entusiástico no olhar, a busca incessante de comunicar-se da melhor maneira possível – e que algumas limitações físicas impedem a completa expressão de sentimentos e idéias.

Essa é a comunicação plena. De coração para coração... É impossível conhecer os assistidos das Casas André Luiz e continuar sendo a mesma pessoa de momentos antes. Cada um dos visitantes, a sua maneira, sai fortalecido, recompensado e agradecido.

Após essas visitas, há quem diga: “Como eu sou feliz!”. Mas feliz mesmo são esses seres especiais, lindos de corpo e espírito, libertos de vaidades e egos. Com a pureza de eternas crianças, elas continuam vivendo e nos encantando. Cabe a nós aquecermos o nosso coração e praticarmos a virtude da gratidão:

Que mundo maravilhoso este!
 Visite as crianças das Casas André Luiz
 Domingo, das 14h às 16h.

SINCRONICIDADE: O TEMPO DE DEUS

Nestes tempos de internet, do café feito pela máquina e da velocidade máxima, todos nós desejamos resultados rápidos – de preferência, agora. Mas há uma longa distância entre o desejar e o obter, o querer e o conseguir, entre a nossa vontade e a do Criador de todas as coisas.

Em 1996, eu morava em Serra Negra, interior do Estado de São Paulo, e atuava na rádio local. O meu programa se chamava Manhã 10, e era veiculado todos os dias, das 7h30 às 8h30. Seis meses depois, a direção da emissora ofereceu-me uma hora a mais na grade de programação.

Prontamente, eu aceitei o desafio. Por razões que não cabem aqui mencionar, eu desejava alterar o nome do programa para “Nova Manhã” – em alusão a uma música muito bonita, do grupo 14 Bis, que fez sucesso na década de 1980. Contudo, os patrocinadores não deram apoio à ideia. E, assim, o nome Manhã 10 se manteve.

Dezessete anos se passaram. Aqui estamos nós, em 2013, estreando esta atração matinal. O seu nome: Jornal Nova Manhã. A sugestão foi dada, no momento oportuno, por Jether Jacomini Filho – diretor geral da Rádio Boa Nova. É, o Jether está sintonizado com Aquele que efetivamente decide...

Eu chamo a isto de sincronicidade, ou para ser mais claro – este é o tempo de Deus. É quando os fatos amadurecem e efetivamente se manifestam neste plano material e físico. Antes desse tempo, nós colhemos um fruto ainda verde; depois do momento adequado, por

vezes, o próprio fruto, apodrecido, cai e se acomoda no solo frio.

Chegou o momento. Esta é a hora. O Jornal Nova Manhã chega até você neste momento, às seis horas e ... minutos, para que o seu dia comece com boas novas, oferecendo-lhe as melhores vibrações e energias para que você seja um agente de mudança positiva neste lindo planeta. Mudança de amor e de sabedoria. Tudo no tempo certo; no tempo de Deus.

Seja bem-vindo, seja bem-vinda. A partir de hoje, o Jornal Nova Manhã é seu novo companheiro de despertar para uma renovada oportunidade de fazer o seu melhor. Sempre!

A ILHA DE VILA GALVÃO

A primeira definição de ‘ilha’ que conheci me foi ensinada no início da década de 1970, na antiga Escola Estadual José Alves de Cerqueira César, que então funcionava na praça Cícero Miranda, bairro de vila Galvão – Guarulhos (SP). Disse Nanci, a minha primeira professora: “Ilha é uma porção de terra cercada de água por todos os lados”.

Mesmo ouvindo hoje que se trata de uma redundância (cercada por todos os lados), eu agradeço a Deus por ter colocado José Cícero de Miranda na vida de todos nós, habitantes da vila Galvão. Foi ele quem doou à municipalidade toda a área de lazer que conhecemos – já inclusos o museu, a biblioteca e o Teatro Nelson Rodrigues.

Senhor Cícero ‘implantou’ uma ilha no centro do Lago dos Patos, para dar mais beleza ao local. Graças a esse fato, foi mais fácil assimilar a mencionada definição. Esta é sempre lembrada

a cada volta em torno do lago, enquanto caminho por lá. Fazê-lo é um eterno retorno aos tempos idos.

Em julho de 2012, realizei o sonho de visitar a ilha. A vista é surpreendente. Deve ser como enxergar a Terra a partir da Lua. Grato, José Cavalcante (chefe de manutenção da referida praça). Ele, meu colega dos bancos escolares da EE Professor Homero Rubens de Sá, para onde fui cursar os antigos ginásio e colegial. Hoje, Cavalcante é meu amigo, que adotou como sobrinho o meu filho Matheus.

Foi em vila Galvão que eu comecei a construir a história que completa 50 anos no próximo dia 5 de fevereiro. É aqui que eu passo a maior parte do meu tempo de 'meia-idade', procurando ser útil aos meus vizinhos de bairro. Nas ruas da vila, eu desenvolvo a arte de não ser uma ilha. Quero e posso melhorar a cada dia, a partir dos contatos que realizo com pessoas às quais, muitas vezes, ainda não tive o prazer de ser apresentado.

Às quintas, eu vou à feira da avenida Emílio Ribas em busca de frutas e legumes para tornar a minha vida mais saudável. Ao caminhar em frente às barracas, uma nova viagem no tempo: rostos conhecidos há décadas – muitos, me viram menino – trocam sorrisos comigo. Isso me dá forças para perseverar na busca por um mundo mais fraterno e harmonioso.

A vila Galvão é a minha casa. E pensar que tudo começou com uma olaria, que produzia os tijolos para as moradias dos bairros da Zona Norte da capital do estado. Para quem não conhece, o nosso bairro faz limite com o Jaçanã, com o rio Cabuçu a ilustrar a topografia local. Na Paróquia São Pedro Apóstolo, em 1954, meus pais foram os primeiros jovens a se casar... Nove anos depois,

começava a história de alguém que persegue o ideal de não ser uma ilha. Feliz vila Galvão para você!

35 ANOS DEPOIS...

Doze de setembro de 1977. Faz 35 anos que eu iniciei a minha trajetória profissional. Não que eu já não tivesse realizado pequenos serviços durante a tenra idade: fui jornalista e engraxate, aos nove; balconista de padaria, aos 10; vendedor de pipa na feira, aos 12; auxiliar de feirante, aos 13.

Mas o meu ingresso no Banco do Brasil, na função de office-boy, começou realmente no final de junho de 1977. Naquele tempo, eu estudava com muito afinho na 8ª série do primeiro grau no Colégio Homero Rubens de Sá, em vila Galvão, Guarulhos – minha cidade natal.

A manhã era muito especial, pois eu estava com febre. Apesar da insistência da mamãe para que eu ficasse em casa, eu decidi ir à escola. Lá, surgiu uma professora dizendo que quem quisesse trabalhar no Banco do Brasil, que fosse à sala dos professores no intervalo entre as aulas. Mesmo cambaleando, eu passei no primeiro teste.

A segunda etapa foi uma entrevista na agência Felício Marcondes, onde vários senhores tentaram saber quem eu era aos 14 anos. Uma das perguntas me marcou profundamente: “Às vezes, a faxineira falta e é preciso limpar os banheiros. Tudo bem para você?” Eu, que estava acostumado a ajudar nas tarefas domésticas em casa, respondi prontamente: ‘sim, eu posso fazer isso – claro!’ Foi decisivo.

Dois meses depois, eu ingressei no banco. Lá, fiz carreira, e, após 18 anos, já na função de gerente, resolvi aderir a um programa de demissão voluntária a fim de enfrentar o maior desafio da minha vida: realizar o sonho profissional de ser locutor de rádio.

O tempo passou. Dezesete anos depois de arriscar tudo e começar de novo, eu só tenho razões para agradecer a Deus, pelo dom da vida; aos meus amados pais, por cuidarem de mim em todos os momentos; aos meus familiares e amigos, pelo irrestrito apoio; aos meus ouvintes, pelo carinho de sua atenção e companhia.

O ideograma japonês para a palavra trabalho significa “facilitar a vida do outro”. Esse é o meu objetivo na Terra. E peço a Deus para que eu receba a energia necessária para continuar a ser útil ao maior número possível de pessoas. Pelo menos, por mais 35 anos...

LINEU ROQUE ACEIRO

O LAGO DOS PATOS

Deslumbrante sol, uma ilha circular da década de 1920 e o belíssimo Lago de vila Galvão. Águas plácidas de ondas mansas, abastecido por fonte mineral que corre escondida por entre frondosas árvores da chácara que pertenceu outrora ao jornalista Jair Vasconcelos, postada na esquina do Nosso Clube. Ao redor dele, uma praça verdejante, flores, pássaros, bancos e uma pista de Cooper que corre agora mais longa, dando a volta completa no Estádio Cícero Miranda. O grande lago, ponto amorável do encontro de amigos aposentados, de gente simples, moças e senhoras em caminhadas – casais enamorados.

O lago e os seus patos – como é tranquilizante vê-los assim, deslizando em calmarias sobre águas límpidas, do inesquecível e saudoso Parque Balneário. Fico ali, às vezes, quieto por horas seguidas, sem cansar, observando aquele refrigério – o vai e vem e o grasnar daquelas sombrias aves aquáticas que nadam suavemente. Uma pata mãe, toda vaidosa, orienta patinhos, acabados de sair dos ovos – amarelinhos, fofos, e sem que ninguém lhes tenha ensinado, já sabem nadar elegantemente. Que graça!

Vai, agora, um conselho terapêutico para a tranquilidade absoluta e terna dos usuários daquele recanto venturoso: ficar ali a acompanhar os patos a nadar, por meia hora que seja, faz tão bem para a alma e a cabeça da gente. Depois vocês me contam!

Exuberante área de lazer, recreação e cultura, pois está ali o Centro Permanente de Exposições de Artes Professor José Ismael e a sede da Academia Guarulhense de Letras – cartão postal dos mais belos de nossa cidade, o grande lago imponente,

ele, que, num passado distante, já teve o dobro do seu tamanho atual, está próximo de completar 100 anos de existência pura. Lugar aprazível, nostálgico para alguns que assistiram saltos de trampolim, passeios de barcos, o salva-vidas, vestiários, barra fixa para a prática de exercícios físicos, salões de baile, coreto para a banda executar dobrados, alugavam-se bicicletas e animais, havia um bosque insinuante, único remanescente da floresta que, primitivamente, cobria a região, um bar e restaurante, dois campos de futebol gramados, jabuticabeiras centenárias e um italiano de terno que, seguidamente, acionando com manivela, tocava o seu velho realejo.

A ilha solitária, no meio do magnífico lago, a tudo isso assistiu encantada – os patos chegaram muitos anos depois, desajeitados, frágeis no andar, hábeis no nadar e graça no voar...

“TEM RAZÕES O CORAÇÃO”

Indescritível delícia é a leitura de certos livros. Repentinamente, ela nos abre os olhos e percebemos, então, nas leituras, atentos, coisas que nunca havíamos visto. A vida é, certamente, o dom maior de Deus, e tudo que ameaça nossa existência, oprime ou destrói, é moralmente contrário ao projeto do Criador, que nos quer livres, isentos de coações físicas e morais. Por isso é que Deus deu asas ao homem e às religiões, prisões. A liberdade, verdadeiramente, a condição do amor.

O amor vence todas as coisas – amar é fazer bem a outras pessoas, ainda que lhe cause dor e sofrimento. Cultive a paciência, ela é uma árvore cujas raízes são amargas, mas seus frutos, ao contrário, são saborosos. O amor é assim, afirma o escritor e teólogo Rubem Alves: “Você ama porque ama”, o amor é gratuito, sem interesses, sem moralismo, sem opressão. Amar é saber ouvir e deixar-se possuir por dentro pela outra pessoa.

Lembre-mos que amar não é fazer cobranças. É, sim, saber respeitar, é deixar fluir a sensação de liberdade, é amizade, falar baixinho. Não tem relação de trocas, não tem porquês – ele deve ser como a rosa que não tem porquês, ela floresce porque floresce. O amor acontece como o vento que sopra nas águas azuis do mar distante ou na polpa de uma árvore – como a ave que voa livremente, como a flor que desabrocha sob o orvalho das manhãs frias.

O amor é assim - deveria ser! Você ama porque ama.

Uma mulher madura, de rara beleza, meia idade, havia perdido um seio. Aflita, chorava muito abraçada ao marido sentindo-se mutilada na sua feminilidade e na sua beleza. E questionava inconformada. Como poderia, agora, continuar a ser amada pelo marido? Será que ele a amaria como antes? O marido, então, sabendo da desilusão da amada, aperta-a, carinhosamente, contra o seu peito e diz: “Querida, de agora em diante, ao abraçá-la, o meu peito estará mais perto do seu coração...”.

Palavras, doces palavras, o amor vence todas as coisas, é estado de graça – não se vende, não se troca, não se corrompe. As razões do coração estão escritas numa linguagem codificada que só quem ama pode decodificá-la.

MISSÃO DOS POETAS

O domínio natural dos poetas é o imenso e misterioso império das afinidades. Eles, os poetas, distinguem entre as coisas, correspondências ocultas e profundas, que escapam à pesquisa do sábio e à meditação do filósofo, aproximando pela sua intuição e pelo seu mágico verbo, ideias, formas, vidas inúmeras, que ao povo se afiguram distantes e indiferentes umas das outras.

Eles fazem vibrar nos corações dos homens a aspiração, o desejo intenso da universal fraternidade – que é um sonho

irrealizável ou prematuro, fora deste mundo privilegiado da arte. Por séculos e por milênios, desde a Índia, a Grécia e a Judeia, esse inebriante tesouro de símbolos foi investigado e explorado por legiões de poetas – mas é falso, é infundado que estejam esgotados ou que possam esgotar-se jamais.

Enquanto nos envolver o mistério da natureza e da existência – o perpétuo, o eterno, nos envolverá, porque as pequenas lanternas da ciência iluminam apenas, fracamente, alguns dos recantos mais próximos da estrada que trilhamos e, para além, se estende o infinito. Não perderá seu prestígio a linguagem dos vales, porque ela é sugestionadora de sonhos e aspirações sempre doces a nós, prisioneiros neste vale de lágrimas que é a nossa própria existência. A vida é boa, mas viver é perigoso! Os poetas amenizam nossas dores e nossas desilusões.

Cada poeta verdadeiro que aqui surja, traz ao nascer a revelação de uma nova sensibilidade – seja ensinando novas harmonias entre as coisas, seja interpretando de modo novo, diferente mesmo, os mistérios que antes deles outros haviam descoberto. Eis porque na poesia, ainda na mais profana, mais indígena e na mais escrava do instinto carnal, há sempre algo de fortíssimo estremecimento de prazer e de alegria religiosa.

A poesia é irmã gêmea da prece – elas, a poesia e a prece, são as duas asas da alma e a levantam do duvidoso absoluto, do transitório ao eterno...

CAMINHO VICINAL

Na verdade, os caminhos de penetração nada mais eram que o prolongamento dos caminhos vicinais – atalhos que ligam povoações próximas. Para se avaliar, ou melhor, determinar o valor histórico dos caminhos guarulhenses, basta saber que foram os primeiros e, até princípio do século passado, os únicos da Zona

Norte, pelos quais se ia para Juqueri, Mairiporã, Atibaia, Nazaré Paulista, Bragança, Cuiabá, Minas, Goiás, Vale do Paraíba e Rio de Janeiro.

Resultaram, estes caminhos, dos carreadores abertos pelos caboclos, tropeiros e lenheiros, notadamente, imigrantes italianos que se especializaram na atividade rural, explorando continuamente as matas guarulhenses – abundantes nas regiões do Picanço, vila Galvão, Pirucaia, Cabuçu e limites do município. Atenderam também esses atalhos a locomoção de tropeiros, andarilhos e mascates que, com o correr dos anos, transformaram-se em importantes ruas e vias públicas, como é o caso da avenida Doutor Timóteo Penteado, que começa na avenida Esperança e encerra-se na divisa do município com São Paulo, em vila Galvão – sobre a ponte do rio Cabuçu.

A cronologia de João Ranali nos mostra, em 4/10/1938, uma comissão formada pelo prefeito municipal José Moreira Matos para estudar e propor a aquisição de um terreno, localizado no bairro do Picanço, na “avenida Cabuçu”, para a construção de um novo cemitério da cidade – hoje cemitério São Judas Tadeu. Da considerável incumbência participaram o delegado João Ranali, o médico Paulino Filho, Francisco Poli (comerciante), Luiz Faccini (construtor), Mario Boari Tamassia (técnico em contabilidade), e José Mauricio de Oliveira (dentista). Atentos acima para a localização do dito terreno: avenida Cabuçu, Picanço, que depois receberia o nome de avenida Doutor Timóteo Penteado...

Acontece que, já em 25 de maio de 1940, consultando alfarrábios do Arquivo Municipal de Guarulhos, encontramos o nome da referida via urbana assim grafado – Avenida Doutor Timóteo Penteado. Vem então em nosso socorro a sabedoria e competência de João Ranali, manifestando-se sobre fato que pessoalmente presenciou: Guilhermino Rodrigues de Lima, vereador e prefeito de Guarulhos no período de 1932 a 1938, homem honesto, corretíssimo no procedimento com a coisa pública – exercia antes destas atividades políticas as funções de topógrafo,

medindo e demarcando áreas de terrenos ou fazendo descrições minuciosas de várias localidades guarulhenses. Um curioso então, que, com a prática e a repetição, acabou por especializar-se no ramo, fazendo da atividade o seu mui digno ganha-pão. Quando a empresa requeria conhecimentos mais especializados para sua execução, recorria Guilhermino ao amigo de São Paulo, Doutor Timóteo Penteado, engenheiro civil por profissão, estabelecido na capital. Assim, veio para Guarulhos o valoroso homem, participar da abertura de tão importante avenida – das mais longas, bonitas e movimentadas do município.

O especializado engenheiro voltou outras vezes a pedido de Guilhermino, para a solução técnica de problemas na execução de obras, feitura de ruas, praças públicas, entre outros, momento em que a municipalidade eternizou a ilustre personalidade, colocando em placa alusiva o seu nome naquela importante via pública que liga vila Galvão a Guarulhos. Corria serenamente o ano de 1955, quando o prefeito Rinaldo Poli pavimentou o leito do antigo atalho guarulhense, calçando-o com os velhos paralelepípedos.

Esse remoto caminho – uma picada longa na mata densa que, em vila Galvão, separava as terras de Francisco Gonzaga Vasconcelos das do nosso primeiro intendente, o mineiro Joaquim de Paula Rebelo – é nos dias atuais a belíssima avenida Doutor Timóteo Penteado, que abriga em suas margens sofisticadíssima variedade de empresas comerciais. Aí está, em singelas linhas, o porquê do nome da aludida via guarulhense...

MARIO YOSHINAGA

CIDADES DO FUTURO

INTRODUÇÃO

Por curiosidade andei olhando as edições do “you tube” sobre cidades do futuro. Muito interessantes. Assistindo aos vídeos vemos uma mistura de um futuro, digamos, comportado, pois ainda vislumbramos as estruturas do passado das quais não nos libertamos, nem hoje, nem nos futuros imaginados pelos artistas. Assim, muitos dos vídeos se situam em ousadias bem comportadas. Explicando melhor essa crítica, essas cidades do futuro mantinham a estrutura básica de ruas e quadras, e as edificações dentro de cada lote, que reflete o sistema de propriedades privadas que persiste por vários séculos.

Segundo os artistas, no futuro os prédios terão formas e dimensões inusitadas, desafiando a resistência dos materiais e a Lei da gravidade, assemelhando-se às cidades concebidas nos desenhos de Flash Gordon e dos filmes de ficção. Os prédios do futuro cresceram em altura, tomaram formas de frutas, montanhas rochosas, cactos, entre outras imitações de formas da natureza. Procuram evitar a visão convencional de pavimentos, de janelas, de fachadas no prumo e de materiais facilmente identificáveis.

Algumas ilustrações mostram uma quase totalidade de prédios arredondados e sem forma catalogada, similar a formas líquidas ou gasosas, levando ao observador à incerteza quanto à sua exequibilidade.

Encontramos também propostas ecológicas, com prédios abaixo do nível do solo, afundados, como se ocupassem os buracos

deixados pelas escavações de mineração, assim como projetos de ocupações flutuantes tipo ilhas artificiais, e até ideias de cidades aéreas, nas nuvens, flutuando por algum recurso antigravitacional.

E não faltam conjuntos edificados cobertos de vegetação, vários deles intrigantes para as pessoas que gostam e cuidam de plantas, na falta de explicações de como superar a dificuldade de manutenção de elementos vivos em pontos de difícil acesso, em regiões de clima pouco amigável para as plantas ao longo do tempo.

Outra linha de propostas, mais ousadas, foge da urbanização convencional de quadras retangulares, criando inusitadas circulações por estradas aéreas e subterrâneas, por onde devem circular os veículos totalmente automatizados. Pecam, contudo, pelo conceito de adensamento de uma área central cercada por uma área urbanizada extensiva, a perder de vista. Prédios altíssimos e ruas cada vez mais insignificantes não parecem ser uma visão agradável para as cidades do futuro. Ao contrário, será desejável que as áreas de convívio público, solo livre, ajardinamentos extensivos, muita luz do sol e boa ventilação, sejam reconquistadas.

Uma proposta urbana nova

Uma proposta urbana inovadora poderia ser de uma solução integrando as partes móveis e fixas da cidade. Explicando melhor, seria um sistema de transportes de pessoas, mercadorias, líquidos, gases e energias, pensados em conjunto com a demanda dos prédios. As vias e veículos de transportes não teriam congestionamentos e tampouco desperdícios devido à ociosidade, algo bem mais próximo disso, dentro da cartilha de sustentabilidade ambiental.

Para atingir um nível de eficiência das cidades será preciso localizar as áreas de maior concentração de atividades, existentes e novas, estabelecer padrões de capacidade de uso, e interligá-las

com vias estruturais urbanas, as VEUs, sobre as quais falaremos em seguida, mas antes disso vamos justificar essa estrutura, que nasce da necessidade de tornar mais eficientes, portanto mais sustentáveis, as grandes metrópoles, uma vez que a proposta apresentada contribui para reduzir os desperdícios.

As VEUs decorrem da necessidade de considerar a cidade sob o foco da eficiência, que deve predominar sobre os interesses imobiliários e políticos praticados. Esses trazem como consequência diversos problemas urbanos – em especial o de circulação –, e que são deixados para o Poder Público resolver. O caos urbano, nas grandes cidades, demonstra que a capacidade do Poder Público de investir na solução dos problemas urbanos se esgotou e tende a piorar, pois essas cidades continuam crescendo. Cada prédio novo construído precisa de energia elétrica, gás, água, esgoto, comunicação e transportes, além de equipamentos públicos e privados de saúde, educação, lazer e de abastecimento de alimentos e material de consumo diverso. A capacidade das ruas tem um limite para as redes de infraestrutura, que ocupam o subsolo, o solo e o espaço aéreo, e nesse limite tudo congestiona. A solução para esses congestionamentos está em organizar a cidade a partir de locais que excedem essa capacidade de uso, que são as áreas de alta densidade populacional e de atividades. São áreas de alta densidade urbana as mesmas consideradas pela engenharia de tráfego como geradores de tráfego, como as universidades, centros hospitalares, sedes de governos, terminais de transportes, estádios, entre outras. A interligação dessas áreas, levando simultaneamente todas as redes de infraestrutura urbana demandadas é a proposta das VEUs.

A VEU é uma estrutura de mobilidade que concentraria os veículos de transporte de vários modais, além de espaços para cabos, tubulações, galerias, esteiras e outros meios de passagem de fluidos diversos, gases, líquidos e até de pequenos materiais, incluindo bits de comunicação e de energia.

Podemos dizer que seria algo parecido com as torres de utilidade e circulação vertical adotados em muitos edifícios, com seus poços de elevadores, shafts de cabos e tubos, e que seriam reproduzidos de forma mais ampliada, para o nível de necessidade das cidades.

Tal como acontece nos prédios no qual cada pavimento, pela sua área e ocupação, tem uma previsão de capacidade de consumo de infraestrutura, demanda de comunicação, capacidade de escapes de incêndio, disponibilidade de energia e saneamento básico, as cidades, similarmente, poderiam ter áreas de consumo, por exemplo, uma ou mais quadras com seus consumos calculados e as redes previamente dimensionadas.

Para ilustrar as VEUs, podemos compará-las ao sistema de Pipe-Bridge, utilizado com frequência em complexos industriais, que é uma estrutura que abriga uma diversidade de tubulações e cabos, conectando os pontos de geração e distribuição, com os pontos de consumo. Na VEU viabiliza-se a circulação de pessoas e de outros elementos sólidos, líquidos e gasosos necessários às atividades urbanas, tendo em sua estrutura pistas rodoviárias, ferroviárias, ciclovias, pistas de pedestres, aquedutos, oleodutos, gasodutos, cabos de energia, cabos de comunicação, entre outros.

As cidades cresceriam concomitantemente com essa estrutura das VEUs, de acordo com a necessidade de consumo de infraestrutura urbana. Comparando com o Pipe-Bridge que interliga os prédios industriais aos depósitos de abastecimento, a estrutura das VEUs interligaria as áreas adensadas e de grande consumo das cidades.

Urbanização de baixa densidade

Além desses centros adensados de atividades, ou ao seu redor, ocorrerão estruturas urbanas de baixa densidade. A baixa densidade é compatível com a ocupação urbana de padrão elevado, e de maior

poder aquisitivo. A população de maior renda tem como pagar pela urbanização dessas áreas, onde as redes de infraestrutura urbana seriam feitas em definitivo, sem futuras ampliações, baseadas na previsão de consumo declarada por ocasião da aprovação do empreendimento urbano, com estimativas de densidade habitacional por quadras. Essas urbanizações teriam seus projetos aprovados com os consumos previstos de infraestrutura de saneamento e de energia, de forma a evitar futuras modificações nas instalações de rede. Aprovado o projeto, as redes seriam instaladas e catalogadas com validade de uso, sendo mantidas e substituídas de forma programada. As áreas de baixa densidade seriam consideradas como de alto padrão e taxadas como tal.

A rede dessas áreas seria a de padrão arterial, ligada a uma sala técnica, de onde se faria a distribuição aos pontos particulares de consumo. Haverá uma rede particular mantida por um sistema de condomínio e com medições individuais de água e energia, de forma a evitar inadimplências condominiais. Medidores com chips podem interromper o fornecimento na data e horário do vencimento das contas.

Sistemas interligados

Essa estrutura de mobilidade, as VEUs, interligará as partes de transporte considerando o início, meio e fim, diferentemente do conceito atual, onde as vias de transporte são apenas a parte do meio, deixando o ponto de origem do transporte, que pode ser a garagem residencial do cidadão e o destino, que pode ser a garagem do local de trabalho, vistos como elementos desconectados do viário.

A estrutura de mobilidade considera as garagens e bicicletários como parte do sistema, assim como considera parte do sistema de transporte os diversos depósitos de materiais e centros de triagem da logística de transportes.

Na VEU, a logística de transportes é beneficiada com uma estrutura de depósitos e de estacionamentos como parte integrante do sistema. Os depósitos serviriam, tanto para cargas médias, hoje transportadas por VUC – Veículo Urbano de Carga, como para cargas pequenas, hoje transportadas por motocicletas. As vendas pela Internet e pelo telefone aumentaram as entregas pelo correio e pelos entregadores de pequenos pacotes para os domicílios. Essas vendas tendem a crescer na medida em que a rapidez da compra feita pela Internet possa ter também a rapidez na entrega do produto no domicílio. Por outro lado, nada impede que maior rapidez possa ser obtida pela evolução tecnológica. Por exemplo, os pequenos pacotes poderiam ser transportados por minitúneis eletromagnéticos, utilizando-se a leitura a distância, e enviados para os endereços identificados nos seus chips.

As VEUs, na sua estrutura básica, assemelham-se às vias públicas, porém construídas no espaço subterrâneo ou aéreo. A principal diferença é que as VEUs conectam as áreas de maior densidade e de alta concentração, tanto de urbanizações existentes como de áreas ainda por urbanizar. As possibilidades de melhor utilização das VEUS ocorrem nas áreas ainda por urbanizar, pois essa estrutura tem uma grande força de indução de desenvolvimento urbano. A prova disso é o seu conceito de liberar o solo, e sem interferências de cruzamentos, estabelecer ligações eficientes entre as partes mais valorizadas da cidade, seja sob o viés político, social, econômico e ambiental, apenas para citar os de maior interesse da sociedade.

Ao estabelecer ligações eficientes entre as áreas de maior densidade, de mais atividades e de forma sustentável, as VEUs deverão conseguir estruturar as grandes manchas urbanas, criando a possibilidade de projetar novas paisagens urbanas.

Liberando o solo

As VEUS, se colocadas ao nível do solo, estariam repetindo o erro de implantar uma obra de grande porte, tal qual um rio com largura com mais de 100m, constituindo-se numa barreira urbana.

Assim, nas décadas de 1960-1970, nos EUA, foram implantadas várias rodovias urbanas, concebidas pela engenharia de transportes. Nesse foco, descuidaram das atividades e da vida urbanas, interrompendo suas conexões culturais, sociais e econômicas, gerando danos irreparáveis e permanentes de deterioração urbana, principalmente ao longo do traçado rodoviário.

Nos EUA, os programas de recuperação das deteriorações urbanas causadas pelos projetos de rodovias urbanas, como o ISTEAT, foram o reconhecimento da culpa do Departamento de Transportes dos EUA pelos danos urbanos e a tentativa de corrigir com programas de requalificação urbana.

As estruturas rodoviárias americanas, principalmente os viadutos, inspiraram várias metrópoles pelo mundo, chegando a São Paulo e Rio de Janeiro com o Elevado Costa e Silva e o Elevado Paulo Frontim.

Enquanto o Elevado Costa e Silva, conhecido como Minhocão, foi votado por uma revista como a obra mais feia de São Paulo, o Elevado Paulo Frontim sofreu desabamento, causando danos urbanos ao entorno, abalando a credibilidade da capacidade da nossa engenharia.

As estruturas elevadas, que tinham condições de minorar o efeito de barreira urbana, foram concebidas quase que exclusivamente como projetos de engenharia de tráfego, pensadas como passagens aéreas, ou um viaduto de grande comprimento, eliminando cruzamento ao nível do solo, e com isso obtendo-se maior capacidade de tráfego.

Perderam a oportunidade de serem integradas ao meio urbano, por um lado pelo excesso de rampas de acesso, o que condicionou a altura do tabuleiro ao mínimo, em torno de 5 metros, para que as rampas tivessem comprimentos menores.

Apesar de serem pistas elevadas, o fato de terem muitas faixas de tráfego tornou os tabuleiros com largura inadequadamente largas, pois, aliada à baixa altura, criou ambientes sombrios sob essas estruturas, que foram depois utilizadas pela população de sem-tetos, uma vez que ficavam abrigados das chuvas.

Os baixos dessas estruturas, sem receber chuvas e sem sol, além da população de desabrigados e usos diversos como depósitos, pela própria municipalidade, inviabilizaram os projetos de paisagismo.

Algumas ocupações de atendimento do público, pela falta de qualidade de suas construções e má iluminação da área, deixaram de ser plenamente utilizadas e a maioria delas ficou abandonada.

O minhocão, apesar de ter apenas duas pistas e um total de 4 faixas de tráfego, com um tabuleiro em torno de 16m de largura e altura livre do seu espaço sob a estrutura em torno de 5m, guarda uma proporção de 1:3 entre a altura e largura do tabuleiro, deixando cerca de uma faixa de 5m ao longo do trajeto, como um espaço abrigado das intempéries e inutilizada para o plantio de plantas.

As vias elevadas assim concebidas sem integração com as funções urbanas passaram a ser alvo de críticas, tanto dos urbanistas, como da sociedade.

Surgiram então os movimentos sociais de demolição dos elevados e da condenação de seu uso nas cidades. Na verdade, uma condenação injusta. Justo seria dizer que os urbanistas estiveram ausentes na concepção dessas estruturas, por diversas razões, o que resultou nessas obras inadequadas, e que se pensadas pela engenharia rodoviária e os urbanistas, o elemento chamado via elevada poderia fornecer benefícios de mobilidade e ao mesmo tempo de urbanização. E é justamente o retorno nesse ponto da

história que propomos repensar a questão das vias elevadas, cuja característica de maior importância é de liberar o solo urbano.

As vias subterrâneas

Dentro do raciocínio de desocupar o solo de novos viários, ou seja, não construir rodovias urbanas ao nível do solo, além da opção das estruturas rodoviárias elevadas, teria a solução de estruturas rodoviárias subterrâneas, em túnel.

A tecnologia de projeto e construção de túneis evoluiu bastante, mas basicamente podem ser classificadas em dois tipos: os túneis escavados sem alterar o solo ao nível da superfície, e os túneis que são escavados em grandes valetas a céu aberto, e depois são tamponadas com laje estrutural.

No primeiro caso, a solução utilizando túneis escavados isolados da superfície do solo foram eficazes na transposição de barreiras de relevo topográfico difíceis de serem transpostas por pistas de superfície, mesmo com o uso de rampas íngremes e traçados com muitas curvas.

Com a evolução da tecnologia dos veículos, com mais potência e velocidade, as pistas passaram a ter curvaturas maiores e rampas com menor declividade, como padrão rodoviário de melhor qualidade, atendendo assim a condições de maior segurança de mobilidade, e portanto reduzindo os acidentes de tráfego.

Túneis e viadutos foram cada vez mais utilizados para atender as novas normas de projeto rodoviário, dependendo das condições de relevo enfrentados pelo traçado da rodovia. Em alguns trechos de montanha, como na rodovia I-70 nas Montanhas Rochosas (Rocky Mountain) dos EUA, pode-se observar uma sucessão de túneis e viadutos interligados.

Túneis e viadutos ou pontes com dezenas de quilômetros

estão sendo construídos em várias partes do mundo, em tempos de obra cada vez menores, e os construtores e mantenedoras dessas megaestruturas são empresas multinacionais, portanto colocando uma tecnologia da engenharia rodoviária, ferroviária, estrutural e geológica disponível para qualquer ponto do globo terrestre.

Pode-se dizer que os veículos, automóveis e trens, no caso de rodovias e ferrovias, determinaram a necessidade de novas estruturas, diferente dos conceitos de estruturas para veículos com velocidades menores, digamos, até 100km/h. Assim, podemos observar que os trilhos do Shinkansen do Japão em várzeas agrícolas, ou do TGV da Espanha, em Sevilha, correm por longos trechos em estrutura aérea, tipo ponte.

Foge ao conceito de que pontes são estruturas para atravessar rios e eventualmente pode-se considerar o seu uso para atravessar trechos onde haja interferência notável com a natureza (caso de áreas de reprodução de animais selvagens) ou de interrupção de atividades produtivas, como os campos de produção agrícola.

Na visão ambiental, os túneis podem ser utilizados, não apenas para atravessar montanhas, mas para desviar o tráfego de locais que exijam impacto-zero. Essa diretriz poderá enfrentar a resistência de visões tradicionais da engenharia rodoviária, onde muitas decisões se fundamentam em justificativas de custo-e-benefícios, e o alto custo de um túnel fica difícil se justificar com os (custos) benefícios de preservação de espécies animais.

Os túneis rasos, do tipo cut-and-cover, feitos com a escavação a céu aberto e depois tamponadas com laje, usam uma tecnologia antiga, de vários séculos, utilizada para a construção das galerias sanitárias de Paris e de vários metrô pelo mundo.

Uma novidade na tecnologia de túneis rasos seriam os utilizados em travessia de leitos d'água, como o trecho construído da nova rodovia subterrânea do trecho da cidade de Boston, nos EUA, que substituiu a estrutura elevada que foi demolida e tratada

paisagisticamente. Esse trecho teve a estrutura premoldada feita em canteiro de obras, transportada fechada, submergida e interligada, sendo posteriormente soterrada. Essa tecnologia evitou afundar o túnel para níveis de solo mais resistentes sob o leito d'água.

Ainda no tipo de túnel raso, mas não propriamente túneis, podemos incluir os trechos rodoviários rebaixados, chamados de vias em trincheira, utilizados com propriedade nas vias de contorno de Barcelona, Espanha, num projeto integrado com o entorno. Essas vias em trincheira, que podem ter profundidades variadas, em alguns trechos, podem ser profundas e tamponadas, portanto atuneladas.

No tamponamento, pode-se prever uma simples passagem, de veículos e pedestres, pode-se implantar um parque linear, estacionamento ao nível do solo ou subterrâneo, entre outras funções, explorando esse potencial de "solo criado público". Assim como as estruturas elevadas, seria adequado que os túneis urbanos tivessem uma conexão com locais de estacionamento pensados como um sistema interligado a rodovia subterrânea.

É preciso cuidado ao considerar a concepção de projetos de vias e outras instalações subterrâneas, pois uma vez escavadas, o solo fica muito difícil de ser recomposto às condições originais (que levaram milhões de anos para se formarem).

Vias ao nível do solo

Enquanto as vias elevadas e subterrâneas (túnel) criam solos urbanos públicos novos (solo criado) destinadas ao tráfego pesado, todo um aparato de equipamentos são conectados a essas vias, constituindo um sistema, de forma a evitar que o tráfego que circula pelas vias de tráfego pesado adentre o sistema viário existente na cidade.

É muito importante que se observe essa separação e independência entre esses sistemas de tráfego pesado (TP) e de tráfego local (TL).

Tráfego pesado entendido como de padrão rodovia urbana, e tráfego local como as vias urbanas implantadas na fase de loteamentos e outros viários destinados a ampliar a capacidade viária em intervenções pontuais, em geral objetivando reduzir os pontos de congestionamento localizado.

O TP reúne as rodovias urbanas, os estacionamento e depósitos, com acessos diretos às pistas (definindo os mais significativos pontos de Origem e Destino do tráfego urbano).

A construção de depósitos e de estacionamento certamente irá induzir a concentração de atividades, pela facilidade de acesso criados para a movimentação de pessoas e de materiais, como centros administrativos, de serviços, de compras, de saúde e de ensino, isto é, iniversidades, centros clínico-hospitalares, shopping centers, centro administrativo, conjuntos residenciais, terminais de transportes, entre outros, onde grande movimentação de pessoas e de materiais ocorram, denominados Centros Geradores de Tráfego.

Além dos indutores mencionados - estacionamento e depósitos-, pode-se legislar para que os prédios possam ser isentos de construir seus estacionamento em sua estrutura, dessa forma ganhando mais espaços de lajes para uso de sua atividade principal. E com outra grande vantagem, que é ter a atividade de estacionamento independente das responsabilidades da empresa dona de prédio, o que tem sido uma condição desejada e procurada por essas empresas, em especial os shopping centers.

A indução pode ser ainda maior ao utilizar as vias de tráfego pesado como locais de passagem de redes arteriais de energia, água, esgoto e comunicação, facilitando o atendimento de variadas necessidades de consumo das empresas.

As estruturas de estacionamento e depósitos serão utilizados

para a instalação de reservatórios de água, estação rebaixadora de energia, geradores, eventualmente centrais de geração de vapor, água gelada, ar-comprimido, entre outros, caso haja interesse das concessionárias em diversificar a oferta de seus serviços.

Pode-se complementar o conjunto de infraestrutura urbana com o sistema de coleta, seleção e transporte de resíduos urbanos, e eventualmente desenvolvendo equipamentos para tratamento de efluentes e de resíduos, no propósito de atender a propostas de sustentabilidade.

Pelo exposto, ao longo das vias de tráfego pesado haverá alguns pontos de concentração de atividades. Esses pontos de concentração estarão interligados de forma "transversal" por vias de grande porte ao nível do solo.

Vale lembrar a diferença entre as vias de tráfego pesado, elevadas e subterrâneas e essas vias de tráfego pesado ao nível do solo, ambas chamadas como vias de Tráfego Pesado (TP).

As vias elevadas e subterrâneas não dialogam com as vias urbanas da cidade, portanto os veículos que por elas circularem, não terão acesso às ruas, nem aos estacionamento dos prédios da cidade, em geral. As vias de tráfego pesado ao nível do solo (TPNS) têm esse diálogo, embora com acessos controlados.

O desenho das TPNS é importante pois seu dimensionamento e tratamento das superfícies com barreiras acústicas e paisagismo devem garantir que os efeitos de impacto ambiental sejam minimizados em relação ao entorno.

Os cuidados nesse sentido envolvem desde o traçado, dimensionamento das vias de tráfego, dos relevos de terraplenagem, dos canais de drenagem e dos volumes de vegetação.

As travessias de vias urbanas com a TPNS, quando em terrenos planos ou com declividades pequenas (algo menor que 10%) podem ser feitas por rotatórias, utilizando os desenhos mais recentes, utilizados na Inglaterra e em alguns estados dos EUA, evitando-se o

uso de semáforos, e incentivando o tráfego de baixa velocidade (em torno de 35km/h nas rotatórias) e de 60km/h entre os cruzamentos.

As rotatórias são conhecidas pela sua eficiência na redução de acidentes fatais pois obriga os motoristas a reduzir a velocidade de seus veículos ao aproximar-se dos cruzamentos. Outra vantagem das rotatórias é a sua utilização para as manobras de retorno.

Recomenda-se que as TPNS tenham duas pistas para velocidades maiores, sem cruzamentos, seja com semáforos ou rotatórias, e que essas pistas sejam do tipo trincheira ou em aterro, pois desnivelando em relação ao terreno facilitará as obras de travessias nas rotatórias.

Dependendo das condições de relevo onde se situa o traçado da via, a TPNS pode ter seu projeto favorecido pois os trechos em corte funcionam como trechos em trincheira e os em aterro como vias em elevação, facilitando as travessias em níveis diferentes.

Mantendo-se as TPNS entrincheiradas e com profundidade superior a 6 metros, permite-se que sejam construídas as travessias necessárias, mantendo a continuidade das vias interrompidas pela construção da TPNS. Permite também que lajes sejam colocadas sobre a via e disponibilizadas áreas para uso público edificado, ou simplesmente tratadas paisagisticamente.

Os trechos da via que ficarem com pistas sobre aterro poderão também manter passagens interligando as ruas interrompidas pela TPNS, ou substituir o aterro por uma estrutura de via elevada, liberando assim o solo para usos diversos, seja com edificações, ou ajardinadas.

Tal como nas vias de TP, as TPNS podem estar ligadas a estacionamentos, paradas ou terminais rodoviários, dessa forma incentivando a ocupação com atividades adensadas no seu entorno.

Eventualmente, pode-se prever no projeto uma interligação de área de pedestres com os estacionamentos, lojas, escritórios e residências.

PLINIO TOMAZ

BRÁSILIA LOCUTA, CAUSA FINITA

Uma das maravilhas da matemática é poder demonstrar todos os teoremas e esclarecer quaisquer dúvidas. Você mostra um teorema, demonstra e fica tudo explicado. Veja a demonstração de Pitágoras e a geometria Euclidiana.

Para discutir assuntos religiosos é facilmente resolvido: *Roma locutta, causa finita*, ou seja, Roma falou, a questão está resolvida. Esta máxima também existia em séculos passados: *Magister dixit* (o professor disse) e não mais se discutia nada. Assim nasceu a filosofia escolástica na Idade Média, baseada em Aristóteles e graças a Galileu Galilei, que começou a duvidar e questionar as ideias de Aristóteles e, devido a isto, foi expulso de várias universidades italianas.

A teoria da dúvida foi muito bem exposta por Descartes e sempre coloquei em prática que tudo pode e deve ser questionado.

Uma vez conversei com o meu filho, que estava fazendo odontologia, e mostrei vários argumentos a favor e contra o uso do flúor e lhe emprestei um livro a respeito. Em sala de aula, na faculdade, inquiriu o professor e foi expulso da sala de aula, não podendo mais frequentar as suas aulas e quase teve que mudar de faculdade, pois o professor não queria discutir o uso do flúor.

São importantes as discussões, como a transposição do rio São Francisco, o Rodoanel Norte da Região Metropolitana de São Paulo e outros temas polêmicos.

Achava que a expressão *Roma locutta, causa finita* estava extinta, mas ledo engano, pois ela se encontra viva e atuante.

Uma vez houve uma enchente num trecho do rio Aricanduva e verifiquei os dados de precipitações e como tinha muitas informações locais, constatei que a chuva de inundação era para período de retorno de cinco anos somente, pois o correto é um rio ser dimensionado para período de retorno de 100 anos. Daí um governador disse aos jornais que foi a maior chuva nos últimos 100 anos, o que era uma mentira deslavada, mas como era a voz da autoridade, ela foi aceita sem discussão. Afinal a voz da autoridade ninguém contesta.

A conclusão que cheguei é que muitas coisas não mudaram muito, pois apesar de toda a tecnologia existente e informações rápidas, a palavra oficial ainda é aceita sem discussão.

Honoré de Balzac falava que existe a versão oficial de um fato e a verdade e você escolhe com qual quer ficar.

DESASTRES ECOLÓGICOS: PORTO DE IGUAPE

Uma das primeiras obras para navegação no Brasil foi um canal junto à foz do rio Ribeira de Iguape e teve consequências desastrosas.

A cidade de Iguape fica no litoral Sul do Estado de São Paulo e apresentava considerável desenvolvimento em função da produção agrícola com sistema de inundação (arroz) e mineração de metais preciosos (ouro). Todo o comércio era efetuado através do Porto de Iguape no Mar Pequeno, e o transporte de cargas dava-se através do rio Ribeira de Iguape.

O transporte era terrestre, com percurso de 2 km, que separava o rio do Porto, pois o rio passava junto à costa, mas desembocava no mar a cerca de 20 km ao Norte.

A solução escolhida para evitar os transbordos e esse transporte terrestre foi a abertura de um canal artificial de interligação portório com duas braças de largura (4,40m) e pouco mais que 1 m de profundidade. Daí o nome de “valo”.

O início da obra deu-se em 1837 e entrou em funcionamento em 1855, sendo considerada a primeira grande obra hidráulica do Estado de São Paulo.

Entretanto o desnível existente entre as cotas dos níveis de água do rio e do mar deu origem a um escoamento com alta velocidade, que começou a erodir o “valo” inicial, e esta erosão continuou até a década passada, alargando-o para 300m e atingindo 10m de profundidade, o que deu origem ao atual Valo Grande.

Como consequência, perdeu-se o porto por assoreamento e terras agriculturáveis pelo sistema de inundação, pelo rebaixamento do nível da água do rio e do lençol freático.

A lição que se aprende é que se deve ter muito cuidado com as obras hidráulicas.

LUCAS NOGUEIRA GARCEZ

Antes de entrar na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, o meu cunhado Elio de Castro Mesquita sempre comentava alguma coisa do seu professor Lucas Nogueira Garcez. Ele tinha sido governador do Estado de São Paulo e levou o pessoal da Poli para vários cargos importantes no Governo do Estado,

iniciando uma tradição de um ajudar ao outro na subida aos cargos importantes.

Quando entrei na Poli, o Lucas Garcez não foi meu professor. Era chefe da cadeira e só comparecia em solenidades e uma vez o vi lado a lado na subida de um elevador.

O Lucas Nogueira Garcez escreveu um livro com a colaboração de vários professores e o livro era muito famoso quando comecei a estudar na Poli.

Após me formar, fiz vários cursos de pós-graduação na própria Poli e na Faculdade de Higiene e Saúde Pública, sempre com a orientação do professor Kokei Uehara.

Depois de estudar muito a hidráulica e hidrologia e lendo muitos livros internacionais, achei que o livro do Lucas Garcez não trazia nenhuma novidade e comentei isto com o professor Kokei, que disse: – O professor Lucas Garcez introduziu novos conceitos no Brasil, através do seu livro, pondo em risco sua carreira como professor, pois, naquele tempo, tais assuntos eram novos e todos tinham até medo de ensinar. Ele foi corajoso em mostrar o aproveitamento múltiplo dos recursos hídricos e outras ideias novas.

Acabei concordando, pois, quando avaliar uma pessoa nós devemos reportar à época em que ele viveu e não nos tempos atuais.

Outra curiosidade do Lucas Garcez foi-me contada pelo professor Luiz Augusto Martins.

Na construção do aeroporto militar em Cumbica, em Guarulhos, era responsável o engenheiro civil do Mackenzie Olavo Fachini, que era primo do meu pai Egisto Thomaz. O doutor Olavo Fachini contratou o engenheiro José Augusto Martins para fazer a pista e,

como tinha muito problema de drenagem, ele acabou ficando um especialista no assunto, sendo convidado após a conclusão da pista a ser professor na Poli, com a condição de que fizesse um estudo de aperfeiçoamento na *Harvard*, nos Estados Unidos, que era o padrão da Poli naquele tempo. Outros professores como Azevedo Neto também fizeram o curso na *Harvard* às custas da Poli.

LUIZ XVI

Quando estudava no ginásio Conselheiro Crispiniano, em Guarulhos, li um livro sobre Maria Antonieta, escrito por *Stefan Zweig*. Achei o livro ótimo e vi que Luiz XVI era um homem baixo, gordo, bonachão, que não ligava para nada e só gostava de consertar relógios. Vários filmes a que assisti confirmaram o que tinha lido.

Aprendi em história sobre a independência dos Estados Unidos, em sua luta contra a Inglaterra, onde deixaram de ser colônia em 4 de julho 1786.

Li vários livros sobre a revolução francesa, sempre tendo uma má ideia da figura de Luiz XVI, até que li recentemente um livro escrito por Bernard Vincent e mudei completamente de ideia sobre o mesmo.

O grande responsável pela independência americana, que gastou uma fortuna enterrando o seu país, foi Luiz XVI.

Luiz XVI falava latim, inglês, italiano e alemão. Traduziu a História da Inglaterra escrita por *David Hume* para o francês, bem como o livro “Declínio e queda do Império Romano”, escrito por *Edward Gibbon*. Lia de três a quatro livros por semana.

Luiz XVI aboliu a escravidão, pois havia na época um milhão de servos na França. Aboliu também a corveia, que era um direito que tinham os antigos feudos de que as pessoas trabalhassem de dois a três dias por semana, sem receber salário. Além disso, Luiz XVI era maçom.

Luiz XV tinha perdido uma guerra com a Inglaterra, que era a Guerra dos 7 anos, e se vingou ajudando os Estados Unidos na sua independência, declarando guerra à Inglaterra. Queria atacar a Inglaterra com soldados que desembarcariam na Ilha, mas nunca conseguiu.

Na Guerra da Independência dos Estados Unidos, as tropas americanas dispunham de 8.800 soldados, enquanto que os ingleses, sob o comando do general *Cornwalllis* tinham 9mil soldados e os franceses tinham, sob o comando do general *Lafayette* e *Rochambeau*, o total de 12 mil homens.

O interessante é que o tratado de paz entre os Estados Unidos e a Inglaterra foi assinado na França, em 3 de setembro de 1783 e, um ano depois, a Inglaterra vendia muito mais aos Estados Unidos do que vendia no tempo de colônia, recuperando-se da guerra rapidamente, enquanto que a França ficou com enorme dívida.

As ideias de liberdade trazidas dos Estados Unidos contaminaram toda a Europa e, portanto, a vitória de Luiz XVI pode ser considerada uma vitória de Pirro. Isto é, perdeu mais do que ganhou.

O restante é por demais conhecido: houve a Revolução Francesa em 1789 e o rei Luiz XVI e sua esposa Maria Antonieta tiveram as cabeças decapitadas.

KARL MARX

Quando estudava engenharia na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, adquiri o livro "O Capital", de Karl Marx, para entender os fundamentos da doutrina comunista.

O livro tinha capa vermelha e com a foto do barbudo Karl Marx. Lembro que, quando estourou a revolução brasileira de 1964, um aluno foi em cada apartamento em que viviam os 120 alunos pobres da Poli, recomendando que se tivessem um livro qualquer de capa vermelha, que a retirassem e jogassem no lixo. Mais tarde soube que muitas prisões foram feitas por sargentos, somente por possuírem um livro de capa vermelha, mesmo sendo um livro de estórias para crianças.

Ainda como estudante, li "O Manifesto do Partido Comunista", escrito por Marx e Engels (1848) e publicado em várias línguas, lançado no mesmo dia. Li umas três vezes, e em todas fiquei arrepiado. O livro foi bom para a humanidade e o Jostein Gaarder, autor de "O Mundo de Sofia", comenta que os resultados foram importantes para as sociedades da época. As ideias de Marx começaram a mudar o mundo e hoje todos sabem alguma coisa de Marx, mesmo sem lê-lo.

Karl Marx nasceu na Alemanha em 5 de maio de 1818 e faleceu na Inglaterra em 14 de março de 1883, aos 64 anos de idade. Marx aprendeu sozinho o inglês e italiano, traduzindo obras de Tácito e Aristóteles. Só para comentar, Marx, Engels, Lenin e Trotski eram maçons.

Escreveu o livro "O Capital" quando morava na Inglaterra. O livro foi lançado na Alemanha com pouco sucesso. Depois fizeram uma tradução para a língua francesa com a ajuda do próprio Marx.

A tradução para o inglês foi feita apenas mais tarde.

Hitler criticava o comunismo de Stalin, pois, como Marx, era judeu. O comunismo seria uma ideia judia, o que é um contrassenso, pois para Marx a religião era o ópio do povo.

O livro foi traduzido para o russo em 1872 e teve sucesso, mas o imperador da Rússia mandou tirar a foto de Marx da capa. Na Rússia, Marx começou a ser lido como o autor de uma bíblia, em que todos procuravam justificar alguma coisa, tirando as ideias do livro, não sendo nada aceito que não fosse escrito por ele. Bakunin, Trotsky e Lenin foram seus seguidores.

Marx tinha um amigo muito rico chamado Frederich Engels, que era mais novo que ele, que o ajudava financeiramente. Marx, porém, vivia em completa miséria, devendo para todos e vendo seus filhos morrerem por convulsões, bronquite e tuberculose. Quase não podia comer carne e era perseguido continuamente pelos credores.

Marx tinha previsto escrever seis livros, mas escreveu somente um em outubro de 1868, falecendo logo. Outros foram publicados após sua morte, com a ajuda de Engels. Mais tarde foi publicado outro livro em nome de Marx, completando quatro livros.

Marx lia, relia, escrevia de novo e estava sempre mudando e atualizando as ideias e era, sem dúvida, um gênio que fez uma obra inacabada, que permite que haja continuação das suas ideias.

O economista Michael Lebowitz compara Marx ao descobridor de um novo continente, mas o fato de Marx descobrir um novo continente não significa que o mesmo o tenha mapeado de modo adequado.

Especialistas como Francis Wheen são unânimes em afirmar

que “O Capital” é cheio de paradoxos e hipóteses, intrincadas explicações e narrativas fracionadas.

Em 1998, com a dissolução econômica da Rússia, todos pensavam que Marx estava morto, mas ressurgiu das cinzas, pois ele também criticou a globalização, a desigualdade, a corrupção política, a monopolização, o progresso técnico, o declínio da alta cultura e previu que ela traria problemas. George Soros, em seu livro sobre “A crise do capitalismo global”, comenta que o perigo não vem do comunismo, mas do fundamentalismo do mercado.

Um banqueiro chamado John Cassidy, citado por Wheen, diz que o mesmo afirmou que, quanto mais tempo passava em Wall Street, mais convencido estava de que Marx estava certo.

O interessante é que hoje o mundo está à procura de um economista que possa ressuscitar Marx e dar uma teoria coerente, como disse Wheen. A descrição da globalização de Marx há 150 anos continua válida até hoje.

Não concordo com todas as ideias de Marx, mas que ele revolucionou o mundo ninguém pode duvidar e os problemas do capitalismo previstos por ele ainda não foram resolvidos.

O mundo espera ansiosamente um novo Marx, pois Adam Smith com o *laissez-faire* e John M. Keynes já tiveram a sua época.

RELATÓRIO DE 1907 A 1908 DA CIDADE DE SÃO PAULO

O manancial do Cabuçu fica em Guarulhos, com área da bacia de 24 km². Não sei quantos zeladores trabalharam no sistema Cabuçu, mas o Sr. Pedro Souza Lopes foi um deles e hoje existe

uma rua em vila Galvão que se dirige até a barragem do Cabuçu e que tem o seu nome.

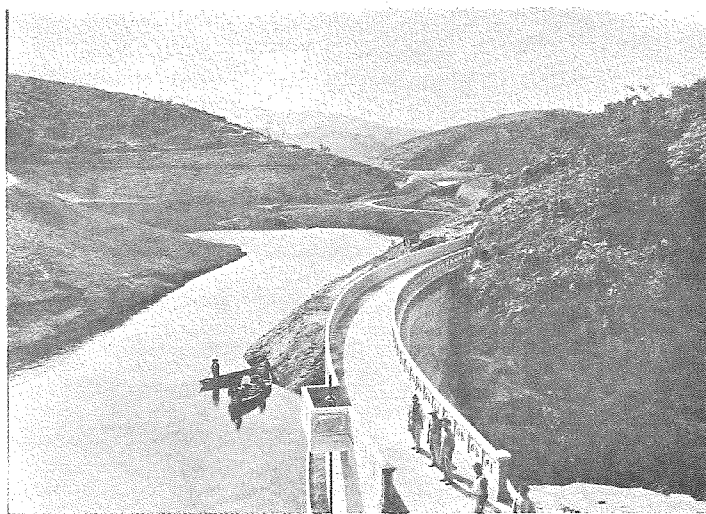


Foto da barragem do Cabuçu, a primeira grande obra de concreto do Brasil, feita no período de 1905 a 1907, com cimento vindo da Inglaterra.

O seu filho foi o Tibiriçá Lopes (Bibi), que também foi zelador do Cabuçu e, após se aposentar, trabalhou uns anos no SAAE de Guarulhos, até falecer. Ele me deu de presente um livro que é o relatório de 1907 a 1908 da Repartição de Águas e Esgotos de São Paulo, que tinha como diretor o engenheiro Arthur Motta, que fazia parte da Secretaria da Agricultura, cujo secretário era o doutor Antonio Candido Rodrigues.

O interessante é que o relatório tem 257 páginas e é escrito na primeira pessoa (eu) e trata o secretário na segunda pessoa do plural (vós). No relatório há muitas citações de textos em francês e inglês, o que significa muitas pesquisas por parte de Arthur Motta.

Um tema interessante que achei foi sobre os *lagos artificiais*. Argumenta Arthur da Motta favorável aos mesmos, pois estavam sendo usados nos Estados Unidos, Inglaterra, Itália, França, Japão, Espanha, Austrália e Índia.

Salienta Motta que os *lagos artificiais* são captações artificiais com represamento de córregos, a fim de se formar reservas destinadas a suprir a rede de distribuição em tempos de estiagem, garantindo a capacidade efetiva das linhas adutoras.

Comenta sobre a barragem do Cabuçu de concreto com altura de 15m, seguindo o perfil prático de Wegmann (livro *Design of construction of dams* do engenheiro Edward Wegmann, no qual foi feito o projeto da barragem do Cabuçu e que até hoje se encontra na biblioteca da EPUSP) e foi construída em um estreitamento brusco no vale. A barragem tem seis milhões de m³ e 1,96 milhão de m³ para uniformizar a descarga da linha adutora.

Comenta ainda que os objetivos da barragem foram:

- a) Regulador de descarga, impedindo variação do volume entre uma estação e outra do ano;
- b) Decantação. Depósito de material em suspensão;
- c) Superelevação do nível de água no local de captação.

A área inundada do Cabuçu foi de 15km e a maior seção tem 850m. Foi inaugurado em junho de 1908, na presença do secretário da Agricultura e quando se iniciou o enchimento do lago.

Arthur Motta comentou ainda sobre a *barragem de terra do Engordador*, que tem 11m de altura e volume de 500.000 m³ de água. Em 27 de abril de 1907, quando ainda existia a Comissão de Obras Novas e na presença do Secretário da Agricultura deu-se início ao enchimento que demorou 109 dias.

Houve problema de coloração da água devido a algas e se jogou sulfato de cobre pela primeira vez em 11 de outubro de 1908. Em 8 de dezembro começou esgotamento do lago. Estava coberto o fundo com camada de lodo de 0,10m a 0,20m.

O cheiro pútrido da água atingia até 100m de distância. Arthur Motta comenta vários autores que são favoráveis ao uso do *sulfato de cobre*, mas põe em dúvida a sua utilização, dizendo que faltam pesquisas a respeito quanto aos problemas com seres humanos.

Outro texto interessante de Arthur Motta é quando ele comenta que no dia 5 corrente, não falando do mês e do ano, mas deve ser o ano de 1908, ele se dirigiu a Guarulhos.

Arthur da Motta em companhia do engenheiro Alfredo Braga e do Sr. Roberto Peake foram ao sítio Capuava, localizado na raiz da Serra do Itaberaba ou Gil, na cidade de Guarulhos. Foram provavelmente a cavalo e levaram consigo um mapa do Estado com a folha de Atibaia, um aneroide (aparelho para medir a altura do terreno em relação ao nível do mar) de Casella, um vertedor (para medir a vazão no córrego), uma régua (para medir a altura da água no vertedor) e um nível de pedreiro (para nivelar o vertedor).

Fizeram medição de vazão no rio Baquirivu na ponte da estrada de Rodagem na cota 812 e acharam vazão de 155 l/s.

Foram até as cabeceiras do rio Jaguari, afluente do rio Paraíba do Sul, que está dentro do município de Guarulhos e localizaram três ribeirões do Itaberaba na Serra do Gil ou Itaberaba, sendo um na cota 751m, com vazão de 183 l/s. O outro tinha 185 l/s (não informando a cota) e outro 45 l/s (também não informando a cota) totalizado vazão de 413 l/s com altitude média de 762 m.

Arthur Motta sugeriu que fosse feito reservatório na cota 880m e poder-se-ia encaminhar para a cidade de São Paulo a 50 km de distância a vazão de 289 l/s. Seria feita uma adutora com diâmetro de 0,7m até atingir o reservatório do Araçá na cota 828m em São Paulo, capital. O máximo que teria que ser feito é um pequeno

corte razoável na garganta do Nhangassu até atingir o vale do rio Baquirivu, chegar ao rio Tietê e chegar até o ponto desejado.

Motta sugeriu ainda mediu a vazão no Ribeirão das Lavras com 347 l/s e a vazão no Tanque Grande, onde achou na cota 800m a vazão de 255 l/s. Verificou também o ribeirão dos Veigas e do Ururuquara, onde, segundo informações o Sr. Abílio Soares, deveria ter 931/s cada um.

Para o rio Baquirivu Motta sugeriu uma adutora com 30km pelo vale do Baquirivu até atingir o rio Tietê e depois ir para São Paulo. Daria para tirar 347 l/s e poderia abastecer 400mil habitantes a cota per capita de 300 litros/dia/pessoa.

O interessante é que o diretor Arthur Motta sugere ao Secretário da Agricultura que o governo faça aquisição de todas estas áreas que, somadas, davam seis mil alqueires e que Abílio Soares ofertou o pagamento de 5mil apólices de um conto de réis, mas o negócio não foi realizado.

No final do relatório de 1908, Arthur Motta sugere que se faça projeto de todas as soluções para abastecimento de água num raio de 50 km a 60 km do centro de São Paulo. Foi a primeira vez que alguém teve esta ideia de planejamento de tão longo alcance na cidade de São Paulo.

STALIN

No ano de 2009 foram vendidos nas bancas de jornal documentários em CDs sobre a comemoração dos 70 anos da segunda guerra mundial.

Comprei vários deles e deu para notar que o ditador da URSS, Stalin, enganou pessoas importantes como Churchill, Eisenhower e Harry Truman, pois dominou quase toda a Europa.

Desde criança aprendi que Stalin era um criminoso, que tinha

assassinado 3 milhões de pessoas, imaginando que o mesmo era um homem violento e sem nenhuma cultura. Mas o fato de Stalin ter enganado homens como Churchill me trouxe curiosidade de ler a seu respeito.

Comprei um livro "Os ditadores" que comparava as duas ditaduras: Hitler e Stalin, em que mostrava as enormes semelhanças dos dois tiranos.

Em outro livro denominado "Um Stalin desconhecido", escrito por dois russos, foram mostradas algumas revelações que foram extraídas dos arquivos soviéticos recentemente.

Primeiramente fiquei sabendo que Stalin, em 1930, tinha uma biblioteca particular de 40mil livros e lia anualmente 100 a 200 livros que tomava emprestado das bibliotecas russas, todos devidamente catalogados. Os discursos e obras que Stalin escreveu perfizeram 13 volumes quando publicados. Mas a capacidade intelectual de Stalin é considerada inferior à de Lenin e Trotski. Stalin, enquanto esteve preso, leu e releu o livro "O príncipe", de Maquiavel.

Josef Stalin nasceu na Georgia, em 21 de dezembro de 1878 e morreu em Moscou em 5 de março de 1953, aos 74 anos de idade.

Stalin chegou a estudar em colégio religioso, depois tornou-se ateu e passou para atividades revolucionárias, sendo preso e, depois de libertado, aliou-se a Lenin. Planejaram a revolução comunista de 1917 e Stalin tomou o poder em 1922, só largando-o com sua morte, em 1953.

Chegou a ser editor do jornal do partido comunista denominado Pravda, que quer dizer "A verdade".

A imagem de Stalin, até hoje preservada, é que ele foi um homem forçado pela necessidade de preservar a Revolução de 1917, o que de certa maneira é verdade.

Foi no governo de Stalin que se iniciaram os famosos planos

quinquenais criados por Kondratief, sendo o primeiro em 1927.

Conhecia o livro do General Clausewitz, um alemão que escreveu "Da guerra", sobre estratégia militar baseado nas suas experiências nas guerras napoleônicas. O interessante é que Karl Marx também tinha lido e admirado Clausewitz, assim como Lenin. Observe a influência dos grandes pensadores alemães sobre líderes como Lenin e Stalin.

Stalin foi um grande nacionalista, que expandiu o seu país até onde ninguém tinha conseguido.

A bomba atômica russa foi uma cópia integral da bomba americana, cujas informações e dimensionamentos foram passados gratuitamente pelos comunistas que participaram no projeto Manhattan nos Estados Unidos.

Em agosto de 1949 deu-se a primeira explosão atômica russa. Logo os americanos fizeram análise da poeira radioativa e do coeficiente de plutônio e descobriram que era exatamente uma cópia da bomba americana explodida no Japão em 1945 e foram presos muitos cientistas.

Stalin ficou obcecado pela procura de urânio 235 para fazer bombas atômicas e criou vários campos de concentração (gulags atômicos) para ter mão de obra gratuita, pois para obter menos que 1% de urânio 235 precisava de uma tonelada de urânio natural. A ideia de fazer gulags já era usada pelos alemães, que usavam os trabalho escravo em suas indústrias.

O grande físico alemão Werner Heisenberg, um dos fundadores da mecânica quântica junto a Niels Bohr, em 1940 começou a planejar a bomba atômica alemã e fez um cálculo errado de que precisaria 13 toneladas de Urânio 235 como massa crítica para iniciar a fissão nuclear. Dois professores judeus alemães: Rudolf Ernest Peierls e Otto Robert Frish, que saíram da Alemanha com a subida de Hitler ao poder em 1933, foram para a Inglaterra e lá, sem ter o que fazer, reexaminaram a fantasia da bomba atômica e

descobriram o erro de Heinseberger e que precisaria somente de 1 kg de urânio 235 como massa crítica e não 13 toneladas.

Não se pode esquecer que Stalin transformou a URSS em uma grande potência militar, mas, com sua morte, o país entrou em declínio até a queda do império russo em 1992, pois não havia ninguém com sua capacidade intelectual de manter o marxismo.

Quando Le Bon escreveu em 1899 o livro "Psicologia do Socialismo" ainda não tinha sido criado o regime comunista da Rússia que deu início em 1917. Disse na época que gostaria de ver como funcionaria o regime comunista. No começo, tudo daria certo e depois haveria crise e o país ficaria em ruínas e foi tudo isso que aconteceu na Rússia.

SERGIO EDUARDO PORT

CONDICIONAMENTO DA ORDEM DO ADJETIVO NA LINGUAGEM JORNALÍSTICA ESCRITA EM REVISTAS

Este artigo desenvolve estudos de quais fatores semânticos condicionariam a alteração da ordem do adjetivo na linguagem jornalística escrita em revistas. Segundo alguns autores da nossa língua portuguesa, a alteração da ordem pode interferir na semântica do vocábulo. Criamos hipóteses quanto aos fatores semânticos e estruturais. Propusemos uma orientação diferenciada sob dois aspectos: teórico e metodológico. A orientação metodológica prevê dois caminhos de explicações para a ordem do adjetivo: estilística e linguística. O material analisado foi extraído de seis revistas de grande circulação e abordados diferentes temas.

Introdução

Nas gramáticas convencionais, o estudo e análise do adjetivo vêm associados ao pressuposto de que sua colocação no sintagma nominal é variável. Essa variação tem sido explicada por fatores estilísticos. Segundo alguns autores (BUENO 1968; CUNHA; CINTRA 1985; BECHARA 1985; NEVES 1996; LIMA 1979), a alteração desta ordem canônica interferiria de forma drástica na semântica do vocábulo, uma vez que nenhuma alteração à norma seria totalmente isenta de consequências. Então julgamos procedente a realização de um estudo sobre quais fatores semânticos condicionariam a alteração da ordem do adjetivo no sintagma nominal.

Identificamos a colocação do adjetivo em textos jornalísticos escritos em revistas e verificamos a validade das afirmações de alguns gramáticos.

Efetuamos uma revisão bibliográfica sobre o tema, a partir de leituras e análises sobre a gramática normativa da língua portuguesa.

Em suma, buscamos condicionadores estruturais e semânticos que interfiram ou determinem usos linguísticos, não nos preocupando, entretanto, com os fatores sociais envolvidos.

Materiais e métodos

A pesquisa fundamenta-se nos pressupostos da Sociolinguística Quantitativa, seguindo o modelo algoritmo proposto por Labov, no que tange ao emprego do pacote informático Varbrul (Variable Rules), sem, contudo, caminhar no modelo teórico estrito daquela área da ciência.

Os dados analisados são provenientes de seis revistas: *Veja*, *Época*, *Isto É*, *Caras*, *Quem* e *Veja São Paulo*. Foram abordados diversos assuntos: Economia, Saúde, Política, Meio Ambiente, entre outros. Hipotetizamos que a ordem do adjetivo estaria associada a um número de sílabas, que determinaria a anteposição dos vocábulos com uma ou duas sílabas. Ademais, a questão estilística poderia ter atuação importante se conjugada aos traços [+contável] e [+concreto] do substantivo modificado pelo adjetivo.

À luz dessas hipóteses traçamos análises dos dados, a fim de discutirmos a correlação entre os aspectos estruturais e semânticos.

Resultados

Após análise de 200 sintagmas nominais, observamos que os substantivos concretos perfizeram um total de (42%) em

oposição aos abstratos (58%). Encontramos, nos primeiros, que a ordem neutra é a anteposição (51,5%) de adjetivos de até duas sílabas ao passo que, com três ou mais sílabas, o índice seria bem próximo (48,5%). O comportamento dos adjetivos em relação aos substantivos abstratos manteve paridade com a dos concretos, já que os adjetivos com até duas sílabas atingiram um índice de (73,4%) e os de três ou mais sílabas um total de (26,6%). Incluímos o grupo de fator [+contável], em uma segunda correlação, e notamos que o índice de não contáveis (54,8%) era superior àquele auferido pelos contáveis (45,2%). Correlacionamos à ordem, observamos que a anteposição também é ordem não marcada, sinalizando na categoria dos contáveis (52,5%) de recorrência de adjetivos de até duas sílabas, contra (47,5%) de adjetivos de três ou mais sílabas. Comportamento similar demonstrou a categoria dos não contáveis, cujo índice ficou em (74,9%) em sintagmas com adjetivos de até duas sílabas e de (25,1%) em cadeias contendo adjetivos com mais de duas sílabas.

Resultados dos cruzamentos de dados:

1) Cruzamento do grupo *a* com grupo *b*

Substantivos concretos = 84 (42%)

Total de adjetivos antepostos = 35 (41,7%).

- adjetivos até duas sílabas = 18 (51,5%).

- adjetivos de três ou mais sílabas = 17 (48,5%).

Total de adjetivos pospostos = 49 (58,3%).

- adjetivos até duas sílabas = 6 (12,1%).

- adjetivos de três ou mais sílabas = 43 (87,9%).

Substantivos abstratos = 116 (58%)

Total de adjetivos antepostos = 55 (47,5%).

- adjetivos até duas sílabas = 40 (73,4%).
- adjetivos de três ou mais sílabas = 15 (26,6%).

Total de adjetivos pospostos = 61 (52,5%).

- adjetivos até duas sílabas = 14 (22,9%).
- adjetivos de três ou mais sílabas = 47 (77,1%).

2) Cruzamento do grupo *c* com grupo *d***Substantivos não contáveis = 110 (54,8%)**

Total de adjetivos antepostos = 56 (50,9%).

- adjetivos até duas sílabas = 42 (74,9%).
- adjetivos de três ou mais sílabas = 14 (25,1%).

Total de adjetivos pospostos = 54 (49,1%).

- adjetivos até duas sílabas = 14 (25,9%).
- adjetivos de três ou mais sílabas = 40 (74,1%).

Substantivos contáveis = 90 (45,2%)

Total de adjetivos antepostos = 29 (32,2%).

- adjetivos até duas sílabas = 15 (51,7%).
- adjetivos de três ou mais sílabas = 14 (48,3%).

Total de adjetivos pospostos = 61 (67,8%).

- adjetivos até duas sílabas = 09 (14,9%).
- adjetivos de três ou mais sílabas = 52 (85,1%).

DISCUSSÃO

Com relação à ordem em português, é quase geral a menção à liberdade que algumas palavras gozam quanto à sua colocação.

Melo (Apud. NEVES, 1996) defende que a estilística seria a orientação adequada à explicação do fenômeno. A esta cabe apenas dizer, por exemplo, que o português é uma língua de ordem vária e livre, em que não tem tradição (e portanto não é vernáculo) o uso sistemático da sequência lógica ou analítica. A partir daí, afirma o autor que a preferência pela ordem inversa era regra e, em complementação, que a ordem direta era tida como “incorreta”.

Lima (Apud. NEVES, 1996) é um dos que insistem bastante na liberdade de colocação. Discute a questão da ordem indireta ou inversa. Pela orientação dada, no geral não relaciona casos obrigatórios de colocação, mas se faz predominantemente em termos da dupla possibilidade de colocação de alguns termos: anteposição e posposição.

Brandão (Apud. NEVES, 1996) fala também em “flexibilidade”. De início, aponta que em português a colocação das palavras na frase e das orações no período é muito flexível e que, embora haja casos de fixação da construção, na maior parte das vezes os elementos da frase podem ocupar as posições mais variadas. Também fala, ao tratar da ordem habitual, da opcionalidade de ordem da frase enunciativa. Ele remete a questão da ordem à estilística.

Said Ali (1966), a partir do assentamento que fez sobre uma ordem habitual ligada ao ritmo característico do idioma (o ascendente), diz que levadas em conta às construções fundamentais de que a linguagem natural e espontânea não costuma afastar-se, é certo que para a estrutura oracional temos em português bastante liberdade. Acentua, porém, que essa liberdade é maior no verso, em que ocorram certas transposições completamente estranhas não só ao falar comum, mas ainda ao discurso limado. Concorde com essa discussão Bechara (1985), ao dizer também que a colocação de um idioma obedece a tendências variadas, quer de ordem estritamente gramatical, quer de ordem psicológica e estilística. Dá, porém, prevalência à entonação oracional, segundo ele a maior

responsável pela ordem favorita numa língua ou grupo de línguas.

Cegalla (1971) observa que a colocação das palavras na frase, em português, é muitas vezes livre e quase nunca está sujeita a normas rígidas e inflexíveis.

Cunha (Apud. NEVES, 1996) aponta que o português do Brasil permite alterar a ordem direta dos termos muito mais do que permitem outras línguas.

Lima (1979) trata da ordem do adjetivo nos grupos nominais, a qual tem, no português, “relativa liberdade”, a escolha individual, condicionada a fatores de ênfase ou de entonação, é variável dentro de certos limites, mas em alguns casos, há uma norma tradicional e fixa, que cumpre respeitar.

Bueno (1968) comenta que dois são os rótulos utilizados para identificar a ordem direta e indireta. Evidencia-se a ordem direta na frase quando se coloca em primeiro lugar o sujeito, em segundo o verbo, em terceiro o complemento.

Qualquer alteração nesta sequência de funções lógicas produz a ordem inversa. A ordem direta pertence mais à lógica, ao raciocínio, dando-se em primeiro lugar a regente e depois o regido, a causa primeiro e em seguida o efeito.

Cunha e Cintra (1985) falam que o valor do adjetivo é elemento fundamental para a caracterização dos seres, desempenhando importante papel naquilo que falamos e escrevemos. É ele que nos permite configurar os seres ou os objetos tal como a nossa inteligência os distingue, nomeando-lhes as peculiaridades objetivamente apreensíveis. Permite expressar os seres e os objetos enriquecidos pelo que nossa imaginação e sensibilidade lhes atribui. Portanto, quer para a precisão do enunciado, quer para sua expressividade, o adjetivo impõe-se como termo imprescindível, mas a exigir de quem dele se utiliza, cuidados especiais, principalmente bom senso e bom gosto.

Neves (1996) comenta que apesar dessa quase unanimidade

na evocação da “liberdade” ou “flexibilidade” de colocação em português, o desenvolvimento do assunto nos diversos autores vai mostrar que está em questão muito mais o fato de o sistema prever uma gama de possibilidades de colocação do que a aceitação de uma não discriminação para determinadas colocações que, previstas no sistema, são, porém, mal aceitas segundo as convenções tradicionais de uso. Assim, por razões diversas, certas colocações vêm, muitas vezes, proscritas.

Conclusão

A orientação metodológica prevê dois caminhos de explicações para a ordem do adjetivo: estilística e linguística.

O primeiro caminho oferece explicações baseadas no grau de afetividade do falante; já o segundo caminho ancora suas explicações como reflexo da sequência tema/remã.

Aqui, propusemos uma orientação diferenciada sob dois aspectos: teórico e metodológico. No aspecto teórico, optamos por um estudo variacionista que admite o pressuposto de que duas formas que podem assumir o mesmo contexto, com o mesmo valor de verdade, são formas em competição, portanto, variantes de uma mesma variável linguística. No aspecto metodológico, adotamos o algoritmo da Sociolinguística Laboviana, que prevê que dados linguísticos devam ser analisados à luz de hipóteses e checados quantitativamente.

Assim, as duzentas ocorrências de língua escrita, extraídas das seis revistas, já citadas, foram correlacionadas com os seguintes grupos de fatores: concretude do substantivo regente, traço contável do substantivo regente, número de sílabas do adjetivo e a flexão de número do adjetivo.

Com os resultados apurados, concluímos que os adjetivos antepostos detêm os seguintes grupos de fatores atuando como

condicionadores linguísticos: até duas sílabas, com substantivos abstratos e não contáveis. Tendo em vista que os grupos de fatores elencados para correlações levaram seus resultados aos mesmos resultados da ordem, concluímos que traços semânticos são os critérios intervenientes que melhor explicam a variação da ordem do adjetivo na linguagem jornalística escrita em revistas, a despeito das explicações estilísticas apoiadas em corpora literários.

Não tivemos a pretensão de esgotar o assunto, mas de propiciar, numa perspectiva diferenciada, explicações baseadas na estrutura do próprio adjetivo.

Bibliografia

BECHARA, Evanildo. *Ensino de Gramática: opressão? liberdade?* São Paulo: Ática, 1985.

BUENO, Francisco da Silveira. *Gramática normativa da Língua Portuguesa: curso superior*. 7. ed. São Paulo: Saraiva, 1968.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Matoso. *Princípios de Lingüística geral*. 5. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. 12. ed. São Paulo: Nacional, 1985.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

LIMA, Rocha. *Gramática normativa da Língua Portuguesa*. 20. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1979.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A questão da ordem na Gramática tradicional: Gramática do Português falado: a ordem*. 3. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1996. v. 1.

SAID ALI, Manuel. *Gramática secundária*. São Paulo: Melhoramentos, 1966.

SILVIO RIBEIRO

HISTÓRIA DA LITERATURA DO BRASIL

A literatura brasileira surgiu a partir da atividade literária incentivada pelos jesuítas, logo após o descobrimento do Brasil, durante o século XVI.

Bastante ligada, de princípio, à literatura metropolitana, ela foi ganhando independência com o tempo, iniciando o processo durante o século XIX, com os movimentos romântico e realista, atingindo o ápice com a Semana de Arte Moderna em 1922, caracterizando-se pelo rompimento definitivo do Modernismo e suas gerações as primeiras escolas de escritores verdadeiramente independentes como Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, João Guimarães Rosa, Clarice Lispector e Cecília Meireles.

OS PRIMEIROS HABITANTES BRASILEIROS

Quando descoberto pelos portugueses no ano 1500, calcula-se que o Brasil era habitado estimativamente por cinco milhões de índios, que ocupavam o território brasileiro, espalhados por toda a faixa litorânea de norte a sul, com raríssimos núcleos internamente, ou seja, embrenhados nas grandes floretas brasileiras.

A população indígena era praticamente dividida em grandes nações, compostas por vários grupos étnicos, entre os quais se destacavam os grandes grupos tupi-guarani, macro-jê e aruaque.

Os tupis-guaranis eram subdivididos em: guaranis, tupiniquins e tupinambás.

Os tupis se espalhavam praticamente desde o atual Rio Grande do Norte até o Rio Grande do Sul, já os guaranis ocupavam toda a área do estuário do prata, chegando até território chileno.

Segundo consta da história brasileira, os primeiros indígenas que contataram o colonizador foram os tupis.

A língua falada no Brasil indianista, de norte a sul, era o tupi-guarani, que se apresentava em mais de 170 dialetos indígenas.

Decorridos mais de cinco séculos, apura-se que toda população indígena brasileira ficou reduzida a aproximadamente 400 mil representantes espalhados por todo o território, com maior incidência nas regiões Norte e Centro-Oeste. Segundo estudos da Funai, podemos encontrar em regiões localizadas no Brasil grupos compostos de até 12 indígenas vivendo em minicommunidades.

INSTITUIÇÕES ESCOLARES NO BRASIL COLONIAL E IMPERIAL

A história das instituições escolares é uma pequenina parte da história.

Toda sociedade tem sua dinamicidade, que acontece de forma a se realizar através da produção e reprodução do que gera aquilo que chamamos de vida. E cada uma das formas de vida tem de buscar os meios de existência, para que possa dar continuidade à própria espécie humana. Ordem esta estabelecida para os homens sobreviverem em sociedade, independentemente do período histórico ou da etnicidade. As instituições escolares na sociedade brasileira, ao longo do tempo, passaram por diversas formas de subsistência e também por períodos de variadas formas de produção (como primitiva, escravista, feudalismo, capitalismo e socialismo).

As instituições escolares que foram criadas acompanham o movimento e os interesses da sociedade, identificando cada regime de produção, salvo o último. No país coexiste, de acordo com o regime de reprodução, situado num determinado período histórico, um tipo de produção diferente entre regiões no mesmo território. As instituições vão sendo organizadas dentro desses interesses, de norte a sul do país os antagonismos são identificados, muito embora algumas destas instituições sejam marcos que ainda não foram estudados ou até não existem mais, porém não invalidam tais contrastes históricos presentes na formação da sociedade brasileira, que aqui estão identificados nos períodos colonial e imperial.

A instituição escolar não é feita apenas de professores, alunos e métodos, embora eles sejam importantes. Ela se constitui a partir de interesses que identificam os marcos que são a identidade da sociedade. Isso dá-se através de princípios em uma comunidade politicamente organizada, ocupando determinado território e dirigida por um governo, estabelecendo dessa forma as relações, que absorvem as tendências dominantes em cada momento da história. Os dois períodos aqui apresentados (Colônia e Império) caracterizam as instituições escolares de cada época, buscando identificar o desenvolvimento e os conflitos para se chegar à história das instituições escolares no Brasil, percorrendo essas idas e vindas na história, pois é identificado com momento de um Estado, marcado pelo predomínio de interesses particulares, como um apanágio das elites dominantes, normalmente destinadas a posições de comando, poder e prestígio.

A partir destas circunstâncias, que são históricas, portanto determinadas, procuramos neste artigo identificar as Instituições Escolares no país.

Quais são elas?

Brasil Colônia

Durante três séculos, o Brasil ficou na condição de colônia portuguesa, que tinha como princípio beneficiar a metrópole. A sociedade política era formada por representantes legais do poder da metrópole, uma vez que aqui não havia instituições autônomas. A economia girava em torno da metrópole, adotando um modelo agroexportador assentado em um só produto.

O açúcar era um produto que na Europa tinha grande aceitação e um valor alto de venda. Com a boa adaptação do açúcar em solo brasileiro, principalmente no Nordeste, o plantio começou em larga escala. "Seria uma forma de Portugal lucrar com o comércio do açúcar, além de começar o povoamento do Brasil."

O rei resolveu dividir o Brasil em Capitanias Hereditárias, faixas de terras que foram doadas aos donatários. Estes podiam explorar os recursos da terra, porém ficavam encarregados de povoar, proteger e estabelecer o cultivo da cana-de-açúcar. No geral, o sistema de Capitanias Hereditárias fracassou, em função da grande distância da metrópole, da falta de recursos e dos ataques de indígenas e piratas. As capitanias de São Vicente e Pernambuco foram as únicas que apresentaram resultados satisfatórios, graças aos investimentos do rei e de empresários.

O Brasil transformou-se desde a época colonial portuguesa em uma sociedade dominada por grandes latifundiários. Essa transformação provocou profundas convulsões, numa direção oscilante do ponto de vista tanto econômico como educacional. Deu-se aí o grande impulso progressivo no tradicionalismo vinculado aos patriarcas para a verdadeira separação das partes agregadas tanto política, social, educacional, quanto econômica de sistema colonial.

Diogo Álvares Correia, conhecido como Caramuru, auxiliou o trabalho dos jesuítas. Vivendo entre os indígenas como

intermediário entre os portugueses e os índios da Bahia, desde 1510, desempenhou importante papel, pois facilitou a comunicação entre eles para que os sacerdotes da Companhia de Jesus, sob a chefia de Nóbrega, fundassem em Salvador o primeiro colégio do Brasil.

Com esse objetivo, é enviado ao Brasil o primeiro governador-geral, Tomé de Souza, em março de 1549. Imbuídos de outras motivações, com sua comitiva chegam os primeiros padres da Companhia de Jesus, fundada por Inácio Lopez de Loyola e alguns discípulos da Capela de Montmartre, Paris, em 1534. O objetivo inicial da Companhia era prestar acompanhamento hospitalar, missionário e catequese no Brasil.

A Companhia de Jesus foi aprovada pelo Papa Paulo III, em 27 de setembro de 1540. Em 1549, desembarcavam no Brasil Colônia os primeiros Jesuítas: o Padre Manoel da Nóbrega, como integrante do projeto colonial, e mais quatro companheiros, com a tarefa inicial de organizar o catolicismo no Brasil.

Quando os jesuítas aqui chegaram, a população existente era formada em sua maioria de índios nativos, alguns negros trazidos desde 1538 do continente africano e uns poucos brancos portugueses. Os índios eram capturados e aprisionados pelos portugueses e, como sinal de prêmio a Coroa Portuguesa, de acordo com o número de capturados, oferecia terras para os colonizadores, e esses mesmos índios eram escravizados para realizarem trabalhos forçados, na tentativa de implantar a lavoura de cana-de-açúcar em larga escala.

No Brasil Colonial, a rede de alianças formada pelo clero, colonos e a Coroa resultou num acerto de interesses para a organização eclesial, mas não eclesiástica, em que a Igreja Católica, como representante da comunidade dos cristãos, mas como uma estrutura administrativa, juridicamente delineada a serviço da metrópole. Nessa perspectiva, a ideologização do projeto colonial consubstanciou-se na ação missionária e evangelizadora exercida

pelas ordens religiosas coloniais, junto aos grupos indígenas: a Igreja ajudou a enorme massa de desprovidos de bens materiais a pensar como o desejavam os donos do poder, e não como requeria a sua condição material no processo produtivo.

Os jesuítas entraram no sertão, empenharam-se na catequese dos índios, fundaram escolas para os filhos dos colonos e procuraram impor aos portugueses as normas da moral cristã no relacionamento com os indígenas. Assim, tentaram impedir a escravização de índios e a exploração sexual das mulheres indígenas pelos colonizadores.

Não se pode esquecer que, apesar de os jesuítas serem os primeiros educadores enviados ao Brasil, estes não tinham o intuito de educar, mas sim de catequizar os indígenas, a fim de angariar trabalhadores para a Coroa. Eles estavam cientes de que, para converter os nativos à sua fé, seria necessário primeiramente alfabetizá-los. Assim, para atingir o objetivo jesuítico na Terra de Santa Cruz, era preciso começar a catequizar as crianças, porque nelas ainda não estavam enraizados os hábitos e costumes da cultura indígena, enquanto que o trabalho com os adultos tornava-se praticamente impossível, devido às suas crenças.

A Companhia de Jesus escolheu as crianças indígenas como o "papel em branco", a cera virgem na qual pretendia escrever e inscrever-se. Os jesuítas enfatizavam os aspectos divinos, ao tornar a criança semelhante à figura e imagem de Jesus Cristo. Entretanto, o mero discurso não era suficiente, pois, numa cultura dominada pela imagem, devemos questionar-nos sobre os discursos que fazemos a respeito da justiça, do serviço aos pobres, da sociedade sem discriminações, da abertura ao Espírito de Jesus. A primeira medida de afastamento da criança de seu convívio sócio-familiar praticada no Brasil pelos jesuítas foi colocá-la um local denominado "Casa dos Muchados". Em 1585 já existiam no país cinco "casas" de acolhimento, situadas em Ilhéus (Bahia).

As almas indígenas deviam ser ordenadas e adestradas para receber a semente da palavra de Deus. Transformação da paisagem natural e também transformação dos nativos em cristãos, esta era a missão.

Liderados pelo Padre Manoel de Nóbrega, assim que chegaram ao Brasil os jesuítas imediatamente construíram a primeira escola elementar brasileira, em Salvador, Bahia, cujo mestre foi o Irmão Vicente Rodrigues, o qual contava apenas com 21 anos de idade.

Com a chegada dos primeiros colonizadores europeus, a educação dos jesuítas ficou exclusivamente a cargo, dos religiosos católicos e predominantemente da congregação jesuítica, por 210 anos.

O período da permanência dos jesuítas no Brasil, que vai de 1549 a 1749, foi o de implementação dos estudos e a fundação dos primeiros colégios. A primeira escola oficial no país foi fundada em 1550, o Colégio dos Meninos de Jesus, deveria acompanhar os modelos educacionais de Lisboa. Os documentos dão conta de que sete meninos órfãos foram trazidos pela missão, para estudar nessa primeira instituição educacional.

No ano de 1554, sob o comando do Padre Manoel da Nóbrega, fundou-se, em 25 de janeiro, o terceiro colégio jesuíta do Brasil nos campos de Piratininga, um nome tupi e aquático. Vem do tupi pira "peixe" e (mo) tininga, gerúndio de "secar", de onde "peixe secando ou seca peixe". Segundo Anchieta, por efeito de trasbordamentos, o rio Tamanduateí deitava fora peixes, em suas lagoas marginais os quais eram apanhados pelos índios que os deixava secar expostos ao sol. Os jesuítas fundavam essas vilas tanto para ser pontos de concentração de colonos como também para ser pontos de catequese dos índios nativos. Então, como vemos, os jesuítas tiveram um papel muito importante na colonização da Capitania de São Vicente e também na colonização das terras brasileiras assim como no início da literatura do Brasil.

Em Salvador, a obra dos jesuítas seguiu para o Sul. Decorridas duas décadas, a Companhia era formada por cinco escolas de instrução elementar, localizadas em Porto Seguro, Ilhéus, São Vicente, Espírito Santo e São Paulo de Piratininga; e três colégios, no Rio de Janeiro, em Pernambuco e na Bahia.

Toda ação pedagógica dos jesuítas foi marcada pelas formas dogmáticas de pensamento, contra o pensamento crítico. O ensinamento proposto pelos jesuítas era alheio ao interesse da Colônia, o que mais tarde veio determinar a expulsão dos mesmos pelo Marquês de Pombal, Sebastião José de Carvalho, primeiro-ministro de D. José I, rei de Portugal.

Havia dois modelos de instrução: um para os indígenas, centrado na leitura, escrita e algumas operações, e outro para os filhos dos colonos, consistindo num ensino mais intelectualizado.

O sistema educacional no período colonial no Brasil era composto desde a sua origem de forma etnicamente plural e com diversas línguas, e, nesse sentido, podemos perceber quem tinha acesso à educação disponível e quais as condições de acesso à educação oferecida. Também nos trabalhos manuais, apresentações na área de dramaturgia e apresentações pessoais.

As escolas de jesuítas, especialmente os colégios e seminários em funcionamento em toda a Colônia, preenchiam perfeitamente essas funções, ajudando e assegurando dessa maneira a própria reprodução da sociedade escravocrata. Com isso, a Igreja Católica não só assumia a hegemonia na sociedade civil, como penetrava de certa forma, na própria sociedade política e das artes, através dessa arma pacífica, que era a educação.

Agindo assim, a Igreja, através das Instituições Escolares que se espalhavam em vários lugares do território, foi marcando seu domínio. Os jesuítas foram decisivos para a subordinação pacífica de massa submissa às relações de produção que eram implantadas. Pensando a educação nesta perspectiva, que é social, econômica e

política, podemos identificar as instituições que eram organizadas naquele período para dar instrução.

São Paulo era o local de partida das Bandeiras em direção a outras localidades do País, muito embora essas entradas dos bandeirantes em outras localidades não contribuíram para o crescimento econômico nem mesmo de São Paulo, porém foram eles os principais responsáveis pela exploração e ampliação do território brasileiro a Sul e a Sudoeste, bem como pelo extermínio das nações indígenas que resistiam a esse empreendimento.

Deve-se à ação dos Bandeirantes a total descaracterização do Tratado de Tordesilhas, que culminou com o aumento dos limites do Brasil.

O ensino era proposto nos rudimentos da fé, no estudo dos elementos e no escrever, havendo preocupação com um material pedagógico que atendesse às expectativas do ensino religioso. Uma correspondência do Padre Antonio Blaquez, de 1564, demonstra essa preocupação com a necessidade de atualizar o material pedagógico quando solicitava "por caridade", ao Geral da Ordem, uma gramática, pois agora se ensinava por perguntas e respostas, dando ênfase à instrução.

Mesmo os depoimentos dos adversários dos jesuítas atestam a excelente qualidade da formação desses padres e do ensino por eles proposto. Possuindo um vasto conhecimento, os jesuítas ensinavam, faziam pregações, escreviam poemas, crônicas, sermões etc. instruíam a juventude gratuitamente, com extremo e incansável zelo, revelando um caráter íntegro e um comportamento singelo. Na verdade, como se sabe, alguns jesuítas foram considerados bem-aventurados pela Igreja Católica, tais como o Padre José de Anchieta, o que significa que esteve muito próximo da santidade, dos altares.

Após 210 anos de serviços educacionais prestados ao Brasil, os jesuítas foram banidos porque a educação jesuítica não coadunava

com os interesses comerciais do Marquês de Pombal. Portugal estava decadente em relação a outras potências europeias, e o Marquês pretendia reerguer o país, colocando as escolas a serviço do Estado e não mais da fé. Com o desmantelamento do sistema jesuítico, a educação brasileira praticamente voltou à estaca zero no início do século XIX.

Assim, quando os jesuítas deixaram o Brasil, à derrocada seguiu-se a fragmentação, calcada num ensino fraco, dividido entre outras ordens religiosas e a incipiente participação estatal. Posteriormente, ocorreu a restauração da Companhia de Jesus sendo que os jesuítas voltaram a atuar na área educacional, utilizando o mesmo método bem-sucedido na fase inicial.

A situação de Portugal estava cada vez mais tensa. Após a pressão francesa, a Coroa Portuguesa viu-se forçada a assinar uma convenção secreta com a Inglaterra, em 22 de outubro de 1807, pela qual os dois países acertaram um tratado de cooperação, caso Portugal fosse obrigado a voltar-se contra a Inglaterra, para evitar a guerra.

Os representantes dos dois países assinaram em Londres um documento com as medidas passíveis de ser tomadas por Portugal, que previa a ajuda da Inglaterra. O documento previa ainda a transferência temporária da sede da Monarquia portuguesa para a Colônia, no caso de Portugal ser invadido.

No mesmo ano em 1807, quando Portugal é invadido pelas tropas francesas, a família real é obrigada a vir para o Brasil, provocando também uma reorganização administrativa em território colonial. A transferência da Corte portuguesa para o território colonial, com a vinda da família real, inaugurou uma nova fase para o Brasil colônia, marcando o fim da etapa de colonização. Esse documento organizado pelos ingleses demonstrava o interesse em fazer com que o governo português se tornasse ainda mais dependente da Inglaterra.

O embarque de D. João foi inesperado, decidido de última hora. Veio com ele para a Colônia um aparelho burocrático composto de ministros, conselheiros, juizes da Corte Suprema, funcionários do Tesouro, patentes do Exército e da Marinha e membros do Alto Clero. Baús com roupas, malas, sacos e engradados seguiam junto com as riquezas da Corte. Obras de arte, objetos dos museus, a Biblioteca Real com mais de 60 mil livros, todo o dinheiro do tesouro português e as joias da Coroa, bem como cavalos, bois, vacas, porcos e galinhas e outros alimentos.

Durante o período de permanência de D. João no Rio de Janeiro, o número de habitantes da capital dobrou, passando de 50 mil para cerca de 100 mil pessoas. A partir dessa nova realidade, fez-se necessária uma série de medidas no campo intelectual como a criação da Imprensa Régia e a instalação da Biblioteca Pública. No campo educacional são criados cursos para o preparo de pessoal mais diversificado e começa a história das Escolas de Ensino Superiores: a Academia Real da Marinha (1808), Academia Real Militar (1810), Academia Médico-Cirúrgica da Bahia (1808) e Academia Médico-Cirúrgica do Rio de Janeiro (1809).

Com a possibilidade de contato com mais ideias e mediante a mudança da sede do reino, o novo governo teve que realizar uma série de medidas, entre elas na área educacional, a fim de suprir a demanda que o país tinha.

Longe de realizar tais medidas para o bem-estar do povo, aqui já instalado, o governo de dom João VI instituiu, através de um decreto, em 1826, quatro graus de instrução: Pedagogias (escolas primárias), Liceus, Ginásios e Academias.

Houve investimentos no ensino técnico e no superior, enquanto a educação do povo, com estudos primários e médios, ficou esquecida, caracterizando um período de poucos avanços educacionais.

O primário continuaria com a escola para ler e escrever, na qual foram criadas mais 60 cadeiras, e no secundário permaneceria a organização de aulas régias com a criação de mais 30 cadeiras de gramática latina.

As instituições escolares de primeiro grau, chamadas Pedagogias, compreendiam o ensino elementar e primário e tudo o que é indispensável ao homem, qualquer que fosse sua posição ou profissão. Os institutos desenvolviam as matérias do primeiro grau e acrescentavam todos os conhecimentos indispensáveis aos agricultores, aos artistas, aos operários e aos comerciantes. Já os Liceus compreendiam todos os conhecimentos científicos que servem de base ou de introdução ao estudo aprofundado da literatura e das ciências, e toda espécie de erudição.

Todavia, é no nível superior, mesmo que ainda se limite a cursos sem estrutura universitária, que o governo irá centrar suas ações. Para criar o ensino superior no Brasil, D. João VI instalou em 1808 a Escola Médica da Bahia e no Rio de Janeiro, Economia Política e Escola de Comércio. Em 1812 foi criado o Ensino de Química, no Rio de Janeiro; Agricultura, no mesmo ano, na Bahia; Botânica, em 1814, em complemento à Escola de Agricultura; Farmácia, em 1814, na Bahia; Escola de Belas Artes, em 1816.

Com intuito de formar oficiais e engenheiros civis e militares são criadas a Academia Real da Marinha e a Academia Real Militar, que passou para Escola Central, em 1858, depois Escola Politécnica, em 1874, e finalmente Escola Nacional de Engenharia. Em 1812, em Minas Gerais, é criada a escola de serralheiros, oficiais de lima e espingardeiros. Estes cursos representam os primeiros passos do Ensino Superior no Brasil, seguindo as necessidades reais do país, mesmo que a preocupação fosse basicamente profissionalizante.

Com a Proclamação da Independência, o governo se preocupou em formar os alunos e os futuros cidadãos, apesar de estes serem apenas os filhos de homens livres, a elite dirigente do país,

preocupou-se em criar escolas superiores e regulamentar o acesso as mesmas.

Apesar de que, desde 1854, algumas leis a favor da educação tenham sido elaboradas, a maioria da população continuava analfabeta. Poucos alunos chegavam ao secundário e à universidade, um privilégio apenas da elite. Até a Proclamação da República pouco se fez de concreto pela educação.

Para atender às novas exigências de organização da educação pública, de forma a atender o país, que indicava para as ideias de modernidade liberal, marcadamente por resultados legislativos nos quais a Igreja Católica, durante os dois primeiros séculos de colonização brasileira, os jesuítas foram os únicos que reinavam absolutos e os discursos contra esse determinismo começavam a fazer ressonância para a troca do que era território da Igreja, para ser substituído para responsabilidade do Estado através da ideia de público.

O período de 1820-1830 é considerado liberal, marcado por governar com constituição, porém limitado pelo poder Moderador que conferia ao imperador excepcionais poderes e levava a um governo efetivamente centralizador. Sem uma política de educação e ensino, não houve crescimento das oportunidades educacionais. Onde a escola não estava presente, não houve mudanças nas condições de trabalho do professor e as mulheres eram educadas em casa.

Em 1837, foi fundado no Rio de Janeiro o Colégio Pedro II, que deveria de ser um modelo para outras escolas. Só ele fornecia o diploma de bacharel, título necessário na época para cursar o nível superior. Foram também criados nessa época colégios religiosos e alguns cursos de magistério em nível secundário, exclusivamente masculinos.

O Colégio Pedro II era considerado uma escola-modelo. Era frequentado pela aristocracia, que tinha como objetivo oferecer o melhor ensino e a melhor cultura às elites dirigentes.

Em 1842, os jesuítas começaram a voltar ao Brasil. Chegaram ao país os jesuítas alemães, que foram para o Sul, os italianos, que foram para a Região Sudeste. Mais tarde, vieram os portugueses, que foram para o Nordeste.

Em 1867, é fundado em Itu, São Paulo, o Colégio São Luís. Em 1890, inaugurado o Colégio Anchieta. Outros colégios são instalados nas principais capitais, como: Rio de Janeiro, Florianópolis, Salvador, Recife.

A presença do Estado, nesse momento, era quase imperceptível, pois estávamos diante de uma sociedade escravagista, ditatorial e formada para atender a uma minoria encarregada do controle sobre as novas gerações. Fica evidenciada a contradição da lei que propugna a educação primária para todos. No entanto, o governo imperial atribuía às províncias a responsabilidade direta pelo ensino primário e secundário, através das leis e decretos que vão sendo criados e aprovados, sem que sejam aplicados, pois não existiam escolas e poucos eram os professores.

Nos liceus eram oferecidos os estudos divididos em oito cadeiras: língua e literatura latina; línguas e literatura inglesa e francesa; língua e literatura alemã; matemática elementar, aritmética, geometria, álgebra e trigonometria; geografia e história, especialmente as do Brasil; filosofia e princípios gerais de ciências físicas e naturais.

Os alunos dos liceus estavam sujeitos em lei às mesmas penalidades e às mesmas disciplinas que eram determinadas para os meninos das escolas primárias. Os professores selecionados para trabalhar nos liceus eram também nomeados pelo presidente da província, mediante exames ou concurso perante uma comissão formada por dois membros. Os professores dos liceus eram nomeados diante das seguintes condições definidas: ser cidadão brasileiro, ter idade de 21 anos, promover moralidade e capacidade profissional.

Os professores das escolas particulares deveriam ensinar

de acordo com os princípios morais públicos e a religião do Estado. Caso fizessem o contrário aos princípios determinados ou praticassem atos escandalosos e ofensivos aos bons costumes, formar-se-ia contra ele o processo estabelecido no título e sendo o acusado julgado precedente, mandaria o presidente da província fechar a escola ou colégio, chamado de "O Apóstolo do Brasil".

Muito polêmico por algumas declarações que deixou sobre o extermínio dos Índios Tupinambás e de toda aquela nação, Irmão da Companhia de Jesus, José de Anchieta veio ainda jovem para o Brasil, dedicando-se à catequese indígena. Como Brasileiros, devemos a ele, à Igreja Católica, a Portugal, Nóbrega, assim como Cunhambebe, Aimberê, Pidobuçú e Coaquira, o Tratado de Paz de Iperoig, que veio garantir a unidade do território Brasileiro. Incansável em suas andanças nas praias longínquas e nos matos em Itanhaém, levou a Palavra de Deus aos Índios. Para tanto, estudou profundamente a Língua da terra, o Tupi, elaborando uma "Gramática da Língua Tupi". Seu papel tem sido revisto pela história no sentido de saber quem de fato foi o Padre José de Anchieta. Fundou São Paulo por iniciativa do Padre Nóbrega, a qual se tornou uma das maiores cidades das Américas e do mundo.

Inegavelmente foi um herói para o Brasil. Aportou na Bahia, veio para a Região Sudeste onde participou ativamente na catequese dos índios de todo Litoral Paulista e na fundação de São Paulo, que se deu por iniciativa do Padre Nóbrega.

Quanto à gramática, a primeira foi a de Anchieta, escrita entre 1555-56, em São Vicente.

Uma constante da história colonial das línguas indígenas utilizadas na conversão religiosa foi a de terem recebido algum tipo de escrita alfabética. Sobre elas, uma trilogia de obras foi elaborada: catecismos, vocabulários e gramáticas. Desses três gêneros, o primeiro a ser elaborado em tupi foi o catecismo. Este tipo de obra era complementado com as falas próprias para cada cerimonial cristão (batizar, casar, ungir, enterrar, confessar, declarar e admoestar.

As questões sobre a procedência dos intérpretes jesuítas e do uso da gramática tupi na Companhia de Jesus levam a propor uma diferença na forma de conhecimento do tupi nos dois primeiros colégios dos jesuítas no Brasil, São Vicente e Salvador.

No período em que os jesuítas se concentraram em São Vicente, o tupi adquirido pela missão é predominantemente de domínio oral, enquanto na Bahia se institucionaliza seu uso escrito, surgindo ali maiores reflexos da ideologia das letras, pelo papel relevante que teve a gramática de Anchieta.

Ao lado de João Ramalho, Tibiriçá, Manoel da Nóbrega e Manoel de Paiva, o Beato José de Anchieta é personagem que marca as origens paulistanas de maneira determinante. Suas ações foram capitais para a consolidação do povoado, principalmente nos dez anos seguintes à fundação.

No colégio de sapé, Anchieta e outros jesuítas ensinavam Língua Portuguesa, Latim, Matemática, Teologia e História. Mas logo o barracão mostrou-se pequeno demais. Entre 1556 e 1557 deu lugar a novas instalações feitas de "taipa de pilão", uma mistura de barro, areia, fibras, sangue e estrume de boi. E a catequese pôde ser ampliada.

Em 1760, os jesuítas foram expulsos da América Latina e tiveram todas as posses confiscadas, inclusive o colégio que passou à propriedade do governo. Renomeado como Largo do Palácio, abrigou a sede dos capitães-generais.

Dez anos mais tarde, foi transformado em centro cívico e cultural com a instalação da Academia Paulista de Letras. Em 1821, abrigou o Governo Provisório de São Paulo, um dos primeiros passos para a Independência do Brasil. No ano seguinte, o "Páteo do Colégio" (como está escrito em placas e documentos) recebeu um ilustre hóspede, ou seja: após o Grito do Ipiranga, Dom Pedro I ali permaneceu por onze dias e escreveu o Hino da Independência.

LEMBRANÇAS DE TI

Ó meu Deus se eu pudesse,
Um dia voltar ao passado,
Na certa me alegraria,
Poôr estar sempre ao teu lado.

Guarulhos dos bons tempos,
Dos corações apaixonados.
Do vai e vem da Rua D. Pedro,
E dos amores conquistados.

Quem hoje chora angustiado,
Por te ver modificado,
Lembra saudoso os momentos,
Que ficaram no passado.

Suas festas muito alegres,
Trazem-nos recordações,
Ficaram gravadas no tempo,
E em nossos corações.

As missas na Matriz,
Marcavam os dias santos,
Transmitiam fé e paz,
Era para todos um encanto.

Da rua D. Pedro saudosa,
Exclusiva e pioneira,
Do querido Cine República,
E das suas sessões domingueiras.

Depois a Praça Getúlio Vargas,
Com sua beleza invulgar,
Que clareou com sua fonte,
Todo aquele lugar.

Lembranças sempre tenho,
Do querido rio Tietê,
E a pesca em suas águas,
Das quais se podia beber.

Não posso me esquecer,
Do nosso trenzinho charmoso,
Que sempre nos transportava,
Com seu apito tihoso.

Assim é o destino,
Seguindo seu caminho,
Para uns, deixa saudades,
Para outros, muito carinho.

VALDIR CARLETO

ELAS E A MÚSICA

A música está sempre presente na nossa vida. Todos nós temos no mínimo uma música que nos cala fundo, que nos lembra momentos importantes, que nos faz viajar no tempo.

Às vezes, ficamos pensando onde os compositores vão buscar tanta inspiração, para produzir obras tão maravilhosas. Fatalmente, uma das principais fontes são as mulheres. As músicas falam de paixões, de amores perdidos, de sofrimento causado pela saudade, pelo arrependimento e o desejo de estar novamente ao lado delas.

Não por acaso, há tantas músicas com nomes de mulheres. Inevitável lembrar de Amélia, de Mário Lago. Aquela que era mulher de verdade e achava bonito não ter o comer. E quando me via contrariado, dizia: Meu filho, que se há de fazer? Iracema, meu grande amor, foi embora, disse Adoniran. De Milton, tem Maria Solidária e tem Maria, Maria, um dom, uma certa magia, uma força que nos alerta, uma mulher que merece viver e amar como outra qualquer do planeta.

Poucos, no entanto, terão cantado tantas mulheres - no bom sentido - como Chico Buarque. A Rita, que levou meu sorriso e matou nosso amor de vingança; Carolina dos olhos tristes, que guarda tanta dor, a dor que já nem existe; Luíza - com "z", me dá tua mão, o teu desejo é o meu desejo; compôs também Luisa - com "s" -: por ela é que eu faço bonito, que eu faço o palhaço, que eu saio do tom. Quem é essa mulher, que canta sempre esse estribilho? Angélica! Sim, me leva pra sempre, Beatriz. Me ensina a não andar com os pés no chão. Mas hoje, Maria, pra minha

surpresa, pra minha tristeza, precisas partir. Chico aprendeu tanto sobre a alma feminina, que em Terezinha fala dos homens que passaram pela vida dela, deixando apenas implícito o nome da personagem, inspirada na cantiga de ninar. E até cantou o amor entre duas mulheres, em Bárbara: “Vamos ceder enfim à tentação das nossas bocas cruas, e mergulhar no poço escuro de nós duas”. Afora as muitas músicas que Chico cantou de outros compositores, como Ligia, de Tom Jobim e a versão que fez para Yolanda, de Pablo Milanez. Isso tudo sem falar de Geni, que, ao contrário de Amélia, não era mulher de verdade.

(colaboração para *Revista É*, edição de março de 2013)

A SUBMISSÃO NOSSA DE CADA DIA

Desde o ventre, somos submetidos a elas. Depois, elas nos ensinam a dar os primeiros passos e, quando aprendemos a andar sozinhos, achamos que somos donos de nossa vida. Ledo engano. Vez por outra, vamos nos dar conta de que para muitas coisas e em diversas situações, dependemos delas. Das nossas consecutivas professoras, por exemplo. Das médicas e enfermeiras que cuidam de nós, em cada fase da vida, também.

Quando não somos mais dependentes da mãe, e menos suscetíveis ao zelo às vezes exagerado das avós, entregamo-nos às paixões pelas namoradas, mais adiante às opiniões, vontades e até aos caprichos das esposas.

Assim que pensamos ter aprendido a lidar com elas, o que não é fácil, pois não vêm com manual de instruções, somos surpreendidos por um novo tipo de submissão: à tirania das nossas filhas, pois os desejos delas são ordens. Quem não as tem, mas tem filhos, também não se livra, pois existem as namoradas deles e, pouco depois, as nossas noras.

Alguns que lerem isto dirão:

- Que maldição! E eu responderei:

- Que benção!

Abençoados os que podem ter uma delas ao seu lado em cada momento da vida. Mais ainda os que compreendem que podem sempre aprender algo mais com elas e que fazem desse aprendizado contínuo a receita para o aprimoramento e a evolução.

Sei que muitos irão criticar-me por este comentário machista, mas não posso perder a oportunidade de fazê-lo: não me conformo com rapazes que se sentem atraídos por outros. Mas, entendo perfeitamente as moças que se apaixonam por outras. É que elas são mesmo adoráveis e maravilhosas!

Detalhe: notem que é possível falar de todas elas sem citar a palavra mágica cujo Dia Internacional se comemora em 8 de março.

(colaboração publicada no *Jornal Guia dos Imóveis*, 1ª. quinzena de março 2013)

ARTE, TÉCNICA E SENSIBILIDADE

A palavra técnica vem do grego *techné* e se traduz por arte. Arte e técnica seriam, então, sinônimos. Porém, com o tempo as palavras vão ganhando conotações. E passou-se a entender técnica como o conjunto dos procedimentos adotados para obter determinado resultado. E a palavra arte, que tem origem no latim e significa técnica ou habilidade, passou a significar a atividade humana utilizada para criar e comunicar esteticamente.

Ao chamar suas exposições de “Jandilisa Grassano, sua arte, suas técnicas”, talvez a multiartista tenha pretendido explicar que estaria expondo sua arte e demonstrando com quais técnicas produz essa arte. De fato, cada artista desenvolve suas próprias técnicas para obter o resultado que espera de suas criações. Dê as

mesmas telas, as mesmas tintas e os mesmos pincéis a dois artistas, determine que utilizem as mesmas técnicas e se verá que, ainda assim, apresentarão trabalhos com diferentes aparências.

Se assim não fosse, cada aluno de arte reproduziria exclusivamente o que captou de seus mestres. No entanto, o que se costuma ver é que cada aluno assume seu próprio estilo e aplica as técnicas que aprendeu, seguindo sua sensibilidade.

Ah! Essa palavra: sensibilidade. Creio que seja ela o que mais diferencia arte e técnica, por mais que se pretenda que sejam palavras sinônimas. O artista coloca sua sensibilidade a serviço da técnica para que sua arte seja uma extensão do próprio artista. Assim, o artista doa-se ao espectador, ao ouvinte, ao público, enfim, aos seres dotados de capacidade para sentir o que se buscou transmitir. E não será surpresa se cada pessoa captar sentimentos diferentes de um mesmo quadro, de uma mesma escultura, de uma mesma música ou de um mesmo poema.

E por que chamo Jandilisa de multiartista? Porque é assim que a vejo. Poucos artistas conseguem enveredar por tantos caminhos. Ela pinta, decora ambientes, escreve poesias, toca piano, canta. Escolheu viver da arte e para a arte. Entrega-se à arte, passa noites em claro, se preciso. Envolve-se em projetos sociais e encanta-se com a possibilidade de ajudar a formar novos artistas, sejam eles jovens ou nem tanto. Põe-se a fazer obras de arte em plena via pública, em contraponto à sujeira reinante em período eleitoral - ou fora dele. Como a dizer: - Gente, menos barulho e mais poesia! Menos demagogia e mais profundidade!

Ao dispor-se a editar um livro para registrar um pouco do muito que fez e faz, entrega-se mais uma vez à sua arte. Será, talvez, uma técnica para fazer-se lembrar? Uma cutucada para mostrar que uma mulher, que escolheu Guarulhos para viver e trabalhar, ousou expor em espaços mundo afora, nunca dantes navegados por outros artistas locais?

Jandilisa Grassano põe por terra, assim, mil e uma barreiras que enfrentou e enfrenta em sua carreira. E perpetua seu legado. Com as técnicas que são suas, produzindo a arte que é só sua, porém com a sensibilidade que é única e absolutamente sua.

(prólogo do livro de Jandilisa Grassano, *Minha Vida, uma Arte só*)

CAÍ NA REDE E NÃO SOU PEIXE

Relutei durante algum tempo, mas acabei me rendendo ao Facebook, essa febre que está envolvendo multidões, aproximando gente que não se via há muitos anos e, tanto quanto, afastando fisicamente pessoas que agora só se falam pelas telas eletrônicas. Ou seja, não se falam, teclam.

De certa forma, as redes sociais são uma praga, embora tenham lá suas vantagens. Tenho procurado usar o Facebook o mais positivamente e utilitariamente possível. Creio que é uma ferramenta com impressionante alcance, que não deve ser desperdiçada para veicular abobrinhas.

Em vez de postar fotos do que eu comi, informar a que horas fui dormir ou de fazer fofocas de quem quer que seja, tento veicular informações que possam ser úteis aos internautas e propor o debate sobre temas que considero importantes. Confesso que o nível dos comentários tem me surpreendido. Lógico que sempre aparece algum cabeça de bagre atravessando com alguma opinião estapafúrdia, atacando os que pensam diferente e, assim, desqualificando a troca de ideias. Ao encerrar o primeiro semestre de 2013, contabilizava quase três mil amigos virtuais, com muitos dos quais tenho aprendido coisas valiosas e, ao analisar o que escrevem, chego a mudar de opinião sobre determinados assuntos.

Reproduzo a seguir algumas postagens que tenho feito e que, por sua natureza, não se tornam ultrapassadas rapidamente. Em alguns casos, inseri observações sobre fatos supervenientes.

Síndrome da mentira

Fico me perguntando aonde quer chegar alguém que mente tanto, mas tanto, que acaba acreditando que é o que nunca foi. Se continuar se enganando assim, nunca será. O primeiro passo para alcançar os objetivos é ter consciência de onde está pisando. Sonhar não é apenas preciso, mas imprescindível. Porém, também é imprescindível ter os pés no chão para avaliar o quanto pode voar. E algo fundamental: chegue onde chegar, nunca esquecer de onde saiu. Só existe destino feliz para quem sabe sua origem e faz questão de valorizá-la.

Triste, mas é verdade

Na novela *Salve, Jorge*, a reação da personagem Aisha, ao saber que sua família biológica vive na favela não quer dizer que a TV Globo inverte os valores: é a mais exata realidade. O ser humano é assim mesmo, ou, pelo menos, boa parte dos seres humanos agiria da mesma forma, apesar da cara de estranheza que a maioria fez. No Facebook, todo mundo é bonzinho, samaritano, ético. Reina a mais absoluta hipocrisia, isso sim. Na vida real, quase todos nós temos um pouquinho de Aisha.

Analfabetos funcionais

Fico impressionado como tem analfabeto funcional no Facebook! Não dá para querer que escrevam impecavelmente, mas tem algumas coisas dolorosas que a gente vê. Sem mais comentários, para não ferir ninguém. Errem, mas pelo menos tomem o cuidado de ver se o que escrevem transmite o que gostariam de dizer. Dependendo de onde põem - ou não põem - pontos e vírgulas, o texto fica totalmente sem sentido.

Corrupção eleitoral explícita

O que é pior: colocar adesivo de candidato no carro, em troca de grana ou gasolina; ou ser prostituta? Considero mais grave vender a consciência do que vender o corpo.

A lei é clara ao proibir que se coloque propaganda eleitoral em troca de algum benefício. Quem quer comprar apoio do eleitor não merece ser eleito, pois, se na campanha já fere a lei, o que fará se vier a ser autoridade? Se alguém souber de candidato pagando para eleitor pôr adesivo no carro ou faixa na casa, deve denunciar à Justiça Eleitoral. Gente trabalhando no dia da eleição também é compra de voto disfarçada. Deve haver algum jeito de flagrar quem comete esse crime. O sujeito contrata 5 mil pessoas para trabalhar no dia, paga R\$ 50 para cada uma e está eleito vereador. Isso é eleição ou compra de votos?

Individualismo

Um dia, ao dar ré no estacionamento da Cobasi/Assai, a traseira do meu carro bateu no carrinho que o motorista do carro ao lado ali deixara. Quando percebi, desci reclamando e fui pôr o carrinho em lugar adequado. O motorista desculpou-se, dizendo não ter notado que eu estava de saída. Ou seja, não pensou que alguém pudesse pegar no pé dele por ter deixado o carrinho no meio do estacionamento. O que custava o imbecil levar o carrinho até onde ficasse a salvo de atrapalhar os outros? O individualismo é uma praga.

Manifestações - 1

Questionam-me sobre o que acho das manifestações. Respondo que sou contra parar rodovias e o acesso ao aeroporto. Sugiro que se façam protestos inteligentes. E aí muitos se voltam contra mim, ofendem-me, ridicularizam-me. Explico o que entendo a respeito:

Eu fui bancário e delegado sindical nos anos 1980; ajudei a organizar greves no Banco do Brasil e nos bancos em geral. Mantínhamos a greve até alcançar o objetivo ou quando se chegava a um acordo razoável. É preciso definir um objetivo e negociar com quem possa atender o que se reivindica. Valeria parar a Dutra se a paralisação da rodovia conseguisse obrigar o governo, digamos, a zerar todos impostos sobre o preço de fabricação de ônibus, para permitir baixar mais a tarifa. Agora, parar a Dutra por uma infinidade de razões não faz chegar a nada. Temos de combater a corrupção e é válido protestar pelo fim da corrupção. Mas o que se espera? Que a Dilma venha a público e garanta que não vai deixar ninguém mais do governo roubar? Que o Alckmin faça isso também? Mesmo que o fizessem, o que garantiria o fim da roubalheira?

Estou vibrando com a disposição dos jovens de sair às ruas e manifestar sua indignação. Infelizmente, entretanto, sem fixar metas não se vai chegar a lugar nenhum. Publiquei como sugestão de um objetivo a PEC 37, que era absurda, pois queriam proibir o Ministério Público de investigar.

Dias depois, a PEC foi votada e derrubada na Câmara dos Deputados por 430 votos, ante apenas nove favoráveis e duas abstenções. Creio ter ficado evidente que, se não fosse a pressão das ruas, o resultado poderia ter sido diferente. Vale registrar que a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) defendia a aprovação da Proposta de Emenda à Constituição, por entender que ela não retiraria dos promotores públicos nenhuma atribuição legal que já têm; apenas disciplinaria a matéria para evitar interferências do MP no trabalho da Polícia Judiciária, a qual, quando não desincumbir-se de tarefas que lhe cabem, pode ser fiscalizada pelo Ministério Público, de acordo com a Constituição Federal.

Esse e outros temas também polêmicos dependem dos deputados federais. Guarulhos elegeu Janete Pietá (PT); Carlos Roberto (PSDB) ficou na suplência, mas acabou assumindo em

vaga aberta por algum deputado que virou prefeito e por alguns que ocupam cargos de secretários estaduais. Têm Guarulhos como reduto, mas também são bem votados fora os deputados federais Jorge Tadeu e Eli Correia Filho, ambos do DEM. Sugeri que quando houvesse alguma votação importante, eleitores acampassem onde eles moram e exigir deles que votassem contra e ainda se manifestassem na tribuna defendendo seu ponto de vista.

Observação: Em um dos comentários que foram postados sobre essa opinião que emiti, condenaram a proposta de acampar perto das residências dos parlamentares, objeção com a qual acabei concordando. Sugeri, então, que se manifestassem diante dos escritórios políticos de ambos, no Centro de Guarulhos. De algum jeito, o povo precisa fazer chegar a seus representantes como espera que eles votem. Lógico que cada um votará de acordo com seus princípios e sua consciência, arcando com as consequências que isso lhes trará.

Por exemplo, na sessão que poderia cassar o deputado Natan Donadon, condenado pelo STF e preso por formação de quadrilha, só a deputada Janete Pietá votou e afirma ter optado pela cassação do parlamentar, embora a votação tenha sido secreta. Já os outros três, embora conste que tenham comparecido à sessão, não participaram da votação. Como era preciso um quórum mínimo para que Donadon fosse cassado e não foi atingido, a ausência dos três contribuiu para a absolvição do deputado prisioneiro. Se o povo tivesse o hábito de cobrar satisfação dos parlamentares, ou se o voto não fosse secreto, tenho convicção de que o resultado teria sido outro.

Manifestações - 2

Cobraram-me pelo posicionamento na postagem anterior e tenho de admitir: as manifestações pelas Diretas-Já foram pacíficas, não tinham quebra-quebra, como afirmei. Porém, não conseguiram

reconquistar as “diretas já”. Foram obtidas só depois de 5 anos. Os governantes parecem que só acordam quando a coisa fica feia pra valer. Ninguém dá bola para manifestações pacíficas. Aquele vídeo da Tropa de Choque atirando contra manifestantes perfilados pedindo que não houvesse violência é uma demonstração clara do despreparo da nossa Polícia ao lidar com situações como essa. E o policial quebrando o vidro da viatura? Viram? O mundo é hoje um imenso Big Brother. Não dá para aprontar como antigamente e fingir que não aconteceu nada. Tem câmera pra todo lado. Não sei onde isso irá parar. Temo pelo que pode acontecer ao nosso querido Brasil.

Vingança de Santo Antonio

“Antigamente eu era o santo padroeiro de quem procurava um casamento. De uns tempos pra cá, inventaram que o Dia dos Namorados tem a ver com o tal do São Valentim. É Valentine’s Day pra cá, Valentine’s Day pra lá... Então, lavo as minhas mãos. Quem não conseguir parceiro por conta própria, que reze a São Valentim. Ou morra encalhado (a)! Vou é tomar meu quentão que tá esfriando!!!”

Como lidar com filhos adolescentes

Percebo que todos os casais que têm filhos adolescentes têm se queixado de que os jovens estão fechados em si mesmos, pouco conversam, respondem irritados o que lhes perguntam e parecem viver infelizes.

Volto o videotape de minha vida e lembro que comecei a trabalhar aos 14 anos, ia e voltava em ônibus lotados, estudava à noite em escola pública e não tinha tempo sequer para me sentir amargurado. No fim de semana, qualquer diversão era uma realização.

Posso estar errado, mas creio que o que falta aos jovens de hoje é ter, de fato, com o que se preocupar. Se ocupassem de forma útil o tempo que desperdiçam com inutilidades na internet e quetais, se tivessem de batalhar para conquistar até o lanchinho de cada dia, talvez não lhes sobrassem motivos para ficar tão pra baixo.

Coloquei o tema em debate, dizendo que, dependendo dos argumentos, poderia mudar de opinião.

Observação: Essa foi uma das postagens minhas no Facebook que mais provocaram efetivo debate, com opiniões bastante conflitantes entre si, muitas das quais bastante pertinentes e bem embasadas. Concluí que nesse quesito teremos de manter o aprendizado continuamente. Ninguém é dono da verdade e, a cada momento, temos de estar atentos a tudo que acontece, tentando entender as razões que nossos filhos têm para agir como agem. O fundamental é que não cedamos à tentação de deixar para lá. Não podemos abrir mão do nosso papel de encaminhar nossos filhos para o bem, por mais dificuldades que tenhamos para fazê-lo. Detalhe: essa tarefa não tem idade-limite para ser concluída. Filhos quarentões ou cinquentões, apenas para citar uma faixa etária como exemplo, às vezes ainda precisam de um colinho, de uma palavra de carinho ou de orientação.

CUBA E SEUS MUITOS ENCANTOS

Eu estivera em Cuba no final de 1988, pouco após o país perder a ajuda financeira que recebia da União Soviética. Viajei com um colega do Banco do Brasil, Flávio Cavalle, tão curioso quanto eu em conhecer um país comunista. Estivemos na capital, Havana, em Cienfuegos, Varadero e, dessa cidade de veraneio, voamos a Cayo Largo, uma ilha caribenha, até então quase sem nenhuma estrutura turística.

Em julho de 2012, voltei a Cuba, desta vez com minha filha, Simone. As referências do passado foram úteis para decidir as cidades a visitar, mas como agora não fazíamos parte de um grupo, pudemos conhecer muito mais lugares do que na viagem anterior.

Quando se ouve falar de um país que é uma ilha, que vive sob o severo embargo econômico estadunidense e que tem pouquíssimas fontes de renda, imagina-se que se vá encontrar um lugar subdesenvolvido em quase todos os aspectos.

A simplicidade das instalações da área de desembarque do Aeroporto José Martí e a idade de alguns táxis em serviço ali reforçam essa percepção. A boa acolhida por parte dos funcionários burocráticos difere bastante da que minha família teve nos Estados Unidos e da que Simone teve em Portugal. No balcão de informações turísticas, também, pessoas sorridentes, dispostas a dar toda atenção e demonstrando muita cultura e conhecimento.

Cuba adotou uma moeda específica para o turismo, o CUC, também chamado de peso conversível. Na casa de câmbio do aeroporto, cada euro equivale a 1,22 CUC e o dólar, pouco menos de um CUC.

Quando o táxi começa a trafegar por Havana, distante 18 quilômetros do aeroporto, já se tem uma outra ideia do país. Há avenidas largas, bastante movimentadas e, se há edifícios em ruínas e carros muito antigos, veem-se também prédios bem conservados e automóveis novos e modernos. Um Lada russo requerendo reparos convive sem pudor com um Honda Civic e se pode tomar um espaçoso táxi Mercedes-Benz, coisa rara no Brasil. O preço dos táxis obedece a uma tabela informal, mas cada viagem pode ser negociada com o motorista. A maioria dos veículos pertence à empresa estatal, mas já há os que têm seus próprios carros e pagam percentuais ao governo.

Um ponto que chama a atenção por toda a cidade são os monumentos, prédios históricos, bibliotecas. Chegamos ao hotel

Nacional, um dos maiores da cidade e que recebe gente de todo o mundo. Embora date de 1930, é bem conservado, os aposentos são confortáveis e o pessoal de atendimento muito solícito. Está situado a poucos metros do Malecon, um boulevard à beira-mar, frequentado pela população local para espairecer, por ser um dos pontos onde o calor é menos inclemente.

Depois de um revigorante banho, um passeio pelas imediações nos revela novas modalidades de táxis: os cocotáxis, motocicletas de três rodas, com o condutor e dois passageiros, abrigados em uma espécie de orelhão de fibra, em forma de coco; e os bicitáxis, triciclos movidos a enérgicas pedaladas do condutor.

Na manhã seguinte, aceitamos ir de bicitáxi até o Centro de Havana, distante três quilômetros, pela oportunidade de transitar por lugares diferentes do trajeto que o táxi normal faria. Pudemos conhecer ruas onde moram as famílias e percorrer internamente um casarão onde vivem muitas delas, vimos as casas de comércio onde as pessoas se abastecem, visitamos um centro cultural afro-cubano e uma escola secundária. Nessa escola, fomos recebidos pela diretora, Dayanes González, que concluiu seu mestrado e gentilmente presenteou Simone com o texto de sua dissertação.

Engano cogitar que se está economizando ao ir de bicitáxi em vez de uma Mercedes: o carro pode até custar menos. Mas, valeu a experiência.

Prédios em recuperação

Em 1982, a Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura) reconheceu toda a cidade de Havana como Patrimônio Mundial. São cerca de mil edificações consideradas de interesse, algumas centenas já recuperadas e pouco mais de cem em obras de recuperação.

Por causa das reformas, muitos edifícios históricos estão fechados, entre os quais o Capitólio, construído em 1929, réplica do norteamericano, porém sete metros mais alto. Guarda a segunda maior escultura indoor do mundo. Alguns teatros e museus, como o da Música e o das Telecomunicações, estão também interditados para visitas, cercados por tapumes e andaimes.

O Museu da Revolução é um dos locais mais visitados e em seus vários andares conta os antecedentes, os momentos dramáticos de 1959, com a tomada do poder por Fidel Castro e combatentes aliados, e um pouco do que se seguiu.

O Museu Universal de Belas Artes reúne obras de diversos países e de renomados autores. Há também o Museu Nacional, exclusivamente com arte cubana. Os museus do rum e do tabaco fazem parte do roteiro das agências de turismo, bem como lugares que eram frequentados pelo escritor Ernest Hemingway, como os bares La Bodeguita del Medio e o La Floredita, ambos em Havana Velha.

Por toda parte há edifícios cuja arquitetura prende a atenção. Obras de arte estão em todas as praças, incluindo bustos de brasileiros como José Bonifácio e Tiradentes. Grupos musicais mostrando sua arte também são comuns em vários locais. Fomos surpreendidos com a passagem de um bloco de brasileiros cantando sambas, o qual era seguido por cubanos entusiasmados. Além da rumba, da salsa, do merengue e do cha-cha-chá, eles dão muita importância aos ritmos musicais de conotação africana.

Passeio imprescindível é à Fortaleza de San Carlos de La Cabaña, maior edificação militar das Américas, construída no século 18 e que serviu de defesa em diferentes épocas. Ali também instalou-se por algum o comandante Ernesto “Che” Guevara, estando preservado o gabinete que ele ocupava. Nas imediações, há a cabana onde ele viveu por curto período; contém sua cama, utensílios e obras de arte da época.

Na Fortaleza, todos os dias, às 21h, é realizada a cerimônia denominada “Cañonazo”, sendo disparado um tiro de canhão, que relembra o período colonial, quando o estrondo sinalizava o toque de recolher. Para referir-se a algo que se tenha certeza que irá acontecer em Cuba, há o dito popular: “É tão certo quanto o canhoneio das nove”. Em várias partes de Havana, há restos da muralha que cercava a cidade, cultuados como monumentos históricos.

Cayo Largo del Sur

Quem vai a Cayo Largo del Sur viaja meia hora por avião, a partir de Havana ou de Varadero. Os aviões da Cubana de Aviación são antigos e requerem boa dose de coragem para embarcar neles. Mas, a operação é tranquila e o resultado vale a pena.

Os hotéis locais em nada lembram a arcaica estrutura quando de minha estada anterior. Oferecem ao hóspede todo conforto, piscinas, atividades esportivas monitoradas, shows. Hospedamos no Gran Caribe. Opera em regime “all inclusive”: por incríveis R\$ 186 a diária para casal, além das três refeições, a qualquer momento do dia ou da noite, o hóspede pode servir-se de todo tipo de bebidas e um ou outro petisco. Drinks são preparados como cortesia, a gosto do cliente. Os mais pedidos, naturalmente, são a Cuba Livre, o Mojito e a Piña Colada, a qual pode ser com ou sem álcool.

Intensa programação de lazer é colocada à disposição dos hóspedes, incluindo shows, esportes, aulas de danças típicas, passeios de bicicleta, piscinas. As suítes são amplas e confortáveis, equipadas com TV e ar condicionado. O acesso à internet é ainda precário e caro, disponível apenas em sala própria.

Mas, a grande atração de Cayo Largo continua sendo o mar do Caribe, cujas águas mansas têm tons de cor que jamais encontrei

em outro lugar. A faixa de areia nas proximidades do hotel era estreita. Então, um trenzinho levava os hóspedes que quisessem a praias mais amplas, distantes cerca de meia hora.

Há um aspecto das praias locais que nem todos apreciam: não sendo próximo dos hotéis, é permitida a prática do naturismo. Mesmo diante de muitos frequentadores da orla, é comum mulheres em topless. O nu completo costuma ser praticado em trechos mais reservados da praia, onde não é raro encontrar pessoas sós ou casais, inclusive maduros e idosos, passeando ou nadando nus ou estirados em cadeiras de praia bronzeando-se dos pés à cabeça, sem nenhum pudor e sem serem incomodados por ninguém.

Varadero

É certamente o local de veraneio mais bem estruturado de Cuba. A rede hoteleira é ampla e dotada de todo tipo de conforto e mordomia. Estivemos no Meliá Las Antillas. O preço foi um pouco mais salgado: diária a R\$ 357. Mas muito barato considerando tudo o que é oferecido. São vários restaurantes, com bufê ou à la carte, bebidas à vontade, consumo no bar de praia incluído. O paisagismo do hotel é notável, tudo muito bem cuidado, limpo; o atendimento impecável. O oceano é o Atlântico e embora suas águas sejam límpidas, a ponto de se ver os peixes, perde em beleza para Cayo Largo. Varadero é comparável às melhores praias de Ubatuba (SP). Já me disseram que Fernando de Noronha é tão lindo quanto Cayo Largo, mas ainda não pude comprovar. Quando puder ir, eu conto para os leitores da Revista da Academia Guarulhense de Letras.



Medalha do Mérito Cultural João Ranali, em homenagem aos 35 anos da fundação da Academia Guarulhense de Letras neste ano de 2013.

*Este livro
foi produzido e impresso
em novembro de 2013 pela
Navegar Editora a pedido da
AGL - Academia Guarulhense de Letras.
A tipografia empregada foi Times New Roman 11/14
no miolo foi utilizado o papel Polén Soft 80 g/m² e na capa,
Cartão Triplex Alto Alvura 250 g/m².*

uma fraternidade. Uma família em que todos os irmãos são diferentes, têm personalidade e permanecem juntos em suas obras e pensamentos.

Afinal, quem pode dizer alguma coisa sobre os trabalhos da Revista da AGL é seu leitor. A quem compete ler, gostar ou não gostar, criticar ou comentar. Os escritores, do outro lado, querem ser lidos, como os pássaros querem ser ouvidos. E, sempre que possível, admirados, já que dedicaram tempo e criatividade no desenvolvimento de textos que, por isso, se eternizam nas bibliotecas.

Armando Attilio Colacioppo Sobrinho